

www.autoresespiritasclassicos.com

Do Inconsciente ao Consciente

Por Doutor Gustave Geley

Ao Senhor Professor Rocco Santoliquido deputado, conselheiro de Estado da Itália e grande oficial da Legião de Honra.

Eu dedico esse livro, com respeito, reconhecimento e afeição.

Gustave Geley

Título Original em Francês
Gustave Geley - De l'Inconscient au Conscient

Librairie Félix Alcan
108, Boulevard Saint-Germain
Paris (1919)

Tradutor - Abílio Ferreira Filho
www.autoresespiritasclassicos.com

2013

INDICE

PREFÁCIO / 06

LIVRO I

O universo e o indivíduo de acordo com as teorias e filosofias clássicas – Estudo crítico

PRIMEIRA PARTE - As teorias naturalistas clássicas da evolução / 14

Prefácio / 14

Capítulo I - Os fatores clássicos são impotentes para fazer compreender mesmo a origem das espécies / 16

Capítulo II - Os fatores clássicos são impotentes para fazer compreender a origem dos instintos / 22

Capítulo III - Os fatores clássicos são incapazes de explicar as transformações bruscas criativas de novas espécies / 25

Capítulo IV - Os fatores clássicos são incapazes de explicar a cristalização imediata e definitiva dos caracteres essenciais das novas espécies e dos novos instintos / 28

Capítulo V - O testemunho do inseto / 29

Capítulo VI - Os fatores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução que, do simples faz sair o complexo e pelo menos faz sair o mais / 31

SEGUNDA PARTE

A concepção psico-fisiológica clássica do indivíduo / 32

Prefácio / 32

Capítulo I – O indivíduo fisiológico clássico / 34

1º Dificuldades relativas à concepção polizóica / 34

2º Dificuldades relativas à forma específica do indivíduo, à edificação, à manutenção, às reparações do organismo / 35

3º O problema das metamorfoses embrionárias e pós-embrionárias / 38

4º A histólise do inseto / 39

Capítulo II – O problema da fisiologia supra-normal / 41

1º As materializações / 41

2º A unidade de substância orgânica / 50

3º A evidência de um dinamismo superior / 51

4º Condicionamento do dinamismo pela idéia / 51

5º As modalidades secundárias da fisiologia supranormal / 53

6º As concepções fisiológicas do indivíduo – Resumo / 55

Capítulo III – A individualidade psicológica / 57

1º O eu considerado como síntese de estados de consciência / 57

2º O eu considerado como produto do funcionamento dos centros nervosos / 59

3º Fatos da psicologia normal em contradição com a tese do paralelismo / 59

Capítulo IV – A psicologia subconsciente / 63

1º A criptopsique / 63

2º A criptomnésia / 66

- 3º As alterações da personalidade / 70*
- Capítulo V – O subconsciente supranormal / **71**
- 1º A psicologia supra-normal condiciona a fisiologia supra-normal / 71*
- 2º A ações mento-mentais / 71*
- 3º A lucidez / 73*
- 4º Os fenômenos espiritóides / 74*
- Capítulo VI – As teorias clássica do subconsciente / **76**
- 1º Teoria do automatismo / 76*
- 2º A teoria da morbidez / 79*
- 3º Petições de princípio / 82*
- 4º Disjunções artificiais e explicações verbais / 83*
- 5º Teoria do professor Jastrow / 85*
- 6º Teoria do Sr. Ribot / 86*
- 7º Conclusões do exame da psico-fisiologia clássica / 87*
- Capítulo VII – As induções psicológicas racionais baseadas no subconsciente / **89**
- 1º O subconsciente é a essência mesma da psicologia individual / 89*
- 2º A impotência da psicologia clássica em face da criptopsique e da Criptomnésia / 90*
- 3º Ausência de paralelismo entre o subconsciente, parte e o estado de desenvolvimento do cérebro, a hereditariedade, as aquisições sensoriais ou intelectuais, por outro lado / 93*
- 4º Ausência de paralelismo entre o subconsciente e a atividade cerebral / 94*
- 5º Ausência de paralelismo entre a criptomnésia e fisiologia cerebral / 95*
- 6º Ausência de localizações cerebrais para o subconsciente / 96*
- 7º Ausência de paralelismo entre o subconsciente e as capacidades sensoriais / 96*
- 8º Ausência de paralelismo entre as capacidades orgânicas e o subconsciente supra-normal / 96*
- 9º O subconsciente ultrapassa o organismo e o condiciona / 97*
- 10º Conclusões do exame sintético da psicofisiologia / 98*

TERCEIRA PARTE

As teorias filosóficas da evolução / **99**

Prefácio / **99**

Capítulo I – O evolucionismo providencial / **101**

1º Tentativas de conciliação do evolucionismo com a idéia providencial e dogmática / 101

2º Objeção baseada na constatação evidente, na evolução, de tentativas e erros / 102

3º Objeção baseada no mal universal / 103

4º O neo-maniqueísmo / 108

Capítulo II – O monismo / **110**

Capítulo III – A evolução criadora do Sr. Bergson / **113**

1º Exposto da filosofia bergsoniana / 113

2º Crítica da Filosofia bergsoniana / 120

3º Ensinamentos em concordância com os fatos ou deduzidos. São os

ensinamentos relativos à evolução, tanto como doutrina geral, a suas provas, a seu princípio de causalidade essencial / 122

4º Ensinamentos que não são deduzidos de fatos e que não são demonstráveis / 122

5º Contradições e imprecisões / 123

6º Ensinamentos contrários a fatos estabelecidos / 125

Capítulo IV – A filosofia do inconsciente / 130

1º A demonstração de Schopenhauer / 130

2º O pessimismo de Schopenhauer / 133

3º A Sistematização de de Hartmann / 135

4º Crítica da distinção específica entre consciente e inconsciente / 136

LIVRO II

Do Inconsciente ao Consciente

PRIMEIRA PARTE

Esboço de uma filosofia racional da evolução do indivíduo / 138

Prefácio / 138

Capítulo I – O indivíduo concebido como dínamo-psiquismo essencial e como Representações / 141

1º As bases científicas dessa concepção / 141

2º O indivíduo considerado como representações / 143

3º O eu considerado como dínamo-psiquismo essencial / 145

Capítulo II – O dínamo-psiquismo essencial passa na evolução individual, do inconsciente ao onisciente / 147

1º O consciente e o inconsciente se interpenetram e se condicionam reciprocamente / 147

2º O dínamo-psiquismo inconsciente ou subconsciente tende a se tornar um dínamo-psiquismo consciente / 148

Capítulo III – Síntese do indivíduo / 151

1º Representações primordiais e secundárias / 151

2º Corpo e dinamismo vital / 152

3º As representações mentais e o eu / 155

4º Induções metafísicas sobre a origem e o fim da individualização / 157

Capítulo IV – A interpretação da psicologia conforme as noções novas / 161

1º A Psicologia dita normal / 161

2º A Psicologia anormal / 162

3º Os estados neuropáticos / 163

4º A neurastenia / 166

5º A Histeria / 167

6º A Loucura / 167

7º O Hipnotismo / 169

8º As alterações da personalidade / 170

9º O trabalho intelectual e suas modalidades. O gênio / 171

10º O Supra-normal / 173

11º O Mediunismo / 174

SEGUNDA PARTE**A evolução universal / 181**

Capítulo I – A passagem do inconsciente ao consciente no universo / **181**

*1º O universo concebido como dínamo-psiquismo essencial e como
Representação / 181*

2º A evolução, é a aquisição da consciência / 181

3º As leis evolutivas, o problema da finalidade / 182

Capítulo II – Explicação das dificuldades evolutivas / **187**

TERCEIRA PARTE**As conseqüências pessimista ou otimista / 190**

Capítulo I - O pessimismo universal e sua refutação / **190**

Capítulo II - Realização da soberana consciência / **195**

Capítulo III - Realização da soberana justiça / **205**

Capítulo IV - Realização do soberano bem / **209**

Conclusão / **212**

Prefácio

Objetivo e Método

Esta obra é a continuação lógica de meus estudos sobre o Ser Subconsciente.

Seu objetivo é compreender, numa síntese mais completa e mais vasta, a evolução coletiva e a evolução individual. Sua realização se inspira no mesmo procedimento: exprimir as idéias com a maior simplicidade, a maior clareza e a maior concisão possível; evitar as longas análises ou os desenvolvimentos; afastar sobretudo as digressões fáceis, de caráter imaginário ou poético. Eu quis, antes de tudo, criar uma obra de síntese e essa síntese deve ser considerada em si mesma, fora e acima dos detalhes negligenciados ou voluntariamente omitidos. Não é, de fato, uma só das questões consideradas que necessitaria, para ser aprofundada, do esforço de toda uma vida. É obra própria de analistas e eu a deixo para eles. A minha é outra, já que visa, antes de tudo, a pesquisa ideal de uma vasta concepção de filosofia geral, baseada nos fatos.

Evidentemente, tal filosofia não seria capaz de ter, no estado atual de conhecimentos e da consciência humana, outra pretensão senão constituir um ensaio, um esboço ou, se quiserem, um plano cujas grandes linhas e alguns detalhes são precisos.

Do mesmo modo que forçosamente incompleta, essa filosofia não será plenamente original. A maior parte das soluções que ela propõe, encontram-se forçosamente, cá e lá, mais ou menos nítidas ou mais ou menos deformadas, nos diversos sistemas naturalistas ou metafísicos.

A concepção geral dessa obra é que, após ter inspirado a maior parte dos grandes sistemas metafísicos, encontrou sua exposição, a mais nítida e a mais concreta na obra de Schopenhauer. Suas premissas são, por isso, idênticas; mas seu desenvolvimento e suas conclusões são totalmente diferentes; meu trabalho, com efeito, tende precisamente a preencher o abismo que, para Schopenhauer, separa o Inconsciente do Consciente. Daí, uma interpretação diferente da evolução universal e individual. Essa interpretação, em lugar de conduzir ao pessimismo, guia, eu não diria ao otimismo (estando o termo desconsiderado e equívoco), mas ao ideal inveterado da humanidade, ideal conforme suas esperanças eternas, as mais altas e as serenas, de justiça, de felicidade e de permanência individual.

Mas, a originalidade verdadeira da filosofia idealista que eu exponho aqui, a única que ela reivindica abertamente, é ser científica. No lugar de ser encerrada em um quadro dogmático ou místico, ou reter fórmulas puramente intuitivas ou apriorísticas, ela é baseada em uma demonstração positiva.

É a título de filosofia científica, e a esse título somente, que ela deve ser estudada e discutida.

Para elaborar minha demonstração, eu me esforcei em levar em conta todos os fatos conhecidos, seja nas ciências naturais e na biologia geral, seja nos dados relativos à constituição fisiológica e psicológica do indivíduo. Na escolha de grandes hipóteses explicativas, eu pesquisei, antes de tudo, as que apresentavam o duplo caráter de ser logicamente deduzidas de fatos e capazes de se adaptar a todos os fatos de um mesmo grupo. Meu objetivo constante foi chegar a hipóteses cada vez mais vastas e cada vez mais gerais; até descobrir, se possível, uma hipótese suficientemente vasta e suficientemente geral para servir à interpretação global de evolução individual e universal.

Essa metodologia geral não será capaz de se expor à crítica.

Mas fui conduzido, pouco a pouco, pela força das coisas, a inaugurar, a princípio timidamente, depois, a adotar sistematicamente, uma metodologia de ordem secundária, embora muito importante, sobre a qual devo necessariamente me explicar desde agora.

Examinando as diversas ciências biológicas ou psicológicas, estudando as induções, as deduções e as hipóteses clássicas tiradas de seus dados e admitidas pela generalidade dos sábios contemporâneos, fui tocado por graves erros evidentes devidos ao esquecimento dos princípios da metodologia geral expostos acima.

Não é a única das grandes hipóteses clássicas sobre a evolução, sobre a constituição do indivíduo físico ou psíquico, sobre a vida e sobre a consciência, que seja capaz de se adaptar a todos os fatos evolutivos, a todos os fatos fisiológicos ou a todos os fatos psicológicos à mais forte razão, ninguém é suscetível de abraçar o conjunto sintético da evolução coletiva e individual.

Bem mais, as maiores partes dessas hipóteses estão, evidentemente e com certeza, em oposição, eu o demonstrarei, a fatos já estabelecidos.

Procurando a origem primeira e a causa desses erros de generalização, eu as encontrei, antes de tudo, na escolha dos fatos, primordiais sobre os quais foram baseadas as induções e as hipóteses que constituem o vigamento da filosofia científica contemporânea. É que, em todas as ciências, mas especialmente em biologia e em psicologia, a escolha dos fatos, em vista de uma explicação sintética, é suscetível de conduzir a métodos antagônicos e por conseqüências as concepções de coisas divergentes e mesmo opostas. Podem-se conceber idealmente dois métodos principais resultantes assim da escolha dos fatos.

O primeiro desses métodos parte do princípio que é preciso sempre, em ciências, ir do simples ao complexo. Ele toma por isso, como ponto de partida, os mais elementares fatos, esforça-se para compreendê-los; depois passa aos fenômenos um pouco mais complexos da mesma ordem, aplicando-lhes a fórmula explicativa deduzida dos primeiros e assim continuando da mesma forma, da base ao cume.

O segundo desses métodos parte do princípio de que não existe, para uma ordem de fatos quaisquer, explicação verdadeira senão a que é suscetível de se adaptar a

todos os fatos dessa ordem. Ele procurará, antes de tudo, uma explicação capaz de se aplicar aos fenômenos mais complexos, pois essa explicação será facilmente estendida, a fortiori, para os fenômenos mais simples e menos elevados e será forçosamente conforme a todos os dados adquiridos.

O método vai assim do cume à base.

Acontece frequentemente, bem entendido, que o segundo método leve a uma impossibilidade. É que os dados de fato são insuficientes. Ele confessa então pura e simplesmente sua impotência e reserva-se, desdenhando as pequenas explicações de detalhes, forçosamente insuficientes já que eles não consideram senão uma face do problema.

Desses dois métodos, o primeiro, antes de tudo analítico, convém à ciência pura. O segundo, antes de tudo sintético, é o da pura filosofia.

Ora, quando se trata de questões que sobressaem ao mesmo tempo da ciência e da filosofia, deve-se perguntar qual desses métodos é preciso adotar.

Uma vez bem estabelecida uma verdade, importa pouco que a explicação conhecida dos fenômenos divirja parte da base ou do cume, seja ascendente ou descendente; a síntese estando afirmada, não é mais possível extraviar-se. Mas quando se trata precisamente de procurar a verdade e assentar a síntese, é indispensável fazer uma escolha e examinar com cuidado qual é o método mais seguro e mais fecundo.

O primeiro método é quase exclusivamente empregado. Seu uso repousa sobre um dogma não discutido da ciência contemporânea. Vejamos entretanto um pouco mais perto, antes de nos decidir, alguns dos primeiros resultados, atualmente estabelecidos, que ele nos forneceu.

No estudo filosófico dos fenômenos da vida, vai-se do cume à base, do homem à animalidade superior, da animalidade superior à animalidade inferior, somos conduzidos a admitir que a consciência é o que há de mais importante na vida; porque é o que há de mais importante no homem.

Somos por isso levados a achar que a consciência, com tudo o que a ela se liga, se estende, encolhendo-se pouco a pouco, até aos animais menos evoluídos, nos quais ela já existiria em estado de esboço.

Se, ao contrário, vamos da base ao cume, a conclusão que devemos tirar dos fenômenos da vida é totalmente oposta. É o que ¹ Le Dantec, entre outros, esforçou-se em salientar.

¹*Le Dantec: Determinismo biológico.*

No animal inferior, as reações químicas do meio são suficientes para determinar os fenômenos vitais. O método “ascendente” permite afirmar que em todos os fenômenos da vida, mesmo nos animais superiores, é inútil procurar outra coisa senão o resultado de reações químicas. A forma específica de um animal em si mesmo, nós o veremos, é, segundo Le Dantec, simples função dessas reações.

Nos plastídeos, existe um estreito determinismo químico e não há motivo para lhes atribuir vontade e liberdade. Conclusão: o determinismo bioquímico é o mesmo em toda a série animal e a vontade ou a liberdade, mesmo no homem, não são senão ilusões.

A noção de uma consciência animal é supérflua nos plastídeos. Se por isso, ela existe nos animais superiores, não é senão a título de epifenômeno concordante com as reações químicas que constituiriam o fenômeno essencial.

Enfim, o animal muito inferior, tal como a esponja ou o coral, não sendo, de toda evidência, senão um simples complexo de vidas elementares, deve-se inferir que mesmo o animal muito complexo e muito evoluído, muito centralizado em aparência, não é, entretanto, ele mesmo senão um complexo análogo, existente e se mantendo a si mesmo por afinidade ou coesão moleculares, sem o concurso de um dinamismo superior e independente.

Tal é o raciocínio e tais são as conclusões do método “ascendente”. Essas conclusões são verdadeiras ou falsas?

O raciocínio é vigoroso e impecável. Se as conclusões são falsas, é somente porque o método é mau.

Veremos, em realidade, na seqüência desta obra, que, apesar do rigor do raciocínio, os resultados do método são inaceitáveis e frequentemente absurdos.

É o que é fácil estabelecer desde agora, sem sair do domínio da biologia. Eis aqui um exemplo de indução absurda e inevitável do método ascendente: o da sensibilidade.

Conhecemos por experiência que possuímos sensibilidade. Nós induzimos que a sensibilidade pertence à humanidade. Partindo desse cume para descer a escala animal, julgamos que o animal superior possui igualmente a sensibilidade, porque suas manifestações de dor ou de prazer se aproximam de nossas próprias manifestações.

Se continuamos a descer na escala animal, as manifestações são menos nítidas e, para os animais inferiores, sua interpretação se torna duvidosa.

“Os sinais da dor, diz Richet ², não são suficientes para afirmar a dor. A uma rã decapitada, retira-se a pata: ela se debaterá, com todos os sinais exteriores da dor, perfeitamente como se ela sofresse. Corta-se em duas uma minhoca, os dois pedaços vão se debater convulsivamente. Dir-se-á que eles dois sofrem, ou bem, o que me parece muito mais racional, não se pensará que o traumatismo determinou uma violenta ação reflexa?”

² *Richet: Psicologia geral.*

Por isso, se atribuímos sensibilidade aos seres menos elevados da escala animal, é por uma indução descendente. Raciocínio obscuro vai do cume à base.

Sigamos o caminho inverso: se examinarmos primeiro, fazendo abstração de nossa experiência pessoal, os animais muito inferiores, seremos levados logicamente a

rejeitar a sensibilidade, já que todas as reações podem se explicar por reflexos.

A sensibilidade ao prazer ou à dor é, neles, uma hipótese inútil, e, conforme o princípio metodológico da economia de hipóteses, ela deve ser descartada.

Mas então, por que admitir essa sensibilidade nos animais mais elevados?

Tudo pode também se explicar por reflexos. Como diz Richet, o grito de um cão que leva uma pancada pode ter, a rigor, só um movimento reflexo! E esse raciocínio não é absurdo, já que era precisamente o dos cartesianos.

Entretanto, conduzido até a negação da sensibilidade humana, ele se torna insustentável. Incita então a pôr, como Descartes, o homem fora da animalidade; o que é evidentemente grosseiro e perigoso erro.

Por isso, o método que consiste em partir da base para explicar um dos fenômenos vitais essenciais é colocado em flagrante delito de erro. Ele é suspeito para todos os outros. Sem dúvida, objetar-se-á, o método contrário pode também induzir a erro: “Testemunha, diz Le Dantec, a famosa observação de Carter, na qual uma ameba espreitava na saída do corpo maternal uma jovem “acinète”, a ponto de eclodir. A “acinète” é um protozoário munido, no estado adulto, de tentáculos venenosos particularmente perigosos para a ameba; mas, esses tentáculos só existem na “acinète” jovem e a ameba observada por Carter sabia (!!) que a jovem “acinète” que ia sair do corpo de sua mãe seria comestível durante os primeiros tempos de sua existência.”

O erro é cômico; mas, quem não vê de imediato que ela é absolutamente insignificante do ponto de vista filosófico e que ela desaparecia diante dos conhecimentos novos relativos ao instinto. Esse erro, só levando um ponto de detalhe, não atinge em nada a indução descendente que combina uma consciência relativa a toda a animalidade.

Mesmo se fosse arbitrariamente que a indução se estendesse à animalidade inferior, isso seria sem importância: não há inconveniente sério a atribuir a essa animalidade, fosse arbitrariamente, uma consciência e uma sensibilidade rudimentares.

Ao contrário, os erros do método ascendente são formidáveis, já que eles iriam até rejeitar aos animais superiores essa consciência e essa sensibilidade!

Vê-se quanto tinha razão Augusto Comte quando dizia: “Desde que se trata de caracteres da animalidade, devemos partir do homem, e ver como eles se degradam pouco a pouco, em vez de partir da esponja e procurar como eles se desenvolvem. A vida animal do homem nos ajuda a compreender a da esponja, mas a recíproca não é verdadeira.”

Da biologia, passemos à psicologia. Consideremos, por exemplo, os fenômenos ditos de subconsciência que terão um grande lugar em meu trabalho.

Aí, sobretudo veremos estendida a oposição entre os dois métodos.

Em um estudo parecido nos Anais das ciências psíquicas, eu tinha preconizado o

método sintético, para o estudo filosófico dos fenômenos de subconsciência. Eu me esforcei para mostrar que, somente, o estudo dos fenômenos mais complexos permitiria compreender o conjunto da questão; ao passo que o estudo, se aprofundado fosse, de fenômenos elementares, seria sempre incapaz de trazer o menor esclarecimento. Eu concluía que, do ponto de vista filosófico bem entendido, somente eram verdadeiramente capitais o estudo e a compreensão dos fenômenos superiores³.

³*É preciso observar expressamente, que, no que concerne o subconsciente, fenômenos elementares e fenômenos complexos são igualmente inexplicados. Se tomarmos uns ou outros por ponto de partida, vai-se sempre do desconhecido ao desconhecido. O princípio cartesiano não poderá por isso ser objeção ao nosso método.*

Essa exposição metódica me valeu vivos ataques, especialmente da parte do Sr. Boirac⁴. Como fazia Le Dantec para os fenômenos biológicos, afirma que se deve estudar e interpretar, da base ao cume, os fenômenos elementares em primeiro lugar, depois os fenômenos cada vez mais complexos.

⁴*Boirac: Anais de Ciências psíquicas e o Futuro dos estudos psíquicos.*

Em apoio à sua idéia, faz a seguinte comparação: querer compreender os fenômenos subconscientes elevados, antes de compreender os mais elementares, é tão ilógico como querer compreender o fenômeno do relâmpago antes de ter compreendido os princípios elementares da eletricidade.

A isso eu poderia responder que uma coisa é estudar os fenômenos da eletricidade e mesmo submetê-los a aplicações práticas, e outra coisa é compreender a essência da eletricidade. Nossa compreensão da eletricidade, nossa compreensão filosófica não repousa e não repousará senão sobre hipóteses provisórias, enquanto não se tiver compreendido as manifestações mais complexas.

Também, nada mais fácil do que opor comparação a comparação! Eis aqui uma, que tomarei emprestado a J. Loeb:

“Felizes os físicos, exclamava Loeb, de não ter jamais conhecido o método de pesquisas de cortes e colorações! O que aconteceria se, por acaso, uma máquina a vapor caísse nas mãos de um físico histologista? Quantos milhares de cortes, superficiais e profundos, diversamente coloridos e recoloridos, quantos desenhos, figuras, sem chegar sem dúvida a aprender que a máquina é uma máquina a fogo e que ela serve para transformar o calor em movimento⁵!”

⁵*Citado por Dastre.*

Essa comparação traz à luz o caráter distinto dos dois métodos;

O método das análises restritas, dos estudos aprofundados de detalhes de grande importância científica não tem valor filosófico. O método de síntese geral é o único que importa à filosofia científica porque somente ele faz ressaltar o que de fato é importante em uma ordem de fatos.

O que há de verdadeiramente importante, na máquina a vapor, é a caldeira e o mecanismo motor. Quando se tiver compreendido esse mecanismo, não será difícil se compreender o papel das peças acessórias, as rodas e os freios. Mas será loucura querer compreender a locomotiva por um estudo, tão completo que fosse, a partir de um parafuso destacado da máquina ou de um raio de uma roda!

Os “físicos histologistas” fazem evidentemente como os psiquistas limitados no estudo sistemático dos pequenos fatos. Uns e outros apresentam a mesma impotência.

Eu conclui: do ponto de vista filosófico (o único no qual eu me coloco), em uma ordem de fatos dada, somente importa a compreensão dos fatos mais elevados, porque ela comporta, a fortiori, a de todos os outros. Somente, por consequência, é fecundo o método descendente que parte sistematicamente desses fatos elevados.

De resto, julga-se a árvore por seus frutos: é graças a esse método, nós o veremos, que se chega a explicar todos os fenômenos da vida e da consciência, toda a evolução coletiva e individual, mesmo a compreender os sentidos do universo.

Com o método analítico e ascendente, ao contrário, não se vê nada, não se chega a nada, senão a erros de generalizações formidáveis, aqueles que viciaram toda a filosofia contemporânea: quando, todavia, não se perde pura e simplesmente em um verbalismo insignificante.

Ao que quer tirar, de fenômenos elementares, ensinamentos gerais, chega-se negar aos animais a sensibilidade e a reduzir a consciência ao papel de epifenômeno.

Tomando como base, no estudo dos fatos psicológicos, as pequenas manifestações hipnóides ou histeriformicas, só se se tem como resultado levar toda a psicologia subconsciente, mesmo superior, ao automatismo ou à sugestibilidade.

Pior ainda, por fidelidade cega a um método estéril, espíritos muito bons foram fatalmente condenados à impotência e desperdiçam seu tempo e pena a fabricar ou a renovar etiquetas: na falta de idéia geral que se escapa, eles inventam o pitiatismo ou a metagnomia...

O método que escolhemos nos oferece, como guias, dois critérios essenciais, um critério crítico e um critério prático.

O critério crítico nos permitirá considerar como falsa e rejeitar, sem mais amplo exame, toda explicação ou hipótese que, em uma ordem de fatos conexos, só se adapta a uma parte desses fatos e não a todos os fatos, especialmente aos mais complexos.

O critério prático nos imporá, em uma ordem de fatos conexos, o estudo sistemático e imediato dos fatos mais elevados e mais complexos.

Caso se trate da evolução universal e das teorias naturalistas, da individualidade fisiológica ou psicológica, ou mesmo das mais altas questões filosóficas, nós nos ateremos, primeiramente, aos fatos mais importantes, que são os únicos importantes; deixando de lado, momentaneamente, a poeira dos fatos elementares e simples, que

se explicarão, eles mesmos em seguida.

Em lugar de espezinhar nessa pequena poeira de fatos elementares que retarda indefinidamente, obscurecendo, a marcha ascendente, nós nos lançaremos, por saltos, sobre os cumes; de onde poderemos em seguida, após nos instruímos por um olhar sobre o conjunto, em todo o domínio acessível, tornar a descer à vontade e sem dificuldade, para explorar todos os recantos.

Nosso trabalho é naturalmente dividido em duas partes principais:

O livro I é um estudo crítico das teorias clássicas relativas à evolução, à individualidade fisiológica, à individualidade psicológica e às principais filosofias evolutivas; ao mesmo tempo em que uma idéia geral das induções essenciais do livro II.

O livro II é a exposição de nossa filosofia científica.

Livro primeiro

O Universo e o indivíduo de acordo com as teorias científicas e filosóficas clássicas (estudos críticos).

Livro I

O universo e o indivíduo segundo as teorias científicas e filosóficas clássicas - Estudo Crítico

Primeira Parte

As teorias naturalistas clássicas da evolução

Prefácio

Se a evolução, considerada em seu conjunto, constitui hoje uma das grandes hipóteses científicas mais estáveis, ela apresenta ainda todavia, em sua sistematização e em sua filosofia, sérias dificuldades.

Mesmo o princípio do evolucionismo, baseado nas provas capitais tiradas das ciências naturais, desafia toda refutação tentada de boa fé.

Pelo contrário ele tem, na doutrina transformista, tal como foi ensinada até ao presente, pontos fracos, graves lacunas sobre as quais especulam os adversários. Não podendo mais ou não ousando mais atacar o evolucionismo de frente, eles guardam a esperança de conseguir por meio de vias desviadas.

Não seria por isso somente pueril, seria perigoso, do ponto de vista filosófico, negar ou dissimular esses pontos fracos ou essas lacunas. Importa, ao contrário, em trazê-los à luz, buscar sua razão de ser e sua explicação.

As objeções feitas ao evolucionismo não são, eu o repito, objeções de princípio. Elas não visam mesmo o fato de revolução. Elas não são todavia temíveis, porque elas fazem tremer os dois pilares sobre os quais se tinha baseado o transformismo, isto é, suas noções clássicas de causalidade e de modalidade.

É todo o mecanismo da evolução que se acha agora sujeito à revisão. Esse mecanismo, sabe-se, relevava duas grandes hipóteses: a hipótese darwiniana e a hipótese lamarckiana.

A hipótese darwiniana atribuía um papel essencial à seleção natural, isto é, à sobrevivência dos mais aptos na luta pela vida; os mais aptos sendo os que se distinguem de seus congêneres por uma vantagem física ou psicológica relativamente às necessidades vitais ambientes, e tendo essa vantagem aparecido por acaso.

A hipótese lamarckiana dava um papel capital à influência do meio, ao uso ou ao não uso dos órgãos; em caso de necessidade, criador de novas funções e novos órgãos.

Essas duas causas clássicas, perfeitamente conciliáveis ou mesmo complementares, uma à outra, implicavam necessariamente a noção de modificações lentas,

insensíveis e inumeráveis, para a formação progressiva de diversas espécies, desde as formas primitivas e elementares até ao homem.

A essas duas hipóteses gerais vieram se juntar, em nossos dias, inumeráveis teorias secundárias, destinadas seja a estabelecer leis particulares, tais como as da hereditariedade; seja a combater as objeções, sem cessar, recorrentes e multiplicadas, que a análise rigorosa dos fatos traziam à concepção clássica do transformismo. Entre essas teorias, umas se prendem ao darwinismo, outras ao lamarckismo, outras ecleticamente aos dois sistemas. Umas não comportam senão explicações puramente mecânicas; as outras se elevam às concepções dinâmicas; algumas enfim, invadem o domínio metafísico⁶.

⁶*Consultar, sobretudo, Delage e Goldsmith: As teorias da Evolução (Flammarion, editor). - Deperret: As transformações do mundo animal.*

Sobre todas, pode-se trazer o mesmo julgamento de conjunto: elas fazem prova de uma engenhosidade prodigiosa e de uma impotência mais prodigiosa ainda.

Eu não discutirei nem essas teorias, nem suas explicações pretensas das dificuldades do transformismo. Os argumentos inumeráveis, por ou contra o transformismo, por ou contra o naturalismo clássico que se invocaram, não serão capazes de comportar, tanto que permanecem em uma ordem secundária, de convicção, de conclusão.

Fiel ao método que expus acima, não negligenciarei esses argumentos de detalhes e considerarei somente, imediata e diretamente, as dificuldades essenciais e primordiais, isto é, as únicas dificuldades reais do transformismo. Pouco importam as imperfeições secundárias do edifício naturalista; trata-se de ver mesmo se o corpo desse edifício, seu vigamento e suas pedras angulares, são sólidos ou débeis.

As dificuldades capitais do transformismo clássico são em número de cinco.

Eis a enumeração:

1º Os fatores clássicos são impotentes mesmo para fazer compreender a origem das espécies.

2º Os fatores clássicos são impotentes para fazer compreender a origem dos instintos.

3º Os fatores clássicos são incapazes de explicar as transformações bruscas geradoras de novas espécies.

4º Os fatores clássicos são incapazes de explicar “a cristalização” imediata e definitiva dos caracteres essenciais das novas espécies ou dos novos instintos; o fato de esses caracteres, nos seus grandes sinais, são adquiridos muito rapidamente e, uma vez adquirido, permanecem imutáveis.

5º Os fatores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade gera de ordem filosófica relativa à revolução que, do simples faz sair o complexo e do menos faz sair o mais.

Estudemos sucessivamente essas cinco dificuldades essenciais.

Capítulo I

Os fatores clássicos são impotentes mesmo para fazer compreender a origem das espécies

Não é fácil ressaltar que nem a hipótese darwiniana, nem a hipótese lamarckiniana podem fazer compreender a origem dos caracteres constitutivos de uma espécie nova. A hipótese darwiniana primeiro: a seleção natural, considerada como fator essencial do transformismo, se choca com grandes objeções, objeções de princípio e objeções de fato. É inútil discuti-las todas, pois é suficiente uma única dessas objeções, a mais grave, para demonstrar a impotência do sistema. Ei-la aqui: para que uma modificação qualquer sobrevinda com a característica de uma espécie ou de um indivíduo, dá, a essa espécie ou a esse indivíduo, uma vantagem apreciável na luta pela vida. É preciso, com toda evidência, que essa modificação seja muito marcante para ser utilizável. Ora, um órgão embrionário, uma modificação no estado de esboço somente, aparecidos por acaso entre um ser ou um grupo de seres não lhes podem ser de nenhuma utilidade prática e não lhes dão nenhuma vantagem.⁷

⁷Inútil insistir, por outro lado, sobre o que existe de anticientífico e antifilosófico para fazer, do acaso, o fator principal da evolução.

O pássaro provém do réptil. Ora, um embrião de asa, aparecido por acaso, não se sabe por que nem como, no réptil ancestral, não podia dar a esse réptil a capacidade e as vantagens do vôo e não lhe forneceria nenhuma superioridade sobre os outros répteis, desprovidos desse rudimento inutilizável. É por isso impossível atribuir à seleção natural a passagem do réptil ao pássaro.

O batráquio provém do peixe. Isso não é duvidoso já que vemos essa evolução se renovar durante a vida do girino, por uma série de modificações sucessivas, aperfeiçoando o coração, fazendo aparecer o pulmão, dando nascimento às patas, etc.

Mas um esboço de patas e de pulmões não dá nenhuma superioridade ao peixe que a possuísse. Para ter uma vantagem sobre seus congêneres, é indispensável que seu coração, seus pulmões, seus órgãos locomotores sejam já suficientemente desenvolvidos para lhe permitir viver fora d'água; como alcança essa evolução, e nesse momento somente, o girino da rã.

As transformações embrionárias do inseto são mais impressionantes ainda. Existe um abismo entre a anatomia e a fisiologia da larva e as do inseto perfeito, que evidentemente é impossível se encontrar, na seleção natural, a explicação da evolução ancestral.⁸

⁸A larva do inseto não representa exatamente o inseto primitivo, pois ela sofreu mudanças importantes, seguidas de adaptações necessárias por seus modos de existências. Mas, mesmo se se fizesse abstração dessas modificações secundárias,

constatar-se-ia um abismo enorme entre o que era o inseto primitivo e o que é o inseto evoluído.

Compreendendo todo o valor da objeção, certos neodarwinianos não hesitaram em apelar para a teoria lamarckiana da influência do meio e em colocar a origem das modificações geradoras de novas espécies numa associação de influência da adaptação e da seleção.

Essa teoria, dita da seleção orgânica, foi formulada por Baldwin e Osborn na América, e Loyd Morgan na Inglaterra. Ela pode se resumir assim: se a variação aparecida por acaso coincidir ou concordar com uma variação idêntica devida à influência das condições ambientes, essa variação se acha amplificada por essa dupla influência. Desde então, ela poderá ser bastante marcada para se expor à seleção.

Delage e Goldsmith não fazem objeção a essa teoria: se a variação é muito pouco marcada no começo para apresentar alguma vantagem e se é à adaptação ontogenética que retorna, na constituição definitiva do animal, o maior papel, essa adaptação se produz tanto nos indivíduos que apresentam a variação inata em questão quanto naqueles que são delas desprovidas.

Então, a complementação trazida pela variação geral será suficiente para assegurar a sobrevivência de uns em detrimento dos outros? É mais provável que não, pois, se fosse de outro modo, essa variação teria sido suficiente a si somente.”

Pode-se fazer à teoria uma objeção mais categórica ainda: admitindo mesmo que a variação original seja amplificada e dobrada, triplicada mesmo se o quiserem, isso será menos que uma variação muito pequena. Ela jamais explicará a aparição de certas formas de vida, tais como a forma pássaro. Um embrião de asa, mesmo que seja exuberante, será menos que um embrião inutilizável e não dando nenhuma superioridade ao réptil ancestral.

Na realidade, essa teoria da seleção orgânica não acrescenta nada à doutrina lamarckiana que vamos agora estudar: de acordo com essa doutrina, é a adaptação a novos meios que conduz a formação de novas espécies. A origem da modificação geradora não é devida ao acaso, mas à necessidade. O desenvolvimento ulterior dos novos órgãos característicos provém então do uso repetido desses órgãos e sua atrofia devida ao não uso.

Produz-se assim, por séries de adaptações, séries de variações correspondentes, no princípio mínimo, mas se acumulando para produzir as principais transformações.

A teoria lamarckiana foi adaptada pela grande maioria dos naturalistas contemporâneos, que se esforçam para conduzir todo o transformismo à influência do meio.

Os sistemas de Cope⁹, de Packard¹⁰, na América, de Giard e Le Dantec, na França, são sistemas Lamarckianos. Packard resumiu, nas linhas seguintes, quais são de acordo com ele, as causas das variações: “O neolamarckismo reúne e reconhece os fatores da escola de Saint Hilaire e os de Lamarck, como contendo as causas mais

fundamentais de variação; ele acrescenta o isolamento geográfico ou a segregação¹¹, os efeitos da gravidade, das correntes de ar e d'água, o gênero de vida, fixa, sedentária ou, ao contrário, ativa; os resultados de tensão e de contato (Payder, Cope e Osborn), o princípio da mudança de função como conduzindo o aparecimento de novas estruturas (Dohrn), os efeitos do parasitismo, do comensalismo e de simbiose, enfim do meio biológico assim como a seleção natural e sexual e a hibridade. “Em resumo, todos os fatores primários concebíveis.

⁹*Cope: A facção peimária na evolução orgânica.*

¹⁰*Packard: Lamarck, o fundador da evolução, sua vida e obra.*

¹¹*Wagner et Gulick.*

Cope se esforçou especialmente em fazer compreender o aparecimento das variações pela ação desses fatores primários. Ele atribui à variações duas causas essenciais: a primeira é a ação direta do meio ambiente, de todos os fatores enumerados acima. Cope o chama pelo nome geral de fisiogênese. A secunda é a influência do uso ou do não uso dos órgãos, das reações fisiológicas que se produzem no ser, em resposta às excitações do meio ambiente. Cope o chama de cinetogênese.

Essa secunda causa seria capital e Cope faz sobressair sua importância pelo estudo da paleontologia. Os exemplos que ele dá em apoio a sua tese são inumeráveis. Um dos mais conhecidos é a formação do pé, por adaptação à corrida, dos quadrúpedes plantígrados e sobretudo digitígrados com a redução progressiva tão característica do número de dedos nesses últimos.¹²

¹²*O cavalo, por adaptação à corrida, não possui mais que um só dedo, o mediano, muito hipertrofiado e terminado por espessa camada de corno, e dois metacarpos rudimentares, acessíveis somente pela dissecação: mas vê-se a redução do número e do volume dos dedos laterais se efetuar nas séries evolutivas de seus ancestrais.*

A formação das articulações do pé e da mão dos mamíferos é igualmente típica.

“A do pé, que é muito resistente, apresenta duas saliências do astrágalo, primeiro osso do pé, entrando nas duas covinhas correspondentes da tibia, e uma saliência desse último osso penetrando em uma covinha do astrágalo. Essa estrutura não existe ainda nem nos vertebrados inferiores, como os répteis, nem nos mamíferos ancestrais de cada um dos grandes ramos atuais: ela se formou pouco a pouco graças a um certo modo de movimento e a uma certa atitude do animal.

Os lados externos desses ossos sendo formados de materiais mais resistentes que suas partes centrais, eis o que se produziu: o astrágalo é mais estreito que a tibia que se apóia sobre ele; também as partes periféricas, mais resistentes, do primeiro osso se achavam elas em face não das partes igualmente resistentes do segundo, mas de suas partes relativamente depreciáveis; estas, submetidas a essa pressão sofram uma certa reabsorção de sua substância, e covinhas correspondentes às duas bordas do astrágalo, se formaram. É exatamente o que se produziria se se dispusesse de uma

maneira análoga de algumas matérias inertes mais ou menos plásticas, e que exercesse sobre elas uma pressão contínua.

A covinha do meio da borda superior do astrágalo, se deve a uma causa do mesmo gênero. Aqui, a extremidade interior, relativamente pouco resistente, da tíbia, repousa sobre uma região também pouco resistente do astrágalo; o que age, são as sacudidas contínuas. A conseqüência dessas sacudidas deve ser tornar as partes maleáveis do osso, na forma indicada pela direção da gravidade: formar-se-á uma protuberância no alto e uma cavidade em baixo.

É exatamente o que se produziu para a tíbia e o astrágalo. Desde a época terciária, até nossos dias, podemos seguir a formação dessa articulação: primeiro um astrágalo plano (no *Periplychus rhabdobon* do México, por exemplo), depois uma pequena concavidade que se acentua pouco a pouco para formar uma verdadeira covinha¹³, enfim, uma protuberância penetrando em uma concavidade da tíbia vindo completar essa articulação¹⁴.” Citado por Delage e Goldsmith.

¹³*No caso do Poebrotherium labiatum do Colorado.*

¹⁴*Ela aparece no Prothippus sejunctus, ancestral do cavalo atual.*

Todavia, Cope não se limita a essas concepções mecanicistas. Ele admite, na evolução, uma espécie “de energia de crescimento”, aliás, mal determinado, que ele chama “bathmisme”, energia que se transmitiria pelas células germinais, e constituiria um verdadeiro dinamismo vital. O dinamismo vital só faria compreender como “a função faz o órgão”.

Pelo contrário, Le Dantec, que sustenta igualmente a doutrina lamarckiana, permanece fiel ao mecanismo puro. Ele baseia a evolução sobre o que ele chamou “a assimilação funcional”. De acordo com esse sistema, a substância viva em lugar de se usar, de se destruir, por seu próprio funcionamento, como ensinavam os fisiologistas da escola de Cl. Bernard, se desenvolve, ao contrário, por esse funcionamento. O que se usa e se despensa, são simplesmente os materiais de reserva, tais como a gordura, o açúcar dos tecidos, etc.; mas a matéria viva em si mesma, a do músculo, por exemplo, aumenta pelo uso.

É graças a essa “assimilação funcional” que se faz a adaptação aos meios e a progressão consecutiva.

Qualquer que seja ela, por toda evidência, a doutrina lamarckiana é infinitamente mais satisfatória que a doutrina darwiniana.

É ela o complemento? De modo algum.

Ela pode dar conta do aparecimento de uma multidão de detalhes orgânicos secundários, de modificações mais ou menos importantes, tais como a atrofia dos olhos da toupeira, a hipertrofia do dedo médio dos eqüídeos ou a estrutura especial das articulações do pé.

Mas ela é seguramente falsa, tanto quanto a teoria geral, porque ela é impotente para fazer compreender os fatos mais importantes.

Ela não explica as grandes transformações que temos considerado na crítica da hipótese darwiniana.

Em face das grandes transformações, o lamarckismo é tão impotente quanto o darwinismo, porque essas transformações implicam mudanças radicais e por assim dizer imediatas e não uma acumulação de modificações mínimas e lentas.

A passagem da vida aquática para a vida terrestre, da vida terrestre para a vida aérea, não pode absolutamente ser encarada como o resultado de uma adaptação.

As espécies ancestrais, adaptadas a meios muito especiais, não tinham necessidade de mudar e, se tivessem sentido a necessidade, elas não poderiam.

Como o réptil, ancestral do pássaro, teria podido se adaptar a um meio que não era o seu e não podia tornar o seu senão após a passagem da forma réptil à forma pássaro.

Ele não podia, antes de ter asas, asas úteis e não embrionárias, ter uma vida aérea e se adaptar.

Um raciocínio idêntico se aplica naturalmente à passagem do peixe ao batráquio.

Mas onde a impossibilidade das transformações por adaptação aparecia mais evidente ainda, é na evolução do inseto. Não há nenhuma relação entre a biologia da larva representando, ao menos em uma certa medida o estado primitivo do inseto ancestral e a biologia do inseto perfeito. Não chega mesmo a conceber por quais misteriosas séries de adaptações um inseto, habituado à vida como larva, sob a terra ou nas águas, teria podido chegar progressivamente a criar asas para uma vida aérea, que lhe era fechada e mesmo sem dúvida desconhecida.

Quando, além do mais, pensa-se que essas séries misteriosas de adaptações se realizariam, não uma vez, excepcionalmente, por uma espécie de “milagre natural”, mas tantas vezes quantos os gêneros de insetos alados, abandona-se toda esperança de ligar o aparecimento de suas espécies aos fatores lamarckianos, como se rejeitou a idéia de atribuí-los aos fatores darwinianos.

É mesmo evidente. Mesmo Plate tinha compreendido bem a impossibilidade dessas transformações formidáveis por adaptação, quando escrevia: “mesmo pelo fato de um animal pertencer a um certo grupo, as possibilidades de variações se acham restritas, e, em muitos casos, reduzidas a limites muito estreitos”.

Assim então, lamarckismo e darwinismo são igualmente impotentes para dar uma explicação geral, adaptável a todos os casos, do aparecimento das espécies.

Se a maior parte dos transformistas não o compreende ainda, há, entretanto, um certo número que o reconhece e se esforça para achar alhures o fator evolutivo superior capaz de suprimir as dificuldades inerentes ao naturalismo clássico: certos neo-lamarckianos, por exemplo, tais como Pauly, atribuem aos elementos do organismo, mesmo ao organismo, aos vegetais e aos minerais, uma espécie de consciência profunda. Essa consciência profunda estaria na origem de todas as modificações e de todas as adaptações. Haveria, em todos os graus da escala

evolutiva, um esforço contínuo e esperado de adaptação.

Naegeli é mais categórico ainda: de acordo com ele, os organismos compreendem duas sortes de plasmas: o plasma nutritivo, próprio a todas as espécies e não diferenciado, não específico e o plasma específico ou ideoplasma.

Ora, esse ideoplasma conteria em si, não somente os “feixes miscelâneos” que o caracterizam, mas também uma tendência evolutiva interna com todas as capacidades, todas as potencialidades de transformação e de aperfeiçoamento. Essa potencialidade teria existido desde a primeira origem da vida, nas primeiras formas vivas. Os fatores exteriores não fariam desde então senão facilitar a adaptação; mas eles seriam incapazes, por eles mesmos, de provocar revolução.

Eles agiriam no sentido de ajudar, favorecer e submeter ao seu ritmo particular essa revolução.

Essas concepções de Naegeli são extremamente interessantes. Elas levam, no final das contas, à conclusão de que a evolução foi efetuada, não por influência do meio, mas conforme essa influência.

A adaptação aparece em todos os casos como uma conseqüência, às vezes como um fator adicional, jamais como uma causa essencial e suficiente.

É evidentemente a essa conclusão que conduz necessariamente o exame imparcial das modificações criadoras das espécies. Mas, semelhante concepção é absolutamente contrária ao naturalismo clássico.

Capítulo II

Os fatores clássicos são impotentes para fazer compreender a origem dos instintos

Os instintos dos animais, diz-se, são tão inumeráveis quanto maravilhosos.

Eles têm como caráter comum permitir ao animal agir espontaneamente, sem reflexão lógica, sem hesitação, e atingir o objetivo visado com uma segurança à qual não poderiam pretender nem o raciocínio, nem a educação, nem o treinamento.

Graças ao instinto, o animal, numa espécie dada, age sempre conforme o gênero dessa espécie, às vezes de uma maneira muito complicada, com o objetivo de atacar, de se defender, de se alimentar, de se reproduzir, etc.

O instinto essencial é idêntico para todos os indivíduos de uma espécie e parece tão dificilmente variável quanto a própria espécie. Ele constitui, para essa espécie, uma característica psíquica tão relevante quanto sua característica física.

Ora, não mais que a formação das espécies, a origem dos instintos não é explicável pela seleção natural ou pela influência do meio.

É no inseto que se pode melhor observar o instinto em toda sua pureza.

Fabre suscitou um monumento imperecível em seu estudo e é a seus trabalhos que é preciso se reportar para compreender o caráter de variedade, de complexidade e de segurança dos instintos ao mesmo tempo que a impossibilidade de explicá-los pelas noções clássicas.

Eu me contentaria naturalmente com alguns exemplos.

O do *Sitaris*, citado como um dos mais notáveis por Sr. Bergson: “O *Sitaris* deposita seus ovos na entrada de galerias subterrâneas que uma espécie de abelha escava, a *anthophore*. A larva do *Sitaris*, após uma longa espera, espreita a *anthophore* macho ao sair da galeria, agarra-se a ela, aí permanece agarrada, até ao vôo nupcial; ela aproveita a ocasião de passar do macho para a fêmea e espera tranquilamente que esta ponha seus ovos. Ela salta então sobre o ovo, que vai lhe servir de sustento com o mel, devora o ovo em alguns dias, e, instalada sobre a casca, sofre sua primeira metamorfose.

“Organizada agora para flutuar sobre o mel, ela se transforma em ninfa, depois um inseto perfeito. Tudo se passa como se a larva do *sitaris*, desde sua eclosão, soubesse que a *anthophore* macho sairá da galeria, que o vôo nupcial lhe fornecerá o meio de se transportar sobre a fêmea, que esta a conduzirá em um estoque de mel capaz de alimentá-la, quando ela se transformará, que até a essa transformação, ela terá devorado, pouco a pouco, o ovo da *anthophore*, de maneira a se nutrir, a se sustentar na superfície do mel, e também suprimir o rival que teria saído do ovo. E tudo se passa igualmente como se o *Sitaris* soubesse mesmo que sua larva conhece todas essas coisas.”

Outro exemplo clássico é o dos himenópteros caçados.

A larva desses insetos precisa de uma presa imóvel e viva: imóvel, pois, de outra forma, ela poderia pôr em perigo, por seus movimentos defensivos, o ovo delicado, e, em seguida, o pequeno verme fixado em um dos pontos de seu corpo; vivo, pois, a larva não pode se alimentar de cadáver.

Para realizar esse duplo desiderato necessário à sua larva, o himenóptero deve paralisar a vítima sem matá-la.

Para isso, seria preciso ao inseto, que ele se agitasse com reflexão, uma ciência e uma habilidade prodigiosas. Ele deveria, primeiro, dosar seu temível veneno de tal sorte que fosse o bastante para paralisar sem matar. Pois, e sobretudo, ele deveria ter um conhecimento aprofundado da anatomia e da fisiologia da vítima e também uma certeza da ação infalível para acertar no primeiro golpe, de surpresa no ponto certo; pois a presa está com frequência temivelmente armada, e mais forte que o agressor.

O ferrão envenenado deve ser dirigido, com um golpe seguro sobre os centros nervosos motores e aí somente. É preciso um, dois ou vários golpes, segundo o número ou a concentração dos gânglios nervosos. Ora, essa função temível e perfeita, o inseto não a aprendeu. Quando o himenóptero dilacera o seu casulo e sai de debaixo da terra, seus pais nem seus predecessores não existem mais há muito tempo e ele mesmo desaparece sem conhecer sua descendência nem seus sucessores. O instinto não pode por isso ser transmitido por educação ou por exemplo. Ele é inato. Como explicar, pelos fatores clássicos da evolução, a origem desse instinto?

O instinto, diz-se, não é senão um hábito adquirido pouco a pouco e transmitido por hereditariedade.

Fabre esforçou-se em mostrar a impossibilidade dessa concepção: “algum amophile” em um passado muito recuado, teria atingido, por acaso, os centros nervosos da lagarta, e, se achando bem na operação, tanto para ela, liberta de uma luta não sem perigo, quanto para sua larva, aprovionada de uma caça fresca, cheia de vida e no entanto inofensiva, teria dotado sua raça, por hereditariedade, de uma propensão a repetir a vantajosa tática. O dom maternal não tinha igualmente favorecido todos os descendentes... então sobreviveu ao combate pela existência...os fracos sucumbiram; os fortes prosperaram e, de uma idade a outra, a seleção, pela concorrência vital, transformou a empreitada fugitiva do início em uma empreitada profunda, impagável, traduzido pelo instinto sábio que nós admiramos hoje no himenóptero.”

Que a seleção (hipótese darwiniana) ou o uso repetido dos instintos (hipótese lamarckiana), tenham podido reforçar esses instintos, aperfeiçoá-los, é possível e é mesmo provável. Mas nem uma nem a outra hipótese não pode, segundo Fabre, explicar a origem mesmo do instinto.

Nem o acaso nem a necessidade podem fazer compreender como, no inseto primitivo, do primeiro golpe, sem tatear, o ferrão soube achar o gânglio nervoso e pôde paralisar sem matar. Com efeito: “Não havia razão para uma escolha. Os

golpes deviam ser endereçados à face superior da presa apanhada, à face inferior, ao flanco, à frente, atrás, indistintamente, de acordo com as chances de uma luta corpo a corpo... Ora, quantos pontos existem em um verme cinza, na superfície e no interior: O rigor matemático responderia: uma infinidade.” Entretanto, o ferrão deve abater no primeiro golpe e infalivelmente: “a arte de preparar as provisões da larva não comporta senão mestres e não precisa de aprendizes. O himenóptero deve ser excelente no primeiro golpe ou não se misturar... nenhum meio termo é admissível, nenhum meio sucesso.” Ou bem a lagarta é operada segundo todas as regras, ou bem é a morte do agressor e de sua descendência. Mas isso não é tudo: “Admitamos atingido o ponto desejado: isso não é senão a metade. Um outro ovo é indispensável para completar o casal futuro e dar descendência. É preciso por isso que em poucos dias, poucas horas, de intervalo, um segundo golpe de estilete seja dado, tão feliz quanto o primeiro. É o impossível se repetindo, o impossível à segunda potência!”

Essas conclusões de Fabre foram recentemente, é verdade, combatidas como por demais absolutas. As pesquisas de Marchal, de Peckham, de Perez e da maior parte dos naturalistas contemporâneos parecem demonstrar que os instintos primários, são, ao menos em seus detalhes, perfectíveis e variáveis.

Mas a dificuldade primordial, a da origem dos instintos primários não persiste menos integralmente. Mesmo que fosse possível reduzir na ação de fatores clássicos o aparecimento de instintos secundários ou as modalidades de instintos primários, mesmo a origem desses instintos primários é tão difícil de interpretar quanto a origem das espécies.

O instinto de utilizar o ferrão envenenado expõe exatamente o mesmo problema da origem desse ferrão envenenado.

Nem o órgão nem o instinto podem desempenhar um papel útil como agentes de adaptação ou de seleção antes de estar suficientemente desenvolvidos ou aperfeiçoados. Por isso, para o instinto como para as espécies, nem a adaptação nem a seleção poderiam ser fatores essenciais e criadores.

Capítulo III

Os fatores clássicos são incapazes de explicar as transformações bruscas criativas de novas espécies

O lamarckismo, como o darwinismo impõem a concepção de modificações lentas, mínimas, inumeráveis para a gênese progressiva das espécies.

Essa concepção, aceita como um dogma, parecia acima de toda controvérsia.

Quando, recentemente, de Vries fez conhecer suas observações sobre o que ele chama de mutações, isto é, os aparecimentos bruscos de novas espécies vegetais, sem formas de passagem com as espécies ancestrais, isso fez por toda parte, entres as pessoas interessadas na filosofia naturalista, a confusão e a aflição.

Assistiu-se, durante alguns anos, a um espetáculo extraordinário: os fatos de mutações trouxeram ao transformismo a única prova que lhe faltava, a da verificação experimental.

Entretanto, vêem-se transformistas se esforçar para diminuir tanto quanto possível a importância dos fatos novos e o alcance da nova teoria; e, ao contrário, adversários ingênuos adotá-lo com entusiasmo, imaginando-se uns e outros que o sucumbir das doutrinas clássicas levariam ao sucumbir mesmo da idéia evolucionista!

Le Dantec, em seu livro a crise do transformismo, se exprime assim: “uma nova teoria, baseada em experiências controladas, nasceu há alguns anos e faz numerosos adeptos no mundo das ciências naturais. Ora, essa teoria, dita das mutações ou das variações bruscas, é a negação do lamarckismo: eu diria quase que é negação mesmo do transformismo.” Com efeito, acrescenta ele: “para a filosofia, o transformismo é o sistema que explica o aparecimento progressivo e espontâneo de mecanismos, vivos maravilhosamente coordenados, como o do homem e dos animais superiores.”

Veremos mais adiante que o aparecimento espontâneo de seres vivos é uma impossibilidade filosófica. Quanto ao aparecimento progressivo desses seres, ele não é negado pela teoria das mutações.

É somente o mecanismo hipotético, a gênese suposta das transformações progressivas que se acha em oposição formal com os fatos novos.

Le Dantec e os naturalistas de sua escola, que identificam o transformismo com os fatores clássicos, são em certa medida lógicos quando eles se esforçam em restringir o mais possível o domínio das mutações. Mas a idéia evolucionista pura não tem que temer as novas descobertas, bem ao contrário, como eu me esforçarei em mostrar mais tarde.

Aliás, Le Dantec permanece bem perto de sua opinião quando ele afirma que as mutações não afetam senão caracteres secundários, em geral caracteres ornamentais e “deixam intactos o patrimônio hereditário.”

Desde as experiências de de Vries, numerosas observações novas foram

atualizadas e a importância capital das mutações não é mais negada nem negável¹⁵. A única questão que permanece posta é a de saber se as mutações constituem, na evolução, a regra ou uma exceção. De Vries admite nitidamente que as transformações bruscas são a regra para os animais como para os vegetais; e de Vries poderia bem ter razão.

¹⁵*Consultar Blaringhien: As transformações bruscas dos seres vivos – Flammarion, editor.*

Se examinarmos com efeito de perto toda história das transformações na escala evolutiva, perceberemos que a teoria das mutações encontra em toda parte uma deslumbrante confirmação.

Verdades, que saltam aos olhos, mas que não se queria ver ou que se escamoteava inconscientemente, são postas à plena luz por um exame atento.

Essas verdades tinham sido proclamadas, entretanto, por grandes naturalistas, tais como Geoffroy Saint-Hilaire; mas elas não tinham triunfado e a tese das transformações lentas não encontra mais, até os trabalhos de de Vries, quem a contradissesse.

Baseando-se na teoria das mutações, Cope retomou o estudo das formas fósseis, especialmente as formas fósseis dos batráquios e mamíferos da América e não teve dificuldade em mostrar a probabilidade de suas variações progressivas por saltos.

É fácil aliás, de acordo com os documentos paleontológicos que constituem “os arquivos da criação, constatar o aparecimento, sempre brusco na aparência, das principais grandes espécies”.

Batráquios, répteis, pássaros, mamíferos aparecem bruscamente nos terrenos geológicos. Assim que eles surgem, parecem adquirir muito rápido os caracteres completos que guardarão em seguida integralmente, sem mais sofrer modificação essencial, tanto que suas espécies subsistirão.

Sem dúvida, a paleontologia nos oferece formas de transição. Mas essas formas são raras e, constatação mais grave, elas parecem antes espécies intermediárias que formas de passagem.

Tomemos por exemplo, o arqueópteryx, a mais notável dessas espécies intermediárias. Vemos um pássaro-réptil, um animal tendo ao mesmo tempo do réptil e do pássaro. Mas sua espécie é bem determinada e bem especializada.

O arqueópteryx tem a constituição do réptil; mas ele tem também asas, asas bem desenvolvidas; asas que permitem o vôo, asas de pássaro.

Jamais se encontraram répteis munidos de asas embrionárias ou em estado de esboço, no começo de seu desenvolvimento.

O que é verdadeiro para o arqueópteryx é igualmente para todas as formas intermediárias conhecidas: são formas bem determinadas, com caracteres especiais muito nítidos, que permitem o uso dos órgãos característicos das espécies.

Apesar da paleontologia nos apresentar muitos órgãos rudimentares, resíduos de

órgãos degenerados e inúteis, ela não nos oferece jamais órgãos esboçados e ainda inutilizáveis.

Parece então que as transformações bruscas sejam a regra na evolução.

Ora, é evidente que nem a seleção natural nem a influência do meio podem explicar esses aparecimentos bruscos de espécies novas.

É o que reconhece Le Dantec quando exclama: “uma mutação que se produz sob meus olhos, é uma fechadura cuja chave eu não tenho!”¹⁶

¹⁶*A crise do transformismo*

Capítulo IV

Os fatores clássicos são incapazes de explicar a cristalização imediata e definitiva dos caracteres essenciais de novas espécies e de novos instintos

Com efeito, no que se trata de caracteres físicos ou de instintos, uns e outros parecem imutáveis. Eles podem se desenvolver ou se atrofiar, variar nos limites restritos; mas essas mudanças são sempre mudanças de detalhes, jamais mudanças essenciais.

Essa verdade desde muito tempo tinha sido trazida à luz pelos pesquisadores naturalistas. De Vries lhe deu apoio experimental direto. Ele traduziu na seguinte lei: “as novas espécies se tornam imediatamente estáveis.”

Existe aí uma nova e formidável objeção ao transformismo clássico.

Se as espécies e os instintos aparecem bruscamente e se tornam imediatamente estáveis, a teoria das transformações lentas e inumeráveis sob a influência da seleção ou da adaptação é definitivamente arruinada tanto quanto a teoria geral e essencial.

Não se tratará mais, na evolução, de mudanças mínimas mas acumuladas infinitamente para conduzir a formação de novas espécies; mas mudanças consideráveis e bruscas se traduzindo pelo aparecimento rápido dessas espécies, imutáveis uma vez aparecidas.

É, na filosofia naturalista, uma imensa revolução.

As quatro dificuldades que acabamos de passar em revista são de ordem naturalista. Antes de passar à quinta dificuldade, aquela toda diferente, de ordem metafísica, eu rogaria ao leitor, que não ficasse convicto, pelas demonstrações precedentes, da impotência dos fatores clássicos, de parar um instante seu pensamento sobre um testemunho preciso, irrefutável, que a natureza parece ter especialmente posto em evidência, como para nos impedir de nos extraviar. Esse testemunho é: o testemunho do inseto.

Capítulo V

O testemunho do inseto

É suficiente considerar com atenção o inseto para compreender o nada das teorias antigas ou modernas sobre a criação das espécies ou sobre sua evolução.

À concepção de transformações perpétuas por variações lentas e infinitas, o testemunho do inseto opõe seu aparecimento desde as primeiras idades da vida terrestre e, em todos os casos, a estabilidade essencial de suas espécies, uma vez aparecidas.

À concepção de revolução pelos fatores clássicos de seleção e de adaptação, o testemunho do inseto opõe o abismo que o separa de sua larva, abismo no qual se perdem sem recorrer às teorias darwinianas ou lamarckianas. Ele opõe igualmente o espetáculo, por elas inexplicável, de seus instintos primários, desconcertantes e maravilhosos.

À concepção da evolução pelo jogo de agentes exteriores, o testemunho do inseto opõe suas transformações formidáveis, mas por assim dizer espontâneas, em uma crisálida fechada, subtraída, em uma larga medida, à ação desses agentes exteriores.

À concepção da evolução contínua e ininterrupta por “assimilação funcional”, o testemunho do inseto opõe suas transformações e suas metamorfoses, suas alterações progressivas ou regressivas durante sua vida como larva. Ele opõe, sobretudo, em sua crisálida, o inacreditável fenômeno da histólise, reduzindo a maior parte de seus órgãos em uma papa amorfa antes das transformações iminentes.

Esse testemunho estupefante, nos ensinando que nem as formidáveis modificações de larvas nem a misteriosa histólise em nada comprometem a morfologia futura do inseto perfeito, reverte todas nossas concepções sobre a edificação do organismo como sobre as transformações das espécies¹⁷. O inseto nos oferece assim, em toda sua biologia, como o símbolo do que isso é na realidade, veremos, a evolução: ele nos prova que a causa essencial desse último não deve ser procurada nem na influência do meio ambiente nem nas reações, com respeito ao meio ambiente, da matéria orgânica; mas que ela reside em um dinamismo independente dessa matéria orgânica, superior e diretor.

¹⁷*Um testemunho análogo ao do inseto é o de certas espécies de moluscos ou de crustáceos. Os animais dessas espécies sofrem, sabemos, antes de chegar ao estado de adulto, modificações extraordinárias, por adaptações muito diversas. E, entretanto, o desenvolvimento futuro desses animais prossegue, a despeito de suas metamorfoses, como assegurado por um princípio diretor, inalterado e imanente.*

Ele nos mostra a evolução se efetuando sobretudo por um impulso interior, bem distinto da influência do ambiente, por um esforço primordial certo, mas ainda misterioso, e para o naturalismo clássico, absolutamente inexplicável.

Isso não é tudo: o testemunho incomparável do inseto, ao mesmo tempo que coloca em xeque as teorias naturalistas contemporâneas, contradiz igualmente a antiga concepção da criação providencial.

Com efeito, a característica principal do inseto, do ponto de vista psicológico, é possuir o instinto quase puro, quase sem traço de inteligência. Ora, achamos que esse instinto, puro e que permanece puro durante os séculos dos séculos, é marcado por uma ferocidade refinada, formidável, sem equivalente no resto da animalidade e ao mesmo tempo, entretanto, perfeitamente inocente.

Essa ferocidade seria por isso, se houvesse um criador responsável, a obra pura, a obra imaculada desse criador, cuja criação apareceria então como o espelho¹⁸...

Vê-se que vale a pena considerar o inseto e levar em conta seu testemunho. Se esse testemunho não tivesse sido negligenciado, ele teria evitado à filosofia muitos erros. Infelizmente, como diz Schopenhauer: “Não se compreende a linguagem da natureza, porque ela é muito simples!”

¹⁸*Veremos que o idealismo filosófico, baseado em seus fatos, está completamente desapegado das velhas concepções da teologia dogmática.*

Capítulo VI

Os fatores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução que, do simples faz sair o complexo e do menos faz sair o mais

Essa dificuldade tinha sido totalmente negligenciada ou evitada pelo transformismo clássico. Ela é entretanto, perfeitamente temível.

“O aparecimento espontâneo” de formas superiores às formas originais é uma pura impossibilidade, impossibilidade científica e impossibilidade filosófica.

Não se pode escapar ao dilema seguinte: ou a evolução não existe – ou ela implica uma “imanência potencial” no universo evolutivo.

Sendo demonstrada a evolução, devemos forçosamente admitir que todas as transformações progressivas complexas realizadas se achavam em potencial na forma ou nas formas elementares primitivas.

Isso não quer dizer absolutamente que a evolução, tal como ela foi realizada, estava em germe em tal forma primitiva, como o ser vivo está primeiro em germe no ovo que deve lhe dar nascimento.

Essa finalidade preestabelecida parece infinitamente pouco provável. Isso quer dizer simplesmente que a forma primitiva tinha nela todas as potencialidades, as que foram realizadas e, as que não foram, no passado, no presente e no futuro.

Qual é, nessa concepção filosófica, o papel dos fatores clássicos da evolução?

Simplesmente o de fatores secundários e acessórios.

Eles representaram um papel evidente; impuseram à evolução um ritmo particular, a favoreceram; mas não as produziram.

Poder-se-ia, a rigor supor a evolução se fazendo sem a intervenção da seleção ou da adaptação; não se concebe mais a evolução se fazendo somente por seu próprio jogo.

Tal é a constatação capital que se impõe irresistivelmente.

Por isso, o naturalismo clássico, após um longo caminho, batido em vão, em todos os sentidos, se acha levado, de bom ou mal grado, à pesquisa da causa primeira de que ele pretendia esquivar-se. Sua impotência revelada para encontrar os fatores essenciais da evolução não lhe permite mais pretextos.

Fiske dizia que o transformismo tinha repostado no mundo tanta “teologia” quanto ele tinha tirado. Essa fórmula não é feliz, porque ela implica uma espécie de finalidade que fixaria arbitrariamente, por antecipação, o sentido da evolução.

Mas o que é indubitável, o que resulta claramente do exame profundo do transformismo, é a conclusão seguinte:

O evolucionismo não pode privar-se da filosofia.

Segunda Parte

A concepção psico-fisiológica clássica do indivíduo

Prefácio

Acabamos de ressaltar a insuficiência da concepção clássica da evolução.

Iremos agora tentar mostrar a insuficiência da concepção clássica do indivíduo. Essa última repousa sobre duas grandes noções: o unicismo e a negação da unidade do eu.

O unicismo rejeita, as antigas teorias espiritualistas, animistas e vitalistas que pretendiam encontrar, no Ser, princípios dinâmicos ou psíquicos diferentes mesmo de essência do organismo. Ele se baseia, para isso, na unidade morfológica e química dos seres vivos; a ausência de descontinuidade positiva entre os corpos vivos e os corpos brutos; sobre as leis da energética biológica, tão nítidas e tão precisas quanto as leis da energética física e em concordância com elas.

A negação da unidade do eu é baseada precisamente na negação dos princípios espiritualistas, animistas ou vitalistas que separavam, nas antigas concepções psicofisiológicas, o homem da animalidade e a animalidade do reino mineral. Esses princípios sendo afastados, concluí-se que o eu não é senão a síntese ou o complexus dos elementos constitutivos do organismo.

Na base de um ser vivo, diz Dastre¹⁹, acha-se “a atividade própria a cada célula, a vida elementar, vida celular; acima, as formas de atividade resultante da associação de células, a vida em conjunto, soma ou antes complexus das vidas elementares.”

¹⁹*Dastre: A vida e a morte.*

Ora, é por um simples mal entendido filosófico, ou mesmo antes por um simples erro de raciocínio, que as duas noções acima, unicismo naturalista e negação da unidade do eu são estreitamente ligadas uma à outra.

A filosofia monística não somente não implica necessariamente a concepção do “eu como simples complexus celular”, mas ainda, nós o veremos, concorde melhor com a concepção oposta da unidade central do eu.

Se, abdicando momentaneamente de toda idéia metafísica sobre a constituição do indivíduo, nós nos detivéssemos estritamente aos dados de fato, nos acharíamos em presença de uma constatação capital: há no indivíduo modalidades diferentes da energia, e essas modalidades, então mesmo que elas sejam teoricamente concebíveis como relevantes de uma essência única, não são equivalentes.

Há no Ser “energia material” e “energia dinâmica” por assim dizer, “energia psicológica”; e essas modalidades de energia nos aparecem ao mesmo tempo distintas e hierarquizadas. Tais são os dados de fato.

Ora, partindo desses dados, dessas constatações de fato, sem se extraviar na

metafísica, pode-se conceber o Ser de duas maneiras diferentes: a primeira maneira consiste a não ver no indivíduo senão um simples complexus de individualidades parciais elementares. Nessa concepção, as hierarquias aparentes constatadas em um Ser são simples função de orientação e de situação relativa. Aí está a concepção clássica. A segunda maneira consiste em ver no indivíduo um complexus “mais complexo” por assim dizer, cujos elementos formam séries hierarquizadas, “quadros” autônomos e distintos. Essas séries hierarquizadas, esses quadros não são, ainda uma vez, forçosamente diferentes de essência; mas são diferentes em atividade e em capacidade, ou se se quiser, em nível evolutivo. Pode-se conceber assim, acima do complexus orgânico e material, um complexus dinâmico e psicológico organizador e centralizador; o qual seria ele mesmo suscetível de subdivisões racionais, até permitir a descoberta da entidade central, do eu real, só, único e indivisível.

Essas duas maneiras de considerar o indivíduo permanecem, qualquer que seja a concepção metafísica, monista ou pluralista, para considerar as coisas.

A primeira concepção tem a seu favor a simplicidade e o princípio metodológico da economia das causas.

Mas ela tem contra si a diversidade dos fatos fisiológicos e dos fatos psicológicos, e as dificuldades intransponíveis subordinando os segundos aos primeiros.

Ela tem contra si, sobretudo, a insuficiência flagrante para fazer compreender não somente a atividade psíquica, mas mesmo a atividade vital.

É o que vai fazer sobressair a análise metódica da concepção clássica da individualidade fisiológica e da individualidade psicológica.

Capítulo I

O indivíduo fisiológico clássico

A concepção do eu físico, simples complexus de células, se depara com grandes dificuldades. Podemos tentar classificá-las como temos classificado as dificuldades das teorias de revolução. São: as dificuldades relativas à concepção geral polisóica; as dificuldades relativas à forma específica do indivíduo, à edificação, à manutenção, às reparações do organismo; as dificuldades relativas às metamorfoses embrionárias e pós-embrionárias; as dificuldades relativas à fisiologia dita supranormal.

1º - Dificuldades relativas à concepção polizóica

Eis a descrição que dá o Sr. Dastre²⁰ do indivíduo físico:

“Representamos agora o ser vivo complexo, animal ou planta, com sua forma que o distingue de todo outro, como uma cidade populosa que milhares de traços distinguem da cidade vizinha. Os elementos dessa cidade são independentes e autônomos ao mesmo título que os elementos anatômicos do organismo. Tanto uns como os outros têm em si mesmos o impulso de sua vida, que eles não tomam emprestado nem subtraem dos vizinhos ou do conjunto. Todos esses habitantes vivem em definitivo, e mesmo, se nutrem, respiram da mesma maneira, possuindo todas as mesmas faculdades gerais, as do homem, mas cada um tem além disso, seu metier, sua indústria, suas aptidões, seus talentos pelos quais ele contribui com a vida social e pelos quais ele depende por sua vez. Os órgãos estatais, o pedreiro, o padeiro, o operário industrial, o artista, executam tarefas diversas e fornecem produtos diferentes e um tanto mais variados, mais numerosos e com mais diferentes nuances que o estado social chegou a um grau mais alto de perfeição. O ser vivo, animal ou planta, é uma cidade desse gênero.”

²⁰ *A vida e a morte.*

Vêm-se, de imediato, as graves objeções que se dirigem contra essa concepção.

O quadro que nos é dado como sendo o de um ser vivo é pura e simplesmente o de uma colônia animal. Exato talvez para certas formações que não têm da individualização senão a aparência, nos animais inferiores da ordem dos zoófitos, ele não seria considerado como tal para os animais nitidamente individualizados de outras ordens. Falta à cidade como descreve Dastre, o que há de mais essencial: a direção centralizadora, somente capaz de reunir primeiro, depois de manter, de organizar, de dirigir os órgãos estatais para o bem comum.

2º - Dificuldades relativas à forma específica do indivíduo, à edificação, à manutenção, às reparações do organismo

Para a concepção clássica, tudo o que toca à vida, à formação, ao desenvolvimento, à manutenção do organismo e a suas reparações, permanece inexplicado.

Para ela, a fisiologia é ainda, totalmente, um puro mistério. Se o mistério não aparece, à primeira vista, é simplesmente devido a uma ilusão bem conhecida do espírito humano.

O espírito humano tende a crer compreender uma coisa pelo único fato de que essa coisa lhe é familiar. O filósofo reage naturalmente contra essa tendência; mas a multidão se deixa arrastar irresistivelmente. “Quanto mais um homem é inferior pela inteligência, escreveu Schopenhauer, menos mistério tem para ele a existência. Toda coisa lhe parece trazer em si mesma a explicação de seu como e seu porquê.”

Ora, nada é mais familiar que o funcionamento, em suas grandes linhas, de nosso organismo e nada parece mais simples ao homem vulgar; e, entretanto, nada é mais misterioso.

A vida em si mesma comporta um mistério ainda não penetrado. O mecanismo vital, a atividade das grandes funções orgânicas não são menos inexplicadas.

Essa atividade, que escapa à vontade consciente do Ser, se elabora e se efetua de uma maneira inconsciente, exatamente como nós veremos para a fisiologia dita supranormal. O funcionamento normal é todo tão “oculto” quanto o funcionamento dito supranormal. Mesmo a constituição do organismo e tudo o que está a ele relacionado: o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento embrionário, o desenvolvimento pós embrionário, a manutenção da personalidade durante a vida, as reparações orgânicas, indo em certos animais, até as regenerações de membros e mesmo vísceras, são tanto quanto enigmas insolúveis se se admite a concepção clássica da individualidade.

Experimentemos, com efeito, compreender, à luz dessa concepção, a elaboração e o funcionamento da individualidade anatomopatologista. Deixemos momentaneamente de lado a questão puramente filosófica ou mesmo psicológica. Consideremos só o ser físico, já individualidade fisiológica, considerada como complexus celular. De onde e como o complexus de células que constitui um ser qualquer toma sua forma específica? Como ele guarda essa forma durante sua vida? Como sua personalidade física se forma, se mantém, se repara?

Não há mais, observemos, a invocar a ação de um dinamismo organizador, que a fisiologia clássica repele. Não se pode mais recorrer à “idéia diretriz” de Claude Bernard, que se tem por superada. Como então o complexus celular tem em si, pelo único fato da associação de seus elementos constituintes, essa potência vital e individualização? De onde? Como? Por que? Uma vez ainda, tantos mistérios. Dastre declara “insondável” (são seus próprios termos) o mistério pelo qual, no

desenvolvimento embrionário, “a célula ovo, atraindo a ela os materiais de fora, chega a edificar progressivamente a espantosa construção que é o corpo do animal, o corpo do homem, o corpo de um determinado homem”. Tem-se, entretanto, procurado e encontrado explicações: elas são de uma fragilidade desconcertante. Le Dantec, por exemplo, declara que a forma de um ser, sua constituição integral, dependem necessariamente da composição química, da relação estabelecida entre a forma específica e essa composição química.

“A forma do cão galgo, escreve ele seriamente, é simplesmente a condição de equilíbrio da substância química galgo.”

“Isso é dizer muito mais, observa Al. Dastre, se isso significa que o corpo do galgo é “uma substância” que se comporta à maneira das massas homogêneas, isotrópicas, como o enxofre derretido e o sal dissolvido; melhor dizendo, mas muito menos, se isso significa, como no espírito dos fisiologistas, que o corpo do galgo é a condição de equilíbrio de um sistema material heterogêneo, anisótropo, submetido a condições físicas e químicas infinitamente numerosas. A idéia de ligar a forma – e pela organização – à única composição química, não nasceu no espírito dos químicos nem no dos fisiologistas.”

Na realidade, a pretendida explicação de Le Dantec não é outra coisa senão uma explicação verbal. Ela substitui simplesmente uma dificuldade por outra. Em lugar de se perguntar: “Como se realiza a forma específica?” somos conduzidos, se admitirmos a hipótese de Le Dantec, a perguntar: “Como se realiza e se mantém a condição de equilíbrio químico, base da forma específica?” O mistério é muito profundo. Mas, mesmo tomado tal qual, a hipótese não é sustentável, pois ela é incapaz de levar em conta, como o veremos mais adiante, mudanças sofridas pelo organismo durante seu desenvolvimento embrionário.

Do mesmo modo que a concepção clássica do eu é incapaz de levar em conta a elaboração do organismo e de sua forma específica, ela é incapaz de fazer compreender como, durante a vida, se mantém e se transforma esse organismo.

Nada de mais curioso que os esforços tentados pelos naturalistas e os fisiologistas, em face do problema: permanência individual, malgrado a perpétua renovação celular.

Claude Bernard se deteve em demonstrar que as funções vitais são acompanhadas fatalmente de uma destruição e de uma regeneração orgânica.”

“Quando, escrevia ele²¹, no homem e no animal sobrevive um movimento, uma parte da substância ativa do músculo se destrói ou se queima; quando a sensibilidade e a vontade se manifestam, os nervos se gastam; quando se exerce o pensamento, o cérebro se consome.

²¹*Claude Bernard: Os Fenômenos da vida.*

Pode-se dizer que jamais a mesma matéria serve duas vezes à vida. Quando um ato é completado, a parcela de matéria viva, que serviu para produzi-lo não existe mais.

Se o fenômeno se repete, é uma matéria nova que lhe presta seu concurso... Em todo lugar, em uma palavra, a destruição fisicoquímica está unida à atividade funcional e podemos observar como um axioma fisiológico a proposição seguinte: toda manifestação de um fenômeno no ser vivo está necessariamente ligada a uma destruição orgânica.”

Ora, esse axioma foi destruído pelos fisiologistas contemporâneos. Seus esforços tendem a estabelecer, ao contrário do que pensava Claude Bernard, a substância realmente viva, o protoplasma, se destrói muito menos, no curso da vida, como não se tinha pensado. A renovação celular seria das mais restritas²².

²²*Chauveau, Pfluger.*

Certos fisiologistas não hesitaram mesmo em atribuir à célula cerebral uma duração indefinida (Marinesco).

Enfim, Le Dantec, indo mais longe ainda, declara que não somente a matéria viva não se destrói, mas que ela aumenta pelo uso.

Parece que nada será mais fácil de resolver experimentalmente que o problema da destruição celular, pela dosagem de resíduos nitrogenados da urina.

Na realidade, é muito difícil fazer, nessa eliminação nitrogenada, a parte que se transforma nos albuminóides dos alimentos e nos albuminóides do organismo e as pesquisas melhor conduzidas tais como as de Igo Kaup permaneceram incertas até o presente.

Mas, na falta de provas de laboratório, o raciocínio é suficiente para provar a destruição e a regeneração perpétuas do protoplasma celular.

A priori, parece evidente, mesmo sem ser necessário demonstrá-lo, que esse elemento ínfimo que é a célula viva não tem forçosamente uma duração restrita; infinitamente mais restrita, em todo caso, que a do organismo ao qual ela pertence. Ela se renova, pois, um número de vezes x durante a vida desse organismo.

Além do mais, a necessidade imperiosa da ingestão para o ser vivo de alimentos nitrogenados em notável quantidade não se explica senão pela necessidade de suas regenerações celulares.

Seria preciso, de outra maneira, fazer a suposição absurda de que o nitrogênio não é ingerido senão para ser logo eliminado, e não constitui um alimento indispensável, enquanto que o contrário está bem estabelecido.

Por isso, mesmo que as pesquisas ulteriores provassem que a célula viva permanece, durante a vida, intacta em seu quadro, isso não significaria que ela permanece intacta em suas moléculas constitutivas.

O problema da renovação molecular seria substituído pelo problema da renovação celular, e a questão permaneceria posta, nem mais nem menos misteriosa.

Assim, “a idéia diretriz” preside necessariamente na manutenção da personalidade como ela preside à sua edificação.

As dificuldades que acabamos rapidamente de passar em revista já são bem

consideráveis. Mas elas não são nada perto das que vamos analisar agora. O problema das metamorfoses embrionárias e pós embrionárias e o problema da fisiologia dita supranormal permitem, se vale a pena considerar integralmente, afirmar que a concepção clássica da individualidade física está errada e que o ser não é outra coisa senão um complexus de células.

Vamos frisar o equívoco fundamental do método ascendente, em que se adapta uma explicação a fatos simples ou relativamente simples, esquivando-se das dificuldades inerentes aos fatos complexos ou relativamente complexos.

Se considerarmos a fisiologia sinteticamente, em seu conjunto, sem afastar essas dificuldades primordiais, com mais forte razão, se liga antes de tudo a essas dificuldades primordiais, então, a concepção da individualidade, a concepção que se impõe, inegável e evidente, é tudo oposto ao que se esforçou para basear em vão, ensaios analíticos medíocres e restritos.

3º - O problema das metamorfoses embrionárias e pós-embrionárias

Sabe-se que o desenvolvimento embrionário ou pós embrionário, longe de ser uniforme, comporta séries de metamorfoses. Essas metamorfoses, ora retraçam os estados anteriores através da espécie em sua evolução, ora refletem adaptações divergentes realizadas durante a vida de larva.

As metamorfoses existem entre todos os animais, mas são sobretudo notáveis entre os animais que têm uma vida de larva prolongada, fora do ovo, tais como os batráquios, os moluscos e os anelados. Devido a essas metamorfoses, o ser reveste, em seu desenvolvimento, formas sucessivas, muito diferentes umas das outras, antes de adquirir a forma adulta definitiva.

Esses fatos são a negação mesmo das teorias clássicas sobre a educação do organismo.

Voltemos outra vez, por exemplo, à explicação que dá Le Dantec da forma específica. É preciso admitir que as condições de equilíbrio químico, base da forma específica, mudam constantemente durante o desenvolvimento de um ser, e mudam em um sentido dado, segundo uma direção determinada, a que conduz à forma adulta? Seja, mas então, é de novo recorrer à “idéia diretriz”: isto é, recolocar precisamente na fisiologia toda a finalidade que se pretendia afastar!

Eis o caso de um girino que tem todos os órgãos, a constituição, o gênero de vida de um peixe. De repente, sem que ele mude de meio nem de gênero de vida, suas condições de equilíbrio químico vão se modificar de tal sorte que segundo as idéias de Le Dantec, que patas vão aparecer, que pulmões vão substituir as guelras, que o coração de duas cavidades vai se transformar em um coração de três cavidades; em breve o peixe vai se transformar em rã!

Eis o caso de uma medusa: suas formas de larva sucessivas são tão diferentes umas

das outras que elas foram por longo tempo tomadas por animais distintos.

Como explicar a gênese dessas formas sucessivas por modificações no equilíbrio químico?

Nessas metamorfoses da vida embrionária, há um duplo problema. Há primeiro o problema das metamorfoses em si mesmas. Como elas se efetuam? Como elas se lembram, sejam as formas de passagem da evolução ancestral, sejam os detalhes das adaptações nas forma de larvas divergentes? Onde e como se conserva a empreitada indelével dessas formas ancestrais e dessas adaptações?

Depois, há o problema do desabrochar da forma individual. Como as metamorfoses não se comprometem com a chegada à forma definitiva? Como essa forma consegue realizar-se sempre, sem risco de fracasso, infalivelmente? Se só se percebe no ser um complexo celular, o duplo problema fica insolúvel.

O mistério só se esclarece se se admite que acima das metamorfoses, das modificações orgânicas e fisiológicas, das revoluções no equilíbrio químico da vida, existe uma dominante, a dominante diretriz de um dinamismo superior.

4º - A histólise do inseto

Mas onde a evidência dessa dominante aparece melhor e da maneira mais impressionante é no desenvolvimento pós embrionário de certos insetos.

Certos insetos, diz-se, sofrem sua última e principal metamorfose na crisálida. Eles são então o objeto de um fenômeno infinitamente misterioso, o da histólise.

No envelope protetor da crisálida, que protege o animal contra influências perturbadoras exteriores e contra a luz, passa-se uma elaboração estranha, elaboração que lembra singularmente a que descreveremos mais adiante na fisiologia dita supranormal. O corpo do inseto se desmaterializa. Ele se desagrega, em uma espécie de papa uniforme, uma substância amorfa unificada na qual desaparecem em maior parte as distinções orgânicas ou específicas. Eis o fato em toda sua importância.

Sem dúvida, a questão da histólise está longe de ser ainda perfeitamente elucidada. Desde sua descoberta em 1864 por Weismann, os naturalistas não puderam chegar a se entender inteiramente sobre a extensão do fenômeno histólico nem sobretudo seu mecanismo.

Eis, entretanto, o que ficou estabelecido:

“Quando a larva se torna imóvel e se transforma, a maior parte dos tecidos desaparecem por histólise. Os tecidos assim destruídos são as células hipodérmicas dos quatro primeiros segmentos, as traquéias, os músculos, os corpos gordurosos e os nervos periféricos. Não resta deles nenhum elemento celular visível. Ao mesmo tempo, as células do intestino médio juntam-se em uma massa central, constituindo uma espécie de magma²³”.

²³*Félix Henneguy: Os Insetos.*

Depois se efetua uma nova histogênese, em parte às custas do magma resultante da histólise, em parte graças à proliferação de corpúsculos especiais chamados discos imaginários. As partes do organismo da nova formação parecem assim não ter relação de filiação direta com as partes do organismo de larva.

Quer se queira ou não, o testemunho de fatos parecidos invertem as concepções biológicas clássicas: o equilíbrio químico condicionando a forma específica; a afinidade celular; a assimilação funcional; o ser. *Complexus* celular; tanto de fórmulas vãs quanto sem sentido!

Ou é preciso se contentar em se inclinar diante do mistério e declará-lo impenetrável ou é preciso ter a coragem de confessar que a fisiologia clássica está encaminhada num caminho falso.

É preciso e suficiente, com efeito, para tudo compreender, o mistério da forma específica, o desenvolvimento embrionário e pós embrionário, a constituição e a manutenção da personalidade, as reparações orgânicas e todos os outros problemas gerais da biologia, admitir uma noção não nova, certo, mas considerada de uma maneira nova, a de um dinamismo superior ao organismo e o condicionando.

Não se trata somente da idéia diretriz de Claude Bernard, espécie de abstração, de entidade metafísico-biológica incompreensível; trata-se de uma noção concreta, a de um dinamismo diretor e centralizador, dominando as contingências intrínsecas e extrínsecas, as reações químicas do meio orgânico como as influências ambientes do meio exterior.

Veremos a existência desse dinamismo afirmado da mesma maneira, não com mais certeza, mas com mais evidência ainda, na fisiologia dita supranormal.

Com efeito, o dinamismo fisiológico ultrapassa, nas suas manifestações, os limites do organismo, separa-se dele, age fora dele. Melhor ainda, pode desagregar parcialmente esse organismo e reconstituir com sua substância, fora dele, novas formas orgânicas, ou, para empregar a expressão filosófica, novas representações.

Capítulo II

O problema da fisiologia supranormal

Hoje, ninguém ignora o que é a fisiologia dita supranormal.

Ela se manifesta, nos sujeitos especialmente dotados e treinados, chamados médiuns, pelos efeitos dinâmicos e materiais, inexplicáveis pelo jogo regular de seus órgãos, e ultrapassando seu campo de ação.

Os fenômenos mais importantes e os mais complexos da fisiologia dita supranormal são os fenômenos ditos de materialização e desmaterialização.

Conforme o nosso método, são os únicos que nos esforçaremos em primeiro lugar a compreender e explicar para, em seguida, adaptar a solução do problema aos fatos menos importantes da mesma ordem, tais como os movimentos de objetos sem contato.

1º - As materializações

Não tenho a intenção de fazer aqui um estudo histórico ou crítico das materializações, estudo que o leitor encontrará em todas as obras especiais.

Obras e trabalhos a completar:

Aksakoff: Animismo e espiritismo.

J. Bisson: Os fenômenos ditos de materialização.

Crookes: Pesquisa sobre os fenômenos do Espiritualismo.

Delanne: as aparições materializadas.

D'Esperance: No país da sombra.

Flammarion: As forças naturais desconhecidas.

Maxwell: Os fenômenos psíquicos.

Richet: Estudos sobre as materializações da Vila Carmen.

De Schrenck-Notzing: Materializações-fenômenos.

De Rochas: Obras completas.

Trarei simplesmente minha contribuição pessoal à análise e à síntese desse fenômeno de uma importância primordial, já que, mais seguramente, mais completamente que todo outro, ele transtorna completamente os fundamentos da fisiologia.

O processo de materializações pode se resumir assim: do corpo do médium sai, se exterioriza uma substância em princípio amorfa ou polimorfa. Essa substância se constitui em representações diversas, geralmente representações de órgãos mais ou menos complexos.

Podemos então considerar sucessivamente:

1º A substância: substratum das materializações;

2º Suas representações organizadas

A substância se exterioriza seja sob a forma gasosa ou vaporosa, seja sob a forma líquida ou sólida.

A forma vaporosa é a mais freqüente, e a mais conhecida. Junto ao médium se desenha ou se aglomera uma espécie de vapor visível, de nevoeiro frequentemente ligado a seu organismo por um laço tênue da mesma substância. Depois, produz-se como uma condensação, em diversos pontos desse nevoeiro, por um processo que o Sr. Le Cour comparou engenhosamente à formação suposta de nebulosas.

Esses pontos de condensação tomam enfim a aparência de órgãos, cujo desenvolvimento atinge mais rapidamente.

Sob a forma líquida ou sólida, a substância produtora das materializações é mais acessível ao exame. Sua organização é todavia mais lenta. Ela permanece relativamente longo tempo amorfa e permite se fazer uma idéia precisa da gênese mesmo do fenômeno.

Ela foi observada, sob essa forma, entre vários médiuns, especialmente com o famoso médium Eglington²⁴. Mas é com a médium Eva que a gênese da substância sólida se produz sobretudo com uma intensidade extraordinária. O leitor deverá reportar-se ao livro da Sra. Bisson e ao do doutor de Schrenck-Notzing para encontrar descritos os aspectos inumeráveis da substância sólida.

²⁴*Delanne: As aparições materializadas. Tomo II, PP. 642 e seguintes*

Tendo treinado e educado Eva, Mme Bisson pôde facilmente, durante longos anos de pesquisas, estudar o fenômeno cuja importância permanecia insolucionável. O livro de Mme Bisson aparece assim como uma verdadeira mina de documentos generosamente ofertados aos sábios e aos filósofos.

A obra do doutor de Schrenck-Notzing é uma exposição metódica e completa, apresentada com arte, clareza, precisão, documentada, de seus estudos sobre a médium Eva. Contém também as observações de experiências similares empreendidas por ele com um outro médium, provido de faculdades idênticas às de Eva.

Tive a honra e a vantagem, graças à amabilidade e ao devotamento da Sra. Bisson, de estudar, com ela, Eva durante um ano e meio, em sessões bissemanais a que tiveram lugar primeiro com ela, depois em seguida, durante uma série de três meses consecutivos, exclusivamente em meu próprio laboratório²⁵.

²⁵*O resultado desses trabalhos foi o objeto de uma conferência no Colégio de França, seu título: A fisiologia dita supra normal. Encontramos essa conferência, ilustrada de 24 fotografuras, no “Boletim do Instituto psicológico” de janeiro-junho 1918, 143, alameda Saint-Michel, Paris.*

Após Eva, pude constatar fenômenos bastantes análogos, mesmo que elementares, entre novos sujeitos, que me esforçava em treinar a produzir materializações.

Farei simplesmente um resumo sintético de minhas experiências e observações; é

unicamente meu testemunho que trago nesse livro, testemunho concordante plenamente com o de um grande número de homens de ciência, especialmente médicos, hoje certos da autenticidade do fenômeno, apesar de a maior parte ter um ceticismo absoluto.

As materializações de que vou falar, pude vê-las, tocá-las, fotografá-las.

Mantive vezes seguidas o fenômeno, de sua origem a seu término; pois ele se formava, se desenvolvia e desaparecia diante de meus olhos.

O que quer que seja inesperado, estranho, impossível que pareça semelhante manifestação, eu não tenho mais o direito de pôr em dúvida sobre sua realidade.

O modo operatório, para obtenção das materializações, com Eva, é muito simples: o médium é colocado em estado de hipnose, estado superficial, mas comportando entretanto o esquecimento da personalidade normal, após que se faz assentar na cabine escura. A cabine escura de materializações não tem outra finalidade senão subtrair o médium adormecido às influências perturbadoras ambientes e especialmente à ação da luz. Isso permite manter na sala iluminação suficiente para bem observar o fenômeno.

Os fenômenos se produzem – quando eles se produzem, – no começo, com um tempo variável, por vezes muito curto, por vezes muito longo, uma hora e mais. Eles começam sempre por sensações dolorosas do médium. Essa última dá suspiros, queixumes intermitentes, lembrando perfeitamente as de uma mulher de fraldas. Essas queixas atingem seu paroxismo, mesmo no momento do começo aparente do fenômeno. Elas diminuem ou cessam quando está inteiramente formado.

A aparição da substância é anunciada, geralmente, pela presença de manchas líquidas brancas, luminosas, da dimensão de uma bola do tamanho de moeda de cinco francos, disseminadas de um lado ao outro sobre a roupa negra do médium, principalmente do lado esquerdo.

Essa manifestação constitui um fenômeno premonitório, sobrevindo bastante longo tempo, às vezes três quartos de hora a uma hora, antes dos outros fenômenos. Falta-lhe alguma coisa e acontece alguma vez que ela não seja seguida de nenhuma outra manifestação. A substância, propriamente dita, se desprende toda do corpo do médium, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades do corpo, no topo da cabeça, na ponta dos seios, extremidades dos dedos.

A saída mais freqüente, a mais fácil de se observar é a saída pela boca; vê-se então a substância se exteriorizar da superfície interna da bochecha, do céu da boca e das gengivas.

A substância se apresenta sob um aspecto variável; ora, e é o mais característico, o de uma massa maleável, verdadeira massa protoplásmica; ora o de numerosos pequenos fios; ora o de cordões grossos; diversos raios estreitos e rígidos; ora o de tira larga e estendida; ora o de membrana; ora o de um tecido, um tecido fino, com contornos indefinidos e irregulares. A mais curiosa dessas aparências é a de uma

membrana largamente estendida, provida de franges, fitas isolantes e cujo aspecto geral lembra perfeitamente as dobras internas do abdômen. Em suma, a substância é essencialmente amorfa, ou antes essencialmente polimorfa.

A abundância da substância exteriorizada é das mais variáveis – ora ínfima, ora considerável, com todas as transições. Em certos casos ela cobre o médium inteiramente como um manto.

A substância pode apresentar três cores diferentes: branca, preta e cinza.

A cor branca é a mais freqüente, talvez porque ela é a mais fácil de ser observada. Há às vezes saída simultânea de substância das três cores. A visibilidade da substância é muito variável. Essa visibilidade pode se acentuar ou diminuir lentamente em diversas repetições. Ao contato, a substância apresenta impressões muito variáveis, impressões geralmente em relação com a forma momentânea que ela reveste. Ela parece mole e um pouco elástica quando se estende, dura, nodosa ou fibrosa quando ela forma cordões.

Às vezes, ela dá a sensação de uma teia de aranha roçando a mão dos observadores. Os fios da substância são ao mesmo tempo rígidos e elásticos.

A substância é móvel. Ora ela evolui lentamente, sobe, desce, se dirige sobre o médium, seus ombros, seu peito, seus joelhos, por um movimento que lembra o de um réptil; ora suas evoluções são bruscas e rápidas; ela aparece e desaparece como um relâmpago.

A substância é extremamente sensível, e sua sensibilidade se confunde com a do médium hiperestesiado. Todo toque é sentido dolorosamente por este último. Se o toque, seja um tanto bruto ou prolongado, o médium acusa uma dor que ele compara com a que produziria um choque sobre sua carne ao vivo.

A substância é sensível mesmo aos raios luminosos. Uma luz, sobretudo se ela é brusca e inesperada, provoca um estremecimento doloroso do sujeito.

Todavia, nada é mais variável que esse efeito da luz. Em certos casos, a substância tolera mesmo a grande luz do dia. O clarão do magnésio provoca um sobressalto do médium, mas ele é suportado e permite as fotografias instantâneas.

É difícil distinguir, nos efeitos da luz sobre a substância, ou em suas repercussões sobre o médium, o que é fenômeno doloroso ou puro reflexo; dor ou reflexo estorvam todavia as investigações. É assim que, até o presente, a cinematografia dos fenômenos não pôde ser obtida. À sensibilidade, a substância junta uma espécie de instinto, lembrando o instinto de conservação nos invertebrados. A substância parece ter toda a desconfiança de um animal sem defesa, ou cuja única defesa consiste reentrar no organismo do médium de onde ela saiu. Ela teme os contatos, sempre pronta a fugir e desaparecer. A substância tem uma tendência imediata, irresistível à organização. Ela não permanece longo tempo no estado original. Acontece frequentemente que a organização é tão rápida que ela não deixa ver a substância primordial. De outras vezes se vê, simultaneamente, a substância amorfa e de

representações mais ou menos completas englobadas em sua massa; por exemplo, um dedo no meio de franjas de substância. Vê-se mesmo de cabeças, rostos envelopados de substância.

Eu chego agora às representações.

Elas são das mais diversas.

Algumas vezes, são formações inorgânicas indeterminadas; mas, o mais freqüente, são formações orgânicas, variáveis como complexidade e como perfeição.

Sabe-se que diferentes observadores, Crookes e Richet entre outros, descreveram materializações completas. Tratava-se não de fantasmas, no sentido próprio do termo, mas de seres tendo momentaneamente todas as particularidades vitais de seres vivos, cujo coração batia, o pulmão respirava, cuja aparência corporal era perfeita.

Eu não observei, infelizmente, semelhante fenômeno, pelo contrário, eu vi, frequentemente, representações completas de um órgão, por exemplo de um rosto, de uma mão ou de um dedo.

Nos casos mais perfeitos, o órgão materializado tem todas as aparências e propriedades biológicas de um órgão vivo. Eu vi dedos admiravelmente modelados, com suas unhas; eu vi mãos completas, com ossos e articulações; eu vi um crânio vivo, o qual eu apalpava os ossos, sob uma espessa cabeleira. Eu vi rostos bem formados, rostos vivos, rostos humanos!

Em numerosos casos, essas representações se fazem, desenvolvidas inteiramente aos meus olhos, do começo ao fim do fenômeno. Eu vi inúmeras vezes, por exemplo, sair substância dos dedos, ligando entre eles os dedos de cada mão; depois, o médium afastando as suas, a substância se alongar, formar espessos cordões, se estender, constituir franjas semelhantes a franjas em dobras. Enfim, no meio dessas franjas, aparecem, por uma representação progressiva, dedos, ou uma mão, ou um rosto, perfeitamente organizados.

Em outros casos, eu tive o testemunho de uma organização análoga, após a saída da substância pela boca.

Eis um exemplo registrado em meu caderno de anotações: “Da boca desce lentamente, até sobre os joelhos de Eva, um cordão de substância branca, da largura aproximada de dois dedos; essa fita adesiva toma, aos nossos olhos, as formas mais variáveis: ora se estende sob a forma de um largo tecido membranoso perfurado, com vazios e enchimentos; ora se apanha e se encolhe, depois se infla, depois se estica de novo. De ambos os lados, da massa, partem prolongamentos, espécies de pseudópodes e esses pseudópodes revestem às vezes, durante alguns segundos, a forma de dedos, esboço de mãos, depois voltam à massa. Finalmente, o cordão se amassa sobre si mesmo, se alonga sobre os joelhos de Eva: depois sua extremidade se levanta, se destaca do médium e avança perto de mim. Eu vejo então essa extremidade se engrossar sob forma de um enchimento, de um broto terminal e esse

broto terminal se desabrocha em uma mão perfeitamente modelada. Eu toco essa mão. Ela dá uma sensação normal; eu sinto os ossos, eu sinto os dedos munidos de suas unhas. Depois a mão se retrai, diminui, desaparece no fim do cordão. O cordão faz ainda algumas evoluções, se retrai e volta a entrar na boca do médium.”

Ao mesmo tempo em que aparece a forma sólida, pode-se observar a forma vaporosa da substância; ela sai então da superfície do corpo do médium sob uma forma invisível e impalpável, sem dúvida através das malhas de sua vestimenta, e se condensa na superfície dessa última. Vê-se então como uma pequena nuvem que se aglomera em uma mancha branca sobre a roupa negra, ao nível do ombro, do peito ou dos joelhos. A mancha aumenta, se estende, depois ela toma os contornos ou os relevos de uma mão ou de um rosto.

Qualquer que seja seu modo de formação, o fenômeno não permanece sempre em contato com o médium. Observa-se freqüente e perfeitamente fora dele.

O exemplo seguinte é típico a esse respeito:

“Uma cabeça apareceu de repente, acerca de 75 centímetros da cabeça de Eva, acima dela e a sua direita. É uma cabeça de homem, de dimensão normal, bem formada, com seus relevos habituais. Todo o crânio e a fronte estão perfeitamente materializados. A fronte é larga e alta; os cabelos talhados à escovinha e abundantes, castanhos ou negros. Abaixo das sobrancelhas, os contornos se atenuam; não se vê bem senão a fronte e o crânio.

“A cabeça se esconde um instante atrás da cortina; depois reaparece nas mesmas condições; mas a face, incompletamente materializada, apresentou uma máscara por uma tira de substância branca. Eu avanço a mão; passo meus dedos através dos cabelos cheios e palpo os ossos do crânio... Um instante após, tudo desaparece.”

As formações manifestam-se por isso com uma certa autonomia, e essa autonomia é fisiológica tanto quanto anatômica.

Os órgãos materializados não são inertes, mas biologicamente vivos. Uma mão bem constituída, por exemplo, tem as capacidades funcionais de uma mão normal. Eu fui, inúmeras vezes, intencionalmente tocado por uma mão ou agarrado por dedos.

As mais notáveis materializações que eu pude observar são as que foram produzidas, em meu laboratório, por Eva, durante 3 meses consecutivos, no inverno de 1917-1918.

Nas sessões bissemanais, feitas em colaboração com Mme Bisson. O Sr. Médico inspetor geral Calmette, o Sr. Jules Courtier, o Sr. Le Cour, nós obtivemos uma série de documentos do maior interesse. Nós vimos, tocado, fotografado representações de rostos e de cabeças, formadas dependendo da natureza original. Essas representações foram feitas diante dos nossos olhos, as cortinas constantemente entreabertas. Ora elas eram providas da organização de um cordão de substância sólida tecido do médium, ora elas eram providas, por formação progressiva, de um

nevoeiro de substância vaporosa condensado em frente a Eva, ou dos seus lados. No primeiro caso, via-se frequentemente, sobre a materialização terminada, rudimentos mais ou menos importantes do cordão original de substância.

As formas materializadas, cujas fotografias foram apresentadas em minha conferência sobre a fisiologia dita supra normal, eram notáveis por diversos pontos de vista.

1º Elas tinham sempre as três dimensões. Eu pude disso me assegurar, nos cursos das sessões, pela vista e várias vezes pelo tocar. O relevo é aliás evidente nos clichês estereoscópicos que eu pude fazer.

2º Os diversos rostos dessa série apresentavam algumas analogias com grandes variedades:

- Variedades nos traços da fisionomia;
- Variedades nas dimensões da forma, menores que o natural mas de grande variável de uma sessão a outra, e no curso de uma mesma sessão;
- Variedades na perfeição dos traços, ora muito regulares, ora defeituosos;
- Variedades no grau de materialização, às vezes completa; às vezes incompleta, com rudimentos de substância; às vezes somente um esboço.

Eu chamo a atenção sobre o interesse, sob todos os pontos de vista, dos rudimentos de substância. A importância dos rudimentos em “embriologia metapsíquica” é comparável à sua importância em embriologia normal. São as testemunhas da origem e da gênese das formações.

As formas tinham tanto mais autonomia quanto melhor materializadas. Elas evoluíram em torno de Eva, às vezes bastante longe dela. Uma das figuras se mostra em primeiro lugar na abertura da cortina, de grandeza natural, com uma aparência de vida notável e uma grande beleza.

Em uma outra sessão, eu pude observar com minhas mãos, através da cortina da cabine escura, o contato de um corpo humano que fazia ondular a cortina (Eva estava estendida sobre sua poltrona, inteiramente visível e suas mãos estavam presas).

Inútil dizer que as precauções habituais tinham sido tomadas rigorosamente durante as sessões em meu laboratório. Ao entrar na sala de sessões, ou eu penetrava sozinho no intervalo, o médium estava, diante de mim, inteiramente sem roupa, revestido de uma camiseta completa que lhe cobria as costas e os punhos. A cabeleira, a cavidade bucal eram verificadas por mim e por meus colaboradores, antes e após as sessões. Fazia-se Eva sentar-se na poltrona de vime da cabine escura; suas mãos permanecendo sempre visíveis e presas fora das cortinas; uma luz muito suficiente clareava constantemente a sala de sessões. Eu não digo somente;” Não houve fraude”; eu digo; “Não havia possibilidade de fraude²⁶.” De resto, eu não saberia repeti-lo: quase sempre as materializações eram feitas sob meus olhos e eu observei toda a sua formação e todo o seu desenvolvimento.

²⁶ *Eu me sinto feliz em declarar que Eva sempre provou, em minha presença, uma probidade experimental absoluta. A resignação inteligente e devotada com a qual ela se submeteu a todos os constrangimentos e sofreu as provas verdadeiramente penosas de sua mediunidade meritória, da parte dos homens de ciência dignos desse nome, um sincero e grande reconhecimento.*

As formações orgânicas bem constituídas, tendo todas as aparências da vida, são bastante freqüentes substituídas por formações incompletas. O relevo falta frequentemente e as formas são planas. Acontece que elas são parcialmente planas e parcialmente em relevo. Eu vi, em certos casos, uma mão ou um rosto aparecer planos, depois, sob meus olhos, tomar as três dimensões, seja incompletamente, seja completamente. As dimensões, no caso de formações incompletas, são algumas vezes menores que a natural. São às vezes verdadeiras miniaturas. O caráter incompleto das formações, em lugar de se manifestar por uma alteração nas dimensões de comprimento, de largura ou de espessura, se apresenta bastante freqüente sob a forma lacunar. As materializações são de dimensão normal mas oferecem lacunas em sua estrutura.

O doutor de Schrenck-Notzing, tomando as fotografias estereoscópicas simultaneamente de face, de perfil e de costas, viu que, geralmente, as primeiras são as únicas a revelar uma materialização completa; a região dorsal permanecendo no estado de grande quantidade de substância amorfa. Ele observou igualmente, às vezes, nas regiões mesmo bem materializadas, vazios, sejam deixados tais quais, sejam dissimulados sob um revestimento uniforme de substância.

Eu fiz pessoalmente a mesma observação.

Não há dúvida que os véus flutuantes, os turbantes e ornamentos análogos dos quais se revestem frequentemente os “fantasmas” não mascaram defeituosidades ou lacunas de seu organismo recém formado.

Há, de resto, todas as transições possíveis entre as formações orgânicas completas e incompletas; e as mudanças, ainda uma vez, se efetuam frequentemente sob os olhos dos observadores.

Ao lado dessas formações completas ou incompletas, é preciso assinalar uma categoria bizarra de formações. São menos de órgãos que de imitações mais ou menos obtidas ou mais ou menos grosseiras de órgãos. São verdadeiros simulacros. Pode-se observar todos os simulacros, simulacros de dedos, não tendo desse órgão senão a forma geral, sem calor, sem flexibilidade, sem articulações; simulacros de rosto parecendo imagens, de recorte ou de máscaras; tufo de cabelos aderentes a formações indefinidas, etc.

Os simulacros, cuja autenticidade metapsíquica é inegável (e esse ponto é capital), desconcertaram e inquietaram inúmeros observadores. “Dir-se-ia, exclamava Sr. de Fontenay, que uma sorte de gênio malfeitor zomba dos observadores.”

Na realidade, esses simulacros se explicam facilmente. São o produto de uma força

cujo rendimento metapsíquico é medíocre, que dispõe de meios de execução dos mais medíocres ainda e que faz o que ela pode. Ela consegue sucesso raramente, precisamente porque sua atividade, orientada fora de suas vias habituais, não tem a maior segurança do que faz, no ato fisiológico, o treinamento biológico normal.

É preciso notar aliás, para bem compreender o que se passa então, que mesmo a fisiologia normal, às vezes, apresenta também simulacros. Ao lado de formações orgânicas bem vindas, produções fetais são formadas, há falsas camadas, monstruosidades, representações aberrantes. Nada de mais curioso, a esse respeito, que essas neoplasias bizarras, chamadas quistos dermóides, nos quais se encontram cabelos, dentes, órgãos diversos, vísceras e mesmo formações fetais mais ou menos completas.

Como a fisiologia normal, a fisiologia dita supra-normal tem seus produtos bem vindos e seus produtos abortados, suas monstruosidades, suas produções dermóides. O paralelismo está completo. Um fenômeno tão curioso, ao menos, como a aparição de formações materializadas, é seu desaparecimento. Esse desaparecimento é às vezes instantâneo ou quase instantâneo. Em menos de um segundo, a formação cuja presença tinha sido constatada pela visão e o contato, desaparece.

Em outros casos, o desaparecimento se faz gradualmente. Observa-se o retorno da substância original depois da reabsorção da substância no corpo do médium, como ela tinha saído e com as mesmas modalidades. Em outros casos enfim, vê-se o desaparecimento se fazer pouco a pouco, não por retorno à substância, mas por diminuição progressiva dos caracteres sensíveis. A visibilidade da formação diminui lentamente; os contornos do ectoplasma empalidecem, apagando-se e tudo desaparece. Durante todo o tempo que dura o fenômeno de materialização, a formação está em relação fisiológica e psicológica evidente com o médium. A relação fisiológica é às vezes apreciável sob forma de um fino cordão umbilical de substância que liga a forma ao médium e que se pode comparar com umbilical que liga o embrião à mãe. Mesmo quando não se vê o cordão, a relação fisiológica é sempre íntima. Toda impressão recebida pelo ectoplasma se repercute no médium e reciprocamente. A extrema sensibilidade reflexo da formação se confunde estreitamente com a do médium. Tudo prova, em uma palavra, que o ectoplasma, é o médium mesmo, parcialmente exteriorizado. Eu não falo, bem entendido, quanto ao ponto de vista fisiológico, pois não considero, nesse momento, o lado psicológico puro da questão. Tais são os fatos. Resta interpretá-los, se possível. Não se poderia, bem entendido, pretender, em algumas palavras e sem mais tardar, definir o que é a vida! Que nos seja suficiente primeiro e antes de tudo, colocar nitidamente os termos do problema.

2º A unidade de substância orgânica

O primeiro termo é relativo à constituição da matéria viva.

O exame da fisiologia supra-normal confirma nesse ponto de vista o exame aprofundado da fisiologia normal; os dois tendem a estabelecer a concepção da unidade da substância orgânica. Em nossas experiências, vimos, antes de tudo, se exteriorizar do corpo do médium uma substância única, amorfa, de onde derivavam em seguida as diversas formações ideoplásticas. Essa substância única, nós a vimos inúmeras vezes, eu o repito, se organizar sob nossos olhos, se transformar sob nossos olhos. Vimos uma mão sair de uma grande porção de substância; uma massa branca tornar-se um rosto; vimos, em alguns instantes, a representação de uma cabeça, dar lugar à representação de uma mão; pudemos, pelo testemunho concordante da visão e do toque perceber a passagem da substância amorfa inorgânica a uma representação completa em carne e osso, segundo a expressão popular. Vimos essas representações desaparecer, se fundir na substância original depois se refugiar em um instante no corpo do médium. Por isso, na fisiologia supra normal, não há como substratum formações orgânicas diversas, substâncias diversas, substâncias ósseas, musculares, viscerais, nervosas, etc.: há simplesmente substância, a substância única, base, substratum da vida organizada. Na fisiologia normal é exatamente o mesmo; mas isso é menos aparente. É entretanto evidente em certos casos. O mesmo fenômeno, nós temos dito, que se passa na cabine escura das sessões, se passa na crisálida fechada do inseto. A histólise reduz em grande parte seus órgãos e suas partes diversas da forma adulta. É o mesmo fenômeno nas duas fisiologias. A assimilação é legítima e completa.

A essa concepção da unidade da matéria orgânica, não se poderia opor, senão das aparências.

A aparência da fisiologia banal, da experiência diária primeiro; essa aparência não prova nada e nossas observações demonstram precisamente que ela é puramente ilusória. Depois há a aparência físico-química. Ela é toda também enganosa.

Sem dúvida, as análises da substância falham. A impossibilidade moral de fazer sofrer o médium, exteriorizando sua substância, uma amputação que poderia feri-lo gravemente ou matá-lo, nos barrará sempre. Nós ignoramos por isso a constituição exata dessa substância. Pode ela ser decomposta nos diferentes corpos simples que se acham no corpo do ser vivo, carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, ferro, fósforo? Forma ela a unidade atômica absoluta? Nós nada sabemos. Pouco importa. O que é essencial, é que ela realiza a unidade biológica. Conclusão. – Tudo se passa em biologia como se o ser físico fosse essencialmente constituído por uma substância primordial única, cujas formações orgânicas não são senão simples representações.

3º A evidência de um dinamismo superior

O segundo termo está incluso na necessidade de admitir a existência de um dinamismo superior, organizador, centralizador e diretor.

A necessidade dessas noções sobressai de todos nossos conhecimentos fisiológicos.

Temos dito que somente a noção desse dinamismo permite compreender a organização vital, a forma específica, a edificação do organismo, a manutenção da personalidade e as reparações orgânicas. Vimos sobretudo a noção desse dinamismo superior imposto pelo estudo do desenvolvimento embrionário e pós embrionário e especialmente pelo estudo das metamorfoses.

Enfim, vimos definitiva e absolutamente demonstrada pelas desmaterializações e rematerializações do inseto na sua crisálida ou do médium na cabine escura.

Aí, mais dúvidas, mais discussões possíveis: os fatos provam que as moléculas constitutivas do complexus orgânico não têm especificidade absoluta; que sua especificidade relativa lhe vem unicamente do molde dinâmico ou ideal que os condiciona, que do fato da substância visceral, muscular, nervosa, etc. e lhe atribui um forma, uma situação e uma função definidas

Tudo se passa em uma palavra, na fisiologia normal ou supra normal, como se o complexus orgânico fosse edificado, organizado, dirigido e mantido por um dinamismo superior. E está aí o segundo termo do problema biológico.

4º Condicionamento do dinamismo pela idéia

É o terceiro termo, e é o mais importante: o dinamismo diretor obedece ele mesmo a uma idéia diretriz. Essa idéia diretriz se acha em todas as criações biológicas, seja que se trate da constituição normal de um organismo, seja que se trate de uma materialização anormal mais ou menos complexa. Ela revela um objetivo bem definido. A idéia diretriz nem sempre leva plenamente a esse objetivo. O resultado de sua atividade é frequentemente imperfeita; nós a vemos, seja em fisiologia normal, seja em fisiologia supra-normal dar ora produtos bem vindos, ora produtos abortados ou monstruosos; ora mesmo simulacros; mas que ela leve ou não, sempre se encontra a idéia diretriz. Isso é tão evidente, que a palavra certa foi achada, por instinto para assim dizer, para se aplicar aos fenômenos de materialização: é a palavra “ideoplastia” a qual se junta a palavra teleplastia implicando o fenômeno fora mesmo do organismo descentralizado ou desmaterializado.

O que quer dizer a palavra “ideoplastia”? Ela pode significar modelagem pela idéia da matéria viva. A noção da ideoplastia imposta pelos fatos é capital; a idéia não é mais dependência, um produto da matéria. É ao contrário a idéia que modela a matéria, lhe procura sua forma e seus atributos.

Em outros termos, a matéria, a substância única, resulta, em última análise, em um dinamismo superior que a condiciona e esse dinamismo está ele mesmo sob a dependência da Idéia.

Ora, isso é o inverso da fisiologia materialista. Como o diz Flammarion em seu livro admirável, as forças naturais desconhecidas, essas manifestações “confirmam o que nós sabemos, por outro lado, que a explicação puramente mecânica da natureza é insuficiente; e que há no universo outra coisa além da pretendida matéria. Não é a matéria que rege o mundo, é um elemento dinâmico e psíquico.” Sim, as materializações ideoplásticas demonstram que o ser vivo não poderia mais ser considerado como um simples complexus celular que constitui seu corpo, não aparece mais senão como um produto ideoplástico desse dínamo psiquismo. Assim as formações materializadas nas sessões mediúnicas se elevam do mesmo processo biológico que a geração. Elas são nem mais nem menos miraculosas, nem mais nem menos supra normais; ou se se quiser, elas o são igualmente; é o mesmo milagre ideoplástico que forma, dependendo do corpo maternal, as mãos, o rosto, as vísceras, todos os tecidos, o organismo inteiro do feto ou, dependendo do corpo do médium, as mãos, o rosto ou o organismo inteiro de uma materialização.

Essa singular analogia entre a fisiologia normal e fisiologia dita supra-normal se encontra até nos detalhes. Eis os principais detalhes: o ectoplasma é ligado ao médium por um laço alimentador, verdadeiro cordão umbilical, comparável ao que liga o embrião ao organismo maternal. Em certos casos, as formações materializadas se apresentam como no ovo de substância.

O seguinte exemplo de meu caderno de anotações é característico: “sobre os joelhos do médium aparecia uma mancha branca que, muito rapidamente constitui uma massa, redonda, irregular, lembrando uma bola de neve ou de lã branca. Aos nossos olhos a massa se encontra, se divide em duas partes ligadas por uma tira de substância; em uma das partes está incluso um rosto de mulher cujos traços são admiravelmente modelados. Os olhos, especialmente, tem uma expressão de vida intensa. Ao fim de alguns instantes, o fenômeno se apaga, diminui pouco a pouco de visibilidade e desaparece. Eu vi igualmente, inúmeras vezes, uma mão se apresentar, envelopada por uma membrana que parecia traço por traço a membrana placentária.

A impressão, à vista do contato, era perfeitamente a que dá, em um parto difícil, a apresentação da mão, estando a bolsa d'água intacta.

Uma outra analogia com o parto é a da dor. Os gemidos e os esforços do médium em transe lembravam estranhamente os da mulher em parto.

A assimilação que nós propomos entre a fisiologia normal e fisiologia dita supra-normal é por isso legítima, pois ela resulta mesmo do exame dos fatos. Todavia, ela levanta sérias objeções que vamos discutir rapidamente.

Antes de tudo, pode-se contestar, se a fisiologia normal e fisiologia supra-normal são de um mesmo processo biológico, de onde vem sua diversidade aparente? Por

que uma é regular; a outra excepcional, subtraída das contingências habituais, as de tempo, de espaço, de condições gerais, etc.? Responderemos que a fisiologia dita normal é o produto da atividade orgânica tal como o fez a evolução. A idéia diretriz e criadora se determina normalmente em um sentido dado, o sentido da evolução da espécie; se conforma no sentido dessa evolução.

A fisiologia supra normal, ao contrário, é o produto de uma atividade ideoplástica orientada em um sentido divergente, por um esforço anormal da idéia diretriz.

Para explicar essa atividade divergente, fora das contingências habituais, não há necessidade de invocar uma capacidade miraculosa ou supra normal. A lógica científica como a lógica filosófica estão de acordo em recorrer a uma explicação mais simples e mais satisfatória: as capacidades ideoplásticas anormais, todos os poderes de aparência misteriosa sobre a matéria, provam simplesmente isto: as leis que presidem o mundo material não têm o rigor inflexível e absoluto que se acreditava; elas não têm senão um valor relativo. Elas podem por isso ser temporariamente ou acidentalmente modificadas ou suspensas.

5º As modalidades secundárias da fisiologia supranormal

Essas noções sobre o processus e os fatos de materialização estando estabelecidos, nos será doravante fácil, conforme o nosso método, de compreender os fatos menos complexos de fisiologia dita supra normal, fatos ainda inexplicáveis, tanto quanto se quis considerá-los primitiva ou isoladamente.

Os fenômenos de telecinesia ou de movimentos sem contato, são explicáveis pela ação do dinamismo vital exteriorizado e obediente a uma impulsão subconsciente. As experiências de Ochorowcz²⁷ estabeleceram nitidamente a gênese do fenômeno. Elas demonstraram a importância nesse ponto de vista, de materializações elementares e de esboços, de fios de substâncias, de raios rígidos, às vezes visíveis, às vezes invisíveis, saindo dos dedos do médium e servindo de substratum a seu dinamismo exteriorizado.

²⁷ *Anais de ciências psíquicas.*

Os fatos de telecinesia, por serem menos complexos, não são menos importantes que as materializações. Eu não creio dever descrevê-los e oriento o leitor às obras especiais²⁸. Eis, por exemplo, as conclusões que dá Sr. Courtier, de duas dessas experiências.

²⁸ *Ler especialmente o luminoso relatório de Sr. Courtier, sobre as experiências feitas pelo Instituto psicológico, com a médium Eusápia Paladino, em 1905, 1906, 1907, no próprio Instituto, por Srs. D'Arsonval, Gilbert Ballet, Sr. e Sra. Curie, Bergson, Ch. Richet, de Gramont.*

1º « Na quarta sessão de 1905, uma mesa pesando 7 kilos carregada, no meio com uma bandeja, de um peso de 10 Kilos, foi completamente levantada, durante vários

segundos, por duas vezes. Ela foi novamente levantada na sexta sessão, enquanto os pés da mesa, perto do sujet estavam presos...

No momento do levantamento da mesa, Sr. D'Arsonval e Sr. Ballet controlavam absolutamente os pés e os joelhos de Eusápia e nenhum contato foi exercido sobre os pés da mesa... Nós devemos igualmente nos conter nos levantamentos completos das mesas no fim de sessões, enquanto que todo o mundo está de pé, nas condições de controle, cuja estenografia conservou os detalhes circunstanciais e precisos.

As mesas se elevam então a alturas maiores que no curso das sessões, até 0,8m e 1m do solo, estando as mãos e os pés do sujet rigorosamente controlados.”

2º Movimento de avanço e de coice para trás do gueridom (mesinha pequena com um só pé): “Esse gueridom avança e recua repentinamente para trás... assim que ele avança em direção a ela, pode-se imaginar que malgrado as mais severas precauções para evitar a fraude, ela usa de um fio qualquer bastante fino para permanecer invisível e que ela atrai o móvel por esse meio... Mas como explicar o recuo do gueridom? Supomos que um dos controladores tome o lugar de Eusápia e aja pelos meios ordinários. Não se imagina senão um procedimento: seria manter em mão uma vara rígida qualquer e repelir o objeto facilmente com essa vara. Mas uma vara rígida, se for muito fina, não poderia, como um fio, escapar à vista dos observadores atentos ao fenômeno. Não poderia ser esta a questão, bem entendido, de um recuo obtido pela flexão de um fio sobre uma roldana ou alguma asperidade de uma muralha, mecanismo que precisaria estar instalado.

O aparelho registrado era, bem entendido, absolutamente passivo, e, por outro lado, toda hipótese de alucinação coletiva deve ser descartada, já que os deslocamentos do móvel marcavam automaticamente seu traço sobre o cilindro de Marey. Notemos enfim, que não se trata aqui de fenômeno de atração ou de repulsão análogas aos dos ímãs, sempre bruscos e de direção invariável. O gueridom é transportado com uma lentidão relativa; suas trajetórias são curvilíneas, complicadas. Ele evita obstáculos para atingir o termo de seu curso.”

Se eu citei essas observações de sábios experimentadores do Instituto psicológico, não é por causa de sua importância, que é fraca em presença da extrema variedade e da complexidade da telecinesia: é unicamente a título de exemplo inegável e irrefutável.

Os fenômenos de estigmatização, de modificações trópica cutâneas por sugestão ou auto-sugestão não são senão fenômenos elementares de ideoplastia, infinitamente mais simples, embora de mesma ordem que os fenômenos de materialização.

As curas ditas miraculosas são o fruto da mesma ideoplastia, orientada, por sugestão ou auto sugestão, em um sentido favorável às reparações orgânicas e concentrando por um tempo, no começo, toda a potência do dinamismo vital. É preciso observar que a força ideoplástica subconsciente reparadora é muito mais ativa nos animais inferiores que no homem; sem dúvida porque neste último, a

função cerebral monopoliza e desvia em seu proveito a maior parte da potencia vital. Não há milagre, no retorno accidental à organização humana das ações dinâmicas e ideoplásticas que são a regra abaixo de escala animal. Os fenômenos de mimetismo, tão freqüentes igualmente na animalidade e tão misteriosos em seu mecanismo, podem também se explicar pela ideoplastia subconsciente. O instinto provocaria simplesmente a ideoplastia num sentido favorável, e os efeitos dessa última seriam logo facilitados e fixados pelos fatores de seleção e de adaptação²⁹.

²⁹ *Ver, a esse propósito, os Milagres da vontade, de E. Duchatel e Warcollier*

Podemos resumir de uma maneira impressionante, no quadro após a nova concepção colocada em face da concepção clássica.

6º As concepções fisiológicas do indivíduo – Resumo

Concepção clássica

O organismo é um simples complexus celular. O dinamismo vital não é senão a resultante sintética dos processos biológicos e do funcionamento fisiológico.

Fenômeno vital primordial: mistério.

Forma específica: mistério

Formação do organismo: mistério.

Manutenção do organismo: hipóteses vagas e insuficientes.

Separação do organismo: mistério.

Desenvolvimento embrionário: mistério.

Desenvolvimento pós embrionário: mistério.

Metamorfozes: mistério.

Histólise do inseto: mistério.

Manifestações sensoriais fora dos órgãos dos sentidos: mistério.

Manifestações motrizes fora dos músculos: mistério.

Manifestações ideoplásticas: mistério.

Materializações: mistério.

Concepção nova

O complexus orgânico, seu funcionamento fisiológico e todos os processos vitais são condicionados por um dinamismo superior.

Todos esses fenômenos se explicam facilmente pela ação do dinamismo superior, ação geradora, diretora, centralizadora, conservadora e reparadora.

A noção concreta desse dinamismo deve ser substituída pela noção abstrata da idéia diretora.

Esses fenômenos se explicam pela ação extra-orgânica do dinamismo vital.

O dinamismo condiciona o organismo em lugar de ser condicionado por ele. Ele

pode por isso se separar de si mesmo e desorganizá-lo parcialmente para reorganizá-lo em formas, representações diferentes e distintas.

Vê-se, o mistério que reina sobre toda a fisiologia nos parece alguma coisa pouco esclarecida. A tríplice noção, se deduz natural e logicamente dos fatos: a da unidade de substância, do dinamismo organizador e do condicionamento desse dinamismo pela idéia nos fez dar um passo decisivo na marcha para a verdade. Mas que desconhecidos ainda a desembaraçar! Qual é a origem, o fim, a natureza exata do dinamismo-psi-quismo organizador, centralizador e diretor do complexus celular? Como esse dinamismo-psi-quismo misterioso se acha em potencial num óvulo fecundado, o tronco ou o rebento do qual vai surgir um novo ser? Quais em uma palavra, suas relações exatas com todos os processos vitais?

Temos falado do poder ideoplástico. Mas, esse poder, qual é o certo? A idéia diretora, as capacidades ideoplásticas que se revelam em fisiologia normal ou supra-normal não dependendo da consciência, na qual temos o hábito de resumir, de localizar todo nosso “eu”. Elas surgem das profundezas de um Inconsciente misterioso e impenetrável. A vontade consciente e diretora do ser não tem ação sobre as grandes funções orgânicas e não intervém nas materializações ideoplásticas. Estas, produtos às dependências da substância do ser, parecem entretanto, às vezes, senão sempre, ser formadas ou dirigidas fora de si, por entidades distintas de si. Por isso, dir-se-á, falar de ideoplastia, de modelagem da matéria pela idéia, de dinamismo-psi-quismo subconsciente organizador, é simplesmente recusar o mistério, é não suprimi-lo.

O enigma, quanto mais distante mais insolúvel é.

Insolúvel, nulo.

O que é verdadeiro, ainda uma vez, é que a partir de dados elementares, quer sejam essenciais, que temos feito sobressair de nossa demonstração, o problema biológico se complica formidavelmente.

Não embaraça mais somente a fisiologia, mas a psicologia, todas as ciências naturais e a filosofia.

Em uma palavra, não se trata mais somente da vida, mas da constituição e da evolução do universo e do indivíduo.

Antes de completar a capítulo da fisiologia, devemos por isso nos submeter a uma nova aplicação, mais vasta ainda, de nosso método sintético. Interroguemos a psicologia, depois à filosofia: as respostas parciais que nos faltam ainda nos serão dadas pela resposta geral ao grande enigma, objetivo de nosso trabalho.

Capítulo III

A individualidade psicológica

Acabamos de estabelecer a falência da concepção clássica da individualidade fisiológica. Iremos demonstrar agora a falência da concepção clássica da individualidade psicológica.

Esta última é baseada em duas noções principais:

A noção do eu síntese de estados de consciência.

A noção da dependência estreita de tudo o que constitui o Ser pensante no funcionamento dos centros nervosos.

Examinemos sucessivamente essas duas proposições essenciais:

1º O eu considerado como síntese de estados de consciência

Eis aqui, seguindo a concepção fisiológica que pedimos emprestada ao Sr. Dastre, a concepção psicológica que pedimos emprestada ao Sr. Ribot³⁰: “São o organismo e o cérebro, sua representação suprema, que é a personalidade real, contendo em si os restos do que nós fomos e as possibilidades do que nós seremos. O caráter individual está todo aí inscrito com suas atitudes ativas e passivas, suas simpatias e suas antipatias, seu gênio, seu talento ou sua burrice, suas virtudes e seus vícios, seu torpor ou sua atividade. O que emerge até à consciência é pouco em relação ao preço do que resta sepultado embora agindo. A personalidade consciente não é jamais senão uma fraca parte da personalidade psíquica.

³⁰ Ribot: *As doenças da personalidade*.

“A unidade do eu não é por isso a da entidade uma das espiritualistas que se espalha em fenômenos múltiplos, mas a coordenação de um certo número de estados sem cessar renascentes, tendo por único ponto de apoio o sentimento vago de nosso corpo. Essa unidade não vai de alto a baixo, mas de baixo para o alto; ela não é um ponto inicial, mas um ponto terminal..

O eu é uma coordenação. Ele oscila entre esses dois pontos extremos onde ele cessa de ser: a unidade pura, a descoordenação absoluta.

A última palavra de tudo isto, é que o consenso da consciência estando subordinado ao consenso orgânico, o problema da unidade do eu é, sob sua forma ínfima, um problema biológico. Cabe à biologia explicar, se ela puder, a gênese dos organismos e a solidariedade de suas partes. A interpretação psicológica não pode senão segui-la.”

Le Dantec chega às mesmas conclusões³¹. A consciência individual, segundo ele, não é senão a soma de todas as consciências dos neurônios, de sorte que “nosso eu será determinado pelo número, a natureza, a disposição, as conexões recíprocas de

todos os elementos de nosso sistema nervoso.”

³¹ *Le Dantec: O determinismo biológico e a personalidade consciente. – A individualidade. – Nova teoria da vida.*

Assim, para a psicologia clássica contemporânea, o eu consciente não tem unidade essencial: é uma simples coordenação de estados, do mesmo modo que o organismo ao qual ele está ligado não é senão uma coordenação polizóica. As objeções que se impõem a essa concepção são as mesmas que se impõem à concepção fisiológica do indivíduo. Elas não levam em conta a necessidade de um princípio diretor e centralizador, criando o eu e mantendo sua permanência.

Le Dantec explica assim a permanência do eu: “A consciência individual, diz ele, não é invariável; ela se modificará de uma maneira lenta e contínua com as mudanças incessantes que produzirá em nosso organismo a assimilação funcional acompanhando todas as operações que nós executamos; é o que constituirá a variação de nossa personalidade; mas, devido à lei da assimilação e da coesão particular das substâncias plásticas, haverá continuidade no tempo entre as diversas personalidades sucessivas; é por isso que o eu psicológico acompanha o indivíduo fisiológico desde seu nascimento até sua morte, através de suas modificações incessantes.”

A concepção do eu síntese de elementos é, com as diversas modalidades, a da maioria dos psico-fisiologistas contemporâneos, por reação contra as antigas hipóteses vitalistas ou espiritualistas.

Todos seus esforços tendem a fazer concordar, de bom grado, mal grado, essa concepção com a noção experimental da unidade do eu. Hoeffding³², Paulhan³³, Wundt³⁴, e outros ainda, rivalizaram entre si a sutileza nessa tarefa impossível. Eles vão, às vezes, superar a dificuldade, até de recorrer a verdadeiras entidades psicometapsíquicas.

³² *Hoeffding: Esboço de uma psicologia fundada na experiência.*

³³ *Paulhan: A Atividade mental.*

³⁴ *Wundt: Fisiológica Psicologia.*

Claude Bernard tinha invocado, em fisiologia, a idéia diretora.

Wundt, em psicologia, atribui o papel unitário ao que ele chama a “apercepção”.

Essas sutilezas ou essas “provas de força”, na realidade, não propiciam à questão dar um passo à frente: “ Sob qualquer ponto de vista que se coloque, como o diz Boutroux, a multiplicidade não contém a razão da unidade³⁵. ”

³⁵ *Boutroux: Da contingência das leis da natureza.*

É mesmo a evidência e o momento que acabou de tirar, desse aforismo, suas conseqüências lógicas. Para ela, importa, antes de tudo, de nos libertarmos das abstrações, das idéias preconcebidas, das vãs querelas de escolas e de etiquetas.

A questão é muito simples; ela não sofre equívoco: sim ou não o eu é simplesmente síntese de elementos?

Sim ou não, essa síntese não é senão a soma de consciência dos neurônios e é ligada estreita e exclusivamente ao funcionamento dos centros nervosos?

É o que vamos examinar à luz de todos os fatos psicológicos.

2º O eu considerado como produto do funcionamento dos centros nervosos

A concepção clássica era baseada, sabe-se, na velha noção do paralelismo psicofisiológico cujas provas era as seguintes:

- O desenvolvimento da inteligência consciente acompanha o desenvolvimento do organismo e sua diminuição progressiva concorda mais tarde com a decrepitude senil;

- A atividade psicológica é proporcional à atividade dos centros nervosos;

- A atividade psicológica desaparece pelo repouso dos centros nervosos no sono ou pela inação dos centros nervosos na síncope;

- A atividade psicológica exige o funcionamento normal dos centros nervosos; as lesões atingindo esses centros, infecções ou intoxicações muito graves sobre o cérebro perturbam, restringem ou suprimem a atividade psíquica:

- Essa atividade psíquica está estreitamente condicionada pela extensão das capacidades orgânicas. Ela não é estritamente inseparável. Os elementos que utiliza a inteligência lhe vêm dos sentidos; “nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu.” O alcance dos sentidos limita assim o alcance da inteligência consciente.

- Todas as faculdades psicológicas, enfim, dependem de localizações cerebrais precisas e nítidas. A destruição de um desses centros suprime a faculdade correspondente.

Tal é o ensinamento clássico sobre o paralelismo psicofisiológico, ensinamento tão antigo considerado como indiscutível e aliás geralmente indiscutido. Entretanto, em nossos dias, sérias dificuldades se impõem à atenção..

3º Fatos da psicologia normal em contradição com a tese do paralelismo

Antes de tudo, o paralelismo, analisado à luz de fatos novos, não parece tão estreito como se pensava: as tentativas de localizações cerebrais, que davam de si belas promessas, levaram a um semi-fracasso, senão a um fracasso completo. Os trabalhos de Pierre-Marie, a tese de Moutier provaram que mesmo a localização melhor estabelecida, a do pé da terceira frontal esquerda, não é a localização estreita da linguagem. A linguagem, como todas as funções, exige a ação sinérgica de vários centros.

Certos casos anátomo-patológicos provaram que a privação de porções verdadeiramente enormes do cérebro, nas regiões em que se acreditavam precisamente essenciais, podem não ser seguidas de nenhuma perturbação psíquica

grave e de nenhuma restrição da personalidade.

Eis aqui o levantamento dos principais casos, que tomo emprestado aos “Anais de Ciências psíquicas” e janeiro 1917³⁶.

³⁶ *Resumo de Sr. M. de Vesme.*

“O Sr. Edmond Perrier apresentou à Academia francesa de Ciências, na sessão de 22 de dezembro 1913, uma observação do Doutor R. Robinson, concernente a um homem que viveu um ano, quase sem sofrimento, sem nenhuma perturbação mental aparente, com um cérebro reduzido ao estado de papa e não formando senão um vasto abscesso purulento.

Em julho de 1914, o doutor Hallopeau trouxe à Sociedade de cirurgia o relato de uma operação a que foi submetida, no hospital Necker, uma jovem menina que tombara de um vagão do Metrô. Na trepanação, constata-se que uma notável proporção de matéria cerebral reduziu-se literalmente em papa.

Limpa-se, drena-se, fecha-se novamente e a doente sara perfeitamente.

Agora, eis o que publicaram os jornais parisienses a propósito de sessão da Academia de Ciências, em Paris, 24 de março de 1917:

A ablação parcial do cérebro. – Como conseqüência a suas comunicações anteriores sobre essa intervenção, que vai ao encontro das idéias geralmente professadas até aqui, o doutor A. Guépin, de Paris, dirige à Academia uma nova contribuição ao estudo dessa questão. Ele menciona que seu primeiro operado, o soldado Louis R., hoje jardineiro perto de Paris, malgrado a perda de uma enorme parte de seu hemisfério cerebral esquerdo (substância cortical, substância branca, núcleos centrais, etc.) continua a se desenvolver intelectualmente como um sujeito normal, a despeito das lesões e o raptos de circunvoluções consideradas como sedes de funções essenciais. Dessa observação típica e de outras nove análogas do mesmo autor que conhecia a Academia de Ciências, o doutor Guépin estima que se pode concluir hoje sem temeridade:

1º Que a amputação parcial do cérebro no homem é possível, relativamente fácil e salvo certos feridos, que os tratados clássicos pareciam condenar ainda a uma morte certa, ou pelo menos a enfermidades incuráveis;

2º Que esses operados pareciam às vezes não se ressentir em nada de ter perdido tal ou tal região cerebral.

Esse trabalho é enviado a exame do doutor Laveran, encarregado de estudá-lo em um relatório.

Essa questão é evidentemente de tal importância, do ponto de vista de nossos estudos e do ponto de vista “humano” em geral, que acreditamos útil traduzir e reproduzir aqui uma passagem de um discurso pronunciado em 7 de agosto de 1916 pelo doutor Augustin Iturricha, presidente da Sociedade Antropológica de Sucre (capital da Bolívia), durante uma sessão dessa Sociedade:

Mas eis aqui fatos mais surpreendentes ainda recolhidos na clínica do doutor

Nicolas Ortiz, e que o doutor Domingo Guzman teve a amabilidade de me comunicar. A fonte dessas observações não pode ser suspeita, ela emana de duas altas personalidades de nosso mundo científico, de dois verdadeiros sábios:

O primeiro caso se relaciona a um menino de 12 a 14 anos, falecido em pleno uso de suas faculdades intelectuais, malgrado que sua massa encefálica tivesse completamente solta do bulbo, nas condições de um homem realmente decapitado. Bem grande deve ter sido a estupefação dos clínicos encontrando, no momento da autópsia, quando se abriu a cavidade craniana, as meninges hiperemiées e um grande abscesso ocupando quase todo o cerebelo, uma parte do cérebro e a protuberância; sabia-se entretanto, que esse homem, alguns instantes antes pensava com vigor. Eles devem forçosamente se perguntar: “Como isso é possível?” O menino reclamava de uma cefaléia violenta, sua temperatura não descia abaixo de 39°; os únicos sintomas dominantes consistiam em uma dilatação das pupilas, fotofobia e uma grande hiperestesia cutânea. Diagnóstico: meningoencefalite.

“O segundo caso não é menos raro. Ele é oferecido por um indígena de 45 anos de idade, tendo sofrido de uma contusão cerebral ao nível da circunvolução de Broca, com fratura dos ossos temporal e parietal esquerdos. A observação do paciente tinha revelado: elevação da temperatura, afasia e hemiplegia direita. O diretor e os outros médicos da clínica empreenderam com ele uma interessante experiência de reeducação da linguagem: eles conseguiram fazê-lo pronunciar de oito a dez palavras, perfeitamente compreensíveis e conscientes.

Infelizmente a experiência não pôde continuar porque o doente após vinte dias, foi tomado de uma forte elevação de temperatura, de uma cefaléia intensa seguida de delírio e de coma; ele expirou trinta horas após. Durante a autópsia, encontrou-se um grande abscesso ocupando quase todo o hemisfério cerebral esquerdo. Aí também se pode perguntar: “Como esse homem pensava? Que órgão lhe servia para pensar, após a destruição da região que, no dizer dos fisiologistas, e a sede da inteligência?”

Um terceiro caso da mesma clínica é apresentado por jovem agricultor de 18 anos: a autópsia mostrou três abscessos da grossura de uma tangerina, ocupando cada um a parte posterior dos dois hemisférios cerebrais e uma parte do cerebelo, com comunicações recíprocas. Malgrado isso, o doente pensava como os outros homens, de tal forma que um belo dia ele pede e obtém licença para ir se ocupar de seus pequenos afazeres. Ele morreu ao voltar ao hospital.”

O paralelismo psicofisiológico é então perfeitamente relativo.

Isso não é tudo. Bem outras objeções são dirigidas ainda contra a concepção clássica, sem mesmo sair do domínio da psicologia ordinária e banal.

Em seu livro “O Inconsciente”, VM. Dwelshauvers resumiu claramente as principais dessas objeções.

Primeiro: as localizações são estritamente e unicamente anatômicas.

“A aposta das células cerebrais dos centros localizados supõe uma excitação

previsível, e essa excitação previsível provém de um ato psicofisiológico que, neste, não pode ser localizado. Não há localizações psicofisiológicas. As localizações são uma alta fantasia. E se é impossível localizar a menor das sensações, é muito mais ainda designar um endereço determinado da casca cerebral a que se denominava outrora de faculdades: abstração, vontade, sentimento, imaginação, memória.”

Por isso as hipóteses materialistas que faziam do pensamento uma secreção do cérebro e queriam determinar centros para as faculdades mentais estão erradas: “Não há centros especiais presidindo um a abstração, outro as emoções, um terceiro a memória, um outro a imaginação. Essa mitologia cerebral foi abandonada; nossa atividade espiritual não obedece a divindades locais, erigidas por sábios crédulos nos diferentes cantos de seus esquemas cerebrais!”

Ademais, parece realmente impossível “explicar a atividade mental pela atividade cerebral e reduzir uma à outra.” Com efeito. Cada vez que o indivíduo pensante não se limita a repetir, mas que adquire alguma coisa de novo, ele ultrapassa os mecanismos fixados nele...o esforço vai para além do que foi adquirido; ele forma a síntese da aquisição e de impressões novas; ele exige da parte do indivíduo um acréscimo de atividade. O mecanismo cerebral permanece atrás da inteligência... Há nessa atividade que é verdadeiramente progressiva e caracteriza o esforço humano, uma síntese que renova e não uma repetição do adquirido. Nos animais também se constata esse esforço que é próprio da vida mental, quando, tomadas em condições anormais, eles modificam seus hábitos e se adaptam a circunstâncias incomuns...

Assim então, o paralelismo não é severo entre a série biológica e a série psicológica; desta aflora a primeira.”

Enfim, último argumento importante: “A educação, desde as sensações até às combinações de idéias, tem para condições anatômicas e fisiológicas a associação de numerosos elementos dos quais nenhum em si é, propriamente falando, psicológico; são com efeito, movimentos muito complexos. A atividade psicológica aparece com relação a eles como uma síntese, e essa síntese é diferente dos elementos que a compõem, ela não é outra coisa senão esses elementos.” Os argumentos que acabamos de passar em revista faz tremer, vê-se, a velha concepção clássica do paralelismo psicofisiológico absoluto. Eles vibram sem mesmo sair do domínio da psicologia corrente, banal, a qual, diz-se hoje, não é senão uma parte, a menos importante, do psiquismo individual. Ressaltamos as dificuldades da teoria clássica conformando-nos a seu método nos estabilizamos na análise de fatos elementares. Agora vamos ver o que dará o método oposto, o que nós adotamos; vamos considerar o que há de mais complexo e de mais elevado no ser psicológico, isto é, seu psiquismo subconsciente.

Capítulo IV

A psicologia subconsciente

1º A criptopsique

“O subconsciente, diz-se, é menos um problema psicológico do que o problema da psicologia!”

Palavra profundamente verdadeira: todo estudo, toda teoria, toda concepção filosófica recusando-se a dar ao inconsciente sua parte legítima, que é a parte preponderante, é falseada antes em sua essência e em seus ensinamentos. Ela vê imediatamente os fatos se dirigirem contra ela e a submergir.

A importância da psicologia subconsciente não se impõe senão em nossos dias à crítica científica.

Inteiramente desconhecida por ela, até o século XIX, depois considerado primeiro unicamente como fato de anomalias, acidentes ou doenças, ela se afirma progressivamente e daqui em diante toda nova pesquisa, toda nova descoberta aumentam seu domínio e sua profundidade.

Vê-se forçada a atribuir ao Inconsciente um papel primordial no instinto, na psicologia inata, no psiquismo latente, no gênio.

Com os trabalhos contemporâneos, o psiquismo subconsciente aparece, cada vez mais, infinitamente complexo e variado. Seu papel sobressai nitidamente preponderante em todos os domínios da vida intelectual, e afetiva.

A tese bem conhecida do doutor Chabaneix “o Subconsciente nos artistas, nos sábios e nos escritores” dá um certo número de exemplos particularmente impressionante. Mas na realidade, os exemplos são inumeráveis. Pode-se dizer que ele não é de artista, de sábio ou de escritor de valor que não conheça, por sua experiência pessoal, por pouco que seja apto à auto observação, a importância sem igual do subconsciente³⁷.

³⁷ *Creio supérfluo citar exemplos bem conhecidos. Consultar além disso a Tese de Chabaneix, O Inconsciente, do Sr. Dwelshauvers e geralmente todos os trabalhos sobre a psicologia subconsciente.*

A influência subconsciente é às vezes soberana e imperativa. Ela constitui então “a Inspiração”.

Sob sua influência, o artista ou o sábio produz sua obra, às vezes uma obra-prima, um jato, sem reflexão e sem raciocínio; bem freqüente fora de toda direção desejada e coordenada, sempre sem esforço. A inspiração subconsciente se faz às vezes sentir durante o sono, sob forma de sonhos coordenados e lúcidos.

Em outros casos, mais numerosos, há como uma colaboração entre o consciente e o inconsciente. A obra é “iniciada” por um ato de vontade e feita ao mesmo tempo de

esforços refletidos e de inspiração espontânea e perfeitamente involuntário.

Essa colaboração conduz às vezes a resultados diferentes dos resultados primitivamente pesquisados.

É extremamente raro que um grande artista ou escritor tenha antecipadamente o plano de uma obra e permaneça fiel; começa sua obra pelo começo e a termina pelo fim: compõe regular e lentamente, como um pedreiro, por exemplo, edifica uma casa.

O trabalho do grande artista é irregular; o plano que ele tinha primitivamente concebido sofre, no curso da obra, modificações profundas, e às vezes completas. Os esboços não procedem uns dos outros, com regularidade, do começo ao fim da obra. Eles se alternam ao grau da inspiração do momento. O artista não é mestre com efeito, de sua inspiração. Às vezes ela é ausente: se o se obstina, malgrado todos seus esforços, ele não chegará senão a uma tarefa medíocre, que ele julgará em seguida como inferior e ruim.

Se ele for sensato e não insistir, verá, um dia, a tarefa abandonada terminar como por encanto, pois o trabalho inconsciente prossegue durante o repouso e sobretudo durante o repouso.

O artista sente perfeitamente se está inspirado ou não. No primeiro caso, trabalho é fácil, quase sem obstáculos, acompanhado de uma profunda satisfação, às vezes de encantamento. No segundo caso, fadiga não somente intelectual, mas verdadeiramente psíquica; paradas perpétuas; labor fastidioso e doloroso acompanhado de uma impressão de impotência e desânimo.

A inspiração não vem do esforço, ao contrário; ela vem às vezes no momento quando se espera o menos, sobretudo fora dos períodos de trabalho de reflexão, quando o espírito está distraído.

Escritores ou artistas têm sempre com eles um caderno para anotar, a toda hora em toda circunstância, o que lhe soprará o capricho da inspiração alguns versos se é um poeta; um postulado filosófico se é um pensador; a solução de um problema difícil se é um sábio; um período bem feito se é um literato, etc., etc.

Assim, espreitam eles, sempre e em todo lugar, prontos para acolhê-la, a inspiração benéfica: em seu gabinete de trabalho ou dando um passeio; no isolamento ou na multidão; em sua cama de repouso; no trem que o leva em viagem; na viatura que os conduz a seus afazeres; no seio de uma reunião mundana onde eles se isolam; no curso de uma conversação banal que eles não escutam e à qual eles se associam somente por monossílabos; às vezes em sonho consciente.

Nos casos mais notáveis da colaboração consciente do subconsciente, parece que a obra iniciada conscientemente se elabora toda inteiramente pouco a pouco na subconsciência, com o plano definitivo, os diferentes escaninhos e todos os detalhes. Mas esses diferentes escaninhos e todos os detalhes não chegam à consciência senão pouco a pouco e não em uma ordem seguidamente regular. Somente quando a obra

está bastante avançada, que o plano e a ordem de disposição das partes se revelam pouco a pouco. Há como um jogo de quebra-cabeças subconsciente e o artista ou escritor (pois é sobretudo a escritores que se refere) deve fazer esforço para achar onde vão se colocar as páginas ou as frases inspiradas.

Quando a obra está terminada, ela se encontra totalmente diferente do esboço inicial; mas dá uma impressão de beleza e de arranjo que parece ao artista superior a suas próprias capacidades. Ela lhe deixa a impressão de ser em parte estranha e ele a admira objetivamente, como admiraria uma obra que fosse sua.

Há aliás todos os degraus, todas as modalidades possíveis na colaboração consciente subconsciente. Certos artistas ou sábios, em geral (mas nem sempre) de valor medíocre, não a percebem. Eles crêem sinceramente que tudo o que eles produzem é o resultado de seu esforço. Outros a percebem mais ou menos e a utilizam sem analisá-la. Outros enfim a compreendem se bem que a empregam sistematicamente, limitam racionalmente seus esforços e chegam a sentir muito bem, trabalhando, se estão ou não no bom caminho, largo, fácil, bem desbravado, ou se eles se extraviam sem proveito nas sendas de vegetação fechada e perdidos.

A inspiração, todavia, salvo em casos muito raros, não dispensa o esforço. Ela torna simplesmente o esforço fecundo e o reduz ao mínimo. O esforço, ao contrário, não pode privar-se da inspiração. A colaboração do esforço consciente e da inspiração subconsciente produz as obras-primas mais perfeitas.

Sem o esforço racional e o controle consciente, a inspiração, mesmo genial, tem o risco de se extraviar. Uma obra magnífica, mas anárquica e exuberante, sem proporções, deteriorada por erros, falhas ou desvios pode ser o resultado da inspiração desordenada e sem guia.

Do mesmo modo que uma floresta virgem apresenta folhagens magníficas, se separam sobre o céu e, ao mesmo tempo, matagais, obscuros, impenetráveis e de vegetações parasitas sufocadas ou abortadas; assim uma obra poderosa mas cuja beleza genial desaparece às vezes sob as aberrações e os erros grosseiros, seria o fruto de uma inspiração criativa subtraída à direção de uma consciência robusta e saudável.

Ao lado da inspiração, é preciso colocar a Intuição, como ela subconsciente e como ela toda poderosa, na condição de sofrer, em uma justa medida, o controle do julgamento racional.

Os dados da intuição são adquiridos fora dos fatos, da experiência, da reflexão, e ultrapassam esses fatos, essa experiência e essa reflexão. A intuição é a essência mesmo da subconsciência. Esboçada no animal onde ela se manifesta sob forma de instinto, ela adquire, no homem, os caracteres de faculdade superior genial.

O inconsciente não se revela somente pela inspiração ou a intuição, mas também por uma intrusão perpétua, de ordem sentimental, estética, religiosa, etc..

As decisões inesperadas, as mudanças bruscas de opiniões, uma multidão de

sentimentos não racionais, são em grande parte de origem subconsciente ou o fato de uma elaboração subconsciente.

Quem sabe mesmo se certas idéias que nos parecem perfeitamente refletidas não são como as florações de uma vegetação subconsciente invisível?

Enfim, todo o fundo de nosso ser o que constitui o principal do eu, as capacidades inatas, as disposições boas ou más, o caráter, o que separa essencialmente uma inteligência de uma outra inteligência, não é o produto de um esforço pessoal ou da educação ou dos exemplos do ambiente.

Esforços, educação, exemplos podem desenvolver o que há no Ser de inato e de essencial; eles não podem criá-los. O fundo inato e essencial é o subconsciente, cuja atividade constitui a criptopsique formidável que acabamos de passar em revista.

2º A criptomnésia

Ao lado da criptopsique se coloca naturalmente a criptomnésia, isto é, a memória subconsciente.

Com efeito, o subconsciente não traz somente ao Ser o que ele tem de psiquicamente essencial; ele conserva também e recebe tudo o que o Ser, no curso da vida, parece ter adquirido por seu psiquismo consciente.

Para ele, não há esquecimento. Ele guarda tudo, integralmente.

A criptomnésia se observa na psicologia normal como na psicologia anormal; mas é naturalmente nesta última que ela é mais notável.

Flournoy³⁸ é talvez o psicólogo que melhor estudou a criptomnésia. Os fatos de repartição de lembranças esquecidas, que o sujet tem sem razão para alguma coisa de novo e de inédito, são, diz ele, muito mais freqüentes do que se crê. “Os simples mortais, como os maiores gênios, são expostos a esses lapsos de memória, entretanto não sobre o conteúdo mnésico em si mesmo, já que precisamente o conteúdo volta com uma exatidão às vezes desoladora e traidora, mas sobre essas associações locais e temporais (ou sobre seu caráter de “*déjà vu*”) que teriam feito reconhecer para o que ele está e teriam impedido o sujet de se aparamentar inocentemente de plumas de pavão.

³⁸ *Flournoy: Espíritos e médiuns.*

Tem-se assinalado Helène Keller, a célebre cega surda muda, que, tendo aos onze anos composto seu famoso conto do Rei do Gelo, se viu injusta e cruelmente acusada de falsidade porque esse conto apresentava a maior analogia com uma história que tinham lido para ela três anos antes. Descobriu-se nisso Nietzsche, cujo “Zaratustra” encerra pequenos detalhes provendo sem que se dê conta de uma obra de Kerner que o filósofo tinha estudado na idade de 12 ou 15 anos.

Mas é naturalmente entre os indivíduos particularmente pré-dispostos aos fenômenos de dissociação mental e de duplicidade da personalidade que a

criptomnésia atinge seu apogeu.”

Um exemplo clássico da criptomnésia na psicologia normal é o aviso instantâneo de lembranças latentes, durante uma violenta reviravolta psicológica tal como a que pode produzir um perigo brusco de morte acidental: tem-se citado casos onde o indivíduo teria assim visto desfilar diante de seu espírito todos os acontecimentos de sua vida, todos os atos e todos seus pensamentos, mesmo os mais insignificantes e os mais apagados de sua consciência.

A criptomnésia pode se manifestar no sonho.

O caso clássico de Delboeuf³⁹ é perfeitamente característico a esse respeito; em um sonho complicado, ele viu entre outras coisas, uma planta com seu nome botânico, o *aspenium ruta muraria*. Ora, Delboeuf ignorava totalmente esse nome ou pelo menos acreditava ignorá-lo. Ele terminou, após longas pesquisas, por achar que tinha folheado distraidamente, dois anos antes, um álbum de botânica e que tinha seguramente visto aí esse nome de planta e a planta em si mesma, nos quais não tinha jamais pensado desde então.

³⁹ Citado por Sr. *Dwelshauvers*.

Na hipótese e os estados conexos, a criptomnésia se manifesta às vezes com uma intensidade notável.

Se o sujet é transportado, espontaneamente ou por sugestão, a uma época recuada de sua vida, todas as lembranças esquecidas reaparecem e o psiquismo manifestado é exatamente o de que o sujet tinha naquela idade. As experiências de Janet e as mais recentes de de Rochas sobre a regressão da memória coloca o fato em evidência.

Às vezes o sujet, nesse estado de regressão a uma idade anterior, dá prova de conhecimentos completos totalmente esquecidos, por exemplo o de uma língua aprendida na infância. Pitres⁴⁰ cita o caso de uma doente, Albertine M. que empregava assim o patoá de Saintonge, de que ela tinha falado somente em sua infância. Durante esse delírio de regressão, diz Pitres, “ela se exprimia em patoá, e se nós lhe rogássemos a falar em francês, ela respondia invariavelmente e sempre em patoá que ela não conhecia a língua dos senhores da vila”.

⁴⁰ Pitres: *A histeria e o hipnotismo*.

Conhecia-se o caso famoso do sujet de Flournoy, que, em um estado de sonambulismo mediúnico, falava em sânscrito, língua que ele ignorava totalmente, não tinha jamais aprendido e da qual malgrado todas suas pesquisas, Flournoy não pôde descobrir a fonte⁴¹.

⁴¹ Flournoy: *Das Índias ao planeta Marte*.

É no mediunismo, com efeito, que a criptomnésia se manifesta em todo seu esplendor.

Ela seria então a fonte insuspeita de mensagens espantosas;

Sr. Flournoy cita com efeito uma multidão de fatos que ele atribui todos à criptomnésia: médiuns descrevendo a biografia de personagens desconhecidas deles

mas que eles puderam conhecer, sem que se dê conta, por uma vista d'olhos esquecido sobre um jornal que tinha dado essa biografia; médiuns falando fragmentos de uma língua ignorada, deles, simplesmente porque esses fragmentos de frase lhes foram conhecido um dia e esquecidos, tombados sob seus olhos, etc., etc.

“Em suma, conclui Flournoy, o conteúdo mnésico, qualquer que seja aliás a via pela qual ele entrou, leitura, conversação, etc., sobressai em automatismos sensoriais (visões, voz, etc.) ou motores (ditados tiptológicos, escrita mecânica) ou totais (trances, encarnações, personificações sonambúlicas).

Essa diversidade, sem precisar ser dito, complica ainda de exageros, cuja fantasia do médium cerca frequentemente de fragmentos propriamente criptomnésicos”.

Entre os exemplos dados por Flournoy, alguns deles são particularmente notáveis:

Caso Elisa Wood: Sra. Elisa Wood, viúva há uma semana, recebe a visita de uma amiga, Sra. Darel, (o escritor genovês bem conhecido) que possuía então notáveis faculdades mediúnicas. Sra. Darel lhe trazia “da parte do defunto a mensagem seguinte obtida em sua mesa: “diga a Elisa que ela se lembre da segunda-feira de Páscoa.”

“Era uma alusão impressionante a um fato conhecido somente por Sr. e Sra. Wood; tratava-se de um passeio feito às escondidas de suas famílias, uma certa segunda-feira de Páscoa antes de seu noivado, e que lhe tinha deixado uma lembrança indelével. Essa prova deslumbrante de identidade convenceu Sra. Wood, que não demorou a ter uma segunda, ainda mais importante, nas sessões que ia fazer em casa de Sra. Darel. O Sr. Wood estando morto logo após a sua viagem de bodas, sua viúva não acreditava que ele deixara um testamento, e as consultas que fez a esse sujet, sobre o conselho de seus pais, permanecem vãos, até que um dia quando ela estava com Sra. Darel à mesa, esta lhe ditou da parte do defunto: “tu acharás alguma coisa minha na gaveta do lavabo”. Ela achou com efeito uma folha de papel constituindo o documento em questão. Ela se lembrou então de que no instante de partir em viagem, seu marido esperara um momento e reentrado sob um pretexto qualquer no seu quarto de dormir, evidentemente para escrever e esconder seu testamento.

Ora, diz Sr. Flournoy, nada prova que Sra. Darel ou um dos seus, passeando na segunda-feira de Páscoa (que é feriado entre nós) nos arredores de Genebra, não encontraram ou perceberam de longe o casal de futuros noivos, e que essa lembrança esquecida não seja a origem da mensagem que impressionou tanto a jovem viúva; do mesmo modo a segunda mensagem concernente ao testamento escondido, pode muito bem ter tido sua fonte em simples reminiscências e interferências subconscientes de Sra. Wood”.

Caso do cura Burnet: O sujet de Flournoy, no segundo estado, reproduziu um dia uma pretendida mensagem de um certo Burnet, pároco de uma comuna de la Haute-Savoie, morto há um século. As pesquisas empreendidas pelo Professor demonstram a identidade absoluta da escrita e da assinatura da mensagem com os do pároco, quando vivo.

Como explicar isso? O médium, supõe Flournoy, tinha passado um dia, em sua infância, pela comuna em que havia habitado o pároco. Ele tinha visto por acaso, (é sempre a hipótese de Flournoy) sobre um documento qualquer, por exemplo um velho contrato de casamento, a escrita e a assinatura do pároco. Em todos casos, ele não tinha a menor lembrança dessa viagem. Tratava-se de uma lembrança adquirida sem que ele se desse conta e ignorado, mas intacta, que tinha provocado no segundo estado, essa estranha e perfeita reminiscência.

Ao lado desses exemplos notáveis, que os espíritas atribuem, não à criptomnésia, mas a manifestações pós-mortem, Flournoy dá outros, muito numerosos que, sob aspectos tão misteriosos em aparência, elevam, com certeza, da pura criptomnésia: médiuns dando, como vindo de si dizendo defuntos, provas de identidade reconhecidas, após enquête, errôneas, mas conforme clichês parecidos em tal ou tal jornal, clichês que tinham evidentemente impressionado os olhares do médium, em um momento qualquer, sem despertar sua atenção consciente.

O que impressiona particularmente, no estudo da psicologia subconsciente, por pouco que se faça nesse estudo um pouco de sentido filosófico, é que ela não responde a nenhuma lei fisiológica conhecida: sempre a mesma questão, fatalmente, se impõe ao espírito do pesquisador; por que e como a porção do psiquismo que constitui o que há de mais importante no eu é ela criptóide? Por que e como a consciência e a vontade do Ser, sem as quais não o eu, vêem elas lhes escapar a maior parte desse eu? O mistério é igualmente profundo, como se tratasse de criptomnésia ou de criptopsique. É fisiologicamente impossível compreender como a memória consciente, submetida à vontade e à direção do Ser é eminentemente caduca, débil, infiel então que a memória subconsciente, que não lhe é acessível que por acidente ou nos estados anormais ou supra normais, parece tão entendida como infalível.

É o que tudo demonstra entretanto.

Bem melhor, a debilidade e a impotência da memória normal são tais que às vezes os conhecimentos ou capacidades subconscientes que escapam à direção do eu parecem lhe ser totalmente estranhos e constituem, no indivíduo, como verdadeiras “segundas consciências”.

É assim que surgem, na complexidade assombrosa do subconsciente, não somente a duplicação, mas a multiplicação da personalidade.

3º As alterações da personalidade

Os problemas principais que se apresentam nas segundas personalidades são em número de dois, igualmente árduos:

1º O problema da diferença psicológica com a personalidade normal: diferença não somente de direção, de vontade, mas de caráter geral, de tendências de faculdades, de conhecimentos, diferenças tão radicais às vezes, que elas implicam entre o eu normal e a segunda personalidade oposição completa e hostilidade.

2º O problema das capacidades supra normais, que estão ligadas frequentemente às manifestações de segundas personalidades.

Ora, se os trabalhos sobre as personalidades múltiplas são hoje inumeráveis e colocaram à luz a freqüência, a importância e o caráter polimorfo dessas manifestações, eles não fizeram nada para a solução desses dois problemas⁴².

⁴² *Consultar sobretudo o trabalho de conjunto de Sr. Jastrow: a subconsciência.*

Eles não conseguiram senão revelar o abismo que há entre as personalidades banais e sem originalidade da sugestão hipnótica, as alterações psíquicas de origem patológica ou traumática, e as personalidades autônomas e completas que parecem às vezes ocupar todo o campo psíquico do sujeito.

Eles nos mostraram, sobretudo, a impotência total das explicações da psicofisiologia clássica a respeito das faculdades supra normais.

Capítulo V

O subconsciente dito supranormal

A psicologia supra-normal é um mundo, cuja exploração apenas começou.

Sem querer entrar aqui em uma descrição analítica, que o leitor encontrará nas obras especiais, devo examiná-la em bloco, em seus principais aspectos.

1º A psicologia supra-normal condiciona a fisiologia supra normal

Em primeiro lugar, a psicologia supra-normal condiciona a fisiologia supra normal, que nós temos descrito.

Todos os fenômenos de exteriorização, de telecinesia, de ação misteriosa sobre a matéria, de materialização e de ideoplastia, não dependem em nada da vontade consciente do sujet. Eles são sempre produzidos, seja por uma vontade estranha em aparência, a de uma entidade X.; seja por uma idéia subconsciente ou uma personalidade subconsciente.

Eu não insisto, no momento, sobre essa verdade, evidente para todos os que observaram no domínio do supra normal. Como eu demonstrei em “O Ser subconsciente”, a fisiologia supra-normal é um simples aspecto, uma simples dependência da psicologia supra normal. Ela é inseparável e é incompreensível e aliás inobservável isoladamente.

2º As ações mento-mentais

Em segundo lugar, a psicologia supra-normal compreende as ações mento-mentais, sem intermediário psíquico apreciável, que se trate de leitura, de sugestão mental ou de telepatia. Eu não vejo nada a acrescentar ao resumo que eu tinha dado dessas ações mento-mentais em “o Ser Subconsciente”:

Leitura de pensamento. O fenômeno de leitura de pensamento parece bem estabelecido nos estados hipnóticos e mediúnicos. É ao menos a explicação da mais cômoda (muito cômoda mesmo, pois abusa-se muito) de muitos fatos. Ela parece, até a um certo ponto, possível no estado de vigília, ou pelo menos em um estado de hipnose ou de auto hipnose bastante rápido para passar despercebido. Mas fora da hipnose e do mediumismo, a leitura de pensamento é raramente observada de uma maneira satisfatória⁴³.

Sugestão mental. A possibilidade e a realidade da sugestão mental são estabelecidas da maneira mais rigorosa⁴⁴. Uma ordem sugestiva do magnetizador pode ser transmitida pela simples tensão da vontade, sem nenhuma manifestação exterior, o sujet estando em estado de hipnose. A sugestão mental pode se efetuar à

distância, às vezes à longa distância, e através dos obstáculos materiais.

⁴³ *É preciso excluir bem entendido os casos de pretensa leitura de pensamento obtida com contato do agente e do sujet, que são frequentemente casos de adivinhação por movimentos inconscientes.*

⁴⁴ *Ler a obra clássica do Dr. Ochorowicz: A Sugestão mental. Nela se encontrará todas as provas desejáveis.*

Telepatia⁴⁵. A telepatia consiste essencialmente no fato de uma impressão psíquica intensa se manifestando em geral inopinadamente em uma pessoa normal, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão que se acha estar em relação concordante com um acontecimento sobrevindo à distância. Ora, essa impressão psíquica constitui todo o fenômeno.

⁴⁵ *Ver: As alucinações telepáticas, tradução resumida de Fantomas da sala de Estar, pelos Srs. Gurney, Myers e Podmore, narração de 700 casos todos bem coletados e controlados (Paris. F. Alcan). Ver também o livro de Flammarion: O Desconhecido e os problemas psíquicos. A coleção de Revistas psíquicas e particularmente dos Anais de ciências psíquicas contém numerosos e bastantes casos notáveis de telepatia.*

Ora, ela é acompanhada de uma visão em aparência objetiva e exterior ao percipiente. A telepatia pode ser espontânea ou experimental⁴⁶.

⁴⁶ *Deixaremos a análise da telepatia experimental, que não compreende até ao presente senão fatos elementares.*

Telepatia espontânea. Ela pode ser:

Relativa a um acontecimento futuro iminente.

Caso de pressentimentos, de premonições, de visões premonitórias, de aparições de um moribundo.

Relativa ao presente ou a um passado recente.

Casos de visões nítidas ou de adivinhação de eventos afastados (no estado normal).

Casos de aparições de um morto, seja no instante preciso do falecimento, seja alguns instantes, algumas horas, ou alguns dias mais tarde.

Casos de aparição de um vivo, mergulhado em geral em um sono anormal ou patológico (letargia, delírio febril, crise nervosa, etc.).

O mais freqüente é que o fenômeno tenha se tratado de uma pessoa unida ao medianeiro por laços de afeição mais ou menos estreitos. Trata-se em geral de um acontecimento infeliz; raramente de um acontecimento feliz; excepcionalmente de um acontecimento indiferente. O fenômeno telepático é em geral inesperado. Frequentemente ele marca pessoas perfeitamente afastadas, por gosto e por ocupações, do maravilhoso e que raramente, são influenciadas mais de uma vez em sua vida. Ele as marca seja no estado de vigília, seja bastante durante o sono, que ele interrompe.

No que concerne o fenômeno em si mesmo, é preciso notar dois caracteres

importantes:

A visão telepática é em geral muito precisa; os detalhes relativos ao acontecimento, às circunstâncias ambientes, à vítima ou ao objeto da visão, são perfeitamente exatos.

A distância nem os obstáculos materiais têm importância apreciável sobre as condições do fenômeno.

Um terceiro caractere, excepcional, é o seguinte: a visão pode afetar simultânea ou sucessivamente várias pessoas – ela parece poder afetar animais – às vezes ela deixou traços físicos de sua passagem. Enfim, a impressão telepática não afeta somente a vista, quando há visão em aparência objetiva, mas às vezes também os outros sentidos: ouvido, contato.”

3º A lucidez⁴⁷

Enfim, a Psicologia supra-normal compreende a lucidez em diversas e infinitas variedades: pressentimentos, aquisições sensoriais fora do alcance dos sentidos, visão precisa de acontecimentos passados ou distantes, mesmo visão do futuro. Pode-se descrever a lucidez: a faculdade subconsciente que permite a aquisição de conhecimentos sem o concurso dos sentidos e fora das contingências que regulam, na vida normal, as relações do eu com os outros eu ou com o mundo exterior.

⁴⁷ Consultar especialmente: *Bozzano: os Fenômenos premonitórios. – Dr. Osty; Lucidez e intuição.*

Sem o concurso dos sentidos.

Com efeito, os sentidos não intervêm. O sujet é adormecido ou anestesiado. Os acontecimentos que ele descreve se passam geralmente fora de seu alcance; ele está frequentemente muito longe e separado por obstáculos absolutos. Os conhecimentos assim adquiridos são relativos às vezes a eventos que não existem ou não existem ainda. Com toda evidência, a ação sensorial é nula. Entretanto, por hábito psicológico, o sujet dá às vezes à sua percepção anormal um aspecto sensorial e a relação com a visão ou a audição; mesmo enquanto que, com toda evidência, eu o repito, nem a visão, nem a audição estariam em questão.

Um sujet, por exemplo, que, auto hipnotizado por um copo d'água ou uma bola de cristal, pretende ver, nesse copo ou nessa bola, acontecimentos ou distantes ou passados, ou futuros. Ele não faz senão projetar, exteriorizar, objetivar um conhecimento anormalmente percebido. A outro, a percepção anormal provocará mesmo uma ilusão auditiva indo até à alucinação.

Fora das contingências que regulam, na vida normal, as relações do Ser com seus semelhantes ou com o mundo exterior.

Com efeito, essas aquisições não provêm nem do raciocínio, nem de nenhum dos modos normais de expressão do pensamento, da linguagem, da leitura, da visão ou

da audição. Elas não comportam nem indução nem dedução, nem reflexão, nem pesquisa, nem esforço.

Em sua forma mais perfeita, a lucidez se manifesta com um aspecto sintético de extrema simplicidade. É como um clarão que se abate bruscamente sobre o sujeito e lhe fornece, instantaneamente, seja o conhecimento de um fato ignorado e inacessível pelas vias sensoriais, seja um conhecimento complexo, que necessita normalmente de um trabalho complicado com numerosos elementos de pesquisa⁴⁸. Do mesmo modo que a lucidez se manifesta fora das contingências psicológicas, sensoriais, dinâmicas ou físicas, ela se manifesta fora de contingências de espaço e de tempo. O espaço nem os obstáculos materiais têm ação sobre ela, quanto ao tempo, ela não o conhece.

O evento que ela mostra, o conhecimento que ela dá, ela não o situa no tempo. O passado, o presente e o porvir se confundem para ela. Quando, por exemplo, no caso famoso de lucidez no futuro, do Dr. Gallet, a previsão anuncia a eleição de Casimir Perrier à presidência da República por 451 votos, ela o faz ao presente e não ao futuro: “Sr. Casimir Perrier é eleito...”

⁴⁸ *Não é preciso confundir, com os fatos de lucidez, as manifestações psíquicas que não são senão atualização brusca de um cálculo de probabilidade ou de um raciocínio subconsciente. Há nesses casos, simples aparência de lucidez.*

Do mesmo modo na previsão Sonrel relativa à guerra 1870-71 e a guerra 1914-1918. Essa predição, feita em 1808, dá sobre essas guerras, detalhes extremamente precisos e verdadeiros, mas os dá para o presente e não para o futuro. O visionário descreve os desastres de 70, Sedan depois o assédio de Paris, a comuna; a guerra de 1914-1918 começando por um desastre e terminando pela vitória completa...como se tratasse de acontecimentos presentes que seriam testemunhados⁴⁹ no mesmo momento.

⁴⁹ *Esses casos maravilhosos e seguramente verdadeiros de lucidez foram relatados em detalhe, com enquête minuciosa, nos Anais Ciências psíquicas.*

4º Os fenômenos espiritóides

Pode-se agrupar sob esse título o conjunto de fenômenos parecendo produzidos ou dirigidos, graças à intermediação de um médium, de suas capacidades físicas, dinâmicas ou psíquicas, por uma inteligência estranha, intrínseca, autônoma. Eu não entrarei no detalhe descritivo desses fatos, que o leitor encontrará facilmente alhures⁵⁰.

⁵⁰ *Ver, para a discussão filosófica desses fatos, o livro II.*

Eu me contentarei com algumas observações:

- Primeiramente, uma parte muito grande da psicofisiologia supra-normal se reveste geralmente desse aspecto espiritóide. Os fenômenos mais simples como os

mais complexos, desde os efeitos automáticos e telecinésicos até à predição do porvir são muito frequentemente atribuídos, pelo sujeito, a uma influência espiritual.

- As personalidades mediúnicas trazem geralmente uma afirmação concordante a esse respeito com o de um médium, e se esforçam frequentemente de dar provas de sua identidade, provas ora muito simples, ora muito complexas, como no caso de correspondências cruzadas.

- Não se pode frequentemente fazer outra objeção às afirmações espiritóides senão o da possibilidade de tudo explicar pelas faculdades supra normais do médium. Estamos por isso obrigados a admitir uma extensão formidável de faculdades de criptopsique ou de criptomnésia, de visão à distância, de ação mento-mental ou de lucidez e também de telepatia.

Para todos os detalhes concernentes aos fatos misteriosos do subconsciente supra normal, eu envio o leitor às obras especiais, pois eu considero nesse momento esses fatos não de um ponto de vista descritivo ou documentário, mas do ponto de vista estritamente filosófico.

Que ensinamento, nesse ponto de vista, se pode e se deve traçar? É evidentemente que o subconsciente ultrapasse de todas as partes, transborda inteiramente o quadro das capacidades sensoriais e cerebrais; é que, no que há de essencial, está fora de todas as representações, fora mesmo do quadro de representações, isto é do espaço e do tempo. É o que faremos sobressair com toda a nitidez desejável, em um próximo capítulo.

Mas devemos, antes, examinar as tentativas feitas para concordar os fenômenos do subconsciente com a concepção clássica do “eu síntese de estados de consciente e produto do funcionamento cerebral.”

Capítulo VI

As teorias clássicas do subconsciente

O afluxo de noções recentes sobre o subconsciente parecia desconcertar a psicofisiologia clássica.

Numerosas tentativas foram feitas entretanto para concordar os fatos novos com as teorias antigas.

A maior parte são baseados em trabalhos muito conscientes. Nenhuma, com toda evidência, não atingiu entretanto seu objetivo. Vamos examinar sucessivamente, esforçando-nos em mostrar em que eles são insuficientes ou inaceitáveis.

As teorias clássicas do subconsciente podem ser divididas em duas grandes categorias;

- As teorias fisiológicas.
- As teorias puramente psicológicas.

As teorias fisiológicas são em número de duas:

- A teoria do automatismo.
- A teoria da morbidade.

1º Teoria do automatismo

Para a tentativa de interpretação, do subconsciente, a primeira hipótese, vinda naturalmente à mente, foi a do automatismo psicológico, por comparação com o que nós sabemos do automatismo fisiológico. Em um como no outro, notar-se-ia simplesmente a atividade automática do cérebro.

Para apoiar essa teoria, P. Janet estudou sobretudo certas manifestações de ordem patológica como a epilepsia ambulatorial, ou as manifestações elementares da histeria, da hipnose, do sonambulismo e do mediunismo.

O automatismo psicológico, nesses casos, não duvidoso: daí, a generalizar, a estender o domínio do automatismo em tudo ao inconsciente, não haveria senão um passo e foi rapidamente ultrapassado.

Mas, dificuldades insuportáveis surgiram desde que, ultrapassando o limite dos fenômenos de ordem inferior, e banal, foram consideradas as manifestações subconscientes de uma ordem elevada.

O automatismo fisiológico, ao qual se comparava o automatismo psicológico, é de duas ordens:

O automatismo nato se manifesta, por exemplo, na atividade de grandes funções orgânicas tais como a circulação do sangue ou a digestão.

Ora, esse automatismo é idêntico do nascimento à morte, senão quantitativamente,

pelo menos qualitativamente. Ele permanece sempre nos limites próprios dessas funções vitais e não inova nada. Além do que esse dinamismo automático é inexplicado, como nós o vimos, está claro que ele não pode em nada fazer compreender o psiquismo inconsciente inovador e criador.

Quanto ao automatismo adquirido, é o resultado de um trabalho complicado. Graças a esse trabalho, certos modos de atividade, que necessitavam primeiro da atenção e o exercício contínuo da vontade, acontecem depois, por hábito, a se efetuar sem atenção voluntária nem contínua, com um mínimo de esforços.

Mas esse automatismo adquirido fica nos limites rigorosos do hábito e não vai além. Ora, as manifestações subscientes elevadas são manifestações inabituais o mais freqüente e em todos os casos não voltam e não permanecem no quadro de um hábito.

Isso é evidente para as manifestações supra normais que não podem ser conduzidas a um hábito. Mas, mesmo para os fenômenos menos misteriosos, o automatismo poderia ser uma explicação:

- As personalidades múltiplas tomadas à luz de certos indivíduos fazem prova de uma espontaneidade e de uma vontade autônoma. Elas não agem conforme um hábito automático, mas de acordo com uma direção original. Sua vontade é não somente nítida; mas ainda difere da vontade própria do sujet e pode ser oposta ou mesmo hostil a esta última⁵¹.

⁵¹ *Como no caso de Miss Beauchamp estudado pelo Dr. Morton Prince. Dr. Morton Prince: A dissociação de uma Personalidade.*

No mediunismo, essa espontaneidade, essa vontade e essa autonomia de personalidades ditas segundas aparece mais notável ainda. Elas usufruem às vezes de psiquismo absolutamente completo, com suas faculdades próprias de querer, de saber e de raciocinar; com seus conhecimentos frequentemente muito diferentes dos do sujet consciente, como por exemplo o de uma língua ignorada por ele. Elas parecem verdadeiramente não ter, nos casos mais notáveis, nada de comum com esse último. Como falar, para todos esses fatos, de automatismo?

Passemos agora às produções subscientes de ordem artística, filosófica ou científica.

- A inspiração ou o gênio não podem ser atribuídos ao automatismo do cérebro senão por vício de raciocínio. Analisemos com efeito o que se passa nas produções subscientes.

Eis um primeiro caso típico: um cientista, artista ou pensador empreendem um trabalho. Diante das dificuldades inesperadas, ele interrompe, desencorajado. Para sua grande surpresa, alguns tempos depois, a solução, que ele tinha procurado em vão, se apresenta a ele sem esforço e o trabalho esboçado é alcançado com uma incomparável facilidade. É, diz-se, que o cérebro continuou a trabalhar automaticamente na direção imprimida no começo. Ora, é impossível achar, na

fisiologia, um exemplo análogo de trabalho automático.

Quando se aprende um esporte qualquer, por exemplo, a montar bicicleta, é preciso uma série de esforços voluntários repetidos por longo tempo para chegar a dirigir depois automaticamente. Se, ao contrário, após uma primeira tentativa, se cessasse, desencorajado, ou esperasse na inação, tanto tempo quanto fosse, não avançaria mais ou faria uma nova tentativa. Não teria havido, no intervalo, “trabalho fisiológico latente” permitindo cessar os esforços necessários para aprender a andar de bicicleta e mantendo esse esforço.

Quando se treina corrida, chega-se pouco a pouco a se habituar, não somente os músculos, mas os pulmões e o coração, a suportar a fadiga que impõe esse esporte; mas, um primeiro e único esforço não seria jamais como no caso do treinamento metódico e repetido.

Quando por isso, se fala de trabalho automático latente do cérebro, emite-se simplesmente hipótese que é contrária a tudo ao que nos ensina a fisiologia; hipótese que impõe uma noção toda nova e absolutamente gratuita: que o órgão cérebro teria um modo de trabalho diferente, em essência e em natureza, dos outros órgãos.

Escolhamos agora um segundo caso: um cientista, artista, pensador, etc., não prevê antes o trabalho que vai fazer e não o prepara. Ele produz sob influência de uma “inspiração” perfeitamente independente de seu desejo, de sua vontade, às vezes contrária a esse desejo ou a essa vontade. Não houve mesmo objeto de motivação ao automatismo pretendido. Esse cientista, artista ou pensador, não dirige a inspiração: ele a sofre. Como falar então de automatismo psicológico?

“O processus inconsciente, de Sr. Dwelshauvers, não é aqui um automatismo, mas uma ação viva.”

A inspiração, diz também Sr. Ribot, “revela uma força superior ao indivíduo consciente, estranha a ele embora agindo por ele, estando tantos inventores a se exprimirem nesses termos: eu não estou para nada.”

Sr. Dwelshauvers⁵², estudando recentemente as produções subconscientes, demonstrou abundantemente que, acima do automatismo psicológico, que não é senão uma forma inferior e banal do Inconsciente, há o inconsciente latente ativo que “serve de arsenal à síntese criadora e ajuda o homem a formar os produtos mais perfeitos do espírito.”

⁵² *Dwelshauvers : O Inconsciente segundo Flammarion.*

Que concluir? Simplesmente que a teoria do automatismo psicológico não se aplica senão a um pequeno número de fatos, os menos importantes e será capaz de pretender fornecer uma explicação geral.

P. Janet é obrigado a reconhecer, e ele o faz sem disposição favorável: “Desde a época, escreve ele, quando eu empregava essa palavra de “subconsciente” em um sentido clínico e um pouco terra a terra, isso me convinha, outros autores empregaram a mesma palavra em um sentido infinitamente mais elevado!

Temos designado por essa palavra atividades maravilhosas que existem, aparecem dentro de nós mesmos, sem que percebamos sua existência; serviu-se para explicar entusiasmos sofridos e adivinhações de gênio... eu me reservo de discutir teorias tão consoladoras e quanto talvez verdadeiras.

Eu me limito a lembrar que me ocupei de outra coisa. Os pobres doentes que eu estudava não tinham nenhum gênio: os fenômenos que, entre eles, tinham se tornado inconscientes eram fenômenos bem simples, que nos outros homens fazem parte da consciência pessoal sem que isso excite nenhuma admiração. Eles tinham perdido a livre disposição e o conhecimento pessoal, tinham uma doença da personalidade, eis tudo⁵³.”

⁵³ *P. Janet: Prefácio à Subconsciência, de J. Jastrow.*

Eis com efeito a que se reduz o subconsciente automático. É preciso distinguir expressivamente o subconsciente superior ativo, o qual é inteiramente diferente em essência e natureza.

2º A teoria da morbidez

Uma segunda explicação geral teve, tem ainda um grande sucesso, mesmo sendo menos lógica ainda, mais arbitrária e mais vã que a primeira: é a explicação pela morbidez⁵⁴.

⁵⁴ *A principal revista psicológica francesa porta por título: Revista de psicologia normal e patológica.*

Hesita-se confessar, mas é nessa pobre explicação que busca recursos, ainda hoje, a maioria dos psicólogos contemporâneos.

De acordo com eles, tudo o que, do ponto de vista psicológico seriam produtos mórbidos; o hipnotismo seria assimilável a uma neurose; as manifestações de personalidades múltiplas resultariam de desintegrações patológicas do eu; os fenômenos supra normais não seriam senão sintomas de histeria; quanto à inspiração superior e ao gênio, eles seriam simplesmente frutos da loucura.

Na base de todas essas manifestações mórbidas, se encontraria aliás uma causa patogênica essencial: “a degeneração”. O fator “degeneração” é tanto mais cômodo quanto mais elástico: ele regeneraria ao mesmo tempo as manifestações neuropáticas banais ou histeriformes (degeneração inferior) e as manifestações geniais (degeneração superior).

Assim, tudo o que, do ponto de vista intelectual, seja abaixo ou seja acima da normal, seria o fato da doença.

A etiqueta mórbida é dada com mais ou menos discricção ou brutalidade, segundo tal ou tal escola ou tal ou tal psiquiatra; mas ela está um pouco quase generalizada.

O Dr. Chabaneix (ibid) fala de auto-intoxicação e de esgotamento nos predispostos:”mais um órgão trabalha, escreve ele, mais ele se desenvolve e mais ele

é suscetível ao mesmo tempo, de doença. Uma das doenças do cérebro, é o automatismo ou a aparição do subconsciente. E subconsciente, nós vimos, no lugar de ser uma perturbação para o espírito, é frequentemente um fermento de criação, quando não é em si mesmo criação.”

Singular doença, que no lugar de ser um causa de “perturbação” e diminuição para o indivíduo, aumenta suas capacidades e sua força!

Outros pensam diferentemente. Eles reduzem o talento e o gênio ao artritismo.

Mas o recorde, nessa via, é mantido até ao presente, pelo Dr. Pascal Serph⁵⁵. Este último não procede por meias-medidas e ele tem a coragem de suas opiniões. Para ele, vai-se pesquisar bem longe da origem do gênio. O gênio é produto puro e simples... A sífilis hereditária!

⁵⁵ *Gazeta médica de Paris, 12 de julho de 1916.*

“Se a sífilis, conclui gravemente Dr. Serph, faz que todos os médicos sejam unânimes em reconhecer e em temer pela humanidade, ele lhe dá, em revanche, a possibilidade de aperfeiçoar seus meios de ação e compensa assim, em uma certa medida, por sua ação hipertroficante cerebral, criador de idéias particulares geniais, seus malefícios temíveis.” Pode-se defender de alguma impaciência quando se vêem homens de ciência sustentar teorias semelhantes e aprova-se como uma sorte de indisposição de ser obrigado a refutar idéias que mereceriam somente desdém! Entretanto, é preciso.

Observemos, em primeiro lugar, diversos fatores mórbidos invocados, um só parece ter em seu favor senão apoio, pelo menos a concordância dos fatos: é a neuropatia.

É verdade que os homens de grande talento ou de gênio são, salvo raríssima exceção, “neuropatas”. Mas, o que é a neuropatia?

A ciência médica o ignora totalmente. As neuroses são puros enigmas do ponto de vista da anatomia patológica, como aliás a loucura essencial em si mesma.

Veremos que, bem longe de explicar o mecanismo do psiquismo anormal ou superior, as neuroses mesmas receberão sua própria explicação de conhecimentos aprofundados sobre a natureza essencial do subconsciente.

Mas isso não é tudo, suponhamos as teorias mórbidas justificadas: elas não resolvem em nada os problemas psicológicos colocados pelas manifestações subconscientes.

- Isso não é porque, se terá dito: “a genialidade é neurose ou loucura” que terá feito compreender o mecanismo essencial dos produtos geniais.

O grande pensador, artista ou cientista, traz à humanidade alguma coisa de nova; ele cria. É um louco! dizeis vós. Seja, mas como a loucura é criadora? Tanto que vós não tereis estendido aos seus olhos o mecanismo do psiquismo subconsciente, não tereis feito, cobrindo-o de uma etiqueta mórbida, senão recuar a dificuldade.

- Não é porque se terá dito: as manifestações de segundas personalidades não são

senão os produtos da desintegração do eu que se lhes fará compreender, bem ao contrário. A desagregação da síntese psíquica pode dar a chave das alterações da personalidade; mas somente alterações por diminuição dessa personalidade.

Essa diminuição da personalidade é evidente em certos casos de amnésia, consecutiva aos traumatismos cranianos, a grandes emoções, a infecções graves, à epilepsia, etc..

Ela aparece também no automatismo psicológico de P.Janet. Mas nas manifestações de “segundas personalidades” autônomas e completas, não a encontramos mais. Quando essas segundas personalidades ocupam todo o campo psicológico do sujet, manifestam uma vontade muito original, dão prova de faculdades e de conhecimentos diferentes dos do sujet e às vezes superiores aos que ele possui normalmente, não se pode mais invocar como explicação única a desintegração do eu. É com efeito impossível admitir que a segunda personalidade, fração do eu, seja também extensa e mesmo mais extensa que o eu total. A parte não é jamais igual ou superior ao todo. É preciso por isso renunciar a encontrar, na desagregação psicológica, uma explicação geral das modificações da personalidade.

- Não é porque se terá dito: tal médium é um histérico, que se terá feito compreender a ação à distância (fora de seus sentidos, de seus músculos e de seu cérebro), de sua sensibilidade, de sua motricidade de sua inteligência, que se terá dado a chave de leitura do pensamento, de lucidez, ou de ação ideoplástica e teleplástica.

Enfim, último argumento de conjunto contra a teoria mórbida: essa teoria é contrária à lógica dos fatos. É contrário a tudo o que nos ensina a fisiologia ao declarar que um órgão doente é capaz de dar produtos superiores aos de um órgão são, isso sobretudo de uma maneira constante e quase regular.

Há uma contradição insustentável, por exemplo, ao declarar a potência física como função da saúde a potência intelectual genial como função da doença.

É preciso falar agora de teorias mórbidas não mais gerais, mas especiais a tal ou tal grupo de fenômenos subconscientes?

Que nos seja suficiente assinalá-los brevemente, essas teorias têm todas uma base comum: elas invocam disfunções mórbidas no funcionamento do cérebro.

Azam explicava a duplicação da personalidade pelo funcionamento isolado de dois lóbulos cerebrais; tese que não tem mais que um interesse histórico desde o conhecimento de personificações não mais duplas, mas múltiplas no mesmo indivíduo.

O Dr. Sollier explica que a histeria por disjunções elementares nos elementos do cérebro; todos os sintomas da neurose se explicam pela não atividade ou hiperatividade de tais ou tais desses elementos.

O Professor Grasset crê explicar as manifestações subconscientes por uma disjunção entre o funcionamento do “polígono esquemático de Charcot e um certo

centro localizado em alguma parte na substância cinza do cérebro.

A todas essas teorias, pode-se fazer as mesmas objeções:

1º Elas somente se adaptam a alguns fatos, deixando de lado precisamente o que há de mais importante no subconsciente: a criptopsique superior e a supra normal,

2º Mesmo para os fatos restritos que elas abraçam, são insuficientes.

Elas invocam precisamente o que precisaria explicar: o porque e o como das disjunções.

Passemos agora às teorias psicológicas do subconsciente.

Essas teorias são numerosas e de valor inigualável. É, antes de tudo, o que se apóia em um vício evidente de raciocínio, que não são senão petições de princípio ou de explicações verbais.

Passemo-los rapidamente em revista.

3º Petições de princípio

As petições de princípio consistem em conduzir um fenômeno misterioso a um outro fenômeno não menos misterioso, mas simplesmente mais conhecido antigamente e mais familiar.

Entre os fenômenos supra normais, por exemplo, a telepatia e a leitura de pensamento são os mais familiares e os mais conhecidos, o que lhes dá uma espécie de “direito de cidade” de “preferência”. Tentam também, cada vez melhor, reduzir a eles todo o mediunismo intelectual, o que é absurdo e não faz senão complicar a questão, pois leitura de pensamento e telepatia são tão contrários às leis conhecidas quanto a clarividência ou as comunicações mediúnicas transcendentais.

“Demonstrar que um cérebro, escrevia, com tanto de verve quanto de razão, o Professor Pouchet⁵⁶, por uma questão de gravitação, age à distância sobre um outro cérebro como o ímã sobre o ferro, o sol sobre os planetas, a terra sobre o corpo que cai! Chegar a descobrir uma influência, uma vibração nervosa se propagando sem condutor material!... O prodígio é que todos os que crêem mais ou menos em alguma coisa da espécie não parecem mesmo, os ignorantes! se duvidar da importância, do interesse, da novidade que haveria dentro da revolução que seria para o mundo social de amanhã. Mas provai então isso, boa gente, e vosso nome irá mais alto que o de Newton na imortalidade, e eu vos respondo que os Berthelot e os Pasteur vos tirarão o chapéu com toda certeza!”

⁵⁶ Citado por Sr. de Rochas: *Exteriorização da motricidade*.

Uma petição de princípio ainda mais familiar é a que consiste em explicar o hipnotismo pela histeria ou a histeria pelo hipnotismo: “o que há de espantoso nas manifestações provocadas pela hipnose? Constatam-se manifestações espontâneas análogas na histeria! Por que se admirar com manifestações histéricas? Pode-se pela vontade provocar manifestações análogas pela hipnose!”

Depois se dá um passo a mais na via das petições de princípio e se a conduz ao mesmo tempo à histeria e ao hipnotismo à sugestibilidade ou ao “pitiatismo”, como diz o Professor Babinski. Ora, a sugestão, fator hipnogênico ou mesmo histeriogênico, habitual e cômodo, é absolutamente sem valor, sem importância, tanto quanto explicação filosófica. É o que nós temos demonstrado em “O Ser subconsciente”.

É o que Sr. Boirac estabeleceu:

“Que conclusão podemos tirar, escreve ele, de toda essa discussão. Antes de tudo, o método que consiste em explicar fatos concretos por termos abstratos, tais como sugestão e sugestibilidade, nos parece essencialmente anticientífico: é um velho resto do método escolástico, ou recurso às entidades, às qualidades e virtudes ocultas. Eis o caso de um sujet a quem eu faço por minha vontade ter as alucinações mais inverossímeis; eu paraliso a meu grado todos os órgãos. Qual pode ser a causa de efeitos tão extraordinários? É bem simples: tudo isso é sugestão. Mas, ainda, como se explica essa sugestão? De onde lhe vem sua força? É bem simples ainda: ela é uma consequência da sugestibilidade, propriedade natural do cérebro humano. Também se crê explicar os fatos identificando-os com um nome, tudo como os escolásticos acreditavam explicar o sono produzido pelo ópio dizendo que o ópio tem uma virtude sonífera⁵⁷.”

⁵⁷ *Boirac: O Porvir das Ciências Psíquicas.*

O raciocínio de Sr. Boirac pode se adaptar às explicações clássicas de todos os fenômenos subconscientes, metapsíquicos ou supra normais. Igualmente sem valor são as explicações que se podem chamar de puramente verbais e que são abundantes na psicologia clássica do subconsciente.

4º Disjunções artificiais e explicações verbais

A tendência atual dos psicólogos é com efeito recorrer a disjunções artificiais nas capacidades subconscientes. Seu esforço tende simplesmente a estabelecer classificações e a etiquetar os fatos assim classificados. Eles dão assim a ilusão de uma explicação.

Entre os fatos subconscientes, são familiares e muito conhecidos, os fatos de inspiração. Far-se-á uma classe à parte, que constituirá o subconsciente ativo, oposto ao subconsciente automático de P. Janet. Mas, não iremos nem mais alto, nem mais longe, e, nessa grande classe, delimitaremos classes secundárias: o inconsciente da invenção, o inconsciente da memória, o inconsciente das tendências, o inconsciente das associações de idéias, o inconsciente dos estados afetivos, o inconsciente religioso, etc..

A grande classe de manifestações de personalidades múltiplas será dividida em casos diversos, etiquetados infra-consciência, supra-consciência, co-consciência...

Na mesma ordem de idéias, eminentes psiquistas distinguem o psiquismo subconsciente propriamente dito com o que eles chamam de “metapsiquismo”. De um a outro, entretanto, não há senão analogias e nenhuma distinção de natureza.

O subconsciente normal e o subconsciente metapsíquico se manifestam em estados muito comparáveis:

O estado de êxtase, de encantamento, “de ausência” de um poeta, artista ou filósofo, compondo sob a influência da inspiração, é perfeitamente idêntico, no fundo, ao estado segundo do médium.

Que não se diga que o médium fala, age, escreve automaticamente com perfeição, ao passo que o artista, mesmo que sua vontade consciente não intervenha, sabe todavia o que produz: essa distinção não existe sempre. Muitos médiuns sabem perfeitamente o que vai ser dado por seu intermédio, sob uma influência supostamente estranha, como o artista sabe, que à medida que age, o que ele vai dar, sob uma inspiração da qual ele não é nem o mestre nem o guia.

Rousseau cobrindo páginas de escrita sem reflexão e sem esforço, num estado de encantamento que arrancava lágrimas; Musset escutando gênio misterioso que ditava seus versos; Sócrates obedecendo a seu “demônio”; Schopenhauer recusando a crer que seus postulados inesperados e não procurados fosse sua obra própria, comportando-se perfeitamente como médiuns.

Não é raro, aliás, que o mediunismo coexista com as manifestações da inspiração artística: Musset, por exemplo, era um “sensitivo” notável e um visionário. Ele não tinha necessidade de mostrar que a criptomnésia e a criptopsique fosse igualmente o fundo do mediunismo e o fundo do psiquismo subconsciente normal.

De fato não é sempre cômodo distinguir um do outro.

Dir-se-á que a distinção do psiquismo subconsciente propriamente dito com o metapsiquismo reside na aparição do supra normal: Mas onde começa o supra normal? Nós demonstramos, em nosso capítulo sobre a fisiologia, o vazio e a inação desse termo “supra normal”.

Demonstramos que fisiologia dita normal e fisiologia dita supra-normal são igualmente misteriosas e são um único e mesmo problema. É para a psicologia exatamente como para a fisiologia. O subconsciente é, em bloco, incompreensível para a psicologia clássica.

A única distinção que soube fazer essa psicologia clássica com à supra normal, é de multiplicar, em seu favor, o número de etiquetas. Com efeito; quanto mais etiqueta se tiver, mais ilusão se terá de compreender. Haverá por isso a exteriorização da sensibilidade, a exteriorização da motricidade, a exteriorização da inteligência, a telestesia, a telepatia, a telecinesia, a teleplastia, a ideoplastia...

Sr. Boirac julgando essa nomenclatura ainda muito pobre, propõe daí acrescentar a hipnologia, a psicodinâmica, a telepsique, a hiloscopia, a metagomia, o biactinisme, a diapsique, etc.⁵⁸. Na realidade, as classificações respondem a uma necessidade

inata do espírito humano e são legítimas, em um sentido. Mas seu perigo reside no fato que levou a ver nelas outra coisa senão classificações: uma interpretação, que permanece, na realidade, perfeitamente ilusória. Está no fato de que elas adormecem ou desviam o esforço lógico de compreensão e de raciocínio. Elas apresentam ainda um outro perigo: elas mascaram a unidade essencial da síntese psicológica e deixam crer que podem ter, para as diversas manifestações subconscientes, explicações isoladas e parciais. Elas extraviam o pesquisador e retardam todo progresso filosófico.

⁵⁸ *Boirac: A Psicologia desconhecida e o Porvir dos estudos psíquicos.*

Passa-se nesse momento, para a questão do subconsciente, o que se passou para todas as graves questões de filosofia científica: cedo ou tarde, chega-se a encontrar o laço comum a todos os fatos de uma mesma ordem; a construir assim uma síntese harmoniosa capaz de explicar, senão as múltiplas dificuldades de detalhes (que serão finalmente resolvidas a seguir pouco a pouco, sob a direção e o controle da idéia geral), pelo menos todas as grandes dificuldades. Mas, antes de chegar a essa fase sintética, o espírito humano se debate penosamente em uma longa fase analítica, onde ele não faz senão observar os fatos e os classificar mais ou menos habilmente.

Ele se esforça, entretanto, desde esse período, em achar explicações; mas essas explicações são baseadas simplesmente em um pequeno número de fatos, estudados especialmente por tal ou tal pesquisador, e generalizadas prematuramente por ele, com a ajuda de uma adaptação arbitrária e forçada, aos outros grupos de fatos análogos. Então, das duas uma: ou bem essas teorias prematuras e superficiais são além de vagas e imprecisas, não levam senão a um verbalismo insidioso e enganador; ou bem elas são precisas, mas então elas não englobam senão um pequeno número de fatos e não suportam a prova de uma verificação geral.

As duas categorias de teorias já são numerosas no domínio da filosofia do subconsciente.

Nós já citamos as teorias parciais de Janet, de Grasset, de Solier.

Eis aqui duas outras, de caráter mais geral, mas evidentemente insuficientes ainda.

5º Teoria do professor Jastrow

O tipo da teoria vaga, imprecisa e verbal é representado pela do Professor Jastrow. Eis aqui a conclusão que ele dá ao seu longo estudo sobre a Subconsciência⁵⁹: “A impressão que nos deixa esse estudo, é que a vida mental do homem não repousa sobre a consciência somente”. Abaixo da consciência existe uma organização psíquica anterior a ela e que é sem dúvida a fonte de onde ela saiu.

⁵⁹ *A Subconsciência, por J. Jastrow (Alcan).*

É para presumir que o nascimento da consciência é devido à necessidade de satisfazer alguma necessidade que, sem ela, não teria sido satisfeita senão de uma

forma incompleta.

Seu nascimento marca o início de uma coordenação maior de funções.

Seu papel consiste antes de tudo em integrar as experiências, a estabelecer a unidade do espírito.

As dissociações mórbidas não fazem senão pôr melhor em relevo essa unidade que o espírito normal conserva durante todo seu desenvolvimento, e que resiste a todas as vicissitudes pelas quais ele passa.

É à luz das concepções evolucionistas que nós temos interpretado os diversos fenômenos psíquicos...

A interpretação de diferentes variedades de atividades subscientes deve entrar num sistema fundado sobre a evolução mental. A subsciência deve estar presente como um produto natural da constituição mental. Deve-se também mostrar que à medida que a complexidade do espírito aumenta, a subsciência se modifica de modo a poder continuar a desempenhar o papel que ela partilha. Mas toda evolução implica parada, debilitação, decadência, dissolução. Ora, examinando os produtos da dissolução de uma função, chega-se frequentemente a melhor compreender o desenvolvimento normal dessa função. É por isso que nós temos estudado com tanto cuidado nessa obra as alterações do espírito.”

A teoria do Dr. Jastrow, se ela não explica nada desprezível, dá pelo menos uma idéia muito nítida do estado de espírito dos psicólogos contemporâneos. Ela faz apelo às diferenciações que, em realidade, não existem tanto como diferenciações essenciais; aos fatos mórbidos, impotentes e vãos, a um verbalismo puro mais impotente ainda. Enfim, ela é absoluta e sistematicamente imprecisa.

Ela parece, às vezes, entrever uma parte da verdade, mas é incapaz de se elevar, em um largo vôo, acima da rotina clássica e do conjunto de coisas sem valor de lugares comuns. Ela não traz absolutamente nada sobre a natureza, a origem, a essência da subsciência. Ela não explica como pode ter nela, com uma formidável criptomnésia, tantas faculdades tão maravilhosas e tão potentes, tantos conhecimentos inesperados, entretanto latentes, inutilizados e inutilizáveis, e necessitando, para ficar claro, uma desagregação mórbida do eu!

6º Teoria de Sr. Ribot

Eis agora uma teoria toda recente, que se pode considerar como a última palavra da concepção clássica do subsciente: a do Sr. Ribot⁶⁰.

⁶⁰ *Ribot: A vida inconsciente e os movimentos.*

Para o Sr. Ribot, é muito simples: não há eu inconsciente.

“Esse termo e concepção que ele implica são abusivos e inaceitáveis. O eu, a pessoa é todo um composto de elementos constantemente variáveis, mas que, em seu perpétuo tornar-se, conservam uma certa unidade. Ora, não se encontra nada

parecido nesse pretense eu; nenhum princípio de unidade, muito ao contrário uma tendência à dispersão e ao esmigalhamento...

Em suma, esse suposto eu é um bloco usado, feito de elementos e de mecanismos motores. Quando ele entra em atividade, é uma orquestra, sem maestro que o dirige.”

A função do Inconsciente não difere da atividade do consciente, senão pela falta de ordem e de unidade. No que concerne sua estrutura, ele é constituído por “resíduos psíquicos”, isto é, de elementos isolados ou associados que foram outrora estados de consciência... é a consciência apagada, petrificada, cristalizada em seus elementos motores.”

Entretanto, reconhece Sr. Ribot, que há no Inconsciente, um “fundo impenetrável”.

“Esse fato – de algum modo se explica – que há em nós uma vida subterrânea que não aparece senão transitoriamente e jamais totalmente, é de um grande alcance; é que o conhecimento de nós mesmos não é somente difícil, mas impossível. Nós devemos reconhecer a incapacidade absoluta de conhecer nossa individualidade integralmente e de ser certamente.”

Em suma, conforme Sr. Ribot, o eu consciente é uma coordenação de estados; o eu inconsciente, um resíduo de antigos estados conscientes. A atividade do primeiro revelam uma certa unidade ao passo que a do segundo é puramente anárquica e desordenada.

Sem dúvida, ele persiste em obscuridades, mas essas obscuridades não são possíveis de desaparecer. O que nós não compreendemos na individualidade psíquica é pura e simplesmente que é impossível compreender.

Retenhamos simplesmente a confissão de impotência. Quanto à teoria mesmo de Sr. Ribot, ela escapa, por sua insuficiência evidente, à discussão. A documentação sobre a qual ela repousa, não leva em conta nem o que se pode chamar com M. Dwehshauvers o subconsciente latente ativo, nem do supra normal. Ela não poderá por isso pretender o papel de teoria geral.

7º Conclusões do exame da psico-fisiologia clássica

Tais são as explicações clássicas dos fenômenos subconscientes.

A insuficiência total, absoluta dessas explicações é evidente e flagrante.

A concepção clássica da individualidade fisiológica e psicológica aparece, ao exame, mais insuficiente ainda, mais limitada, mais deficitária que a concepção clássica da evolução. Esta, pelo menos, conseguiu pôr às claras os fatores secundários e, se ela se enganou sobre sua importância, se ela não pôde explicar completamente o transformismo, ela pelo menos conseguiu colocar sua realidade acima de toda discussão.

Aquela, ao contrário, não pôde resolver nenhum dos problemas que ela considerava.

Fechada no quadro estreito do polizoismo e do polipsiquismo, que lhe mascara a realidade essencial das coisas, ela se choca com todas partes e enigmas: enigma da formação e da manutenção do organismo, enigma da vida, enigma da personalidade, enigma da consciência, enigma da subconsciência.

Incapaz de uma visão sintética, ela não tira de suas análises senão generalizações fictícias, baseadas em um método esterilizante, que não escapam à insuficiência senão para cair no absurdo. A concepção clássica do indivíduo, para dizer tudo, traz a marca da impotência lamentável do que se pode chamar: a psico-fisiologia universitária oficial contemporânea.

Sem originalidade, sem profundidade, sem verdade, essa psico-fisiologia universitária oficial contemporânea apresenta um contraste chocante com as outras ciências, arrastadas nos maravilhosos vãos de nossa época. Ela forma, afastada de sua clareza, como uma zona obscura onde tateando e se debatendo em vão os melhores espíritos... É tempo que um grande sopro de ar puro varra essa espessa e pesada bruma de pequenas idéias presas a pequenos fatos.

Capítulo VII

As induções psicológicas racionais baseadas no subconsciente

Nosso exame da psico-fisiologia clássica nos fez perceber, de acordo com a natureza, o erro e a ilusão do método ascendente, que pretende partir de fatos elementares para interpretar os fatos complexos.

Sirvamo-nos por isso ousadamente do método, do método descendente e consideremos primeiro e antes de tudo os fatos mais complexos da psicologia, isto é, os fenômenos subconscientes.

O método nos dará no domínio psíquico o que ela nos deu no domínio fisiológico: uma nova luz, ofuscante, esclarecendo nossa rota e tornando simples, abastadas, fecundas, todas nossas investigações.

1º O subconsciente é a essência mesmo da psicologia individual

Quando se procede, sem idéia preconcebida e sem levar em conta ensinamentos clássicos, suas fórmulas ou seus dogmas, ao exame da psicologia subconsciente, prova-se uma primeira grande surpresa: o subconsciente nos parece ser a essência mesmo da psicologia individual.

O que há de mais importante no psiquismo individual é o subconsciente. O fundo mesmo do eu, sua característica são subconscientes. Todas as capacidades inatas são subconscientes; mesmo as faculdades superiores, a intuição, o talento, o gênio, a inspiração artística ou criativa. Essas faculdades são criptóides em sua origem, criptóides em suas manifestações, cujo mecanismo escapa na maior parte à vontade, à direção normal e regular do ser e não se relevam senão pela atualização, fora da regulamentação consciente, de produtos intermitentes e de aparência espontânea.

Essa atividade psíquica subconsciente, formidável nela mesma, é duplicada de uma memória mais formidável ainda, memória toda potente e infalível, que deixa bem longe para trás a pobre memória consciente, tão caduca, débil e limitada.

Ao lado do subconsciente, o consciente não parece mais que como um psiquismo restrito, limitado e truncado; e ainda esse psiquismo é ele submetido, mesmo para suas manifestações mais importantes, a essa porção criptóide do eu, que forma a característica e o fundo.

Tudo se passa, em uma palavra, como se o consciente não constituísse senão uma parte, a mais frágil, do eu; parte inteiramente condicionada pela parte mais importante, restante criptóide, nas condições ordinárias da vida individual normal.

Uma semelhante constatação é para a psicologia clássica, que considera o eu como a soma das consciências dos neurônios, um insolúvel mistério. É impossível, partindo de sua concepção, compreender ou mesmo tentar uma interpretação que

seja puramente verbal, seja da criptopsique, seja da criptomnésia.

2º A impotência da psicologia clássica em face da criptopsique e da criptomnésia

A criptopsique, do ponto de vista da psicologia individual parece sem sentido. Como uma parte da atividade mental escapa à disposição do indivíduo ou não lhe é acessível senão irregularmente e por acidentes? Como essa atividade mental involuntária e latente é superior à atividade mental voluntária e consciente?

Como todas as capacidades superiores, não somente as faculdades supra normais, mas também a inspiração criadora e o gênio e tudo o que há de essencial do ponto de vista psíquico no intelecto, lhe são, na maior parte, inacessíveis e desconhecidas? Por que, em uma palavra, são subconscientes e não conscientes? Ainda uma vez, impossível de compreendê-lo na psicologia clássica.

Baseando-se nesses argumentos, Myers não tivera facilidade de mostrar a impossibilidade de fazer da criptopsique o produto da evolução fisiológica normal. Há com efeito contradição absoluta na constatação de faculdades ao mesmo tempo muito possantes e muito úteis e, ao mesmo tempo, na maior parte inutilizáveis pelo ser na vida normal.

Passemos agora à criptomnésia. A criptomnésia, nós vimos, seria provida de uma potência prodigiosa, possante que não conhecesse limites. Ela permitiria o registro fiel de tudo o que tocasse nossos sentidos, seja conscientemente, seja mesmo sem que nós tenhamos conhecimento e assegurasse a esse registro um caráter indelével.

Ora, tal concepção difere completamente das noções clássicas da memória.

A memória ordinária é tanto mais precisa quanto o fato de que ela se relaciona sofreu mais fortemente a atenção do Ser e que esse fato é mais recente. Se o fato registrado é, para o Ser, de importância secundária ou nula, ele desaparece logo e para sempre; a menos, bem entendido, do ser conservar graças a uma associação de idéias mais importantes, à qual ele teria sido ligado por acaso. Mesmo, se o fato registrado é antigo, a lembrança torna-se vaga, confusa, e termina com o tempo por desaparecer também, com frequência, totalmente. É um processus regular, normal, conforme tudo o que nos ensina a fisiologia. A impressão produzida sobre o cérebro é superficial e efêmera para os estados de consciência de intensidade medíocre e essa impressão, mesmo para os estados de consciência mais importantes, tende a se apagar com o tempo.

Le Dantec⁶¹ resume assim sua teoria psicológica da memória: “há duas coisas a considerar na memória do ponto de vista objetivo:

1ª O fato de que nós temos esquecido uma coisa, que nós somos suscetíveis de nos lembrar;

2ª A operação que consiste a nós em lembrar. A primeira coisa consiste em uma particularidade histológica, a secunda é correlativa a um fenômeno fisiológico.

⁶¹ *Le Dantec: O determinismo biológico.*

Executemos uma operação qualquer, mental ou outra, um certo número de vezes. O caminho percorrido pelo reflexo correspondente será, em virtude da lei de assimilação funcional, consolidada por esse reflexo mesmo; haverá por isso em nosso sistema nervoso um certo número de modificações histológicas correlativas à operação em questão.

Tanto que essas modificações histológicas persistirão, a memória histológica da operação em questão persistirá; será suficiente repeti-la de tempo em tempo para entreter por assimilação funcional essa memória histológica. Se resta um longo tempo sem repeti-la, a destruição plástica que acompanha o repouso dos órgãos destruirá essa particularidade de nosso sistema nervoso; ele o terá esquecido”.

Quando o esquecimento é completo e absoluto, ele é também irremediável. A memória histológica tendo desaparecido, não poderá subsistir como memória psicológica. Isso parece evidente e tais parecem bem ser, com efeito, o processus e as condições de memória ordinária.

Ora, a criptomnésia é toda diferente: ela se relaciona não somente a fatos importantes, mas também a fatos mesmo sem importância, a fatos, que às vezes, não retiveram a atenção consciente do Ser.

De outra parte, o registro de estados de consciência, na memória oculta, não é em nada subordinado à questão de tempo. Esse registro parece indelével. A gama de lembranças latentes se estende assim de detalhes mais insignificantes, mesmo registrados inconscientemente, aos fatos mais importantes de nossa vida consciente. Sua lembrança, mesmo quando parece desaparecida para sempre, inacessível ao eu normal, pode, nos estados anormais, especialmente no sonambulismo ou no mediunismo, reaparece integralmente no primeiro plano.

A criptomnésia não é somente feita de experiências extrínsecas, mas também de experiências intrínsecas, por assim dizer. Ela é constituída não somente por lembranças reais mas também por lembranças de ordem imaginária. A imaginação, que desempenha um papel no psiquismo normal tão considerável, cria ou realiza fatos fictícios que, do mesmo modo que os fatos reais, são registrados na criptomnésia. Do mesmo modo, naturalmente, todas as emoções e todos os estados da alma.

Em suma, tudo o que esteve no campo psíquico, consciente ou inconscientemente, pouco importa, fica, indestrutível, mesmo quando parece perdido para sempre.

Em vão, um tempo muito longo se transcorreu desde essa aquisição psíquica ou sensorial; em vão a células cerebrais, que tinham vibrado sincronicamente, foram elas, desde então, sem passagem, muitas vezes renovadas⁶². A despeito do tempo e a despeito das mudanças, a lembrança integral permanece, gravada de uma maneira indelével, no subconsciente.

⁶² *Em todo caso a impressão se apagou e desapareceu.*

Como? Por que? Mistério insolúvel para a fisiologia clássica.

A lembrança subconsciente integral parece por isso independente das contingências cerebrais. Temos citado mesmo casos onde ela persistia, reaparecendo como relâmpagos, a despeito da perda da memória ordinária por doença do cérebro. Tal é o caso famoso de Sra. Hanna, bem característico a esse sujet⁶³. A Sra. Hanna por causa de uma queda sobre a cabeça, esqueceu totalmente toda sua vida passada, todos seus conhecimentos, toda sua aquisição e se achou reduzida ao estado psicológico de um recém-nascido a quem se deve ensinar tudo. Mas coisa curiosa, se a memória tinha desaparecido, a capacidade de aprender estava intacta. A reeducação foi muito rápida e completa. Ora, durante essa reeducação, Sra. Hanna tinha a cada instante, constata Sr. Flournoy, “sonhos ou visões incompreensíveis para ele, que descrevia com admiração aos seus familiares e onde estes reconheciam as lembranças muito exatas de localidades onde a paciente tinha estado antes de seu acidente”. Havia por isso uma memória latente, a qual se manifestava evidentemente também pela faculdade de reaprender muito rápido.

⁶³ *Sidy and Goodhart: Multiple personality.*

Em suma, do estudo da criptomnésia sobressai com evidência o que se segue: tudo se passa como se o estado psíquico que se chama lembrança, registrado pelas células cerebrais, e destinado a desaparecer logo com elas, efêmera como elas, estava registrado, ao mesmo tempo, em “alguma coisa” permanente, cuja lembrança será doravante parte integrante e permanente dela mesma.

Retomemos bem essa constatação. Nós compreenderemos mais tarde somente toda a importância. O que nos é suficiente, no momento, estabelecer uma primeira indução, indução imposta pelos fatos:

- A presença, no Ser, de faculdades possantes e estendidas, mas subconscientes, desempenhando no psiquismo individual o papel principal mesmo que criptóide, condicionando esse psiquismo individual todo escapando na maior parte ao conhecimento e à vontade normais e diretas;

- A constatação de uma memória subconsciente diferente da memória normal, mais segura e mais extensa que esta última e parecendo quase sem limites; esses fatos nos arrastam para além do quadro de noções clássicas sobre o eu, sua origem, seus fins e seus destinos.

Não há nada nos conhecimentos clássicos, no que tínhamos pensado definitivamente estabelecido pelas ciências naturais, pela fisiologia ou a psicologia, que permita se dê conta dos fenômenos subconscientes, que não esteja em oposição flagrante com esses fenômenos. Em uma palavra, essa indução formidável nos coloca em presença de um ponto de interrogação mais formidável ainda. Somos conduzidos imperiosamente a nos perguntar se a psicofisiologia clássica não é pura e simplesmente um monumento de erros?

Desde então, temos o dever de considerar de perto todos seus ensinamentos, e

examinar sobretudo, à luz dos fatos, seu famoso dogma, o dogma fundamental sobre o qual ela repousa inteiramente, o do paralelismo psicofisiológico.

Importa pesquisar esse paralelismo em todo lugar onde ele era afirmado, e ver se ele pode se adaptar aos fatos subscientes.

3º Ausência de paralelismo entre o subsciente, parte e o estado do desenvolvimento do cérebro, a hereditariedade, as aquisições sensoriais ou intelectuais, por outro lado

“O desenvolvimento psíquico, nos ensinam antes de tudo, acompanha regularmente o desenvolvimento do cérebro e é proporcional a esse desenvolvimento durante a infância e até à maturidade”.

Ora, o psiquismo subsciente tem precisamente, entre suas características, de aparecer, frequentemente com toda sua importância, bem antes do desabrochar completo do cérebro.

Sem falar mesmo do subsciente dito supra normal, relativamente mais freqüente entre as crianças que entre os adultos, a precocidade das manifestações do gênio, sobretudo na arte, é uma noção banal e da qual não há necessidade de lembrar os exemplos tão conhecidos. A aparição do gênio antes do desenvolvimento completo do cérebro é um fato contrário à teoria do paralelismo psicofisiológico.

Outra constatação, mais importante ainda. O desenvolvimento psíquico, no que concerne o subsciente, aparece independentemente das condições hereditárias; independente de aquisições sensoriais e do esforço necessário para as aquisições intelectuais conscientes.

De onde provém, com efeito, as capacidades subscientes?

Essas capacidades, que se manifestam no gênio, o talento ou a inspiração, não são adquiridas; elas são inatas. O trabalho, o treinamento ou o esforço repetido podem, em uma certa medida, desenvolvê-las. Eles não podem criá-las.

Como compreender as capacidades inatas?

O fracasso das tentativas de interpretação, seja pela hereditariedade, seja pela conformação cerebral, é hoje definitivo.

Os exemplos de hereditariedade psíquica bem nítida e bem estabelecida são perfeitamente excepcionais.

O mais conhecido é o da família de Jean Sebastian Bach, a qual apresentou, de 1550 a 1846, 29 músicos eminentes. Mas trata-se de hereditariedade? Seria preciso, para demonstrá-lo, eliminar primeiro outros fatores: a ambiência, a educação, as tradições familiares, o treinamento coletivo, etc.

O que é extraordinário, não é que se encontra, de um lado a outro, alguns casos de suposta hereditariedade psíquica; é bem que se encontra tão pouco, com respeito sobretudo à freqüência e à banalidade da hereditariedade psíquica. O fato aí está:

O papel da hereditariedade é tão apagado e secundário em psicologia quanto é importante e predominante em fisiologia. Certas disposições, sobretudo de ordem artística, são às vezes hereditárias; mas as altas faculdades psíquicas, o talento, e o gênio não provêm mais dos ascendentes que eles não se transmitem aos descendentes. É uma constatação corrente.

As diferenças entre hereditariedade física e hereditariedade psíquica são muito importantes para ser amarradas a causas-fisiológicas. Como explicar que dois irmãos possam se parecer fisicamente e não ter nada em comum moralmente?

As desigualdades psíquicas tão consideráveis nos seres vizinhos pelas condições de nascimento, de vida e de educação não são nada correlativas a desigualdades físicas.

Os fisiologistas não estão mais pesquisando a causa dessas desigualdades no peso, no volume ou na conformação do cérebro; mas eles invocam variações, imperceptíveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; causas inapercebidas, de influências diversas, patológicas ou outras, durante a vida intra-uterina; condições ignoradas da geração, das formações genealógicas ou outras, complicadas, etc... todas hipóteses que não se tem mesmo, em seu favor, um começo de demonstração.

Em suma, para o fato que é ao mesmo tempo inato e não hereditário, o subconsciente aparece como independente da organização anatômica do cérebro, como é das aquisições intelectuais e do esforço de que elas necessitam. Pelo fato de que ele aparece frequentemente desde a infância, independente do desabrochar completo do cérebro.

Eis por isso já um ponto estabelecido: não há paralelismo psicofisiológico entre o aparecimento e o desenvolvimento do subconsciente e o desenvolvimento individual dos centros nervosos.

Continuemos nossa investigação.

4º Ausência de paralelismo entre o subconsciente e a atividade cerebral

“A atividade psíquica, ensinam-nos em seguida, é proporcional à atividade dos centros nervosos”.

Aí, o raciocínio é muito simples e muito claro. Se é um axioma que a fisiologia não pode negar sem negar-se a si mesma, é o seguinte: “O rendimento de um órgão, de potência dada, é rigorosamente proporcional ao grau de atividade desse órgão”.

É precisamente se baseando no paralelismo psicofisiológico aparente que tínhamos concluído, primeiro, do estudo analítico do psiquismo consciente, que o eu é a função do cérebro; ou pelo menos não pode ser separado do cérebro: “Não podemos mais, escrevia Haeckel, separar nossa alma individual do cérebro senão o movimento voluntário de nosso braço não pode ser separado da contração de nossos músculos⁶⁴”.

⁶⁴ Haeckel: *O Monismo*.

Ora, no psiquismo subconsciente, o paralelismo não existe mais. Se fizermos momentaneamente abstração dos produtos da atividade automática do cérebro, que constituem uma sorte de subconsciente inferior, não poderemos mais achar nenhuma relação entre a importância das manifestações do subconsciente ativo ou superior e o grau de atividade cerebral.

Ao contrário, o subconsciente superior se mostra tanto mais ativo quanto o órgão cerebral é menos.

Ele aparece e toma sua importância, não em um esforço psicológico voluntário, mas na inação ou no repouso do cérebro; nos estados de distração, de sonho ou mesmo de sono, sono natural, ou sono artificial.

⁶⁵ Citado por Sr. *Dwelshauvers*.

Beaunis⁶⁵ que estudou o subconsciente não em psicologia, mas em fisiologia, faz essa observação: “o trabalho inconsciente não fadiga como o trabalho consciente... também me permitiria dizer a todos os que, sábios, literatos, artistas, vivem sobretudo pelo cérebro: deixai trabalhar o inconsciente, ele não se fadiga jamais.”.

Pergunta-se, após isso, como um fisiologista do valor de Beaunis não viu as formidáveis conseqüências de semelhante constatação.

Essas conseqüências são entretanto inevitáveis: o psiquismo subconsciente é inteira e especificamente distinto do esforço voluntário.

O esforço nada pode para criar o psiquismo subconsciente. Ele pode, pelo menos, iniciar sua atividade, orientá-la em um sentido dado, mas é tudo. Longe de favorecê-lo depois, ele o estorva e a cessação do esforço é a condição mesmo das produções intuitivas, artísticas ou geniais. Ao passo que, aliás, o esforço intelectual é intermitente como todo esforço e que o funcionamento cerebral exige longos e regulares períodos de repouso, o subconsciente fica permanente em suas capacidades. Não somente não desaparece por esse repouso do cérebro, mas ele se desenvolve nos estados de torpor cerebral, de sonho, de distração. É nesses estados muito diversos, mas sempre caracterizados essencialmente pela ausência de trabalho e de esforço que a inspiração se desenrola em toda sua amplitude e toda sua espontaneidade.

Não se poderia muito insistir sobre o fato da dissociação dos produtos subconscientes com a atividade do cérebro e com o esforço voluntário.

Tudo se passa, para essas produções subconscientes, como se elas fossem perfeitamente independentes da fisiologia cerebral.

5° Ausência de paralelismo entre a criptomnésia e a fisiologia cerebral

Tanto quanto na criptopsique, o paralelismo está ausente na criptomnésia. Como nós já estabelecemos, o registro, a conservação, a atenção ao conhecimento de estados de memória subconscientes não dependem em nada do esforço, e são

independentes, estritamente, das condições e contingências da memória cerebral normal.

Ademais, a memória subconsciente é infinitamente mais vasta, mais extensa, mais profunda que a memória normal. Enfim, e sobretudo a memória subconsciente é indelével como adquirida então quanto a memória cerebral é efêmera, como o são os neurônios mesmo aqueles aos quais está presa.

Em nenhuma parte, se vê, para o subconsciente, traço de paralelismo psicofisiológico.

6º Ausência de localizações cerebrais para o subconsciente

Continuemos nosso exame:

“As faculdades psicológicas, diz-se ainda, dependem de localizações precisas e nítidas”. É necessário fazer observar que é impossível encontrar, para as faculdades subconscientes, localização cerebral. Para que essa pesquisa pareça mesmo absurda a priori, é preciso que se sinta toda a ausência de paralelismo psicofisiológico quando se trata do subconsciente.

7º Ausência de paralelismo entre o subconsciente e as capacidades sensoriais

“A atividade psíquica, afirma-se também, está estreitamente condicionada pela extensão das capacidades orgânicas. Ela é estritamente inseparável. Os elementos que utiliza a inteligência lhe vêm dos sentidos. O alcance dos sentidos limita assim, o alcance do psiquismo.”

Tanto de palavras, quanto de erros no que concerne o subconsciente.

A origem das capacidades subconscientes não é sensorial, pois, essas capacidades são inatas. O alcance das capacidades subconscientes transborda todo o quadro das capacidades sensoriais.

A inspiração superior, a intuição, o gênio são independentes, totalmente, das aquisições.

8º Ausência de paralelismo entre as capacidades orgânicas e o subconsciente supra normal

O supra-normal enfim, prova que o psiquismo subconsciente ultrapassa todas as capacidades orgânicas, já que ele se manifesta, mesmo sem elas ou fora delas.

Os fenômenos de exteriorização nos revelam um dínamo-psiquismo separável do organismo.

É a negação mesma do paralelismo clássico!

Não há paralelismo psico-anatômico: a ação sensorial pode se revelar fora dos

órgãos dos sentidos; a ação motriz pode se executar fora dos músculos; a psíquica pode se desenrolar fora do cérebro!

Não há paralelismo psicofisiológico: o funcionamento aparente, sensorial, motor ou intelectual pode ser suprimido ou inerte. O corpo do sujeito, cuja sensibilidade se exerce à distância é, geralmente, durante esse tempo, profundamente anestesiada. Seus músculos executam às vezes, durante a exteriorização motriz, alguns vagos movimentos reflexos associados, mas essas contrações sinérgicas, aliás não constantes, não representam jamais um esforço concordante com o efeito. Quanto a seus centros nervosos, eles são mergulhados em um estado de aniquilação, variando do entorpecimento vago ao “transe” especial, espécie de coma transitório durante o qual todas as funções, exceto as da vida vegetativa, estão totalmente suprimidas. Quanto mais essa aniquilação funcional é profunda, mais notáveis parecem frequentemente as manifestações metapsíquicas. Quanto mais a exteriorização, a sucessão com o organismo estejam completo, mais os fenômenos se mostram elevados e complexos. Trata-se de visão à distância ou de telepatia? Os casos mais notáveis são os que ultrapassam, nas proporções mais inverossímeis, o alcance dos sentidos.

Trata-se de materialização ideoplástica? As formações têm tanto mais de atividade própria e de autonomia aparente que elas são melhor distintas e separadas do médium.

Em suma, como já expus em o Ser Subconsciente, a demonstração clássica em favor do paralelismo psicofisiológico, no funcionamento, dito normal do Ser, se voltam totalmente contra esse paralelismo no funcionamento dito supra normal.

Essa demonstração negativa tem a tríplice fórmula:

- Nenhuma correlação entre a anatomo-fisiologia e as manifestações metapsíquicas.

- Atividade metapsíquica em razão inversa da atividade funcional.

- Atividade metapsíquica (sensível, dinâmica, motriz, intelectual, ideoplástica) separável mesmo do organismo.

Tudo se passa, com evidência, pode-se afirmar sem reserva, como se não houvesse, para o subconsciente supra normal, paralelismo psicofisiológico.

9º O subconsciente transborda o organismo e o condiciona

Aliás, o subconsciente traz, em si mesmo, uma prova suprema dessa verdade: não somente, com efeito, ele ultrapassa, em suas manifestações, todas as contingências dinâmicas e materiais, mas ainda ele os condiciona.

É o que nós vimos em psicologia, já que o psiquismo consciente não é senão uma parte, a mais fraca, do psiquismo total e é verdadeiramente condicionado pelo psiquismo subconsciente que constitui o fundo mesmo do ser pensante, sua

característica essencial.

É o que é mais evidente ainda em fisiologia, onde nós podemos demonstrar que a substância orgânica se resulta em um dinamismo superior e que esse dinamismo superior tem sua idéia diretriz no subconsciente. A idéia diretriz subconsciente se mostra mesmo, nos estados supra normais, capaz de desorganizar momentaneamente a substância orgânica para reconstituí-la em representações diferentes. É por isso certo que o organismo, longe do ser, como ensina a teoria materialista, o gerador da idéia é ao contrário condicionado pela idéia e não aparece senão como um produto ideoplástico do que há de essencial no ser, isto é, seu psiquismo subconsciente.

Mas isso não é tudo ainda: esse subconsciente, que tem em si as capacidades diretrizes e centralizadoras do eu, em todas suas representações, tem também o poder de se elevar mesmo acima dessas representações.

As faculdades de telepatia, de ação mento-mental ou de lucidez são faculdades que escapam às representações porque elas escapam precisamente às condições dinâmicas ou materiais que os regem. O subconsciente está acima do quadro mesmo das representações, isto é do tempo e do espaço, na intuição, no gênio e na lucidez.

Assim, a tese que Carl Du Prel tinha sustentado em obras admiráveis de intuição; que Myers tinha baseado em uma documentação sólida e nós mesmo sob um raciocínio que não tem sido refutado, se oferece agora, em toda sua amplitude, ao exame e à discussão dos cientistas e dos pensadores da boa fé. Pode-se afirmar sem reserva: há, no Ser vivo, um dínamo-psiquismo que constitui o essencial do eu, e que não pode absolutamente se reduzir ao funcionamento dos centros nervosos. Esse dínamo-psiquismo essencial não é condicionado pelo organismo; bem ao contrário, tudo se passa como se o organismo e o funcionamento cerebral estivessem condicionados por ele.

10º Conclusões do exame sintético da psicofisiologia

Tais são as primeiras conclusões essenciais de uma psicofisiologia integral, baseada em todos os fatos, mas especialmente sobre os fatos mais elevados e os mais complexos, imposta pelo conhecimento aprofundado do subconsciente, mas adaptando-se facilmente, como nós o mostraremos mais à frente, ao conjunto de fatos mais simples, que ela esclarece completamente.

A ciência oferece assim os materiais de boa qualidade que será suficiente para reunir, coordenar e classificar para substituir, ao indescritível caos da psicofisiologia clássica, um edifício harmonioso baseado sobre os dois sólidos pilares:

- Noção de um dinamismo superior condicionando o complexus orgânico.
- Noção de um psiquismo superior independente das contingências cerebrais e coordenando a multiplicidade dos estados de consciência.

Mas, antes de tentar a obra de síntese, nós devemos pesquisar, nos sistemas

conhecidos, o que nos oferece a filosofia.

Terceira Parte

As teorias filosóficas da evolução

Prefácio

Os fundamentos científicos das filosofias da evolução, as filosofias que tomam por base o conhecimento dos fatos conhecidos, sobre a evolução coletiva e sobre a evolução individual, chegam a conclusões extremamente diferentes, conforme elas abraçam mais ou menos esses fatos conhecidos e conforme elas vão mais ou menos além desses fatos conhecidos.

Aliás, à medida do progresso ininterrupto das ciências naturais, a concepção da evolução deve se adaptar aos novos conhecimentos adquiridos. Ela sofre assim modificações sucessivas, às vezes incompletas. As questões gerais que originam a evolução podem ser reduzidas a três:

Há evolução? O que é que evolui? Como e por que a evolução?

Há evolução? Pode-se considerar a questão como resolvida cientificamente. Sim, há evolução, evolução ininterrupta do simples ao complexo.

O que é que evolui? A questão já é infinitamente mais complicada e difícil. As noções científicas atuais tendem a estabelecer a unidade de substância. Elas tendem além disso a decompor essa substância uma até ao átomo. Elas tendem enfim, hoje, a fazer do átomo não alguma coisa de material propriamente dito, mas alguma coisa como um centro de forças.

“A matéria, escreve Sr. Gustave Bon⁶⁶ tem passado sucessivamente por estados de existência bastante diferentes: o primeiro nos reporta à origem mesmo dos mundos e escapa a todos os dados da experiência. É o período do caos das velhas lendas. O que devia formar o universo não era então constituído senão por nuvens disformes de éter.

⁶⁶ *Sr. Gustave Le Bom: A Evolução da matéria.*

Orientando-se e se condensando sob a influência de forças desconhecidas, agem durante a sucessão das idades, o éter terminou por se organizar sob a forma de átomos. É da agregação destes últimos que se compõe a matéria tal como ela existe em nosso globo ou tal como nós podemos observá-la nos astros em diversas fases de evolução.

Durante esse período de formação progressiva, os átomos armazenaram a provisão de energia que eles deviam dispensar de formas diversas: calor, eletricidade, etc.. na seqüência dos tempos.

Ao perder lentamente em seguida a energia, primeiro acumulada por eles, eles

sofreram evoluções diversas e reverteram por conseqüência a aspectos variados.

Quando irradiaram toda sua energia sob forma de vibrações luminosas, calóricas ou outras, eles voltam pelo fato mesmo das irradiações consecutivas à sua dissociação, ao éter primitivo, de onde eles derivam. Este último representa por isso o nirvana final ao qual retornam todas coisas após uma existência mais ou menos efêmera.

Essas idéias gerais sumárias sobre as origens de nosso universo e sobre seu fim não constituem evidentemente senão frágeis clarões projetados nas trevas profundas que envolvem nosso passado e põem um véu em nosso porvir. São explicações muito insuficientes. A ciência não pode propor outras.

Ela não entrevê ainda o momento quando ela poderá descobrir a verdadeira razão primeira das coisas, nem mesmo atingir as causas reais de um único fenômeno.

Por isso é preciso deixar às religiões e às filosofias o cuidado de imaginar sistemas capazes de satisfazer nossa necessidade de conhecer.”

Tentaremos, na série dessa obra, mostrar que nossos conhecimentos atuais nos permitem ir bem mais longe do que pensa Sr. Le Bom na pesquisa do sentido da evolução. Analisemos primeiro os sistemas propostos, até ao presente, para a solução da 3^a. Questão:

Como e por que revolução?

As teorias filosóficas da evolução poderiam a rigor, se resumir a duas: A teoria deísta ou providencial e a teoria panteísta.

De fato, a metafísica panteísta é infinitamente complexa, pois que ela abraça todos os sistemas que colocam no universo mesmo sua razão de ser e seu fim.

Esses sistemas, seja por seu desenvolvimento, seja pelas suas conclusões, são muito diferentes uns dos outros e não poderão ser confundidos em um estudo uniforme.

Não conseguíamos, aliás, no quadro dessa obra, passá-los em revista. Uma escolha se impõe, e essa escolha será naturalmente determinada pelo objetivo que nós perseguimos.

Nós consideraremos simplesmente:

A filosofia de revolução providencial e dogmática.

A evolução panteísta ou monística contemporânea.

O sistema de “a Evolução criadora” de Sr. Bergson.

A filosofia do Inconsciente, de acordo com Schopenhauer e de Hartmann.

Capítulo I

O evolucionismo providencial

1º Tentativas de conciliação do evolucionismo com a idéia providencial e dogmática

Após ter lutado longo tempo e desesperadamente contra a idéia evolucionista, um certo número de partidários da filosofia teológica e dogmática chegaram, pouco a pouco, de bom grado, a aderir.

Eles compreendem, com efeito, que o dogma da criação não é mais satisfatório que os ensinamentos materialistas.

Como o diz muito bem Vogel⁶⁷: “do ponto de vista estritamente racional, é equivalente proclamar que o homem é um produto do acaso ou afirmar que sua criação é devida ao ato arbitrário de um Deus pessoal. Do ponto de vista moral, fazer desaparecer o indivíduo humano após uma vida toda de aventura em sem sanção nenhuma a seus atos é igualmente equivalente a fazê-lo julgar, por uma parada absoluta e para a eternidade, sobre a base de atos materiais de um valor, de uma duração e de uma autonomia ínfimas. Mas essa equivalência de probabilidades e de absurdidades, que existem no aporte das escolas materialistas e das religiões ocidentais na solução do problema cósmico, cessa desde que surge a teoria evolucionista.”

⁶⁷ Vogel: *A Religião do Evolucionismo* (Ed. Fischlin, Bruxelas)

De acordo com os crentes que aderiram ao evolucionismo, o universo evoluirá pela vontade e sob a direção de uma Providência soberanamente poderosa, soberanamente justa e soberanamente boa.

O transformismo não seria nulamente incompatível com um plano divino e com os ensinamentos tradicionais, desembaraçados, bem entendidos, dos impedimentos dogmáticos pueris e ultrapassados.

Longe de ser contrário à idéia providencial, dizem eles, a fórmula evolutiva aliviaria essa última da mais grave objeção baseada sobre as imperfeições do universo. Essas imperfeições, demais marcadas para ser conciliáveis com a noção de uma providência responsável, em uma criação definitiva, são ao contrário facilmente compreensíveis em um mundo em via de evolução: elas não aparecem mais então como uma necessidades inerente a um estado inferior e como a medida mesmo da inferioridade momentânea desse estado⁶⁸.

⁶⁸ Consultar a curiosa coletânea de Conferências do R. P. Zahm traduzida sobre o título: *a Evolução e o Dogma*, pelo abade Flageolet Lethielleux editor, 10, rua Cassatte, Paris.

Não é sem uma certa hesitação que nós vamos discutir o valor desse raciocínio⁶⁹. Semelhante discussão parecerá com efeito inútil e fastidiosa, tanto aos partidários quanto aos adversários da idéia providencial, pois tudo já foi dito, há muito tempo, sobre esse assunto, por outro lado a questão é que comporta geralmente convicções ou crenças impenetráveis.

⁶⁹ Este capítulo não deve absolutamente ser considerado isoladamente. O que precede e o que segue, prova que ele não tem necessidade de recorrer à concepção providencial, para reconhecer no universo, uma harmonia ideal. Nós nos esforçaremos para demonstrar que a evolução é precisamente a realização da soberana consciência, da soberana justiça, do soberano bem.

Mas, do momento em que alguns pretendem substituir, o antigo ato de fé, fogem à toda crítica, uma argumentação lógica, força é bem de segui-las sobre o terreno dos fatos e de expor, uma vez mais, as objeções que se opõem inevitavelmente à sua tese.

Essas objeções podem ser reduzidas a dois princípios:

- A) A objeção baseada na constatação, na evolução, de tentativas e erros.
- B) A objeção baseada na predominância do mal no universo.

2º Objeção baseada na constatação evidente, na evolução, de tentativas e erros

Uma evolução se efetuando sobre um plano divino preestabelecido ou regido constantemente por uma providência soberanamente perfeita não poderia comportar tentativas nem erros. Ora essas tentativas e esses erros são inumeráveis.

Eles não constituem uma exceção; eles parecem quase a regra.

Milhares e milhares de espécies desapareceram na série dos séculos. Houve, nessas formas evolutivas, como um desperdício de forças vivas e de energias.

Tudo nos mostra, na revolução, uma força criadora que não está segura de si mesma; que produz superabundantemente, para chegar a se concretizar nas formas selecionadas.

Essas tentativas são absolutamente evidentes nas fases inferiores da evolução: produz-se para as espécies o que se produz para os indivíduos, germes são aos milhares; um pequeno número somente chegam ao crescimento; entre esses privilegiados, alguns somente alcançam o estado adulto.

Como fazer voltar em um plano divino a um semelhante desperdício que seria inexplicável e inútil?

Tudo se passa na realidade, como se não houvesse plano apreciável: de Vries mostrou que, nas espécies vegetais, as mutações se fazem completamente independente de fatores vitais e se produzem de repente, simultânea e anarquicamente, em direções diferentes e sem relação com a utilidade de tal ou tal caráter novo. A seleção opera em seguida. Os fatores clássicos agem para facilitar ou

contrariar o desenvolvimento dos caracteres aparecidos, fazer triunfar ou desaparecer as novas espécies. Mas o crescimento criador cego interno para os vegetais e sem dúvida para os animais inferiores é um crescimento cego, uma espécie de explosão desordenada e incoerente.

Para os animais de uma ordem elevada, mesmo se o crescimento é menos cego, se ela corresponde à necessidade, a alguma coisa como uma aspiração obscura e de formas superiores, ela comporta todavia ainda tentativas e erros.

Como não ver, por exemplo, na história dos répteis da época secundária, como uma tentativa para chegar à série evolutiva superior dos mamíferos. Toda revolução aliás é outra coisa senão uma longa série de tentativas?

As tentativas e os erros se acham nos detalhes como no conjunto. Os caracteres orgânicos inúteis não podem se ligar a nenhum plano, nada têm de excepcional. Delage e Goldsmith citando numerosos exemplos.

“Os diversos caracteres de coloração de asas de insetos, cascas de moluscos, caracteres que, segundo a expressão de Eimer, não são mais úteis assim como não é a coloração brilhante do ouro para esse metal ou não o são para a bolha de sabão seus reflexos irisados. As dimensões exageradas de florestas do impulso fóssil da Irlanda; as presas retorcidas e praticamente inutilizáveis do mamute; as presas extraordinariamente desenvolvidas do babyrussa moderno; os olhos de certos crustáceos colocados na extremidade de pedúnculos muito longos? etc. Parece aqui que o desenvolvimento, uma vez começado prossegue como por inércia.”

Há mesmo órgãos que não são somente inúteis, mas nocivos, como o apêndice do homem.

Os instintos contêm erros, em si mesmos, às vezes; são enganados pelos seus instintos que certas caças, tais como as aves pernaltas migratórias, vão sempre aos mesmos lugares, onde elas encontram a morte; que os peixes migratórios são incapazes de evitar as zonas perigosas, sempre as mesmas, onde eles perecem aos milhares, etc...

3º Objeção baseada no mal universal

Se a constatação de tentativas e erros na evolução parece dificilmente compatível com a noção de um plano divino, isso é mais temível ainda para a idéia providencial, é a constatação do mal universal.

O mal está, com efeito, em toda parte. Parece o esmagamento do mais frágil domínio da vida humana e animal. A terra, o céu e as águas não são senão imensos e perpétuos campos de carnificina, junto dos quais os campos de batalha da humanidade não parecem senão modalidades intermitentes e atenuadas!

Os mais encantadores pássaros, os insetos mais delicados não são o mais freqüente que bestas ferozes, piores que grandes carniceiros.

Por que esse instinto de ferocidade, de ferocidade requintada, mas isento de toda reflexão e de toda responsabilidade nos insetos?

Não há uma necessidade inelutável para que os animais se entredevorem; já que alguns dentre eles, e entre os mais possantes, se nutrem de vegetais.

Por que todas as doenças, as epidemias, as catástrofes cósmicas?

Por que, sempre e por toda parte, tantos sofrimentos e tanto mal?

A objeção do mal é verdadeiramente a mais formidável que se possa opor à idéia providencial. O velho e irrefutável argumento se apresenta imediata e fatalmente ao espírito: se é um criador, esse criador não soube, não quis ou não pôde impedir o mal; ele não poderá então ser soberamente inteligente, soberanamente bom ou soberanamente poderoso.

A solidez desse argumento é ainda levado em conta pela fragilidade das refutações que se têm tentado!

Diz-se que, se o mal não existisse, a criatura seria igual ao criador. Esse sofisma não se mantém em pé. A menos que seja obra, não de uma verdadeira Providência, mas de um medíocre criador, a criação não saberá ser baseada sobre o sofrimento universal. Ela deveria comportar não o máximo, mas o mínimo de mal possível. A criatura seria igual ao criador. Esse sofisma não se mantém em pé. Salvo se fosse obra, não de uma verdadeira Providência, mas de um medíocre demiurgo, a criação não poderia ser baseada no sofrimento universal. Ela deveria comportar não o máximo, mas o mínimo de mal possível.

Diz-se também que o mal era a consequência da liberdade dada por Deus à criatura.

Ora, está claro que as grandes epidemias, a maior parte das enfermidades e das doenças, as grandes catástrofes cósmicas, etc.. não têm nada a ver com a liberdade humana.

Invoca-se enfim o “Pecado original”.

Ora, o dogma do pecado original em si mesmo não será capaz de inocentar do mal a Providência. Guyau faz ressaltar essa verdade em uma página magistral: “O supremo recurso do Cristianismo e da maior parte das religiões, escreve ele em seu “irreligião do futuro”, é a idéia da queda. Mas essa explicação do mal por uma falha primitiva volta a explicar o mal pelo mal, por si mesmo, é preciso que anteriormente à queda, tenha já havido alguma coisa de mau mesmo no pretense livre arbítrio, ou em torno dele, para que ele possa falir; uma falta jamais é primitiva. Não se cai quando não há pedras no caminho, se tem as pernas bem feitas e se anda sob o olhar de Deus. Não poderia haver pecado sem tentação, e nós voltamos assim à idéia de que Deus foi o primeiro tentador; é Deus mesmo que decai então moralmente na queda de suas criaturas, por ele escolhidas. Para explicar a falta primitiva, fonte de todas as outras, a falta de Lúcifer, os teólogos, no lugar de uma tentação pelos sentidos, imaginaram uma tentação mesmo da inteligência: é somente por orgulho

que pecam os anjos, e é do mais profundo deles mesmos que vêm assim sua falta. Mas o orgulho, essa falta de inteligência, não mantém na realidade senão sua curta vista; a ciência mais completa e a mais alta não é a que vê melhor seus limites?

O orgulho é por isso dado, por assim dizer, com a estreiteza do saber; o orgulho dos anjos não pode provir senão de Deus. Não se pode e não se faz o mal senão em virtude de razões; mas não há razões contra a própria razão. Se, segundo os partidários do livre arbítrio, a inteligência humana pode, em movimentos de orgulho e de perversidade interior, criar, suscitar nelas mesmas os motivos para fazer o mal, ela não o pode pelo menos senão até onde seu saber está limitado, ambíguo, incerto. Não se hesita praticamente senão onde não há a absoluta evidência intelectual; não se pode falhar na luz e contra a luz. Um Lúcifer, por sua própria natureza não pode pecar. A vontade do mal não nasce senão da oposição que uma inteligência imperfeita crê apanhar por erro, em um mundo hipoteticamente perfeito, entre seu bem e o de todos. Mas, se Deus e sua obra são realmente perfeitos, tal antinomia entre o bem individual e o bem universal – que aparece já para as mais altas inteligências humanas como, sem dúvida, provisória – aparecerá bem melhor como tal ao arcanjo de inteligência, mesmo ao “porta luz” do pensamento. Saber, é participar de algum modo da consciência da Verdade suprema, da consciência divina; ter toda a ciência, seria concentrar em si todos os reflexos mesmo da consciência de Deus; como, de todo esse divino, o satânico poderia sair?”

Aliás, o dogma do pecado original não se aplica senão à humanidade.

Os Cartesianos o tinham tão bem compreendido que, sistematicamente, afastaram a objeção declarando que os animais não eram senão autômatos.

“Se as bestas pensam, diziam eles, elas têm uma alma. Se essa alma é mortal, a do homem poderia bem ser assim. Se ela é imortal, não se compreende nem como nem por que as bestas podem sofrer e sentir seus sofrimentos. As bestas por isso comeram do feno proibido? Esperam um Messias?”

Hoje que a questão da “alma animal” não apresenta mais dúvida, o argumento dos Cartesianos se voltam forçosamente contra a idéia providencial.

Em último recurso, os partidários dessa idéia reduziram ao último plano à inteligência humana a capacidade de compreender o plano divino.

Sem dúvida, a inteligência humana é ainda muito débil, mas é muito rebaixá-la como lhe recusar o direito de fazer um julgamento sobre as dolorosas condições da vida terrestre. Esse julgamento não comporta dúvida: a evolução não será capaz de ser a obra de uma divindade soberanamente inteligente, justa, boa e potente, que essa divindade tenha regulado antecipadamente, em seu entendimento, essa evolução nos menores detalhes; que ela intervenha constantemente para regê-la à medida que é necessário.

Entretanto, tem-se tentado conciliar os fatos à idéia providencial; o mal, as tentativas e os erros poderiam se compreender, tem-se dito, da seguinte maneira: a

Providência seria limitada, criando o universo primitivo, pondo nele, com o élan progressivo, todas as potencialidades. A evolução, o élan dado, seriam então feitos por ele mesmo, e as realizações se efetuariam livremente, fora de todo plano preestabelecido e da direção providencial, que teria cessado de intervir.

É um pouco próximo do que exprime o padre Zahn em seu livro “A Evolução e o dogma”

“Para toda a antiga escola de teologia natural, Deus é a causa direta de tudo o que existe. Para o evolucionista, é a causa das causas, causaram, do mundo e de tudo o que ele encerra. Nas antigas teorias, Deus criou cada coisa diretamente e no estado em que ela existe atualmente.

De acordo com a evolução, a criação, ou antes o desenvolvimento dos Seres teve um progresso lento e gradual, exigindo incalculáveis períodos de tempo para transformar o caos em cosmos e para dar ao universo visível toda a beleza e toda a harmonia que ele apresenta... Assim compreendido, e é seu verdadeiro sentido, a evolução, tomando emprestado as expressões do Templo⁷⁰ “nos ensina que a execução do plano divino releva mais o ato primordial da criação, e menos os atos posteriores de seu governo providencial. Há aí, da parte de Deus, mais de providência por um lado e, do outro, menos de intervenções repetidas, e tudo o que foi elevado a estas foi adicionado àquela.”

⁷⁰ *Templo: Relações entre Religião e Ciência.*

A responsabilidade do criador, com respeito ao problema do mal, seria assim diminuída; mas não totalmente afastada, pois não seria capaz de admitir, com efeito, que Deus, em sua onisciência, não previu a futura predominância do mal.

Os deístas são então conduzidos a concluir que a evolução não teria podido ser orientada em um sentido diferente, porque o mal é a condição mesmo da evolução, e contém em germe o bem futuro.

Há aí uma restrição singular à toda potência divina, que não poderá ser condicionada pelo quer que seja.

Ademais, não é demonstrado, de forma alguma, que o mal seja um fator evolutivo indispensável. Um grande número de naturalistas contemporâneos pensam o contrário. Eles se baseiam, não em idéias preconcebidas, mas no exame imparcial dos fatos.

Que demonstram esses fatos? É que as novas variações aparecem e prosperam tanto melhor quanto as condições ambientes lhes propiciem um modo de existência mais fácil e mais doce. Kropotkine, estudando as regiões Siberianas, observa que a vida aí é relativamente rara e que os períodos mais duros, do ponto de vista climático, são seguidos não de uma evolução progressiva, mas de uma regressão em todos os sentidos.

Um botânico russo, Korschinsky⁷¹ chegou às condições seguintes: as novas formas não aparecem em condições de existência rigorosas, ou, se elas aparecem, elas se

apagam rapidamente. As variações são sobretudo freqüentes quando a ambiência é vantajosa, ao passo que as condições inclementes, longe de favorecer a evolução, a reduzem restringindo as variações e eliminando as formas novas em vias de se constituir.

⁷¹ *Korschinsky: Heterogênese e Evolução. Contribuição à teoria da origem das espécies (Mem. Acad. Petrogrado, IX, 1899).*

Um outro botânico, Luther Burbank, cultivador na Califórnia⁷² concluiu, de numerosas pesquisas, que um solo rico e de condições favoráveis determinam as variações gerais e as favorecem, então que as condições de vida rigorosa as impedem e conduzem a uma regressão geral.

⁷² *Delage e Goldsmith: As Teorias da Evolução.*

Não é para a humanidade como para as formas de vida inferior. Os anos marcados por misérias, epidemias, guerras, etc.. dão nascimento a uma geração enfraquecida e inferior.

É por isso certo que:

1º O mal, muito acentuado não favorece a evolução, mas a dificuldade. Não é mais um aguilhão, é um freio.

2º O mal não é indispensável para a evolução, já que a vida é sobretudo superabundante e variada nas regiões favorecidas do ponto de vista das condições de clima, de alimentação e de bem-estar.

Outra consideração, a capital: já que a luta pela vida e a adaptação são fatores secundários e que se pode conceber a evolução se fazendo sem elas; é claro que o mal não pode mais ser considerado como a condição *sine qua non* da evolução.

Que o mal seja inevitável nas fases inferiores da evolução e apareça simplesmente como medida da inferioridade dos mundos, isso é plausível, mas não é que se considere os mundos evoluindo por um impulso primitivamente cego e inconsciente. Isso não está mais na hipótese de um plano divino.

Nenhuma argumentação, por mais sutil que seja, não pode manter-se contra a evidência: “um criador é um ser em que todas as coisas têm sua razão e sua causa, conseqüentemente quem arcará com toda responsabilidade, suprema e última. Ele assume assim sobre sua cabeça o peso de tudo o que há de mal no universo. À medida que a idéia de uma potência infinita, de uma Liberdade suprema tornam-se inseparável da idéia de Deus, Deus perde toda desculpa, pois o absoluto não depende de nada, ele não é solidário a nada e, ao contrário, tudo depende dele, tem nele sua razão.

Toda culpabilidade remonta assim até ele; sua obra, na série múltipla de seus efeitos, não se mostra mais ao pensamento moderno senão como uma única ação, e essa ação é suscetível, no mesmo título que toda outra, de ser apreciada do ponto de vista moral; ela permite julgar seu autor; o mundo se torna para nós o julgamento de Deus. Ora, como o mal e o imoral, mesmo com o progresso do senso moral, tornam-

se chocantes, no universo, parece, cada vez mais que admitir um “criador” do mundo, é, por assim dizer, centralizar todo esse mal em uma fonte única, concentrar toda essa imoralidade em um único ser e justificar o paradoxo: “Deus é o mal.” Admitir um criador, é, em uma palavra, fazer desaparecer do mundo todo o mal para fazê-lo caber em Deus como em sua fonte primordial; é absolver o homem e o universo para acusar seu livre autor⁷³.”

⁷³ *Guyau: A Irreligião do futuro.*

4º O neo-maniqueísmo

Restaria ao espírito humano um recurso supremo para absolver não somente o homem e o universo, mas para absolver Deus em si mesmo: seria se recusar a ver nele o livre autor do mundo e atribuir a criação desse último a um semi-deus ou a um demônio malvado; ver no universo “um duplo princípio do bem e do mal lutando com armas iguais e triunfando alternadamente.”

Ora, a concepção maniqueísta, algo complicado, absurda e tola que ela pareça a todo espírito filosófico, não está morta. Ela está ainda em curso, parece nas seitas místicas que herdaram dos ensinamentos da idade média. Os ecos dessas velhas tradições se encontram mesmo noutro local. Não é sem um sentimento de profunda surpresa que se vê o pensamento maniqueísta afirmado por espíritos imbuídos do tradicionalismo cristão⁷⁴. Flournoy que não teve medo de expor semelhantes idéias, se esforça para afastar as objeções inevitáveis por um falso fugidio: “Se Deus existe, está desde a origem em luta contra um princípio independente dele e de onde vem todo o mal; ele não pois o Absoluto, o Todo-poderoso, o Criador e o mestre onipotente desse universo, e caímos fatalmente na velha doutrina dos maniqueístas”. Eu vos confesso que não sou assaz teólogo nem filósofo para esclarecer isso! Mas não seria talvez a primeira vez que uma heresia condenada pelos concílios se achasse com razão contra eles e apresentar mais de conformidade com o pensamento do Cristo que a tradição reconhece. O que quer que seja, a noção de um Deus, limitado sem dúvida, mas pura bondade, sem cessar a obra para tirar todo o bem possível de males dos quais ele não é o autor, e lutando contra resistências estranhas para introduzir seu reino de amor no caos primordial (o que seria a causa e a palavra última de evolução), essa noção, digo eu, que me parece ressaltar de toda a carreira de Jesus, me parece infinitamente mais generosa que a concepção corrente do Deus que passa sermão (com ar de moralista) e vingativo, punindo sobre os filhos a iniquidade dos pais, e satisfazendo suas criaturas (e de preferência as melhores) de provas as quais elas deveriam ainda lhe agradecer!”

⁷⁴ *Flournoy: O gênio religioso.*

É necessário discutir o maniqueísmo ou o neo-maniqueísmo? Não, evidentemente. É suficiente observar que é ainda mais complicado, contrário a toda metodologia,

seja filosófica, seja científica.

O maniqueísmo aparece simplesmente como uma prova deslumbrante da impossibilidade de conciliar, com o problema do mal, a hipótese de uma criação providencial. Mas ele não resiste a esse argumento: que a hipótese de uma causa primeira exterior ao universo é uma hipótese inútil. Já que, por bem ou por mal, devemos sempre chegar à concepção de uma causa primeira, ela mesma sem causa, é totalmente supérfluo colocar essa causa primeira em outro lugar senão no universo mesmo.

A concepção de uma criação ex nihilo não será capaz de solucionar a dificuldade inerente, fatalmente, à pesquisa da causa primeira. Ela não faz senão revelá-la e só aumenta ainda essa dificuldade, encarregando-se do formidável problema do mal.

Capítulo II

O monismo

O monismo, que não é a adaptação do panteísmo às ciências naturais e à teoria evolucionista, apresenta uma grande força de sedução: de uma parte, ele simplifica a alta filosofia conduzindo tudo a uma hipótese única, o que é conforme ao espírito e ao método científicos.

Doutra parte, ele está de acordo evidente com a síntese evolucionista, considerada no conjunto e nas partes, no universo e no indivíduo.

A filosofia panteísta se nos oferece assim com um caráter de probabilidade indiscutível. Veremos, na seqüência desse trabalho, esse caráter de probabilidade se afirmar vantajoso ainda pelas novas concepções da psicologia.

Sem sair do domínio das ciências naturais, ele permitiu afirmar que as concepções mecanicistas, deterministas ou finalistas, assunto de seculares controvérsias filosóficas, são facilmente conciliares na síntese panteísta, ao passo que elas são, fora dela, desprovidas de toda base positiva e condenadas a se tornarem vãs e estéreis especulações. Fora da filosofia panteísta, as concepções ditas científicas do universo se conduzem a essa fórmula: “a evolução do universo é determinado pela adição, a superposição mecânica aos elementos primitivos de novos elementos, criando assim uma construção gradual cada vez mais complexa e aperfeiçoada.”

Ora, os fatos desmentem essa hipótese, como observa Bergson: “uma simples vista d’olhos, lançada sobre o desenvolvimento de um embrião, mostra que a vida procede não por associação e adição de elementos, mas por dissociação e desdobramento.”

Enfim, nós o vimos, o mais não pode sair do menos que se está contido em potência no menos.

Quanto às concepções finalistas, elas levam fatalmente, se elas não tomam por base e ponto de partida a filosofia panteísta, a essas teorias vulgares e infantis, que é tão fácil de ridicularizar, de acordo com as quais todos os elementos da estrutura universal foram feitos um por um. Basta, para derrubar essa concepção, observar, com R. Wallace, que toda adaptação tem necessariamente a aparência de um arranjo intencional.

Ao contrário, partindo do panteísmo, o mecanicismo e o finalismo são tudo outra coisa; porque eles se fundamentam em uma só hipótese metafísica.

Implicam a idéia de que nossa concepção do tempo e do espaço é coisa relativa a nosso entendimento; que em se elevando acima dessas concepções relativas, não se deve ver nem começo nem fim, nem ponto de partida, nem fim, nem chegada, nem passado, nem presente, nem futuro, mas simplesmente um todo harmonioso. Não é preciso dizer: “O universo foi construído com um fim predeterminado, através de meios dados”, nem “os meios determinaram necessariamente o fim.”

Essas distinções mecanicistas ou finalistas são vãs. Elas esvaecem no absoluto. Chega-se assim, como diz Bergson, a “uma metafísica onde a totalidade do real é colocado em bloco, na eternidade onde a duração aparente das coisas exprime simplesmente a enfermidade de um espírito que não pode conhecer tudo ao mesmo tempo.”

É o que Laplace tinha expressado na frase célebre: “Uma inteligência que, por um instante dado, conhecesse todas as forças cuja natureza é animada e a situação respectiva dos seres que a compõem; se, aliás ela fosse assaz vasta para submeter esses dados à análise, abraçaria na mesma fórmula os movimentos dos grandes corpos do universo e os do mais leve átomo; nada seria incerto para ela; e o futuro, como o passado, estaria presente aos seus olhos.”

Que objeção faz a isso Sr. Bergson? Que não se poderia fazer abstração do tempo. “A duração, diz ele, é o que há de mais indiscutível em nossa experiência. Percebemos a duração como uma corrente na qual não se poderia subir. Ela é o fundo do nosso ser e nós sentimos bem, a substância das coisas com as quais estamos em comunicação.”

Essa objeção é seguramente insuficiente. Se o tempo e o espaço não são senão ilusões relativas a nosso entendimento limitado, é evidente que essas ilusões podem se impor a esse entendimento como uma realidade sem cessar para isso de ser ilusões.

O que parece verdadeiro, é que a metafísica mecanicista ou finalista não é nem demonstrável nem refutável, porque ela se coloca fora e acima de nossos procedimentos de raciocínio e de nossos métodos.

Ela parece, entretanto, achar um apoio inesperado nos fatos de lucidez no futuro, fatos dos quais um certo número são hoje bem estabelecidos.

Mas, mesmo admitindo sua possibilidade metafísica abstrata, ela não traz nada de concreto a adicionar à doutrina da evolução.

A questão do mecanicismo ou finalismo transcendente se confunde com a questão do absoluto. Ela está acima de nossa inteligência e não pode ser discutida com sucesso.

Devemos nos contentar em admitir a necessidade de um princípio único contendo nele todas as potencialidades evolutivas e de experimentar simplesmente compreender como se realizam essas potencialidades.

Ora, é bem certo que o panteísmo naturalista clássico ou monismo, não permite essa compreensão.

Quando Haeckel escreve sobre o assunto da lei de evolução⁷⁵: “Essa lei suprema da natureza estando posta e todas as outras leis lhe sendo subordinadas”, somos convencidos da universal Unidade da natureza e do eterno valor das leis naturais. Do obscuro problema da substância é resultante a clara lei de substância...” Ele não faz senão enunciar uma fórmula muito completa senão sem valor; a clara lei de

substância nada tem de claro, na realidade, senão em sua afirmação da Unidade. Ela é perfeitamente obscura em tudo o que concerne os fatores essenciais e o sentido da evolução.

⁷⁵ *Haeckel: Os enigmas do universo.*

Capítulo III

A evolução criadora de Sr. Bergson

Eu, inúmeras vezes, citei Sr. Bergson.

É tempo de empreender um exame metódico de sua obra e pesquisar se ela nos traz a solução do problema evolucionista.

Mesmo que eu não quisesse considerar aqui, idéias de Sr. Bergson, senão as que concernem à evolução, eu seria obrigado a me deter, às vezes, sobre sua filosofia em geral. Sua teoria de “a Evolução criadora” é com efeito sua obra prima; mas, seria impossível compreendê-la, quando considerada isoladamente, fora de seus outros trabalhos.

Eu vou por isso tentar expor fielmente, em suas grandes linhas, a síntese de Sr. Bergson, e discuti-la livremente, sem a idéia preconcebida de seus detratores sistemáticos e de seus admiradores aparvalhados.

1º Exposto da filosofia bergsoniana sobre a evolução

Sr. Bergson admite o transformismo. Ele considera suas provas como suficientes e indiscutíveis. Mas, acrescenta ele, então mesmo que elas não o fossem, não se poderia afastar a concepção da evolução. Ele se esforça em demonstrar essa necessidade em uma página que é certamente uma das mais fortes, das mais profundas e das mais notáveis que ele tenha escrito: “Admitamos, no entanto, que o transformismo seja passível de erro”. Suponhamos que se chegue a estabelecer, por inferência ou por experiência, que as espécies são nascidas por um processo descontínuo, do qual nós não temos hoje nenhuma idéia. A doutrina seria alcançada no que ela tem de mais interessante e, para nós, de mais importante? A classificação subsistiria sem dúvida em suas grandes linhas.

Os dados atuais da embriologia subsistiriam igualmente. A correspondência subsistiria entre a embriologia comparada e a anatomia comparada,

Desde então, a biologia poderia e deveria continuar a estabelecer entre as formas vivas as mesmas relações que supõe hoje o transformismo, o mesmo parentesco. Tratar-se-ia, é verdadeiro, de uma parentela ideal e não de uma filiação material.

Mas, como os dados atuais da paleontologia subsistiriam também, forçoso seria admitir ainda que é sucessivamente, e não simultaneamente, que apareceram as formas entre as quais uma se revela como parentela ideal. Ora, a teoria evolucionista, no que ela tem de importante aos olhos do filósofo, não questiona mais. Ela consiste sobretudo em constatar relações de parentela ideal e a sustentar que, aí onde há essa relação de filiação, por assim dizer, lógica, entre formas, há também uma relação de sucessão cronológica entre as espécies onde essas formas se

materializam. Essa dupla tese subsistiria em todo estado de causa. E desde então, seria preciso ainda supor uma evolução em alguma parte, - seja em um pensamento criador onde as idéias sobre diversas espécies seriam engendradas umas e outras exatamente como o transformismo quer que as espécies sejam engendradas sobre a terra, - seja em um plano de organização vital imanente à natureza, que se explicitaria pouco a pouco, ou as relações de filiação lógica e cronológica entre as formas puras, seriam precisamente as que o transformismo nos apresenta como relações de filiação real entre indivíduos vivos, seja enfim em alguma causa desconhecida da vida, que desenvolveria seus efeitos como se uns engendrassem os outros. Ter-se-ia por isso simplesmente transposto a evolução. Ter-se-ia passado o visível no invisível.

Quase tudo o que o transformismo nos diz hoje se conservaria, nem que se tenha que interpretar de uma outra maneira.

Não seria melhor, desde então, reter-se à letra do transformismo, tal como a professa a quase unanimidade dos sábios?...É por que nós estimamos que a linguagem do transformismo se imponha agora a toda filosofia, como a afirmação dogmática do transformismo se impõe à ciência.”

Estando a evolução definitivamente estabelecida, e tendo o valor de um fato certo, é indispensável procurar compreender como ela se realiza.

Para Sr. Bergson, ela não é devida a nenhum dos fatores clássicos invocados pelos naturalistas; esses fatores são secundários: “Que a condição necessária da evolução seja a adaptação ao meio, não contestamos de forma alguma...” mas outra coisa é reconhecer que as circunstâncias exteriores são forças com as quais a evolução deve contar; outra coisa sustentar que elas são as causas diretoras da evolução... A verdade é que a adaptação explica as sinuosidades do movimento evolutivo, mas não as direções gerais do movimento, ainda menos o movimento em si mesmo.

Na rota que conduz à cidade, somos obrigados a subir e descer as encostas, ela se adapta aos acidentes do terreno, mas os acidentes do terreno não são causa da rota e não lhe imprimiram sua direção.”

Qual é por isso o fator essencial?

Esse fator essencial, é uma espécie de impulso interior, um “élan vital” original e indefinido. Esse élan vital pertence a um princípio imanente que é vida, inteligência, matéria, mas que transborda na vida, na inteligência e na matéria no passado, presente e futuro, que os contém, os pressupõe e os cria previamente, por assim dizer, à medida de sua realização.

Esse princípio imanente, entretanto, nada tem feito de tudo por si mesmo; ele se criou progressivamente ao mesmo tempo que ele criou o universo em evolução. Ele constitui o que Sr. Bergson chama “a Duração”. A “Duração” não é muito cômoda de se compreender. Um discípulo eminente de Sr. Bergson a descreve assim:”É, diz-nos ele, uma evolução melódica de momentos em que cada um contém a ressonância

dos precedentes e anuncia o que vem a seguir; é um enriquecimento que não pára jamais e uma perpétua aparição de novidades. É um tornar-se indivisível, qualitativo, orgânico, estranho ao espaço, refratário ao número... Imaginai uma sinfonia que teria sentimento de si mesma e que seria sua própria criadora. Eis como convém conceber a duração⁷⁶.”

⁷⁶ *Le Roy: Uma filosofia nova. Alcan, editor.*

É a duração com seu élan vital que é a causa essencial da evolução, não a adaptação darwiniana o lamarckiana.

Como conceber a evolução na “Duração”? Tudo se passa como se houvesse um centro de onde os mundos jorrassem como os foguetes divergentes de um imenso bouquet.

Mas esse centro, é Deus, mas “Deus, assim definido, nada tem de tudo feito: ele é vida incessante, ação, liberdade. A criação, assim concebida, não é um mistério. Nós a experimentamos em nós desde que ajamos livremente.”

Por isso, não há finalidade preestabelecida; nada de plano determinado antecipadamente para a evolução; não há senão realizações que controlam e se ligam reciprocamente; “uma criação que prossegue sem fim em virtude de um movimento inicial”. Essa criação se realiza à medida que ocorrem, não somente as formas da vida, mas as idéias que permitem à inteligência compreendê-la e os termos que servem para exprimi-la. “Seu futuro transborda seu presente e não poderia aí se desenhar em uma idéia.”

Sr. Le Roy⁷⁷ resumiu, tão claramente quanto possível, o pensamento de Sr. Bergson, sobre o processus criador e sua concepção do espírito e da matéria saída desse processus: “Nessa concepção do ser, a consciência é por toda parte, como a realidade original, e fundamentalmente, sempre presente a milhares de graus de tensão ou de sono e sob ritmos infinitamente diversos.

⁷⁷ *Le Roy: Uma nova filosofia.*

O élan vital consiste em uma “exigência de criação” da vida, em seu mais humilde estado, constitui já uma atividade espiritual, e seu esforço lança uma corrente de realização ascendente, que a seu turno determina a contra-corrente da matéria.

Assim todo o real se resume em um duplo movimento de subida e descida.

O primeiro e único, que traduz um trabalho interior de maturação criadora, dura eternamente; o segundo, por direito, poderia ser quase instantâneo, tal o de uma mola que se destende, mas um impõe ao outro o seu ritmo. Espírito e matéria aparecem desse ponto de vista não como duas coisas que se oporiam, termos estáticos de uma antítese imóvel, mas antes como dois sentidos inversos de movimento e, com certas considerações, é preciso por isso menos falar de matéria ou de espírito que de espiritualização ou de materialização, esta resultando aliás automaticamente de uma simples interrupção daquela tem consciência ou supraconsciência, é o foguete cujos cacos voltam a cair como matéria.”

Que imagem da evolução universal nos é então sugerida? Não uma cascata dedutiva, nem um sistema de pulsações estacionárias, mas um jato que desabrocha em girândola e que param parcialmente ou pelo menos embaraçam e retardam as gotinhas que voltam a cair. O jato em si mesmo, a realidade que se faz, é a atividade vital, cuja atividade espiritual representa a forma mais alta, e as gotinhas que descem, é o gesto criador que volta a cair, é a realidade que se desfaz, é a matéria e é a inércia...”

Em definitivo, segundo Sr. Bergson, “a matéria é definida por uma espécie de descendente, essa descendente pela interrupção de uma subida, essa subida em si mesma por um crescimento, e um princípio de criação está assim no fundo das coisas”.

Mas então se põe a formidável questão do começo. Como o universo pôde sair do nada? Como o que existe pôde provir do que não existe: do nada?

Para Sr. Bergson, a questão não deve mesmo se colocar: “a idéia do nada, no sentido em que a tomamos quando nós a opomos a da existência, é uma pseudo-ideia.” Na realidade, “o nada é impensável, já que, pensar o nada é necessariamente pensar em alguma coisa; “a representação do vazio é sempre uma representação plena, que resolve a análise em dois elementos positivos: a idéia distinta ou confusa, de uma substituição, e o sentimento, provado ou imaginado, de um desejo ou de um arrependimento.”

Por isso “a idéia do nada absoluto, entendido como o sentido de uma abolição de tudo, é uma idéia destrutiva de si mesma, uma pseudo-ideia, uma simples palavra.

Quando eu digo: não há nada, não é que eu perceba um “nada” eu não percebo jamais senão do ser, mas eu não percebi o que eu procurava, o que eu esperava, e eu exprimo minha decepção sem a linguagem de meu desejo.”

Em suma, é por uma simples ilusão de raciocínio que se opõe a idéia do nada à de tudo. É “opor o cheio ao cheio” e “a questão de saber por que alguma coisa existe é por consequência uma questão desprovida de sentido, um pseudo-problema levantado em torno de uma pseudo-ideia.”

O processus criador não pode por isso não existir e não há nenhum mistério na constatação da existência da matéria, da vida, da consciência. São funções da “duração”.

O único mistério reside na questão das relações recíprocas, na Evolução criadora, da matéria, da vida e da consciência.

Sr. Bergson rejeita as teorias materialistas. Para ele, a consciência não é o produto do funcionamento do cérebro: “Cérebro e consciência se correspondem, porque eles medem igualmente, um pela complexidade de sua estrutura e o outro pela intensidade de seu despertar, a quantidade de escolhas das qual o ser vivo dispõe. Mas essa correspondência não tem nada de uma equivalência nem de um paralelismo. Precisamente porque um estado cerebral exprime simplesmente o que

há de ação nascente no estado psicológico correspondente, o estado psicológico transborda infinitamente o estado cerebral.”

“Sr. Bergson, diz Sr. G. Guillouin⁷⁸ abunda em comparações engenhosas e impressionantes para significar essa solidariedade sui generis da consciência e do organismo.

⁷⁸ *G. Guillouin: A filosofia de Sr. H. Bergson. Bernard Grasset, editor.*

Porque o que uma certa porca, diz ele, é necessária a uma certa máquina; porque a máquina funciona que se deixa a porca e pára quando se tira, não se pretenderá que a porca seja o equivalente da máquina. Ora, a relação da consciência com o cérebro parece ser a da porca com a máquina. A consciência de um ser vivo, diz ele ainda, é solidária com seu cérebro no sentido em que uma faca pontuda é solidária com sua ponta: o cérebro é a ponta afiada por onde a consciência penetra no tecido compacto dos acontecimentos, mas ele não é mais co-extensivo à consciência que a ponta não é à faca.”

Por isso o que há em nós de consciência não está ligado ao organismo e goza de liberdade. Mas a palavra de liberdade deve ser tomada em um sentido muito amplo. O que é livre, é menos o ser “individualizado” por assim dizer, que o ser interior, o ser completo.

“Nós somos livres, diz Sr. Bergson⁷⁹ quando nossos atos emanam de nossa personalidade inteira. A liberdade é por isso função de nosso poder de introspecção”.

⁷⁹ *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência.*

“A liberdade é coisa que se faz em nós sem cessar: nós somos liberáveis antes que livres; e a liberdade enfim é coisa de duração, não de espaço e de número, nem de improvisação nem decreto: é livre o ato há longo tempo preparado, o ato pesado de toda nossa história, que tomba como uma fruto maduro de nossa vida anterior⁸⁰.”

⁸⁰ *Le Roy: Ibid.*

Que somos nós⁸¹ com efeito, o que é o nosso caráter, senão a condensação da história que temos vivido desde nosso nascimento, antes de nosso nascimento mesmo, já que nós trazemos conosco disposições pré-natais? Sem dúvida nós não pensamos senão com uma pequena parte de nosso passado; mas é com nosso passado inteiro, aí compreendido nossa curvatura de alma original, que nós desejamos, queremos, agimos.”

⁸¹ *A Evolução criadora.*

Admitidas essas noções gerais, penetremos mais no mecanismo da Evolução criadora. Essa evolução não se faz sobre uma linha. Do centro original jorram linhas, no começo confundidas e se interpenetrando, depois à medida que evolui, se despreendendo e se distinguindo umas das outras, divergindo cada vez mais, como os foguetes de um fogo de artifício.

Sobre a terra, as principais linhas de evolução levam à criação da vida vegetal, da vida animal e instintiva, da vida humana e intelectual.

Essas formas de vida são absolutamente distintas. Há um abismo entre os vegetais, os animais e o homem.

“O erro capital, diz Sr. Bergson, o que, se transmitindo desde Aristóteles, viciou a maior parte das filosofias da natureza, é de ver na vida vegetativa, na vida instintiva e na vida racional três graus sucessivos de uma mesma tendência que se desenvolve, são três direções divergentes de uma atividade que cindiu-se ao crescer. A diferença entre elas não é uma diferença de grau, mas de natureza.”

Instinto e inteligência, diz ele também, representam as duas soluções divergentes, igualmente elegantes de um só e mesmo problema... entre os animais e o homem, não há mais uma diferença de grau, mas de natureza.

Para evitar a objeção da presença de inteligência no animal e de instinto no homem, Sr. Bergson diz: “Inteligência e instinto, tendo começado por se interpenetrar, conservam alguma coisa de sua origem comum. Nem um nem outro jamais se encontram em estado puro... Não há inteligência onde não se descobre traços de instinto; não há instinto sobretudo que não seja cercado por uma franja de inteligência.”

Qual é o papel do homem na criação? Esse papel é completamente à parte.

Ele representa o que há de essencial na evolução atualmente realizada; a vida vegetal e animal não sendo senão produtos de uma tentativa para chegar à vida humana; “Tudo se passa, diz Sr. Bergson, como se um ser indeciso e impreciso, que se poderá chamar, como se quiser, homem ou super homem, tinha procurado se realizar e não estava conseguindo senão abandonando pelo caminho uma parte de si mesmo. Esses resíduos são representados pelo resto da animalidade e mesmo pelo mundo vegetal.”

Somente o homem pôde adquirir a consciência: “Com o homem, a consciência quebra a cadeia (das necessidades materiais); no homem, e no homem somente, ela se libera.

Toda a história da vida, até aí, tinha sido um esforço da consciência pela matéria que retombava sobre ela... Tratava-se de criar, com a matéria, que a necessidade mesmo, um instrumento de liberdade, de fabricar uma mecânica que triunfasse sobre o mecanismo, e de empregar o determinismo da natureza para passar através das malhas da rede que ele tinha esticado. Mas, por toda parte em outro lugar senão no homem a consciência se deixou prender à rede cujas malhas ele queria atravessar.

Ela ficou cativa dos mecanismos que tinha montado... Na ponta do largo trampolim sobre o qual a vida tinha tomado seu élan, todos os outros desceram achando a corda esticada muito alto; o homem somente saltou o obstáculo.”

A consciência humana, assim formada e livre, é indestrutível ou é mortal?

A essa grave questão, que domina todas as filosofias e todas as religiões, Sr. Bergson responde simplesmente: “A humanidade inteira, no espaço e no tempo, é um imenso exército que galopa ao lado de cada um de nós, à frente e atrás de nós,

numa carga arrastante capaz de empurrar todas as resistências e de transpor obstáculos, mesmo talvez a morte.”

Tais são, resumidos, os principais ensinamentos de Sr. Bergson. Nos restam falar do método sobre o qual são baseados esses ensinamentos.

Esse método de Sr. Bergson consiste em fazer chamar, para resolver os problemas filosóficos, não a inteligência, mas a intuição.

À inteligência pertenceria a solução dos problemas concernentes às relações do ser com o universo, o conhecimento do material e do inorgânico e isso somente. Está aí o domínio próprio da ciência.

Quanto ao mundo da vida e da alma, ele não releva a reflexão nem do conhecimento científico mas da intuição.

O que é então a intuição, tal como é preciso compreendê-la, segundo Sr. Bergson?

A intuição não é outra coisa senão o instinto consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de alargar indefinidamente.

“Se a consciência que dorme no instinto despertasse, se se interiorizasse em conhecimento em lugar de se exteriorizar em ação; se nós soubéssemos interrogá-la e se ela pudesse responder, ela nos revelaria os segredos mais íntimos da vida, pois ela não faz senão continuar o trabalho pelo qual a vida organiza a matéria.”

Infelizmente, devido a revolução da animalidade no homem, a intuição é vaga e descontínua: “é uma lâmpada quase apagada, que não se acende senão por intervalos, por alguns instantes apenas... Sobre nossa personalidade, sobre o lugar que nós ocupamos na natureza, sobre nossa origem e nosso destino, ela projeta uma luz vacilante e fraca, mas que não penetra menos a obscuridade da noite ou nos deixa a inteligência.”

A intuição, entretanto, não deve nem pode fazer abstração completa da inteligência: é inevitável levar em conta, em certa medida, o ensinamento dos fatos e o controle racional.

Mas “a tarefa própria do filósofo seria acabar com a inteligência no instinto ou antes de reintegrar o instinto na inteligência”. Assim compreendido “a filosofia se apóia na ciência, a envolve e a supõe; depois ela implica uma prova de verificação propriamente dita⁸².” Tem-se objetado que essa concepção da iluminação e de suas relações com a inteligência era paradoxal, o raciocínio que a apoiava tornando um círculo vicioso: de uma parte, tem-se dito aos Bergsonianos, vós pretendeis que a intuição vai além da inteligência, em um domínio que lhe é próprio e, por outro lado, vós reservais à inteligência um direito de controle nesse domínio que não é seu!

⁸² *Le Roy: Ibid.*

É, respondem os Bergsonianos, que a inteligência evocada por nós não é “a inteligência discursiva e crítica, deixada a suas próprias forças... encerrada em círculo intransponível”. Tudo se trata de outra coisa: “que a inteligência aceita o risco de dar um pulo no fluido fosforescente que a banha e a quem ela não é

totalmente estranha, já que ela se separou e que nele residem as potências complementares do entendimento, ela se adaptará logo e assim não estará momentaneamente perdida senão para se encontrar maior, mais forte, mais rica⁸³.”

⁸³ *Le Roy: Ibid.*

Para romper “o círculo intransponível” a inteligência deve fazer abstração de seus métodos habituais de raciocínio e se abandonar ao poder mágico da intuição. Renovada, revivida, exaltada, transformada pela intuição, a inteligência se tornará uma super-inteligência capaz de julgar mesmo os produtos da intuição.

2º Crítica da Filosofia bergsoniana

A filosofia bergsoniana oferece à crítica um método e ensinamentos.

Examinemos primeiro o método:

De acordo com Sr. Bergson, os grandes problemas filosóficos sobre a vida, a natureza do ser e do universo, Deus e o destino, são extra-científicos e sua solução depende unicamente da intuição.

A intuição, tal como ele a compreende, é, ao mesmo tempo, inspiração instintiva e introspecção. Ela admite o controle da inteligência, mas de uma inteligência super-inteligente, por assim dizer, de uma inteligência exaltada e estimulada pela intuição.

Esse método permitiria e permitiria somente ir além dos fatos conhecidos e de noções científicas.

A primeira questão que se coloca é se perguntar:

1º Se a intuição bergsoniana “é coisa nova” e inaugura um método inédito.

2º Se esse método deve ser especializado à filosofia como a filosofia seria especializada a ela.

Ora, essas duas proposições não são demonstradas de forma alguma.

É certo que todos os homens de gênio, todos os inventores, todos os grandes espíritos que acrescentaram alguma coisa de novo à atividade humana, são, antes de tudo, intuitivos.

Por outro lado, a intuição não conseguirá ser específica à filosofia. Ela é de todos os domínios, filosófico, artístico, industrial, científico. A ciência comporta tanto intuição quanto raciocínio. As grandes descobertas científicas eram, no entendimento de homens de gênio, antes de serem adaptadas aos fatos ou demonstradas, verdadeiras. Há tanta intuição na genialidade de um Newton ou de um Pasteur quanto na de um grande metafísico.

O que distingue o método dos filósofos do método dos cientistas – e isso somente – é que os cientistas se mantêm, tanto quanto possível, no limite dos fatos, têm como critério a adaptação aos fatos ou as deduções racionais; ao passo que os filósofos, em tudo procurando por sua intuição em acordo com os fatos, se elevam às vezes, em hipóteses ousadas, além dos fatos.

É precisamente o que faz Sr. Bergson e não outra coisa.

Eu sei que se quis ver em “a intuição bergsoniana” alguma coisa inédita...Eu confesso humildemente não ter compreendido e achar absolutamente fastidiosas as discussões ligadas a esse assunto entre partidários e adversários de Sr. Bergson.

É bom aliás ressaltar que esse pretendido método novo que consiste em opor a intuição à razão e em colocar na primeira a única forma de verdades filosóficas tinha já sido reivindicada expressamente e já tinha sido criticada outrora, exatamente como ela é atualmente: Procura-se passar, furtivamente, sofismas palpáveis, em lugar de provas; chama isso de intuição... Abominamos o terreno da reflexão, isto é, do conhecimento raciocinado, da deliberação judiciosa e da exposição de boa fé; em uma palavra o uso próprio e normal da razão; proclama-se um desprezo soberano para a filosofia refletida, designando por aí de imediato pensamentos bem encadeados e bem lógicos em suas deduções tal como eles caracterizam os trabalhos de filósofos anteriores.

Em seguida, quando a dose de imprudência é suficiente e, de mais, encorajada pela ignorância da época, exprimirá a esse assunto um pouco perto desses termos: “Não é difícil compreender que essa “maneira” que consiste em anunciar uma proposição, em dar as razões que a apóiam e a refutar ao mesmo tempo por razões a tese contrária, não é a forma sob a qual se possa apresentar a verdade. A verdade é o movimento de si mesma por si mesma”

Quem escreveu essa virulenta apóstrofe?

Sem dúvida, pensar-se-á, um detrator de Sr. Bergson criticando a filosofia da duração...Não de tudo: é Schopenhauer falando de Hegel⁸⁴.

⁸⁴ *Schopenhauer “parerga e paralipomena.*

A bem da verdade, a questão da novidade e da originalidade de “a intuição bergsoniana” é perfeitamente secundária.

Admitamos, um instante, essa novidade e contentemo-nos em apreciar o método por seus ensinamentos. Nosso julgamento dependerá dos resultados obtidos.

Se é demonstrado que os ensinamentos de Sr. Bergson não têm valor no limite onde eles podem ser controlados pelos fatos; que quando eles vão muito além dos fatos, eles são ou insuficientes ou errôneos, será provado, por essa demonstração, que “a intuição bergsoniana” não tem nenhum valor especial.

Não será mais permitido, desde então, opor o método intuitivo ao método científico. Será estabelecido, uma vez mais, que não há, para chegar à verdade senão um único método, o que concorda a intuição com a lógica e o exame dos fatos; o que não admite outras induções senão as induções racionais, o método positivo.

Ora, os ensinamentos de Sr. Bergson podem ser divididos em três categorias:

A) Os ensinamentos que estão em concordância com os fatos e entram, por consequência, no quadro do método científico.

B) Os ensinamentos que não são deduzidos dos fatos e não são demonstráveis.

C) Os ensinamentos que estão em oposição com os fatos bem estabelecidos, e são por consequência errôneos.

Examinemos sucessivamente essas três categorias de ensinamentos.

3º Ensinamentos em concordância com os fatos ou deduzidos dos fatos. São os ensinamentos relativos à evolução, tanto quanto doutrina geral, a suas provas, a seu princípio de causalidade essencial.

A realidade do transformismo, a impossibilidade de explicá-lo pelos fatos clássicos, seleção e adaptação, são trazidos à luz por Sr. Bergson com uma lógica impecável e uma força de convicção irresistível.

Às razões que expus na primeira parte desse trabalho, razões de ordem sintética, que se acham, na maior parte, mais ou menos desenvolvidas nos diversos capítulos de “a Evolução criadora” Sr. Bergson acrescentam razões de ordem analítica e especial.

Ele encontra novas provas da impotência dos fatores clássicos no exame de alguns detalhes de anatomia comparada, tais como o olho de certos moluscos comparado ao olho dos vertebrados. Esse trabalho analítico de Sr. Bergson é muito consciencioso e o raciocínio deduzido de fatos considerados é preciso e rigoroso. Se não é de natureza a convencer os naturalistas (pois a discussão pode se eternizar sobre esse assunto sem chegar a conclusões irrefutáveis), isso é de pouca importância, já que o exame sintético da evolução prova, de uma maneira inegável, que os fatores clássicos não são senão fatores secundários e que existe um fator essencial ainda desconhecido.

A necessidade desse fator essencial, consistindo em uma espécie de impulso interior criador, em “o élan vital” é posto em evidência pelo exame de todos os fatos.

Esses ensinamentos de Sr. Bergson são, eu o repito, induções estritamente racionais e não saem do domínio do método científico.

Tais como são, fazendo abstração de outros ensinamentos, eles são suficientes para assegurar, à filosofia bergsoniana, um lugar à parte nas altas manifestações do pensamento contemporâneo.

A noção do élan vital estava em germe em certos sistemas naturalistas, tais como o de Noegeli e na filosofia panteísta antiga ou moderna; mas o mérito próprio do sistema bergsoniano é de ter-se adaptado rigorosamente aos fatos e de ter-se apresentado com um poder verdadeiramente genial.

4º Ensinamentos que não são deduzidos dos fatos e que não são demonstráveis

São os ensinamentos sobre Deus, sobre a inexistência do nada sobre a natureza do espírito e da matéria, sobre as relações da consciência e do organismo, sobre a

independência da consciência com respeito à matéria, sobre a liberdade humana, sobre as esperanças de sobrevivência.

Todos esses ensinamentos são dados sem ser baseados em fatos, mesmo sobre os fatos que seriam suscetíveis como nós o veremos mais adiante, confirmá-los parcialmente. Eles são de ordem puramente intuitiva.

É preciso demonstrar seu poder; é preciso de outros argumentos que o concurso à intuição para arruinar as concepções fisiológicas clássicas relativas à dependência da consciência, ao cérebro. Tanto quanto subsistirá, na ciência, a noção experimental do paralelismo psicofisiológico, todos os mais belos raciocínios de ordem espiritual ou todas as mais altas esperanças idealistas, expressas fora de um ato de fé ficarão absolutamente sem valor.

É em vão que Sr. Bergson se esforça para apoiar seus ensinamentos intuitivos sobre comparações. Ele bem que compara a evolução a um fogo de artifício; Deus no centro do jorro desse fogo de artifício; a inteligência tem a força ascendente dos foguetes e a matéria aos cacos que caem dos foguetes apagados; ele bem que imagina mil comparações para fazer compreender como, apesar do paralelismo psicofisiológico aparente, a consciência não está ligada a seu órgão... todas essas comparações, mais engenhosas que as outras, podem dar ao espírito uma satisfação superficial e passageira; elas não provam nada.

Não somente elas não provam nada; mas ainda elas são perigosas, pela ilusão de prova que elas dão, a um exame não aprofundado e pelos erros aonde elas podem arrastar. O principal erro da filosofia bergsoniana, erro que nós faremos ressaltar em um momento, a concepção antropocêntrica, vem provavelmente da comparação inicial da evolução a um fogo de artifício com foguetes divergentes.

5º Contradições e imprecisões

Fora dessas comparações, ilusórias ou perigosas, a filosofia de Sr. Bergson oferece um caráter especial, feito de contradições evidentes e de imprecisão quase sistemática.

As contradições são totalmente impressionantes: Sr. Bergson faz da intuição uma espécie de instinto decaído, um resíduo da evolução animal. Mas ao mesmo tempo, ele faz a base do método filosófico, de sorte que o homem, o Ser privilegiado da criação, segundo seu sistema, não pode saber a verdade que tendo recorrido à faculdade que, sempre segundo seu sistema, caracteriza a evolução animal! Depois, para compensar a insuficiência dessa primeira noção da intuição, ele chega a ser uma faculdade supra humana; mas que, entretanto, não é senão o instinto! Ele repele o controle da inteligência em matéria de filosofia, e ele se vê constrangido a recorrer, para o controle, a não sei qual super-inteligência diferente da inteligência em si.

Ele opõe a intuição à inteligência, mas, pelo raciocínio mais sutil, ele se esforça em

reduzir um no outro, coloca o critério da verdade na intuição controlada pela inteligência, vitalizada ela mesmo pela intuição; de sorte que em último lugar, é a intuição que ao mesmo tempo lugar e parte.

Ele nega à lógica o direito de conhecer o que concerne a vida e os grandes problemas filosóficos; mas, não faz menos, em sua obra, uma grande parte à erudição e ao raciocínio!

Ele inventa uma nova entidade metafísica, “a duração”, mas ele acha que essa entidade é baseada precisamente no que há de menos certo, de mais subjetivo, de mais relativo a nosso entendimento: o conceito do tempo!

A imprecisão é mais formidável ainda: A obra de Sr. Bergson leva finalmente, graças a essa imprecisão, a um vago idealismo, mas um idealismo que não chega a se expressar franca e nitidamente.

As dificuldades parecem contornadas antes que resolvidas. As antigas antinomias não são conciliadas em uma síntese superior, verdadeira ou falsa, mas do menos preciso: elas são, ousemos dizê-lo, como surrupiadas sob fórmulas confusas e imprecisas.

Essa imprecisão quase sistemática provoca, à leitura aprofundada da obra de Sr. Bergson, uma espécie de doença, que nem o imenso talento do escritor, nem suas visões geniais chegam a dissipar.

Sabe-se mais, com efeito, se entrevemos a verdade através de uma miragem ou se somos simplesmente trouxa em uma ilusão paradoxal. Tem-se a impressão de uma construção muito bela, mas quase fantasmagórica, feita de panos de cores mutantes, tapando uma estrutura interior incompleta e defeituosa, cuja base e o coroamento aparecem igualmente esvanecentes.

Tem-se o temor de ser trouxa de uma espécie de miragem ou da fantasmagoria de um mágico.

“Sr. Bergson, diz Sr. Guillouin⁸⁵ nos arrasta com ele, contornando e superando todos os obstáculos, com um desembaraço que faz pensar eu não sei em qual “alta escola intelectual” Ele faz pensar também, infelizmente, em uma espécie de prestidigitação...

A imprecisão da filosofia bergsoniana faz com que ela pareça conforme, em um exame superficial, às doutrinas mais opostas. É um espetáculo cômico e ao mesmo tempo triste, ver as tendências mais contrárias se colocar sob a tutela de Sr. Bergson. Deístas e panteístas, dogmáticos e teosofistas, neo-católicos, neo-ocultistas e mesmo, parece, neo-sindicalistas⁸⁶, invocar sua autoridade!

⁸⁵ *Guillouin: A filosofia de Sr. Bergson.*

⁸⁶ *Guillouin: A filosofia de Sr. Bergson.*

Quanto aos filósofos, eles ficam simplesmente desconcertados por um sistema assaz flexível para permitir declarar de sua parte⁸⁷: “Qualquer que seja a essência íntima do que se é, do que se faz, nós somos”. O que parece uma profissão de fé

panteísta, conforme o espírito geral da metafísica bergsoniana é, por outro lado, afirmar que, de toda essa mesma metafísica, se desligar nitidamente a idéia de um Deus criador e livre, gerador ao mesmo tempo da matéria e da vida, e cujo esforço de criação continua, do lado da vida, pela evolução das espécies e pela constituição das personalidades humanas” e que essa obra “é a refutação categórica do monismo e do panteísmo⁸⁸!”

⁸⁷ *Revista de metafísica e de moral, nov. 1911.*

⁸⁸ *Estudos, 20 de fevereiro 1917.*

6º Ensinamentos contrários a fatos bem estabelecidos

Um dos principais ensinamentos de Sr. Bergson é o da distinção, não do grau, mas de natureza, entre o animal e o homem. Ora, esse ensinamento não se apóia sobre nenhum fato e está em contradição com os conhecimentos mais precisos da psicologia contemporânea.

De acordo com Sr. Bergson, a evolução em linhas divergentes teria levado, de um lado, ao instinto animal; de outro à inteligência humana. O instinto animal teria guardado “franjas de inteligência” e a inteligência humana um resíduo de instinto. Mas instinto e inteligência estão separados por um abismo intransponível e o homem representa somente o produto essencial e superior da evolução, ao passo que o mundo vegetal e animal não são senão os resíduos.

Essa teoria repugna profundamente aos filósofos naturalistas, que vêem nela um retorno, mais ou menos sincero ou mais ou menos disfarçado, às velhas idéias antropocêntricas. E perturbará infinitamente, se ela for estabelecida sobre uma base positiva, a harmonia da síntese evolutiva. Mas essa base não existe e o ensinamento de Sr. Bergson repousa sobre uma omissão capital: sobre o afastamento, na concepção de “a evolução criadora”, do psiquismo subconsciente.

O estudo do psiquismo subconsciente no animal e no homem prova com evidência, nós iremos ressaltá-lo, a identidade de natureza do animal e do homem.

De modo algum há necessidade de procurar se não há, no animal, mas que franjas de inteligência; a psicologia comparada é muito pouco avançada para permitir estabelecê-lo com certeza. Será suficiente demonstrar que existe, no homem, outra coisa senão resíduos de instinto, um domínio subconsciente infinitamente vasto que não é senão o desenvolvimento desse instinto.

A esse domínio pertencem o automatismo das grandes funções vitais, idêntico, no homem e no animal; as grandes forças instintivas (instinto de conservação, de reprodução, etc...) igualmente poderosas no animal e no homem, bem que às vezes mascaradas neste último, enfim o subconsciente superior ativo, cujo instinto animal não é senão a primeira manifestação, e que representa, na vida mental do homem, um papel infinitamente mais vasto que o da consciência, atrás da qual ele se esconde

simplesmente.

A psicologia subconsciente domina a vida animal como ela domina a vida humana e a consciência não aparece senão como uma aquisição, que se realiza à medida dessa evolução e proporcionalmente ao nível atingido dessa evolução. Não há por isso diferença de natureza entre o animal e o homem: todos dois são regidos do ponto de vista da vida psíquica, pelo Inconsciente. Não há, entre eles, senão uma diferença de grau, marcada pelo grau de realização consciencial.

A demonstração dessa verdade é capital, pois ela traz consigo a falência de um dos principais ensinamentos do sistema bergsoniano, e por conseguinte, de seu método.

Essa demonstração comporta três partes:

A) O instinto animal não é senão a manifestação primeira, de ordem inferior, do psiquismo inconsciente.

B) A subconsciência humana, não é senão o desenvolvimento, o desabrochar, o enriquecimento, pela evolução progressiva, do instinto animal.

A) O grau de realização consciencial no animal e no homem, e do animal ao homem, é pura e simplesmente função do nível evolutivo.

A) O instinto animal não é senão a manifestação primeira, de ordem inferior, do psiquismo subconsciente.

Com efeito, o instinto não obedece, na maior parte, nem à lógica, nem à reflexão consciente, nem à vontade. Suas aparências são as do subconsciente humano. O instinto leva aos resultados maravilhosos, frequentemente superiores aos resultados da reflexão desejada e consciente: é exatamente o que faz o subconsciente humano. O instinto é misterioso em sua essência; ele não releva nenhuma das regras psicológicas conhecidas, tudo como o subconsciente humano.

O instinto enfim, se liga ao subconsciente humano pela psicologia dita supra normal, a qual é impossível de não se levar em conta hoje em dia. Observa-se, no instinto dito accidental, uma transição muito nítida e muito impressionante entre o subconsciente instintivo propriamente dito e o subconsciente supra normal. Guiados por esse instinto accidental, os animais se comportam às vezes com a segurança, a lucidez inerente ao sonambulismo humano.

Fabre citou os exemplos seguintes, observados por ele mesmo: um gato é transportado, sem poder tomar ciência do caminho percorrido, longe da casa familiar, de um extremo ao outro da cidade de Avinhon. Ele escapa de repente e, em alguns instantes, chega a seu antigo domicílio. Ele tinha atravessado a cidade sensivelmente em linha reta, sem levar em conta obstáculos não absolutamente intransponíveis. Ele tinha percorrido um longo Dédalo de ruas populosas, sem ver os milhares de perigos da rota, os meninos nem os cães. Ele tinha atravessado a nado um curso d'água, a Sorgue, desdenhando as pontes, que não se achavam exatamente em sua passagem; breve, ele tinha agido totalmente como em estado de

sonambulismo.

Um outro gato é conduzido, em estrada de ferro, de Orange a Sérignan (7 quilômetros de distância). Parece, durante os primeiros dias, se acostumar a sua nova morada e não manifesta nenhuma idéia de fuga. Depois, de repente, trazido por uma impulsão irresistível, ele escapa e chega a seu antigo domicílio pela linha mais curta, atravessando o Aygues a nado!

Casos análogos de cães, percorrendo um trajeto desconhecido, longo e complicado, para chegar à casa de seu senhor, foram inúmeras vezes assinalados.

Nós tocamos, por esses exemplos, ao que se chamou a fenomenologia metafísica.

E, com efeito, pôde-se constatar, nos animais, não somente manifestações hipnóticas ou sonambúlicas, mas de verdadeiros fenômenos supra normais.

Alguns têm, às vezes, estranhas premonições: o “uivo na hora da morte” dos cães não pode mais ser esquecido, quando se o tem uma vez escutado, em circunstâncias trágicas. Eu mesmo observei diversas vezes e fiquei vivamente impressionado.

Eis aqui um caso: uma noite, eu velava, na qualidade de médico, uma jovem mulher que, atingida em plena saúde, no mesmo dia, de um mal fulminante, estava em agonia. A família estava comigo, silenciosa e chorosa. A doente agonizava. Era uma hora da manhã (a morte sobreveio de dia). De repente, no jardim que cercava a casa, ressoaram uivos de morte, dados pelo cão da casa. Era um longo queixume, lúgubre, de uma nota única, emitida primeiro em um tom elevado, depois do que ia, decrescendo, até se apagar docemente e muito lentamente. Havia um silêncio de alguns segundos, e o queixume voltava, idêntico e monótono, infinitamente triste. A doente teve um clarão de consciência e olhou para nós, ansiosa. Ela tinha compreendido. O marido desceu às pressas para fazer calar o cão. À sua aproximação, o animal se escondeu e foi impossível, no meio da noite, achá-lo. Desde que o marido subiu de novo, o queixume recomeçou e foi assim durante mais de uma hora, até que o cão pôde ser agarrado e levado para longe.

O naturalista R. Wallace e outros citaram número de casos, de ordem metapsíquica, mais misteriosas ainda, tendo por atores animais, especialmente os cães e os cavalos. Conhece-se, a esse propósito, os casos dos cavalos calculadores, d'Elberfeld. Esse caso foi observado por inúmeros cientistas, tais como o professor Claparède, de Genebra, e todos unânimes em afirmar a autenticidade.

Sr. de Vesme mostrou que não seria capaz de fazer cálculos conscientes e refletidos, mas soluções de ordem metapsíquica e subconsciente⁸⁹. Eu creio inútil insistir sobre esses fatos ou fatos análogos conhecidos de todos os especialistas.

⁸⁹ *Anais de ciências psíquicas.*

De Hartmann já tinha associado os caracteres do instinto aos caracteres das manifestações supra normais nos casos de dupla vista, de pressentimento, de clarividência. É, observa ele, com a mesma rapidez e a mesma precisão, que o instinto e o inconsciente impõem seus dados à consciência. Em resumo, o que é

preciso reter da análise do instinto animal, é que ele é de ordem subconsciente; que ele é da mesma essência que o subconsciente humano; que ele não é, com toda evidência, senão a primeira manifestação, de ordem inferior, desse psiquismo subconsciente.

Se ele ocupa, no animal a totalidade ou quase-totalidade do campo psicológico, é simplesmente porque, nele, o consciente não está ainda senão no estado de esboço.

B) A subconsciência humana não é senão o desenvolvimento, o desabrochar, o enriquecimento do instinto animal.

Essa lei não é senão o corolário da primeira e repousa sobre a mesma argumentação. Achamos, no subconsciente humano, tudo o que caracteriza essencialmente o instinto animal. Sr. Ribot disse sobre a inspiração: “Antes de tudo, ela é impessoal e involuntária; ela age à maneira de um instinto, quando e como lhe apraz⁹⁰.” Resta somente estabelecer que o que, no subconsciente é superior ao instinto pode se explicar simplesmente pela diferença de nível evolutivo. Essa demonstração será feita no livro II, ao qual nós dirigimos o leitor.

⁹⁰ *Ribot: Psicologia dos sentimentos.*

Mostraremos por qual processus se faz o enriquecimento progressivo do subconsciente e como a inspiração genial, a intuição superior, as faculdades criadoras que ele possui já têm seu esboço no instinto animal. Aliás, seria difícil, aos partidários de Sr. Bergson, insurgir-se contra essa lei, já que, para eles, a intuição é de essência instintiva.

Compreende-se infinitamente melhor a intuição, considerando-a como um desabrochar e um enriquecimento do instinto, considerando-a como um resíduo de uma faculdade específica do animal.

C) O grau de realização consciencial no animal e no homem e do animal ao homem é pura e simplesmente função do nível evolutivo.

A demonstração dessa lei será feita, igualmente, no livro II. Essa demonstração perde aliás muito de sua importância devido a constatação de que a maior parte da psicologia, seja humana, seja animal é subconsciente e que o subconsciente é de mesma essência no homem e no animal. Desde então, já a diferença capital que Sr. Bergson se esforçava em estabelecer entre o instinto e a inteligência humana, perde toda importância. A não considerar que o espetáculo de revolução consciencial, tomado separadamente, ele torna evidente que ela é simples função do nível evolutivo, e que não há pelo menos no mundo um abismo intransponível entre a inteligência animal e a inteligência humana. Parecia profundamente ilógico e falso dizer que não há, no animal, senão franjas residuais de inteligência.

Da base ao topo atual da evolução, há uma inteligência consciente que se desenvolve por degraus: potencial no mundo vegetal e na animalidade muito inferior; esboçada na animalidade mais elevada; já nítida e ativa na animalidade avançada, onde ela começa a desempenhar um papel importante; mais nítida e mais

ativo ainda na humanidade inferior; radiante e desabrochante na humanidade superior. Restam-nos tirar uma conclusão de conjunto desse exame da concepção bergsoniana de “a Evolução criadora”.

De todos seus ensinamentos, os únicos que resistem à crítica, são precisamente os ensinamentos baseados no exame dos fatos ou tirados, por uma indução racional, do exame dos fatos; são os ensinamentos sobre a causa primordial da evolução, sobre a insuficiência dos fatores clássicos, seleção ou adaptação, sobre a necessidade de admitir um élan vital essencial e criador.

Os outros ensinamentos, os que são baseados em uma concepção supostamente nova da intuição são, ou insuficientes e imprecisas, ou pior ainda, contrárias aos fatos.

O que quer que se pense do método de Sr. Bergson, alguma admiração que se professe por seu incomparável talento de exposição e de dedução, não se poderia encontrar, no sistema de “a Evolução criadora” uma solução do grande enigma.

As verdades que ele contém são eclipsadas por um erro certo, entretanto, em um ponto essencial e viciando radicalmente toda sua metafísica.

Capítulo IV

A filosofia do inconsciente

Acabamos de ver que o principal erro de “a Evolução criadora” e em geral de todo o sistema bergsoniano, consiste no afastamento da psicologia dita inconsciente ou subconsciente.

Vamos examinar agora a filosofia baseada precisamente, ao contrário da do Sr. Bergson, sobre o Inconsciente.

A expressão: “filosofia do Inconsciente” foi inventada por de Hartmann; mas a base dessa filosofia, a noção de um Inconsciente criador, imanente e onipresente, é de todas as épocas e de todas as civilizações.

As numerosas concepções metafísicas do entendimento humano sobre a natureza das coisas conduzem, no final das contas, em aparência, contraditórias, se a contradição não for devida simplesmente à limitação atual de nossas faculdades intelectuais e intuitivas.

Uns admitem um criador e uma criação, fazem da criação uma obra raciocinada, o esforço de uma vontade soberana e consciente. Eles se deparam com antinomias inconciliáveis, como as da idéia providencial e da universalidade do mal ou da alma individual, imortal, mas não eterna, não tendo fim, mas tendo tido um começo.

Outros colocam o divino no universo mesmo. Da infinita variedade e multiplicidade dos fenômenos, passageiros e efêmeros, eles se esforçam em liberar a essência divina, única real e permanente. Para ela o universo material, dinâmico e intelectual é feito de “representações” ou “de objetivações”, da imanência criadora; mas essas representações não procedem necessariamente de um esforço refletido e desejado; pois a consciência não aparece como um atributo primordial da Unidade. O Único, o Real, oposto ao diverso e ao ilusório, é o princípio divino das religiões da Índia ou o princípio único dos panteístas e dos monistas, é “a Idéia” de Platão, é “o Intelecto ativo de Averróis”, é a “Natura naturans de Espinosa”; é “a Coisa em si” de Kant; é a “Vontade” de Schopenhauer e é “o Inconsciente” de de Hartmann.

1º A demonstração de Schopenhauer

Até ao período moderno, essa concepção grandiosa não tinha repousado senão sobre a intuição. Ela permaneceu de ordem puramente metafísica e, em seguida, cercada de obscuridades ou de contradições. Em nossos dias somente e cada vez mais, ela se adapta aos fatos; entra no domínio da filosofia científica. Ela se adapta tão bem que é destinada, sem dúvida, a permitir a fusão, a condensação do gênio oriental e do gênio ocidental; a tornar acessíveis as mais altas verdades; a constituir a base e a estrutura do edifício ao mesmo tempo filosófico e científico que abrigará

daqui em diante todas as aspirações e todos os ideais.

É a Schopenhauer que cabe o mérito primeiro dessa adaptação aos fatos. Sem dúvida, seu sistema compreende graves erros; erros explicáveis pela insuficiência das noções naturalistas e psicológica de onde ele partia; mas, por sua clareza e sua precisão, por sua profundidade genial, ele merece ser tomado como ponto de partida de todo estudo moderno sobre a natureza das coisas.

É indispensável, para bem compreender a série desse trabalho, ter, presente ao espírito, a tese de Schopenhauer. Ora, “o mundo como vontade e como representação” não pode ser resumido. Ele deve ser estudado e meditado tal qual. A primeira idéia, que conduz as diversas, as inumeráveis aparências das coisas a um princípio único, essencial e permanente, não poderá ser isolada de sua demonstração intuitiva e lógica, de desenvolvimentos ditados por uma inspiração soberana, em uma palavra do quadro mágico onde a expôs o grande filósofo. Esse quadro é necessário para fazer compreender a força e para colocar em valor sua beleza.

Uma exposição analítica é, entretanto, indispensável aqui, e eu me dou conta disso. Mas eu rogo, pelo menos, ao leitor instruído perdoar a insuficiência fatal, e eu peço desculpas antecipadamente pela profanação.

O sistema de Schopenhauer não pretende tudo explicar. Ele proclama que certas questões de alta metafísica, as do começo e do fim, não são suscetíveis de ser totalmente resolvidos. Ele não se pergunta por isso de onde vem o mundo nem como ele terminará. Ele busca simplesmente o que ele é. Para Schopenhauer, o mundo é ao mesmo tempo vontade e representação; vontade real, representação ilusória e factícia.

Por que a designação de vontade, aplicada à essência real das coisas? “É que a vontade é alguma coisa imediatamente conhecida, e conhecida de tal sorte que nós sabemos e compreendemos melhor que a vontade é tudo o que se quiser... o conceito de vontade é o único, entre todos os conceitos possíveis, que tenha sua origem no fenômeno, em uma simples representação intuitiva, mas venha do fundo mesmo, da consciência imediata do indivíduo, no qual ele se reconhece a si mesmo, em sua essência, imediatamente, sem nenhuma forma, mesmo a do sujeito e do objeto, esperado que aqui o conhecendo e o conhecido coincidam.”

A vontade é a única coisa que realmente é. É o absoluto divino. Ela é una, indestrutível, eterna, fora do espaço e do tempo. Ela não comporta nem individualismo, nem começo, nem fim, nem origem, nem destruição total. A vontade, se objetivando, produzem as diversas, as inumeráveis aparências das coisas.: “Na multiplicidade dos fenômenos que enchem o mundo, onde eles se justapõem ou se escondem reciprocamente como sucessões de acontecimentos, é a vontade única que se manifesta; é ela cujos fenômenos constituem a visibilidade, a objetividade; é ela que permanece imutável no meio de todas as variações. Ela é somente a coisa em si, e todo objeto, manifestação, fenômeno, para falar a

linguagem de Kant⁹¹.”

⁹¹ “*O mundo como vontade e como representação*”.

A vontade é primitiva e essencialmente inconsciente. Ela não tem necessidade de motivos para agir. Nós a vemos, com efeito, nos animais, se mostrando ativa, sem nenhuma espécie de conhecimento, sob a impulsão do instinto cego. Mesmo no homem, a vontade é inconsciente em todas as funções orgânicas, na digestão, nas secreções, no crescimento, na reprodução e em todos os processos vitais. “Não são somente as ações do corpo, é o corpo inteiro em si mesmo que é, nós temos visto, a expressão fenomenal da vontade, a vontade objetiva, a vontade tornada concreta; tudo o que se passa nele deve sair da vontade; aqui todavia, essa vontade não é mais guiada pela consciência, ela não é mais regulada por motivos, ela age cegamente...”

A vontade se revela como inconsciente na imensa maioria das representações; em todo o mundo inorgânico, no mundo vegetal e em quase todo o reino animal.

O que nós chamamos a vontade não tem nada, em si, de essencial. Ela não contém a vontade mesmo. Ela não é senão uma realização temporária, um produto efêmero e vão.

“A vontade, a vontade sem inteligência (em si, ela não é outra), desejo cego, irresistível, tal como nós a vemos se mostrar ainda no mundo bruto, na natureza vegetal, e em suas leis, tão bem quanto na parte vegetativa de nosso próprio corpo, essa vontade, digo eu, graças ao mundo representado, que vem se oferecer a ela e que se desenvolve para servi-la, chega a saber que ela quer, a saber o que é que ela quer; é esse mundo mesmo, é a vida, tal como justamente ela se realiza aí.”

Mas essa consciência, tão limitada, que adquire assim a vontade é ainda mais efêmera: ela não ultrapassa os marcos temporários da individualização.

É somente na duração da individualização que ela desempenha um papel e esse papel consiste simplesmente em substituir, a tentativa irrefletida e infinita, por uma atividade refletida e limitada. Importa por isso distinguir expressamente a vontade inconsciente de sua representação consciente. O que há no homem de verdadeiramente superior, a essência eterna, o gênio, a inspiração, o poder criador, tudo isso é impessoal; tudo isso pertence à vontade inconsciente.

O domínio da consciência, criada pela objetivação dos atributos da vontade, não releva senão o psiquismo cerebral. A consciência está ligada, nos animais superiores e no homem, à sua representação orgânica; ela nasce e desaparece com ela.

A morte provoca sua destruição total. Pelo contrário, o que é a essência do Ser, a vontade, não é atingida: “Quando pela morte, perdemos o intelecto, somos simplesmente transportados por aí em nosso estado primitivo desprovido de conhecimento, mas que não é absolutamente inconsciente. É sem dúvida antes um estado superior àquela forma, onde a oposição do sujeito e do objeto desaparece...”

A morte se anuncia abertamente como o fim do indivíduo; mas nesse indivíduo reside o germe de um novo ser. Por isso, nada do que morre aí não morre para

sempre; mas nada do que nasce não reconhece mais que uma existência fundamentalmente nova. O que morre perece; mas um germe subsiste, de onde uma nova vida, que entra agora na existência, sem saber de onde ela vem e porque ela é justamente o que é. Isto é o mistério da palingênese.

Pode-se em conseqüência considerar cada ser humano de dois pontos de vistas opostos: no primeiro, ele é um indivíduo começando e terminando no tempo, passando de uma maneira fugidia... De outro, ele é o ser original indestrutível que se objetiva em todo ser existente. Sem dúvida, um tal ser poderia fazer alguma coisa de melhor que se manifestar em um mundo como este; pois é o mundo finito do sofrimento e da morte. O que está nele e o que sai dele deve terminar e morrer. Mas o que não sai dele e não quer sair dele o atravessa com a toda potência de um clarão que bate no alto e não conhece em seguida nem tempo nem morte⁹².” Assim, por isso a consciência individual, do mesmo modo que o universo não tem existência própria e real. Ela é função temporária da vontade. Ela nasce do querer viver.

⁹² *Schopenhauer: “A Religião”*.

Ora, o querer viver é a conseqüência de uma ilusão nefasta da vontade.

2º O Pessimismo de Schopenhauer

O pessimismo de Schopenhauer, que lhe inspirou páginas da mais alta eloquência, resulta com uma rigorosa lógica de suas premissas.

Se a individualização e a consciência não são senão ilusões passageiras, logo desaparecidas, todos os esforços, as penas, as lutas e os sofrimentos não levam a nada. As injustiças sofridas o são sem compensação. A vida não tem finalidade. As esperanças religiosas são absurdas, já que, sem mesmo falar das dificuldades dogmáticas que elas levantam, elas são todas baseadas nessa concepção insensata que uma coisa tendo tido um começo, a alma individual, não teria, entretanto, fim.

Não há por isso esperança, nem em um mundo futuro, nem no mundo presente.

O querer viver não faz senão engendrar o esforço sem objetivo e o sofrimento sem resultado: “Já, considerando a natureza bruta, temos reconhecido por sua essência íntima o esforço, um esforço contínuo, sem objetivo, nem repouso; mas na besta e no homem, a mesma verdade desata bem mais evidentemente. Ora, todo querer tem por princípio uma necessidade, uma falta, por isso uma dor; é por natureza, necessariamente, que eles devem tornar-se a presa da dor. Mas que a vontade venha a sentir falta de objetivo, que uma pronta satisfação venha lhe elevar todo motivo de desejar, e eis tombados em um vazio pavoroso, no tédio; sua natureza, sua existência, seu peso de um valor intolerável. A vida oscila então, como um pêndulo, da direita para a esquerda, do sofrimento ao tédio: estão aí os dois elementos dos quais ela é feita, em resumo. Daí esse fato bem significativo por sua estranheza mesmo: os homens, tendo colocado todas as dores, todos os sofrimentos no inferno,

para encher o céu não encontraram senão o tédio!

“Ora, esse esforço incessante, que constitui o fundo mesmo de todas as formas visíveis pela vontade, chega enfim, ao topo da escala de suas manifestações objetivas, a encontrar seu princípio verdadeiro e o mais geral: aí, com efeito, a vontade se revela a si mesmo em corpo vivo, que lhe impõe uma lei de ferro, a de nutri-lo; e o que dá vigor a essa lei, é que esse corpo é todo simplesmente a vontade mesmo de viver, mas encarnado... Acrescentai uma segunda necessidade, que o primeiro arrasta atrás de si, a de perpetuar a espécie. Ao mesmo tempo, de todos os lados, vem sitiá-la de perigos variados ao infinito, aos quais não escapa senão ao preço de uma vigilância constante...

Para a maior parte, a vida não é senão um combate perpétuo para a existência mesmo, com a certeza de ser enfim vencidos... A vida em si mesma é um mar pleno de recifes e de abismos; o homem, à força de prudência e de cuidado, os evita e sabe entretanto que, veio ao fundo, por sua energia e sua arte, de se deslizar entre eles, não faz senão avançar pouco a pouco em direção ao grande, total, inevitável e irremediável naufrágio; que vai no rumo do lugar de sua perda, de sua morte.”

Esforços, sofrimentos, morte, é tudo o que a vontade adquire do conhecimento e é para isso que após “se ter afirmado” ela chega a “se negar”. É o fruto mesmo da existência individual.

“Que diferença, exclama Schopenhauer, entre nosso começo e nosso fim. Aquilo caracterizado pelas ilusões do desejo e os transportes da volúpia; isto, pela destruição de todos nossos órgãos e o odor cadavérico! A estrada que os separa, quanto ao bem-estar e à alegria da vida, vai sempre também em inclinação descendente: a infância dos sonhos felizes, a alegre juventude, a virilidade laboriosa, a velhice caduca e frequentemente lamentável, as torturas da última doença e enfim o combate da morte!”

O pessimismo de Schopenhauer não é somente a conseqüência lógica de suas premissas filosóficas; ele repousa também sobre a clara visão da vida. Essa visão lhe inspira uma imensa piedade; piedade para os animais que, quando não se entredevoram, sofrem todas as misérias “em um inferno cujos homens são demônios!”

Piedade para os homens, que o querer viver conduz a penas e dores não compensadas por algumas alegrias ralas e baseadas aliás em grande parte sobre a ilusão.

Como de mais, o homem usufruiria dessas curtas alegrias, quando ele adquiriu a consciência de sua identidade essencial com um mundo onde o mal reina soberano? Como não sofrer a imensa dor universal?

Como não compreender que o querer viver é nefasto e que ele deve chegar a anular pela abdicação do desejo e a renúncia aos motivos ilusórios do qual se embala a inteligência, para encontrar na vida uma razão suficiente.

É somente atingindo essa concepção que se compreende a razão da vida e do sofrimento: para os animais, o sofrimento se explica “pelo fato de que a vontade de viver, não achando absolutamente nada fora de si no mundo dos fenômenos e sendo uma vontade esfomeada, deve devorar sua própria carne.” Para o homem, mais consciente: “o valor da vida consiste precisamente a lhe ensinar a nada querer dela.” A existência não é outra coisa senão uma sorte de aberração, cujo conhecimento exato do mundo deve nos curar.

3º A Sistematização de Hartmann

De Hartmann não fez senão retomar a tese de Schopenhauer, desenvolvendo certos dados relativos às ciências naturais e à psicologia.

Para de Hartmann, ao lado e acima das causas admitidas pela concepção mecânica da natureza, existe um princípio superior que ele chama de o inconsciente.

O inconsciente é o que há de essencial, de divino no universo. Nele estão em potência a vontade e a representação.

Tudo o que está realizado o é assim pela vontade do inconsciente.

Na evolução, o inconsciente desempenha o papel primordial; a seleção natural não explica a origem das formas novas; ela não é senão um meio, senão um dos procedimentos que o inconsciente utiliza para chegar a seus fins.

No indivíduo, o inconsciente desempenha o papel predominante sobre os fenômenos vitais: tem nele a essência da vida; forma o organismo e o mantém, repara seus danos internos e externos, e guia com finalidade seus movimentos.

Ele desempenha o papel essencial nos fenômenos psicológicos; ele é a fonte dos instintos, da intuição, do senso artístico e do gênio criador.

Enfim, o inconsciente é a base da fenomenologia supra normal, que é uma simples manifestação de seu poder divino, independente das contingências relativas ao tempo, ao espaço, às representações psicológicas, dinâmicas e materiais.

Para de Hartmann, como para Schopenhauer, há um abismo entre o inconsciente e o consciente. O primeiro é divino e segundo puramente humano.

O consciente, suficientemente desenvolvido, nos permite entretanto julgar o universo e a vida. Ora, esse julgamento não é favorável. A consciência, sendo ao mesmo tempo efêmera e improdutiva, não poderá participar do infinito divino.

Ela sofre de sua limitação sem compensação e sem esperança, de sua impotência, de todas as contingências penosas, tanto mais penosas para ela quanto ela for mais desenvolvida, da existência individual. Seu último recurso seria tender, por um esforço supremo, a se suprimir ela mesma; mas talvez mesmo esse sacrifício fosse inútil, pois o inconsciente criador, indestrutível, recomençaria sem dúvida uma evolução, destinada a levar à mesma realização consciente e às mesmas desoladoras conseqüências dessa realização.

4º Crítica da distinção específica entre consciente e inconsciente

Duas coisas se chocam antes de tudo nos sistemas de Schopenhauer e de Hartmann:

É, em primeiro lugar, a nitidez do raciocínio e seu rigor quase científico, e é, em segundo lugar, a conclusão pessimista que parece resultar natural e forçosamente. Essa conclusão se impõe, com efeito, se admitirmos, como esses dois filósofos, que há, entre o inconsciente e o consciente, um abismo intransponível, uma diferença essencial.

Essa diferença essencial tira ao universo e à vida todo fim ideal e toda significação.

Ora, enquanto outros postulados dos filósofos alemães são deduzidos com um rigor matemático, a distinção essencial entre o inconsciente e o consciente não repousa sobre nada.

A assimilação da consciência a uma simples “representação” não é lógica.

Por que a consciência seria exclusivamente ligada às aparências temporárias que constituem o universo? Por que tudo o que é de seu domínio não seria registrado, assimilado e conservado pela essência eterna do Ser?

O quê? O princípio divino, Vontade ou Inconsciente, teria todas as potencialidades, exceto uma única, a mais importante, a de adquirir o conhecimento de si?

Quanto é mais lógico supor essa vontade real e eterna, objetivada nas personalidades factícias e transitórias, guardando a lembrança integral adquirida nessas objetivações e passando assim, pelas experiências infinitas, do Inconsciente primitivo ao Consciente.

Para alguns, a “personalidade” humana, que se estende do nascimento à morte do organismo, está destinada a perecer, a ter um fim como ela teve um começo, mas “a individualidade” real, a que é essencial do ser, guarda, gravados nela, todos os estados de consciência da personalidade transitória e as assimila.

Quando, conforme o mistério palingenésico do qual fala Schopenhauer, ela constitui uma outra personalidade viva, ela traz a essa personalidade o adquirido anterior e se enriquece em seguida ela mesma de novo, nessa e por essa nova objetivação.

É assim em uma palavra, que a vontade inconsciente original torna-se pouco a pouco a vontade consciente.

Coisa curiosa: Schelling e Hegel, cujos sistemas tinham precedido os de Schopenhauer e de de Hartmann e são infinitamente menos precisos, tinham entretanto proclamada a passagem do Inconsciente ao Consciente tendo tirado conclusões idealistas e otimistas.

A metafísica dos dois últimos filósofos, mais precisa, mais documentada do ponto de vista científico, acusa assim um recuo lamentável do ponto de vista ideal.

Para Schelling, o universo é o produto de uma “atividade” essencial inconsciente.

Essa atividade se torna, em parte pelo menos, consciente de si mesma no homem.

Para Hegel, essa atividade essencial inconsciente é entretanto dotada de uma espécie de razão: a criação é racional. Uma finalidade racional se acha na evolução e o progresso que ela comporta. Mas a razão torna-se gradualmente consciente. A evolução não é em suma senão o meio que emprega a razão universal e criadora para chegar a tomar consciência de si mesma.

Não há objeção positiva a fazer a essa concepção. Mas isso não basta. Importa restabelecer sobre fatos.

As lacunas, os erros e as contradições, assim como afligentes conclusões pessimistas, são fadados a desaparecer à luz de novos fatos.

À filosofia do Inconsciente, grandiosa e genial, decerto, mas falsificada por essas lacunas e esses erros, os novos fatos e as induções que eles comportam permitem substituir uma filosofia idêntica como essência e como premissas, mas totalmente diferente por seu desenvolvimento e por suas conclusões.

Por seu desenvolvimento, preparada como ela abarca a totalidade dos fatos permanecendo estritamente racional, evitando dogmatismo e sabendo fazer a parte do que pode ser explicado e do que escapa ainda forçadamente a nossas capacidades de saber e de compreender.

Por suas conclusões, diametralmente opostas ao pessimismo desolador de Schopenhauer, pelo único fato de que se acha tapado o abismo artificial escavado por ele entre o Inconsciente e o Consciente.

Livro II

Do Inconsciente ao Consciente

Primeira Parte

Esboço de uma filosofia racional da evolução do indivíduo

Prefácio

Podemos agora tentar uma teoria explicativa geral da evolução e do indivíduo, baseada no exame de todos os fatos conhecidos, de ordem naturalista e de ordem psicológica, sobre as deduções que eles comportam e também sobre algumas induções, mas sobre induções estritamente racionais.

Deixaremos de lado, sistematicamente, tudo o que é pura metafísica: a questão de Deus, do infinito, do absoluto, do começo e do fim, da natureza essencial das coisas. Consideraremos o que é permitido saber e compreender, sobre o destino do mundo e, sobre o destino individual, de acordo com o grau de capacidade ao mesmo tempo intuitiva e intelectual que comporta a realização evolutiva atual.

É pouco, relativamente. É entretanto muito mais que ensina a filosofia naturalista clássica.

É possível, desde agora, conhecer o mecanismo e “o sentido” da evolução coletiva e individual, o grau de dependência e o grau de independência da consciência individual com respeito ao organismo material, o porquê da vida.

Essas noções bem estabelecidas comportam um ensinamento nitidamente idealista, não mais vago mas preciso, não mais baseado em um fato de fé ou de pretensa “intuição”, mas sobre um cálculo de probabilidade.

A limitação prévia que nós nos impomos não é fundada sobre a antiga e caduca distinção entre “o conhecível e o desconhecível”; mas simplesmente sobre a constatação da incapacidade relativa de nossas faculdades atuais de saber e de compreender.

Não há, propriamente falando, desconhecimento. O que se chama o domínio do desconhecível se reduz incessantemente no curso da evolução. Os fenômenos meteorológicos mais simples eram desconhecidos por nossos ancestrais das cavernas; as leis da gravitação, a constituição física dos astros, a origem das espécies animais eram desconhecidas até ao período científico contemporâneo; eles são hoje do domínio da ciência. Ele deve ser da mesma forma, daqui por diante, para as grandes leis da vida e do destino, do universo e do indivíduo.

Quanto aos problemas que, fatalmente, escapam ainda a toda tentativa de interpretação, eles podem ser resoluta e sistematicamente afastados; eles constituirão

a filosofia das humanidades futuras, idealmente evoluídas. O sacrifício que se impões a filosofia científica moderna, limitando assim racionalmente suas visadas, apresenta aliás imensas vantagens, antes de tudo, esse sacrifício, uma vez decidida e corajosamente aceito, nos afasta igualmente desses dois formidáveis obstáculos do idealismo: o misticismo e o desencorajamento.

O pensador evitará o misticismo, pois saberá daqui para diante subtrair-se ao desavergonhamento da imaginação pessoal, particularmente luxuriante que se trata da imaginação subliminar; como ao dogmatismo antigo ou novo; ao messianismo e ao “magicismo”; ao atrativo orgulhoso e pueril das pretensas iniciações e do neo profetismo.

Ele evitará o desencorajamento e não será mais levado a dizer, como Herbert Spencer, parafraseando e desenvolvendo a si mesmo um pensamento célebre de Pascal: “Depois vem a idéia dessa matriz universal, anterior à toda criação como à toda evolução e ultrapassando infinitivamente uma e outra em extensão como em duração; já que uma e outra, para ser inteligíveis, devem ser concebidas como tendo tido um começo, ao passo que o espaço não tem começo. A idéia dessa forma de existência, que, percorrida em todos os sentidos, tão longe que possa levar a imaginação, contém sempre, além, regiões inexploradas, em comparação das quais a porção atravessada pelo espírito é infinitesimal; a representação de um espaço onde nosso imenso sistema solar se reduz a um ponto é muito esmagadora para que o espírito possa sentir. À medida que eu avanço em idade, a consciência que, sem origem nem causa, o espaço infinito tem sempre existido e deve existir sempre, produz em mim uma emoção que me faz recuar de pavor⁹³!”

⁹³ *Herbert Spencer: “Atos e Comentários”.*

A vertigem do infinito e do absoluto não existe mais para o filósofo que compreendeu e admitiu as limitações atuais de filosofia. Ele encontra, ao contrário, uma grande serenidade na afirmação resignada dessas limitações e na disciplina fecunda que ela lhe impõe.

Depois e sobretudo, esse sacrifício permite evitar todas as vãs e pretensiosas discussões especulativas, todas as fórmulas estéreis, todos os sistemas contraditórios onde se atolaram alternadamente as mais altas inteligências e que não têm senão um interesse histórico ou artístico.

Do mesmo modo, ele permite se passar definitivamente por entidades metafísicas “a coisa em si”, o “não ser”, a “vontade”, o “inconsciente”, “a duração”, etc.. que, no fundo, não são senão vãs fórmulas. A essas entidades factícias, abstrações puras, nós propomos substituir alguma coisa de concreto: a noção de um dínamo-psiquismo essencial, que se constata como uma realidade, que não se pode ainda penetrar a natureza metafísica e que convém mesmo abster-se dessa procura.

Mas, aqui, ergue-se imediatamente uma objeção: “o dínamo-psiquismo essencial”, por isso mesmo que ele é alguma coisa de concreto ou de concebível como tal e que

nós podemos, em alguma medida, nos representar, não é mais a coisa em si, subtraída, por definição, à toda representação e perfeitamente inconcebível, como Kant o tinha estabelecido.

A isso, nós responderemos que a mesma objeção pode ser dirigida a todos os sistemas baseados na distinção da essência divina do universo com as manifestações fenomenais. Schopenhauer tinha acreditado contornar a dificuldade fazendo da coisa em si a vontade inconsciente dela mesma, não tendo substratum, nem causa, nem objetivo, porque ela é “fora do domínio onde reina o princípio da razão”. Assim privada de todos os seus atributos, a vontade que sabe nem o que ela quer, nem como ela quer, nem por que ela quer, nem mesmo se ela quer, não é mais que uma abstração tão inconcebível quanto a coisa em si.

O inconsciente de Hartmann se concebe melhor, simplesmente porque nosso entendimento atribui naturalmente, espontaneamente e necessariamente ao inconsciente um substratum concreto, e de fato justamente o que nós propomos aqui sem equívoco: o dínamo-psi-quismo inconsciente.

Evidentemente, está aí, se quisermos, uma representação”, mas é a única maneira que se nos oferece compreender “a natureza das coisas”. Tentar compreender o absoluto, não é preciso esquecê-lo, é antes de tudo, da parte da inteligência relativa, limitar o absoluto.

Que importa por isso que “a coisa em si” nos seja, nela mesma, inacessível? Podemos pelo menos atingi-lo em uma primeira limitação. Constatamos então, sob a imensa variedade de aparências fenomenais, transitórias e passageiras, que constituem o universo físico, dinâmico e intelectual, um dínamo-psi-quismo essencial, permanente e real. Esse dínamo-psi-quismo e sua atividade imanente se revelam a nós em uma imensa série de experiências que representa revolução; - e a evolução, em si mesma, nós o veremos, não é outra coisa senão sua passagem do inconsciente ao consciente. As duas bases, os dois postulados primordiais da filosofia que nós iremos expor e sustentar são por isso os seguintes:

I. O que há de essencial no universo e no indivíduo, é um dínamo-psi-quismo único, primitivamente inconsciente, mas tendo em si todas as potencialidades, as aparências diversas e inumeráveis das coisas não sendo jamais senão suas representações.

II. O dínamo-psi-quismo essencial e criador passam pela evolução do inconsciente ao consciente.

Essas duas proposições repousam sobre fatos. Elas podem hoje representar o objeto de uma demonstração precisa, no indivíduo primeiro, depois por uma vasta indução, ser reportadas ao universo.

Capítulo I

O indivíduo conhecido como dínamo-psiquismo essencial e como representações

1º As bases científicas dessa concepção⁹⁴

A distinção, no indivíduo, de um dínamo-psiquismo essencial e real e de representações aparentes foi bem demonstrada por todos os fatos conhecidos, em nosso estudo sobre o indivíduo fisiológico.

⁹⁴ *Todo esse capítulo e os seguintes são estreitamente ligados às demonstrações fisiológicas e psicológicas do livro 1º dessa obra. Eles seriam pouco compreensíveis isoladamente.*

Temos estabelecido, por esses mesmos fatos, o nada das aparências sobre as quais é baseada a concepção geral da fisiologia clássica, concepção do Ser, simples complexus celular, organizado em si mesmo de tecidos especificamente distintos e tendo em si só sua razão de ser, sua origem e seus fins, a razão de sua forma, de seu mecanismo, de seu funcionamento; todas as propriedades provindo unicamente, por hereditariedade, das células geradoras. De encontro a essa concepção, nós temos demonstrado que não era possível encontrar, no organismo mesmo e na associação celular, as razões da forma específica, nem a origem, a causa essencial ou os fins de seus diferentes modos de atividade.

Fomos forçados a compreender que a forma corporal não é senão uma ilusão temporária; que os órgãos e tecidos não têm verdadeiras determinações específicas; que todos esses órgãos e tecidos, do mesmo modo que eles nasceram de uma substância primordial única, a da célula ovo, podem ser, mesmo no curso da vida, conduzidos a essa substância primordial única; a qual podem ela mesma, em seguida, se organizar sob formas novas e constituir, temporariamente, órgãos ou tecidos diferentes e distintos.

Em uma palavra, devemos nos render à evidência: o complexus orgânico, o corpo, não tem nem qualidades definitivas e absolutas, nem especificidade própria. Por sua origem, por seu desenvolvimento, por suas metamorfoses embrionárias e pós embrionárias, por seu funcionamento normal como por suas possibilidades ditas supra normais, pela manutenção da forma habitual como pelas desmaterializações e rematerializações metapsíquicas, esse organismo resulta de um dinamismo superior que o condiciona.

Ele aparece não mais como todo o indivíduo, mas simplesmente como um produto ideoplástico do que há de essencial no indivíduo, um dínamo-psiquismo que condiciona tudo, que é tudo. Em termos filosóficos, o organismo não o indivíduo: ele não é senão a representação. Com essa concepção, compreende-se imediatamente toda a fisiologia, todas as capacidades normais ou ditas supra normais do Ser físico,

ao passo que fora dela tudo é mistério, tanto para os fenômenos mais familiares do funcionamento orgânico quanto para os fenômenos mais inesperados do mediunismo.

Não há, na realidade, nem fisiologia normal nem fisiologia supra normal. Tudo se limita a representações, umas habituais, outras excepcionais, mas igualmente condicionadas pelo dínamo-psiquismo essencial e somente real. Se as metamorfoses embrionárias e a histólise do inseto nos parecem misteriosas; se a interpenetração da matéria sólida pela matéria sólida, as materializações e desmaterializações orgânicas nos parecem impossíveis, é porque nós atribuímos uma realidade aos caracteres e propriedades pelos quais nós representamos a matéria. Se, ao contrário, compreendemos que esses caracteres e propriedades são factícios e irreais, então o mistério e a impossibilidade desaparecem; ou pelo menos não são mais que relativos, simples função de nossa ignorância ou de nossa debilidade. As mudanças que nos oferece a fisiologia normal como a fisiologia supra-normal não têm outra importância filosófica senão mudanças nas aparências. Sua causalidade e sua explicação não estão nas aparências, elas estão inteiramente no dínamo-psiquismo essencial que os condiciona. O que é verdadeiro no que concerne a fisiologia é, com mais forte razão ainda, no que concerne a psicologia: o supra-normal não se torna compreensível senão quando aprendeu a distinguir o dínamo-psiquismo essencial de suas representações. Para conceber a possibilidade de ações mento-mentais, é preciso começar por admitir a realidade de um psiquismo superior, desligado das contingências habituais às representações psicológicas. Para que a visão à distância, fora do alcance dos sentidos ou a lucidez no passado, no presente ou no porvir perdem sua aparência de inacreditáveis milagres, é indispensável compreender primeiramente que o tempo e o espaço não são senão “os quadros de nossas representações”, tão factícios, tão ilusórios quanto as representações em si mesmas.

Assim, a concepção que encontrou sua expressão mais forte na obra de Schopenhauer⁹⁵ deve sair daqui para frente do domínio da metafísica para entrar no da ciência.

⁹⁵ *Schopenhauer já tinha tido a intuição da importância dos fatos ditos supra normais para apoiar sua metafísica – Parerga e Parallipomena.*

A distinção, no indivíduo, do que ele tem de real e de permanente, que Schopenhauer chamou de vontade e que nós designamos sob o nome de dínamo-psiquismo essencial, com as representações temporárias é estabelecida sobre os fatos. Tudo se passa, pelo menos, como se as coisas fossem assim.

Podemos, agora, dar mais um passo na busca da verdade e, sempre nos baseando nos fatos, estudar e procurar compreender, na medida do possível, o que é, no indivíduo, representações e o que é dínamo-psiquismo essencial.

2º O indivíduo considerado como representações

Para Schopenhauer, fazendo seus, desse ponto de vista, as idéias correntes sobre a biologia, a concepção da representação individual era muito simplista.

Teoria metafísica à parte, ela concordava com a tese materialista. Enquanto este último ensinava que o indivíduo é o organismo, a filosofia de Schopenhauer acrescentava simplesmente que o indivíduo é a vontade objetivada no organismo. Mas o organismo é a única representação individual da vontade. Para Schopenhauer, como para o fisiologista materialista, essa representação única, o organismo, encerra nela todas as manifestações da atividade individual, as quais se mantêm estreitamente nos limites de tempo e de espaço que são os do corpo. Elas nascem e desaparecem com ele e não poderiam ultrapassar o alcance de suas capacidades físicas ou sensoriais. Seu psiquismo é puramente o produto da atividade dos centros nervosos. Sua consciência própria é função dessa atividade. Todos os atributos do indivíduo são atributos passageiros e efêmeros, criados pela objetivação da vontade em um Ser organizado.

Essa concepção de Schopenhauer estava de acordo com os conhecimentos biológicos de seu tempo. Ela não o é mais com os conhecimentos atuais.

Os fatos conhecidos hoje desmentem essa visão simplista do indivíduo. Os fatos provam que as manifestações da atividade individual ultrapassam os limites e o quadro do organismo.

Eles provam, em termos filosóficos, que há no indivíduo, “representações” do dínamo-psiquismo criador diferentes mesmo do organismo, representações superiores ao organismo e que o condicionam ao invés de serem condicionadas por ele.

Tudo se passa, na realidade, iremos demonstrá-lo, como se o dínamo-psiquismo essencial objetivasse, para criar o indivíduo, não em uma representação única, o organismo, mas em uma série de representações hierárquicas, e condicionando-se umas às outras.

Vimos, em fisiologia, o organismo estreita e absolutamente condicionado pelo dinamismo vital, dinamismo organizador, diretor, centralizador, capaz de separá-lo mesmo do organismo, de agir fora dele, de desagregá-lo e de reconstituí-lo em formas novas e distintas. Nós podemos e devemos por isso concluir que a representação “organismo” é condicionada por uma representação mais elevada, a representação dinamismo vital⁹⁶. A fisiologia não comporta outro ensinamento nem outras induções.

⁹⁶ *Schopenhauer admitia a existência de uma “força vital” mas não fazendo uma objetivação distinta e superior.*

Mas o estudo do indivíduo psicológico nos permitiu, pelo contrário, chegar a noções novas e capitais. Essas noções, em resumo, são as seguintes: a aparência

segundo a qual a soma das consciências dos neurônios e o psiquismo cerebral constituem toda a individualidade psicológica é falsa.

Em realidade, como o organismo em si mesmo, o psiquismo cerebral tem sua origem, seus fins, todas suas condições íntimas de funcionamento em um dínamo-psiquismo superior, na maior parte subconsciente. Há, nós o temos demonstrado, na individualidade psicológica, um psiquismo superior, independente do funcionamento dos centros nervosos, subtraído a todas as contingências orgânicas, e esse psiquismo superior forma o fundo mesmo do Ser, desempenha o papel centralizador e diretor da síntese psíquica, liga todos os estados de consciência no presente por sua atividade sempre imanente, embora em maior parte latente, e do presente ao passado por sua criptomnésia; possui enfim as faculdades ditas supra normais. Se quisermos exprimir em termos filosóficos a nova concepção psicofisiológica imposta pelos fatos, diremos: a representação “organismo”, longe de constituir todo o indivíduo, não é senão a objetivação inferior, a mais grosseira, do dínamo-psiquismo essencial desse indivíduo.

Acima da representação “organismo” e a condicionando, está uma representação superior “o dinamismo vital”.

Acima das representações “organismo” e “dinamismo vital” e os condicionando, está uma terceira representação, mais elevada e de ordem mental.

Essas concepções não são novas. Diz-se que Pitágoras e Aristóteles distinguiam do corpo o dinamismo vital, que eles chamavam de “Psiquê” e a Psiquê o dinamismo-psiquismo mental que eles chamavam de “Nós”.

Do mesmo modo os vitalistas, os espiritualistas da velha escola e os animistas admitiam categorias análogas. Mas a diferença é grande, entretanto, entre as idéias antigas e a nova idéia. Primeiro, a nova idéia é baseada em fatos, demonstrada pelos fatos. Ela repousa, nós o veremos melhor ainda em seguida, sobre o raciocínio: “tudo se passa como se as coisas fossem assim.”

Depois, também, a nova idéia não faz apelo às diferenciações de essência entre o corpo, o dinamismo vital, o dínamo-psiquismo mental. Uns e outros, para ela, são simplesmente representações hierárquicas de um mesmo princípio essencial. Sua diferença é simples questão de evolução, da atividade, de realização.

Mas isso não pode ser bem compreendido antes de ter completado nosso estudo do eu.

Reservemo-nos por isso momentaneamente a série de nossa análise das representações e passemos ao exame do eu considerado como dínamo-psiquismo essencial.

3º O eu considerado como dínamo-psiquismo essencial

O eu é distinto de suas representações? O que é o eu fora de suas representações?

Até o presente, a resposta a essas questões eram de ordem puramente metafísica.

Consultemos os fatos e procuremos, nesse exame só, o que há nele.

A respeito dos fatos, a questão se põe assim: o eu é, como o ensina a psicologia clássica, a soma de estados de consciência ou é separável, é concebível separadamente de estados de consciência?

Nós veremos que a resposta não é duvidosa, que o eu não se confunde com os estados de consciência. Mas, para compreendê-lo, é necessário um certo esforço. Admitimos, sem muita dificuldade, que o eu não se identifica com o corpo material, mas muito mais dificilmente que ele não se identifica com o “mental”. Distingue-se menos facilmente em si mesmo da representação mental que da representação orgânica. É preciso modificar hábitos intelectuais inveterados e fazer apelo a todo o rigor do raciocínio para ir além do “eu penso, logo existo”; para admitir: “eu existo, mesmo fora de meus pensamentos. Eles me representam, mas minhas representações mentais não são todo eu”. Entretanto, baseando-se nos fatos, nada é mais certo. O raciocínio é preciso: se o eu não era senão a soma dos estados de consciência, não se poderia compreender como esses estados de consciência sendo intactos, a noção de sua unidade e a possibilidade de seu controle sobre a síntese psíquica. Ora, é aí precisamente um fato banal que essa integridade dos estados de consciência coexistindo com o desaparecimento da unidade sintética e da direção centralizadora.

A diminuição ou a dissipação do controle do eu é a base de toda a psicologia anormal, de todas as anomalias psicológicas coexistindo com a integridade anátomo-fisiológica dos centros nervosos.

Que se tratasse de neurose pura como a histeria, de loucura essencial, de hipnose, de duplicação da personalidade, de mediunismo, sempre e antes de tudo constata-se, como fenômeno primitivo, o desaparecimento do controle da direção centralizadora do eu. Nas perturbações histeriformes, na loucura essencial, os estados de consciência são e permanecem longo tempo intactos. As faculdades tomadas isoladamente não são atingidas; a memória, a imaginação, o sentimento, etc., são os mesmos, mas a direção central deu lugar à anarquia ou à poliarquia.

Na hipnose, na duplicidade da personalidade, no mediunismo, as faculdades e conhecimentos, os estados de consciência mais variados, os processus mentais conscientes ou subconscientes persistem integralmente. Mas aí ainda, a direção central habitual do eu desapareceu, para dar lugar a uma direção heterogênea. Em uma palavra, os estados de consciência, as faculdades, as capacidades, os conhecimentos podem ser dissociados, separados do que há de essencial no eu: a consciência de sua unidade e de sua realidade.

Por isso, o eu é distinto dos estados constitutivos que nos representam.

O fenômeno mais típico do ponto de vista de nossa demonstração, é o das alterações da personalidade.

As modificações da personalidade provam duas coisas:

1º A existência no “mental” de “agrupamentos de estratos” como diz Jastrow⁹⁷, constituindo tantas formações subconscientes.

⁹⁷ *Jastrow: “A subconsciência”*

2º A existência de uma direção psíquica, centralizadora e diretora desses agrupamentos mentais, já que é precisamente a falha, o desvio dessa direção central que é a base e a condição sine qua non das alterações da personalidade e do aparecimento de estados secundários. “Quando, diz Jastrow, o eu dominante abandona uma parte pouco considerável de sua soberania, pode fazer com que atividades organizadas se emancipem...” Vê-se então: “o eu alterado manter relações tão particulares, tão incompletas, tão desviadas com o eu normal que se é forçado a admitir que o espírito está dissociado. Vê-se ainda a autocracia psíquica invertida dar lugar a um governo enfraquecido exercendo seu poder sobre um território reduzido.” Em resumo, o eu real condiciona e dirige o dínamo-psiquismo mental.

O que há de essencial no eu não pode por isso ser confundido com os estados de consciência subordinados e secundários.

No mental como no organismo, é preciso distinguir a essência permanente e as “representações” temporárias. Os estados de consciência não são senão representações do eu. Mas o eu, parcela individualizada do dínamo-psiquismo universal, não seria capaz de se confundir com suas representações.

A intuição, os gênios criadores ultrapassam largamente o quadro das faculdades intelectuais.

Não há, na intuição e no gênio, nada do que caracteriza os encadeamentos da lógica. Estão aí as faculdades superiores, mantendo evidentemente a essência divina do eu.

Por uma razão mais forte, as faculdades psíquicas supra normais e especialmente a lucidez, independente de todas as contingências, não podem ligar-se ao intelecto.

Assim, ainda uma vez, o eu, o eu essencial, o eu real, é distinto dos estados de consciência e dos processos mentais que o representam momentaneamente.

Seja, dir-se-á. Mas o que é preciso entender exatamente pelo eu real, distinto das representações? É a essência criadora, vontade, inconsciente, dínamo-psiquismo essencial... Pouco importa o nome, mas essência criadora desprovida em si mesma de toda individualização, não adquirindo essa individualização senão e pelas representações, e a perdendo quando cessam as representações?

É uma parcela do dínamo-psiquismo essencial guardando a individualização, a lembrança, a consciência de si fora mesmo das representações atravessadas por ela?

Para responder a essa questão, consideremos a 2ª parte de nossa demonstração: o dínamo-psiquismo essencial passa pela evolução individual, do inconsciente ao

consciente.

Capítulo II

O dínamo-psiquismo essencial na evolução individual, do inconsciente ao consciente

Até o presente, nossa demonstração permaneceu rigorosamente científica, baseada totalmente nos fatos ou nas induções estreitamente tiradas dos fatos. Em seguida, tudo seguindo o mesmo método, nós seremos conduzidos a deixar uma margem um pouco mais larga à hipótese... Mas que o leitor queira suspender seu julgamento: tudo se tem nessa obra. Nenhum dos detalhes de seus ensinamentos deve ser considerado isoladamente e fora da síntese do conjunto. Essa síntese é tal, nós o veremos mais adiante, que se impõe em bloco, com toda a força da verdade.

Para Schopenhauer e para de Hartmann, o consciente é inseparável das representações. Entre o consciente de um lado, e a vontade ou o inconsciente do outro, existe, de acordo com eles, um abismo que nada pode tapar. Há, entre um e outro, uma diferenciação essencial.

Nós queremos demonstrar, ao contrário:

1º Que não há nenhum abismo entre o inconsciente e o consciente; que eles se interpenetram perpetuamente no indivíduo; que eles se condicionam mutuamente.

2º Que se faz uma passagem ininterrupta do inconsciente ao consciente; que o inconsciente primitivo tende cada vez mais, por uma evolução indefinida e ininterrupta, a tornar-se consciente.

1º O consciente e o inconsciente se interpenetram e se condicionam reciprocamente

Considerando o inconsciente, no estudo analítico de seus elementos constitutivos, encontraremos elementos inatos, que estudaremos mais adiante e elementos adquiridos. Esses últimos são primeiro conscientes, depois do campo da consciência passam para o campo da subconsciência e se tornam criptomnésicos. Uma parte da criptomnésia subconsciente é feita assim de antigas aquisições conscientes. Há por isso uma corrente perpétua do consciente ao inconsciente. Consideremos agora o consciente: no estudo analítico de seus elementos constitutivos, nós temos encontrado elementos adquiridos, que conhecemos bem, e elementos inatos, que são mais obscuros. Esses últimos são primeiro subconscientes, depois do campo da subconsciência, passam ao campo da consciência; de criptopsíquicos, eles se tornam psíquicos.

O fundo do ser consciente, sua característica essencial são feitos das capacidades

subscientes.

O psiquismo consciente é assim constituído na maior parte pelo subsciente, que o condiciona e o dirige. Há por isso uma corrente perpétua do inconsciente ao consciente e do consciente ao inconsciente; interpenetração total.

Não somente o abismo intransponível não existe, mas as conexões são absolutamente estreitas e diretas.

O inconsciente condicionando o consciente perde, por isso mesmo, em parte, seu caráter de inconsciente. Ele se comporta então, não como inconsciente, mas como consciente criptóide, ora ativo, ora latente.

Por sua vez o consciente condiciona em parte o inconsciente, invertendo em seu seio a massa de suas aquisições psicológicas. Enfim, essas aquisições, todavia conscientes e tornadas subscientes, são suscetíveis, quando as condições são favoráveis, de reintegrar o domínio do consciente.

O que se conclui de tudo isso? Simplesmente isto: o que nós chamamos por experiência diária “o consciente” não é senão uma parte do consciente; a parte acessível imediatamente, no limite do tempo e de espaço considerado; mas uma larga parte do consciente permanece normalmente latente. O que nós chamamos por experiência diária “o inconsciente” não é senão uma parte do inconsciente, do verdadeiro, do que permanece inacessível e insondável. A maior parte do inconsciente chega diariamente à consciência a qual ela forma o fundo individual e que ela dirige. Ela não é oculta; guarda simplesmente o anonimato. Sua atividade é ao mesmo tempo diária, constante e criptóide. Desde então nós iremos facilmente completar nossa demonstração.

2º O dínamo-psiquismo inconsciente ou subsciente tende a tornar-se um dínamo-psiquismo consciente

Essa proposição capital pode ser estabelecida pelo exame racional do psiquismo individual.

A análise do subsciente superior nos permite distinguir nele duas grandes categorias de capacidades e de conhecimentos.

A) A primeira categoria não tem analogia nas capacidades e conhecimentos conscientes: ela compreende as faculdades ditas supra normais e criadoras e os conhecimentos que essas faculdades são suscetíveis de causar ao Ser, independentemente de seus meios habituais de saber e conhecer.

Essa categoria, essa porção do eu permanece forçosamente misteriosa; ela se mantém na essência do inconsciente. Ela o faz participar do que há de divino no universo e contorna ainda a nossa investigação racional como a uma completa interpretação.

B) A segunda categoria compreende as faculdades e conhecimentos análogos,

como essência, às faculdades e conhecimentos conscientes e não diferenciando senão pela variedade e extensão.

Essa categoria é mais fácil de interpretar.

Constatamos primeiramente que ela é feita, por um lado, de experiências psicológicas adquiridas conscientemente ou mesmo sem que nós demos conta e passadas integralmente à subconsciência. Tudo se passa como se a multidão de experiências diárias tivesse por finalidade ou por resultado um enriquecimento ininterrupto, durante o curso de nossa vida, de nosso subconsciente.

Nenhuma lembrança, nenhuma experiência psicológica ou vital é perdida.

O organismo, no curso de vida, sofre imensas modificações e, sem dúvida, se renova várias vezes, molécula por molécula. Os estados de consciência se sucedem, todos mais ou menos diferentes uns dos outros. Uma vida é feita na realidade de uma série de vidas, vidas da primeira infância, da adolescência, da idade adulta e da velhice; vidas distintas, apesar de que reunidas por um fundo comum.

Essas vidas sucessivas são mais ou menos afetadas pelos esquecimentos, em aparências definitivos, que constituem, para o ser, como tantas pequenas mortes.

Mas, através da renovação das moléculas orgânicas e dos estados de consciência, persiste um psiquismo superior e profundo, que registrou todos esses estados de consciência e que os conserva de uma maneira indelével.

Eles não são por isso perdido, já que eles permanecem na maior parte latentes.

Mas isso não é tudo: o psiquismo subconsciente, que se enriquece assim, no curso da vida, de todos os novos estados de consciência, não faz senão registrá-los; ele os assimila.

Todas as aquisições conscientes são assimiladas e transmutadas em faculdades.

Isso é bem visível no curso da existência. O Ser “se desenvolve”, adquire faculdades novas ou mais marcadas para sentir, conhecer, saber. O progresso psicológico não pode ser senão o resultado dessa transmutação de conhecimentos em faculdades. Ora, essa transmutação é subconsciente. Ela não se passa nas moléculas cerebrais instáveis e efêmeras; ela necessita de uma elaboração contínua e profunda na parte permanente e essencial do Ser, isto é, em seu dínamo-psiquismo subconsciente.

Assim então, pouco importam as desagregações perpétuas da personalidade consciente. A individualidade subconsciente permanente conserva a lembrança indelével de todos os estados de consciência que o constituíram. Ela tira desses estados de consciência, assimilados por ela, novas capacidades. Durante o curso da vida, o subconsciente individual dá assim um novo passo em direção ao consciente.

Temos, desde então, uma base firme de onde partir para ir, mais alto e mais longe, à descoberta da verdade.

A criptopsique não é feita senão em pequena parte de experiências da vida presente. A maior parte é inata. Donde provém ela então?

A hipótese explicativa mais “natural” e a mais razoável é a que será baseada nos fatos, já que a criptopsique e a criptomnésia são feitas, em parte, de experiências passadas na subconsciência que elas enriquecem, é legítimo inferir que elas são feitas totalmente de experiências passadas.

Se, em lugar de uma só existência, abarcamos séries de existências sucessivas, compreende-se imediatamente como é feita a aquisição da consciência falando do inconsciente primitivo.

Nenhuma das experiências, infinitamente numerosas e variadas, é gravada no dinamismo essencial do Ser e é traduzida por um estado de consciência, isto é, por uma lembrança e por uma capacidade.

É assim que o Ser passa, pouco a pouco, do inconsciente ao consciente.

A indução palingenésica, aliás, não se depara com nenhuma objeção de ordem científica. É em vão que nos esforçaríamos em encontrar uma só na massa de nossos conhecimentos.

Quanto ao esquecimento das existências anteriores, é sem nenhuma importância para a ciência moderna. A lembrança não desempenha senão um papel secundário na psicologia normal; o esquecimento é sempre e por toda parte. A maior parte das lembranças desaparece no curso da existência. A memória da personalidade, memória cerebral, é completamente débil, não confiável, falível. Ela não respeita regra na vida regular e normal; ela está mais ainda nos estados anormais pelos “estados secundários”, sejam espontâneos, sejam hipnóticos ou mediúnicos. Pelo contrário, acima dessa memória cerebral, parcial, efêmera, existe a memória subconsciente, a memória da individualidade verdadeira e total, memória infalível e indestrutível como ela.

É nessa memória essencial que permanecem, gravados para sempre, ao mesmo tempo todos os acontecimentos da vida atual e todas as lembranças, todas as aquisições conscientes da imensa série de vidas anteriores.

À luz das duas proposições que nós acabamos de estabelecer, somos capazes de compreender completamente a evolução individual e de resolver todos os problemas naturalistas e filosóficos relativos ao indivíduo.

Sem dúvida, do ponto de vista metafísico, nossa concepção satisfaz necessariamente em grande parte ainda à hipótese, mas do ponto de vista psicológico, ela não deixa enigma que não seja esclarecido.

Capítulo III

Síntese do indivíduo

1º Representações primordiais e secundárias

A concepção racional do indivíduo, concepção de acordo com todos os fatos, é a seguinte: para a gênese do indivíduo, o dínamo-psiquismo essencial se objetiva em representações primordiais hierárquicas e condicionando-se umas às outras. As representações primordiais são, de acordo com nossos conhecimentos atuais:

A mental,

O dinamismo vital,

A substância orgânica única ⁹⁸

⁹⁸ *As escolas ditas ocultistas que, por métodos intuitivos ou místicos chegaram, coisa curiosa, a sistematizações assaz próximas, descrevem as diversas representações primordiais como providas cada uma de uma aparência concreta, de um substratum orgânico ou fluídico.*

Essas representações primordiais se constituem representações secundárias; o mental em estados de consciência e pensamentos; a substância única em órgãos e células. As representações primordiais são quadros que permanecem os mesmos do nascimento à morte do grupamento individual.

As representações secundárias, ao contrário, estão em perpétuo estado de renovação. As células do complexus orgânico nascente, morrem, se sucedem com uma grande rapidez. Os estados de consciência e os pensamentos se sucedem da mesma forma, se associando, se opondo, convergindo ou divergindo em um caos formidável, que somente ordena e regulariza a direção do eu.

Os últimos termos das representações, células ou pensamentos têm, no conjunto, sua autonomia, seu dinamismo próprio, sua consciência esboçada.

As células ou pensamentos são “tudo”, dínamo-psiquismos parciais, mônadas⁹⁹. As hierarquias que se constataam entre as representações principais existem também, em seu quadro, para as representações secundárias. Há uma hierarquia de tecidos e uma hierarquia de grupamentos mentais. Enfim, nos quadros de representações primordiais, quadros fixos e imutáveis para a duração do grupamento vital, há, para as representações secundárias, possibilidade de representações diferentes das representações habituais. Assim os tecidos e órgãos da substância única podem se constituir em representações formais novas nas materializações metapsíquicas. Assim as representações mentais podem se constituir em segundas personalidades no psiquismo anormal.

⁹⁹ *É o que as experiências célebres do doutor Carrel têm positivamente demonstrado para as células.*

Desde então tudo se torna claro, seja na concepção do indivíduo, seja nas particularidades múltiplas de sua fisiologia ou de sua psicologia. Retomemos agora nossa análise do indivíduo e de suas representações. Estudemo-las em detalhe.

2º Corpo e dinamismo vital

O corpo, objetivação inferior, representação ideoplástica do eu, não desempenha mais o papel primordial e essencial que lhe consignava a psicofisiologia clássica.

Os fenômenos conhecidos como psicologia supra-normal parecem estabelecer que as diversas modalidades anatômicas do organismo se conduzem a uma representação única: a substância primordial, que não é substância nervosa, óssea, muscular, etc. mas que é pura e simplesmente a substância.

Há aí um campo de estudos formidavelmente vasto. O estudo das modalidades orgânicas deverá ser ainda retomado sobre um plano todo novo.

Essa substância orgânica é edificada, desenvolvida, mantida, reparada pelo dinamismo vital, princípio de atividade superior que o condiciona.

Temos demonstrado, no estudo da individualidade fisiológica, a realidade do dinamismo vital concebido como independente do complexus orgânico e como princípio organizador e diretor desses complexus para não ter que voltar a essa demonstração. O dinamismo vital, por outro lado, tem sua existência própria, autônoma, distinta dos princípios dínamo-psíquicos superiores do indivíduo demonstradas por suas limitações, limitações no espaço e no tempo, às quais escapam os princípios superiores.

Sua potência organizadora, diretora, reparadora não ultrapassa, em suas manifestações aparentes, nem o nascimento nem a morte do organismo que ela condiciona. Ela lhe é ligada, pelo menos, com toda evidência, em limites estreitos.

Na edificação do organismo, o dinamismo vital sofre uma dupla influência: a influência do dínamo-psiquismo superior do eu e a influência hereditária ligada à substância mesma, seja a influência ideoplástica ativa do Ser e a influência ideoplástica passiva, a empreitada ideal marcada na substância pelos geradores.

Schopenhauer já concebia o processo da edificação orgânica como relevante realmente da ideoplastia ativa: “As partes do corpo devem corresponder perfeitamente aos principais apetites pelos quais se manifesta a vontade; elas devem nisso ser a expressão visível. Os dentes, o esôfago e o canal intestinal são a formas objetivas; do mesmo modo, as partes genitais são o instinto sexual objetivo; as mãos que agarram, os pés rápidos correspondem ao exercício já menos imediato da vontade que eles representam.

Do mesmo modo que a forma humana em geral corresponde à vontade humana em geral, a forma individual do corpo, muito característica e muito expressiva por conseqüência, em seu conjunto e em todas suas partes, corresponde a uma

modificação individual da vontade, a um caráter particular”

O que devemos acrescentar simplesmente a essa concepção da ideoplastia ativa, é que a objetivação do dínamo-psiquismo essencial não é imediata e primitivamente uma objetivação na matéria. Ela é primeiramente mental. Depois, a objetivação mental se transpõe em objetivação dinâmica e a objetivação dinâmica cria por sua vez a representação orgânica.

Quanto à ideoplastia passiva, a empreitada ideal geradora, é toda hereditária. Ela desempenha um papel muito importante na edificação do organismo, porque, ao nível evolutivo atual, a vontade diretora do eu não é capaz de modificar as grandes funções fisiológicas. O corpo e o dinamismo vital formam, no grupamento individual, como um “bloco inferior”, autônomo, sobre o qual o controle do “bloco superior” não é senão parcial e relativo.

A influência da ideoplastia ativa não é menos capital. É ela que assegura ao organismo sua destinação e seu fim e que adapta a cerebração, no homem, ao papel normal que ela deverá preencher.

Sem a direção superior, a ação do dinamismo vital, nos seres evoluídos e especialmente na humanidade, pode ser desviada, falseada ou impotente; não levar senão a formações abortadas ou monstruosas.

A formação embrionária do organismo, soma tudo, aparece como uma “materialização” regular e normal ao passo que a materialização metafísica não é senão uma formação ideoplástica irregular e anormal. A edificação do organismo pode se fazer, aliás, normalmente fora das condições habituais que presidem à geração dos seres mais evoluídos.

Na partenogênese, na reprodução por mudas, o grupamento de mônadas orgânicas e dinâmicas se faz sem a conjunção de um espermatozóide com um óvulo. Esses fatos, em aparência desconcertantes, podem facilmente se compreender com as novas noções: eles provam simplesmente que o condicionamento corporal e dinâmico do grupamento individual não reside exclusivamente na fecundação¹⁰⁰.

¹⁰⁰ *Há uma singular analogia, que nos seja permitido observar ligeiramente, entre as reproduções por mudas e sobretudo por brotamento, e as materializações metapsíquicas. A materialização se opera frequentemente, nós já vimos, por uma espécie de brotamento ou de prolongamento na substância única do médium, esse brotamento se desabrochando em um Ser ou um fragmento de Ser. A diferença reside na duração; mas isso não é aí senão questão de modalidade e de tempo. Nada diz que se chegará a separar a materialização do médium, como a muda ou o rebento do toco original, e a lhe dar uma existência separada! Impossível dirão! Não, o insensato seria aquele que, conhecendo o que nós sabemos, afirmasse a impossibilidade do fato.*

Uma vez constituído, o dinamismo vital representa como um armazenamento, uma provisão de forças, estreitamente limitado na sua duração como na sua potência: na

sua duração, pois suas capacidades de reparação orgânica diminuem com a maturidade e não impedem o corpo de se desagregar pouco a pouco na usura da velhice.

Na sua potência, pois uma lesão orgânica muito grave supera, mesmo antes do termo final, suas capacidades reparadoras e conduz ao fim prematuro do grupamento corporal.

É notável que a limitação do dinamismo vital seja mais marcante nos seres superiores que nos seres inferiores. É aliás, possível que haja menos, nestes últimos, potência mais forte quanto especialização menos estreita.

Em todo caso, o estudo do dinamismo vital nos seres inferiores, vegetais ou protozoários, necessitará de um estudo especial, por causa de suas diferenças de propriedades e de ação.

O que parece certo, é que, no ser evoluído, a ação reparadora do dinamismo vital é infinitamente mais fraca do que no ser inferior, por causa da centralização estreita que desvia, em proveito quase exclusivo dos elementos nobres do organismo, do sistema nervoso, a atividade maior desse dinamismo¹⁰¹.

¹⁰¹ *Não é absurdo pensar que a diminuição artificial prolongada da centralização nervosa, se ela fosse possível, por exemplo por estado de hipnose particular a longo prazo, permitiria uma potência reparadora e terapêutica inesperada do dinamismo vital. Essa potência se manifesta aliás, por exceção, nos estados anormais, por exemplo nas curas ditas milagrosas.*

Ela está longe de ter essa potência prodigiosa que se nota em certos invertebrados, e mesmo nos vertebrados inferiores, e que se manifesta até na regeneração de membros ou mesmo de vísceras.

Tal como ela é, é certamente suscetível de maravilhas insuspeitas, e se é prematuro considerar uma terapêutica nova, baseada no conhecimento aprofundado do dinamismo vital, é permitido prever a possibilidade.

O papel e o fim do “bloco inferior” corpo e dinamismo vital, no grupamento individual, parecem limitar a atividade do eu, especializá-la por assim dizer, determiná-la em um sentido estreito. Tudo se passa como se cada existência terrestre, cada objetivação orgânica ou, se se quiser, cada “encarnação” fosse, para a atividade do Ser, uma limitação no tempo, no espaço e nos meios. Isso seria como um constrangimento a uma tarefa estreita e especializada, a um esforço quase exclusivo em uma só direção. Nítida do ponto de vista fisiológico, a limitação é mais nítida ainda do ponto de vista psicológico.

Essa limitação é a causa da impotência das faculdades supra normais. Ela é a causa da dificuldade das manifestações da inspiração superior, criadora ou genial. Ela é a causa do esquecimento, para o Ser, durante a vida orgânica, da imensa maioria das experiências adquiridas em tantas lembranças; a causa enfim da ignorância de sua situação real.

Com efeito, o órgão cerebral é indispensável para o funcionamento psicológico em suas relações com o mundo exterior. Ora, esse órgão não é capaz senão de uma atividade restrita e de uma capacidade restrita de armazenamento e de memória. À medida que as impressões passageiras sofridas se apagam, as memórias dessas impressões tendem a desaparecer da consciência normal.

Isso é muito nítido no curso de uma só existência. Por mais forte razão, de uma existência a outra, o cérebro novamente adquirido não pode mais vibrar harmoniosamente com as impressões passadas e estas, na vida normal, não chegam, salvo raras exceções, ao umbral da consciência.

Esses esquecimentos não são senão aparentes, já que as lembranças permanecem, integralmente conservadas, na memória essencial do Ser. Seu resultado, nas fases inferiores da evolução, é aliás feliz: o esquecimento necessita de experiências múltiplas e em condições sempre novas.

Ele impede, por outro lado, o Ser de ser embaraçado ou desviado em sua via. É, como a morte em si mesma, um fator favorável da evolução¹⁰².

¹⁰² *Ver a 3ª. Parte.*

De outro lado, a não disponibilidade habitual das faculdades próprias ao inconsciente, instinto, intuição ou faculdades supra normais impõe o esforço reflexivo constante e favoreceu também a evolução.

3º As representações mentais e o eu

Acabamos de considerar o bloco interior do grupamento constituído do indivíduo: o corpo e o dinamismo vital.

Consideremos agora o bloco superior: o dínamo-psiquismo mental e o eu.

É nele que reside o que há de essencial no Ser: as faculdades inatas, as disposições intelectuais e as capacidades primordiais.

A mônada central, o eu real, é a fonte e o princípio do gênio criador, da inspiração.

Ela desempenha o papel diretor e centralizador na síntese psicológica.

Ela assegura a permanência individual, a despeito da perpétua renovação dos estados de consciência em uma vida de mudanças de personalidade de uma existência à outra.

Ela conserva a memória integral de todas as aquisições e as assimila.

Ela desenvolve assim pouco a pouco, por essa assimilação, a consciência que representa e sintetiza todas as realizações.

Nela reside toda a consciência latente, feita de um formidável passado de inumeráveis experiências, de inumeráveis aquisições, de inumeráveis realizações.

O mental que dirige o eu é feito de estados de consciência não ainda assimilados por ele, mas que ele governa e do qual se serve. Há aí um grupamento formidável de “dínamo-psiquismos elementares”, de mônadas intelectuais, a um nível elevado de

evolução e tendo um grau já marcado de autonomia, de atividade própria, de individualização.

Esses elementos formam, na síntese psíquica, grupamentos secundários determinados pela afinidade, associações que todas visam à autonomia. Há assim, no psiquismo, duas correntes perpétuas: uma corrente divergente centrífuga e descentralizadora, uma tendência à anarquia ou à poliarquia e uma tendência centrípeta, centralizadora e dominadora que é a do eu.

O grupamento geral é determinado pela afinidade. São as tendências, o nível evolutivo do eu e suas aspirações determinadas por revolução anterior que vão agrupar os elementos psíquicos na formação de um novo ser. Durante o tempo do grupamento corporal, é preciso repetir, pois trata-se aí de um fato primordial, o psiquismo total é ligado, para suas manifestações em suas relações com o mundo exterior, ao psiquismo cerebral e limitado por ele. A expressão do pensamento e todas as manifestações da atividade mental devem tomar emprestado o canal cerebral e esse canal, estreito e dirigido em um sentido dado, limita e determina nesse sentido toda a atividade do eu.

A associação estreita do grupamento implica então uma diminuição da atividade do eu, ao passo que a separação com o bloco inferior implica o alargamento.

O psiquismo total é então diferente do psiquismo da vida normal, limitado pelas condições cerebrais.

Há, nessa concepção, um ponto sobre o qual é necessário chamar especialmente a atenção, para evitar falsas e desastrosas interpretações; é sobre a subordinação do psiquismo cerebral ao psiquismo superior. Ela não deve absolutamente ser compreendida no sentido que haveria no Ser dois seres distintos, diferentes de essência e de destino.

Equívoco parecido é infelizmente, até o presente, quase constante.

Ele domina os sistemas de Schopenhauer e de de Hartmann.

“Consolemo-nos, escrevia de Hartmann, de ter um espírito tão prático e tão baixo, tão pouco poético e tão pouco religioso; há no fundo de cada um de nós, um maravilhoso inconsciente que sonha e que ora enquanto nós trabalhamos para ganhar nossa vida.”

É no mesmo erro que tombam certos místicos, que ensinam gravemente que os atos conscientes, mesmo os mais meritórios ou os mais culpáveis, não têm senão pouca importância, porque eles não provêm do Ser interior e não têm repercussão sobre ele. Isso é radicalmente falso. O eu não é duplo. Ele é único. Mas durante a vida terrestre, as contingências cerebrais não permitem senão a manifestação restrita e truncada do psiquismo total. Essa limitação dissimula no Ser, não somente sua essência metafísica, mas também a parte mais considerável de suas realizações consciências.

Quando, nos estados anormais, a porção subconsciente e latente se manifesta mais

ou menos nitidamente, ela cria a ilusão dualista, precisamente porque ela aparece toda diferente do psiquismo normal, estando fora e acima de suas limitações temporais.

Mas, consciente e subconsciente constituem uma só e mesma individualidade, na qual as repercussões de um ao outro são correlativas e perpétuas.

É, aliás muito difícil, falta de um critério bem definido, para precisar quais são, no Ser, os limites do aporte do subconsciente e em qual medida esse aporte está condicionado pelos fatores orgânicos e a hereditariedade cerebrais. Na existência permanente e indestrutível do indivíduo, haveria, de acordo com as noções acima, alternativas perpétuas de “vida associada” e de “vida dissociada”.

As fases de vida associada, de vida orgânica e material comportam um trabalho de análise, de aperfeiçoamento de detalhes, um encaminhamento à consciência por esforços restritos, esforços dirigidos no sentido especial imposto pela presente objetivação; esforços solidários, por consequência, esforços de outras “mônadas” constitutivas do organismo dinâmico e material.

As fases de vida dissociada comportam um trabalho de recolhimento, de assimilação profunda e íntima, de síntese.

Myers acreditava além disso no desenvolvimento especial, durante essas fases de “desencarnação”, de faculdades ditas supra normais. Essas faculdades, que contêm a essência divina do inconsciente, devem ser, na realidade, imutáveis. Mas é pelo contrário muito possível que o Ser aprenda, fora de suas existências terrestres, a se servir dessas faculdades supra normais, a compreendê-las suficientemente para submetê-las, pouco a pouco, à sua vontade.

A hipótese é grandiosa. Pertence às pesquisas futuras, no domínio do metapsiquismo, para estudá-lo e talvez confirmá-lo.

O que se pode, desde agora, induzir com mais certeza, é que o Ser, nem suas fases de desencarnação, liberado das contingências cerebrais, pode e deve, quando chega a um nível suficiente de consciência e de liberdade¹⁰³ se conhecer a si mesmo cada vez melhor. Seu passado lhe seria acessível somente nos limites de sua evolução atualmente realizada e seria do mesmo modo para preparar conscientemente o porvir.

¹⁰³ *Nós já mostramos, em “o ser subconsciente” que a liberdade e a consciência são correlativas uma à outra.*

4º Induções metafísicas sobre a origem e o fim da individualização

Esse parágrafo não poderia ter pretensão científica. As hipóteses que o constituem não têm outra finalidade senão oferecer matéria à discussão.

a) A origem do indivíduo

Na origem da evolução, na medida em que nós podemos conceber essa origem, não

há nem consciência, nem individualização. É o que Schopenhauer exprimia nesses termos:

“Assim nós temos visto, no grau mais baixo, a vontade nos aparece como um impulso cego, como um esforço misterioso e surdo, afastado de toda consciência imediata. É a espécie mais simples e a mais frágil de suas objetivações. Tanto quanto um impulso cego e esforço inconsciente, ela se manifesta em toda a natureza inorgânica, em todas as forças primeiras, da qual é o papel da física e da química de procurar conhecer as leis, cada uma das quais nos aparece, nos milhões de fenômenos, completamente semelhantes e regulares, não portando nenhum traço de caráter individual.”

Pode-se admitir que a individualização comece por toda parte ou aparece, no inconsciente primitivo, um rudimento de consciência.

Esse rudimento de consciência é primeiro ínfimo, inapreciável. Ele existe entretanto já, sem dúvida, desde que se manifeste no universo, um esboço de organização; antes, talvez, que não o acreditasse Schopenhauer.

O que quer que seja, desde que esse rudimento de consciência é adquirido, ele permanece indelével, e irá, desde agora, crescendo sem cessar ao infinito.

Assim se constituem pela ascensão rudimentar à consciência, das mônadas individuais. Pode-se conservar essa velha palavra mônada, atribuindo-lhe só o sentido geral de individualidade dínamo-psíquica, parcela do dínamo-psiquismo universal criador; tendo, como ele, todas as potencialidades de realização e o caráter de permanência divina.

A realização das mônadas, depois sua evolução, são a resultante do esforço contínuo do dínamo-psiquismo inconsciente em sua tendência à consciência, esforço que necessita de um trabalho imenso de análises e de relatórios.

Desse trabalho perpétuo de análises e de relações resultam os grupamentos de mônadas que constituem toda a representação organizada do universo.

Não há assim, na universalidade das coisas, senão mônadas eternas e grupamentos temporários de mônadas, “representações” efêmeras.

O que se chama a formação de um Ser não seria assim a associação complexa, a formação de um grupamento.

O que se chama morte de um Ser não seria na realidade senão a dissociação de um grupamento. Não é a o aniquilamento das mônadas constitutivas que vão, segundo as afinidades determinadas pelo passado, ou as necessidades requisitadas para a evolução futura, constituir um novo Ser por um novo grupamento.

Essas mônadas ou indivíduos são sempre idênticos em potencialidade, mas não em realização. Graças ao rudimento de consciência adquirida, o avanço evolutivo se torna cada vez mais acessível às “relações”. Os fatores de adaptação e de seleção começam a desempenhar seu papel. Esses fatores fazem esforço: esforço primeiro puramente reflexo, depois instintivo, depois reflexivo e o esforço conduzido

forçosamente a desigualdade, desigualdade de consciência, isto é, desigualdade de realização.

Todavia, as desigualdades de partes que evoluem se acham largamente restritas e atenuadas por sua solidariedade original e essencial.

Graças a essa solidariedade toda poderosa, a ascensão à consciência não poderia ser puramente individual: ela permanece fatalmente coletiva, em uma grande medida.

Assim, a evolução das mônadas mais conscientes favorece a evolução das mônadas menos conscientes; mas do mesmo modo o retardamento dessas últimas freia, por assim dizer, a evolução das primeiras.

Essa solidariedade, evidente em toda a coletividade dos seres e em todo o universo, é sobretudo visível nessas associações complexas que constituem as colônias animais e sobretudo nessas associações hierárquicas que constituem os seres vivos e que nós já estudamos.

O futuro do indivíduo

Se agora, após ter considerado a evolução passada e presente, nós experimentarmos adivinhar o que será seu futuro, seremos conduzidos naturalmente a uma indução capital.

As reversões do consciente no inconsciente esclarecendo cada vez mais esse último, chegará necessariamente um momento em que não haverá mais nada de misterioso nem obscuro.

Ao que nós chamaremos o ápice da evolução, tanto quanto se possa conceber esse ápice, a separação aparente, a cisão temporária entre o consciente e o subconsciente não existirá mais.

Tudo o que constitui o Ser, como capacidades e como conhecimentos, todo seu formidável passado lhe será desde então acessível, integralmente, diretamente, regularmente, normalmente. Do mesmo modo, as capacidades supra normais serão submetidas à vontade consciente.

O Ser subconsciente terá desaparecido: só haverá o Ser consciente. Sua essência metafísica permanecerá a mesma, mas terá adquirido o conhecimento de si mesma e o conhecimento de tudo. Então, mas somente então, o dínamo-psiquismo essencial merecerá ser chamado de Vontade.

Se nós não temêssemos nos desgarrar muito no domínio metafísico, poderíamos nos permitir uma outra indução ainda, mas indução que precisa se contentar de assinalar discretamente e sob todas reservas.

O alargamento, infinitamente vasto, da consciência do Ser deve ter por resultado fatal fazer eclodir, por assim dizer, os quadros factícios e transitórios da individualização.

Desde então, as mônadas retornarão à unidade original da qual elas saíram.

Mas essa unidade, síntese de todas as consciências, as absorverá totalmente

deixando-as, em seu seio, indelével e eterno. Chegada a seu máximo, cada consciência individual será “alargada” até abarcar a consciência total: ela se tornará a consciência total em si mesma.

O “topo” da evolução poderia por isso ser imaginado como uma espécie de “nirvana consciente”.

Capítulo IV

A interpretação da psicologia segundo as novas noções

Resta-nos adaptar as noções precedentes à interpretação integral da psicologia.

Vamos encontrar uma prova magnífica e concludente de sua veracidade na facilidade e na limpidez dessa interpretação, dando lugar à lamentável impotência da psicologia clássica.

Para a psicologia clássica, com efeito, todos os estados que nós vamos considerar são ainda puros mistérios.

1º A Psicologia dita normal

Suponhamos, em um indivíduo qualquer, a síntese bem estabelecida entre seus diversos princípios constitutivos. Eles são ligados por uma afinidade suficiente e não há nenhum assunto de desarmonia.

A centralização é forte e a homogeneidade evidente.

A mônada central, o eu, dirige o dínamo-psiquismo mental e o controle completo sobre todos seus elementos sozinhos que comporta seu nível evolutivo¹⁰⁴.

¹⁰⁴ *Sabe-se que o nível atual de evolução humana não dá o conhecimento do mecanismo vital nem a possibilidade de agir sobre as grandes funções – o dinamismo vital guardando uma larga autonomia.*

O indivíduo, assim constituído, é bem equilibrado. Sua saúde física é perfeita.

Mas ao mesmo tempo, ele se acha muito limitado pelas contingências orgânicas. A solidariedade de seu psiquismo superior e de seu psiquismo cerebral sendo absoluta, toda a atividade do primeiro é limitado pela extensão do segundo e restrito a suas contingências.

Esse indivíduo não tem, não pode ter consciência de suas capacidades latentes nem do que concerne o psiquismo superior. Nele, os produtos da inspiração superior e do trabalho cerebrais, estreitamente amalgamados, formam um todo harmonioso. Sua psicologia é a psicologia normal, típica, marcada pelo equilíbrio das faculdades e seu rendimento regular, mas também por sua estreita limitação.

Os seres bem equilibrados podem ser de um nível evolutivo muito variável. Há, entre eles, muitos medíocres, mas também homens inteligentes.

Suas produções intelectuais são regulares sem serem súbitas. Eles não se apercebem jamais do rendimento subconsciente, que se confunde estreitamente entre eles com o resultado do trabalho voluntário.

Eles não conhecem quase nada sobre intuição. Eles não são originais. Se eles compreendem a arte, eles não são jamais artistas, no belo sentido do termo; ainda menos inventores nem criadores. Eles não têm jamais visão genial nem inspiração

superior.

Os seres bem equilibrados desempenham um papel científico ou social útil por sua ponderação e a justeza de seu raciocínio com respeito a contingências; e ao mesmo tempo nocivo por seu misoneísmo e seu espírito de estabilidade.

Suas opiniões são geralmente as do seu meio. Eles não procuram inovar e são levados a aceitar o que é idéia reinante, isto seu semblante estabelecido como justo pelo único fato como ela é regida.

Eles são refratários à filosofia, ou bem se contentam com uma filosofia banal, terna, conforme as idéias estabelecidas. Eles têm uma forte tendência ao materialismo, pois, a fusão estreita de princípios constitutivos e sua limitação pela matéria não lhes permite ver para além da matéria. O que, neles, está acima dessa limitação material lhes é completamente desconhecido. Eles não têm aliás nenhuma curiosidade filosófica real. Para eles, tudo é relativamente simples, porque eles evitam ir ao fundo das coisas.

2º Psicologia anormal

Suponhamos agora, em lugar da síntese harmoniosa estabelecida e da amálgama perfeita, hierarquizada e fundada em diversos princípios constitutivos do eu, uma síntese instável, uma falta de união ou de afinidade entre os “quadros”, uma desarmonia terá como resultado, toda a psicologia anormal.

Que haja ruptura de equilíbrio ou falta de harmonia entre o corpo e o dinamismo vital que o dirige e o condiciona, temos aí a origem de todas as manifestações histeriformes de ordem fisiológica.

Que haja ruptura de equilíbrio ou falta de harmonia, por um lado, e o dinamismo mental, do outro, temos aí a origem de todas as manifestações histeriformes de ordem psicológica.

Que haja ruptura de equilíbrio entre o mental e o eu, temos aí a fonte de todas as manifestações de desequilíbrio mental desde a neurose simples até à desintegração em personalidades múltiplas e até à loucura.

Teoricamente, o desequilíbrio poderia não existir senão entre dois dos princípios constitutivos do eu; mas na realidade, não há jamais desequilíbrio exclusivamente parcial. Devido à solidariedade essencial do grupamento individual, toda causa de desarmonia entre dois “quadros” reflete sobre todo o grupamento. É por que não há perturbações histórico-fisiológicas sem perturbações mentais e perturbação no mental sem repercussões histeriformes.

A mesma causa produtora da psicologia anormal, a falta de equilíbrio perfeito entre os princípios constitutivos do grupamento individual, permite também a manifestação isolada de um ou outro desses princípios; sua “secessão” ou mesmo sua “exteriorização”.

Ela tem, enfim, um resultado feliz: o de diminuir a limitação do psiquismo superior.

Assim, o mesmo fator é a fonte da morbidade psicológica e de manifestações psíquicas elevadas; abre a porta ao mesmo tempo à desordem mental e às produções criptopsíquicas, criptomnésicas, intuitivas, geniais ou supra normais; permite ao Ser a visão, por clarões, de seu estado real e de seu destino. Adquiridas essas noções gerais, podemos entrar na via dos detalhes. Consideraremos sucessivamente:

- Os estados neuropáticos;
- A neurastenia;
- A histeria e o hipnotismo;
- A loucura;
- As alterações de personalidade;
- O trabalho intelectual no psiquismo subconsciente superior e o gênio;
- A criptopsique e a criptomnésia;
- O supra normal;
- O mediunismo.

Todos esses estados psicológicos anormais têm pontos de contato inevitáveis e relações recíprocas, tanto por sua natureza original quanto por seu condicionamento. Eles se interpenetram frequentemente.

3º Os estados neuropáticos

Na base de todo estado neuropático, há instabilidade de equilíbrio no grupamento individual, com desordens relativas parciais, fragmentares, causas de todas as manifestações de sofrimento nervoso.

Ao contrário do que temos constatado no Ser bem equilibrado, vemos uma falta de homogeneidade, de afinidade, de dependência entre diversos princípios constitutivos. A direção centralizadora é imperfeita: não há fusão harmoniosa entre o eu e o mental, entre o mental e o dinamismo vital, entre esse último e o organismo.

Esse estado de equilíbrio instável permite descentralizações momentâneas e parciais, fontes de desordens mas também condições de uma menor limitação pelo organismo e do aparecimento, da atualização possível de tudo o que, no Ser psíquico normal, é criptóide ou oculto, como faculdades e como conhecimentos. Mas essa atualização não se manifesta jamais por um rendimento regulado: A produção intelectual se faz por golpes. Ela necessita de uma colaboração consciente-subconsciente do qual nós conhecemos as modalidades e as dificuldades.

Os seres assim constituídos, são, como os seres bem equilibrados, de um nível evolutivo muito variável: ele está entre os medíocres, cujo grão de originalidade corrige, entretanto, a monotonia psicológica.

São neuropatias inferiores, que arrastam uma existência mórbida de meio-loucos

ou de meio-imbecis, com as taras físicas e mentais ditas de degenerescência.

Há enfim as neuropatias superiores cujo talento ou cujo gênio, por sua natureza original, é inseparável das mesmas taras.

O neuropata superior sofre infinitamente dessas taras: ele tem dificuldade de conduzir seu agrupamento, dirigir seu organismo e mesmo seu mental. Frequentemente esse mental lhe escapa mais ou menos e lhe chega, então, a roçar o desequilíbrio total ou a loucura. Fora das taras psicofisiológicas, o neuropata superior sente também obscuramente a limitação imposta pelos sentidos e o cérebro, e está aí, para ele, sem mesmo que ele a analise bem, seu maior sofrimento.

Que pena, com efeito, nessa limitação, na percepção intuitiva das faculdades superiores reais mas escapando todavia à livre disposição; na necessidade de conduzir a um trabalho analítico concreto de vastos pensamentos abstratos, no esforço para exprimir palavras o que se concebe tão bem sem as palavras, na necessidade de submeter ao que há de mais inferior, o mecanismo orgânico, o que há de mais elevado, o eu consciente!

Guyau ressaltou magnificamente esse ponto de vista: “Nós sofremos, escreve ele, de uma espécie de hipertrofia da inteligência. Todos os que trabalham com o pensamento, todos os que meditam sobre a vida e a morte, todos os que filosofam acabam por provar esse sofrimento. E há nisso mesmos verdadeiros artistas, que passam sua vida a experimentar a realização de um ideal mais ou menos inacessível. Somos atraídos ao mesmo tempo de todos os lados, por todas as ciências, por todas as artes; gostaríamos de nos dedicar a todos; somos forçados, a conter-nos, a partilhar.

É preciso sentir seu cérebro ávido atrair a si a seiva de todo o organismo, ser forçado a domá-lo, resignar-se a vegetar em lugar de viver! Não nos resignamos a isso, gostamos melhor de nos abandonar à chama interior que consome. O pensamento enfraquece gradualmente, exagera o sistema nervoso, torna feminino; ele não tira entretanto nada à vontade, que permanece viril, sempre tensa, insatisfeita. Daí longas lutas, uma doença sem fim, uma guerra de si contra si. Seria preciso escolher: ter músculos ou nervos, ser homem ou mulher; o pensador, o artista não é nem um nem outro.

“Ah! Se, em uma só vez e de um único esforço imenso, nós pudéssemos arrancar de nós mesmos e atualizar o mundo de pensamentos ou de sentimentos que carregamos, como o faria com alegria, com voluptuosidade, nosso organismo inteiro se quebrar nesse rasgamento de uma criação! Mas não, é preciso se doar por pequenas frações, espalhar-se gota a gota, sofrer todas as interrupções da vida. Pouco a pouco o organismo se esgota nessa luta da idéia com o corpo, depois a inteligência em si mesma se perturba, empalidece, como uma luz viva e sofredora que treme a um vento sempre mais violento, até que o espírito se abate sobre si mesmo.” A coexistência de perturbações neuropáticas ou mesmo da loucura com a

inspiração genial não prova por isso que essa última deriva daquela. Ela prova simplesmente que o desequilíbrio no grupamento individual, condição primeira de suas manifestações descentralizadoras, está na base do gênio. De fato, a descentralização psicológica é às vezes impulsionada a tal ponto no homem de gênio, que ele chega a se comportar como um visionário; a exteriorizar suas inspirações, a objetivá-las até à alucinação.

Um tipo de neuropata não menos curioso que o homem de gênio é o médium.

O que caracteriza essencialmente o tipo médium, é a excessiva tendência que os fenômenos de exteriorização ou de ação isolada dos elementos constitutivos, a aposta das reservas criptóides e a erupção do supra-normal são possíveis.

A tendência descentralizadora é a origem das taras neuropáticas habituais; mas além do mais ela subtrai de uma maneira anormal, mais forte que nos outros neuropatas, o grupamento individual na ação diretora do eu. O médium não é senhor de si, daí, do ponto de vista psicológico, uma tripla característica:

- Ele apresenta uma grande impressionabilidade;
- Ele é muito sugestível;
- Ele apresenta uma instabilidade extrema de humor e de idéias.

Essa característica se acha, mais ou menos, em todos os médiuns, qualquer que seja sua capacidade intelectual.

A instabilidade psicológica dos médiuns não impede aliás nem a vontade de ser forte nem o espírito a seguir de ser notável, nos médiuns superiores pelo menos, mas um e outro não são tais que quando eles se apóiam em uma sugestão ou uma auto sugestão.

Fora dessas circunstâncias, estranhas falhas podem se manifestar: as opiniões do médium são instáveis, eminentemente acessíveis às influências ambientes, quando ele não está vigilante (em guarda). Ele é visto, de um dia para outro, com a melhor fé do mundo e com um ardor sempre novo, sustentar idéias diametralmente opostas. Isso lhe acontece, aliás, num curto espaço de tempo, de passar por alternativas extremas na expressão de sentimentos contraditórios.

A impotência reguladora do eu sobre o mental se manifesta por uma grande tendência às disjunções neste último. Essas disjunções resultam às vezes na formação de segundas personalidades, seguindo um processo que nós estudaremos adiante; mais frequentemente a esboços de desdobramento, graças aos quais o médium aparece essencialmente complexo, difícil de julgar, capaz de atos e pensamentos os mais diversos e os mais contraditórios.

Na vida de todos os dias, observa-se constantemente a predominância brusca e dominadora de uma idéia, de uma impressão, de um sentimento. Logo, todas as forças psicológicas, escapando ao controle do eu, se agrupam em torno da idéia usurpadora e lhe dão uma força inesperada. É por essa razão que os médiuns parecem bons comediantes.

Todo esse poder de uma idéia pode ter resultados fecundos; mas em geral, a pseudo-centralização em torno da idéia dura pouco. Uma idéia nova toma o lugar da idéia usurpadora e determina um novo grupamento e uma nova impulsão. À mercê da impressão do momento, o médium é presa de ação súbita, desproporcionada, de forças psíquicas no sentido dado pela impressão. Ele escapa então a toda influência exterior como a todo raciocínio. Nesses momentos, uma contradição exterior não é jamais acolhida.

A concentração das forças psicológicas em torno de idéias incessantemente renovadas e imediatamente reforçadas por essa concentração faz que os médiuns, quando eles são intelectualmente superiores, se fazem brilhantes causadores e improvisadores fora de linha; mas o fundo mesmo de suas produções intelectuais é extremamente variável: ele varia da inspiração superior à influência banal, verdadeira incontinência do pensamento.

Do mesmo modo que as taras neuropáticas dos homens não explicam o gênio, do mesmo modo os caracteres ou defeitos psicológicos dos médiuns não explicam o mediunismo. Elas são, simplesmente, o acompanhamento inevitável.

4º A neurastenia

Pode parecer bizarro fazer da neurastenia um estado relevante do desequilíbrio no grupamento individual.

Entretanto, nada é mais verdadeiro.

A neurastenia é essencialmente devido a uma relação defeituosa entre o dinamismo vital e o organismo.

A perturbação não poderá existir sem uma predisposição congênita; mas ela é geralmente desencadeada por uma causa qualquer, uma infecção ou intoxicação leve, um defeito de secreção glandular, um pequeno defeito orgânico, um elemento reflexo. O que quer que seja “o espinho” causador, não há nenhuma proporção entre os sintomas e o elemento original.

A defectibilidade de ação do dinamismo vital se traduz, antes de tudo, por uma impressão de fadiga. As funções vitais, o uso regular dos órgãos, tudo o que na ação fisiológica, se executa geralmente sem atenção e sem dificuldade, necessita de um esforço doloroso no neurastênico.

O sono é turbulento. Há sempre insônia ou pouco sono, não interrompendo completamente a atividade do cérebro. Também o sono não é mais reparador e o despertar é marcado por uma grande fadiga. Durante o dia, o trabalho cerebral é lento, difícil, marcado pela dificuldade de associar as idéias e de concentrar a atenção.

O desequilíbrio entre o organismo e o dinamismo vital se repercute mais ou menos em todo o grupamento.

Assim, a neurastenia não é a conseqüência do esgotamento nervoso, que é secundário, mas de uma perturbação na ação do dinamismo vital sobre o corpo.

Para curar a neurastenia, não se trata de dar “tônicos”. É preciso antes de tudo, regularizar as relações do organismo com o dinamismo vital, e ao mesmo tempo suprimir a perturbação orgânica causal.

Esse último ponto é atualmente acessível à ciência médica, e de fato, se melhora sempre a neurastenia que se chega a conhecer e a suprimir a causa original.

O primeiro ponto, o mais importante, a regulação do dinamismo vital em suas relações com o organismo, deverá ser estudado e descoberto baseando-se em noções novas e o conhecimento preciso desse dinamismo vital. Dever-se-á experimentar provavelmente os agentes físicos cujo dinamismo é tão poderoso. Já, a helioterapia, a vida ao ar livre, desempenham um papel apreciável. Há aí todo um vasto campo de explorações.

A mediunidade curativa merece ser seriamente estudada. Certos sujeitos parecem capazes de exteriorizar parte de seu próprio dinamismo vital para reforçar o dinamismo vital enfraquecido por doenças.

Daí curas surpreendentes e que ultrapassam mesmo, talvez, o quadro das doenças nervosas.

5º A Histeria

A histeria é condicionada pela desarmonia entre os princípios constitutivos do grupamento individual e a ausência de subordinação à direção central do eu.

Do ponto de vista físico e fisiológico, a desarmonia, a ausência de afinidade e de concordância entre os órgãos e o dinamismo vital explicam todas as taras poliformes, todas as localizações mórbidas: anestésias, hiperestésias, contraturas, paralisias, perturbações tróficas. As manifestações da neurose serão instáveis e mutantes, precisamente porque elas não são manifestações orgânicas mas produtos da insuficiência reguladora do dinamismo vital.

Do ponto de vista psicológico, a desarmonia entre o mental e o eu e a impotência diretora desse último explicam todas as taras psíquicas tão conhecidas e tão banais. A histeria é geralmente uma neuropatia inferior, incapaz de cumprir sua tarefa.: é um mecânico que não sabe conduzir sua máquina.

A sugestibilidade, o pitiatismo, são corolários da debilidade da direção do eu. Eles não são a causa mas a conseqüência dos estados histéricos.

6º A Loucura

Avancemos um passo a mais: suponhamos um desequilíbrio não mais relativo, mas absoluto ou um pouco próximo do absoluto; uma falta de direção não mais

incompleta, mas total, ou próximo do total: temos aí a loucura.

A loucura é, antes de tudo, a anarquia dos elementos mentais, sobre os quais o eu não tem mais ação; não tem mesmo o controle limitado, caduco e intermitente que ele conserva ainda na histeria.

A anarquia mental, por supressão do controle do eu, sendo estável, o que vai se passar? As funções psíquicas, as faculdades, os conhecimentos estão intactos, mas privados de direção. Elas podem não acusar senão a incoerência; mas mais freqüente a predominância de uma idéia, de um sentimento, de um grupamento psíquico elementar se estabelece tanto bem quanto mal e tende a se impor. Daí, as perturbações de monoidismo e os delírios sistematizados.

O desequilíbrio mental não é isolado: ele é acompanhado sempre de um desequilíbrio total do grupamento individual, devido a solidariedade fundamental dos princípios constitutivos. A loucura pode aliás ser ascendente ou descendente, provir do mental ou levar até ele. Muito frequentemente, se diz, ela é desencadeada por uma perturbação de origem fisiológica: tóxica, infecciosa ou reflexa que atinge o cérebro. Nesses casos, ela se traduzirá frequentemente pela confusão mental ou por fenômenos de excitação maníaca ou de depressão melancólica, alternando à vezes no delírio circular. A hereditariedade habitual da loucura prova a importância do fator fisiológico na sua gênese. De outras vezes, ela é de origem puramente mental: nesses casos ela frequentemente é incompleta. Persiste então um certo grau de controle do eu, insuficiente para evitar a tendência ao delírio e a sistematização anormal em torno de uma idéia predominante, mas suficiente para deixar uma aparência de razão e permitir a continuação da vida psíquica.

Há todos os graus na loucura de origem mental; todas as transições entre o desarranjo esboçado e a demência completa. Não há somente “meio-loucos” há “quartos e décimos de loucos”.

O controle do eu sobre o mental, na fase evolutiva atual da humanidade, é estabelecido sobre bases tão frágeis, que se afirma raramente com regularidade. Nesse sentido não é do homem que escapa completamente ao desequilíbrio mental. A loucura esboçada é quase a regra, e a saúde psíquica perfeita a exceção.

Quer seja ela de origem orgânica ou de origem mental, a loucura essencial não é propriamente uma doença do cérebro. Ela é simplesmente o controle insuficiente ou nulo do eu sobre seu mental. Os grupos elementares desse último estão intactos e permanecem longo tempo intactos. Todavia, se o controle superior não se restabelece, a desorganização prolongada se repercute sobre a função cerebral e termina por se traduzir em lesões degeneradoras.

7º O Hipnotismo

O hipnotismo e suas modalidades são de uma interpretação extremamente simples.

Suas manifestações são análogas à da histeria, com a diferença de que elas são artificiais e geralmente amplificadas.

A hipnose exige um certo estado de predisposição à descentralização, como o mediunismo. Ela se realiza por uma ruptura factícia no equilíbrio do grupamento individual.

A causa real e verdadeira, a condição primordial, é a descentralização do grupamento individual.

Todos os fenômenos habituais se compreendem então imediatamente: o automatismo, a sugestibilidade, as modificações da personalidade, a substituição à direção central de uma direção usurpadora intrínseca ou extrínseca, o monoideísmo, etc...

O psiquismo cerebral, isolado, será sobretudo notável por seu automatismo e sua extrema sugestibilidade. Ele constituirá, em suas manifestações, como uma espécie de subconsciência inferior, passiva, incapaz de ir além do adquirido e do hábito.

O psiquismo extra-cerebral se manifestará pela criptomnésia e a criptopsique, por sua complexidade extrema, por seu grupamento em personalidades de ordem muito variável. À vezes enfim, ele se revelará por suas capacidades superiores e por clarões supra normais devidos à descentralização e em seguida à diminuição relativa e momentânea da limitação orgânica: o hipnotismo é como uma porta entreaberta sobre a porção criptóide do eu.

Que papel é dado à sugestão na gênese da hipnose? Simplesmente o de um fator freqüente, cômodo mas nulamente indispensável. A sugestão, por ela mesma, não explica nada. Ela não age aliás senão secundariamente, devido a diminuição ou a supressão da direção superior do eu sobre o grupamento individual descentralizado. Ela pode agir, excepcionalmente, sobre os elementos mentais mas ela age sobretudo, é bom ressaltar, sobre o psiquismo cerebral.

O estado de hipnose banal, o que é clássico, é devido, antes de tudo, à secessão do bloco inferior (dinamismo vital e organismo) com o bloco superior (mental e eu). Esse bloco inferior age ou como um autômato ou como um escravo sob a sugestão do magnetizador.

Automatismo e toda potência da sugestão se compreendem assim sem dificuldade.

O automatismo na hipnose e o sonambulismo são notáveis pela perfeição dos atos cumpridos.

Em “o ser subconsciente” eu tinha explicado essa perfeição pelo fato de que todas as forças vitais, agrupadas em torno de uma única idéia, sem reflexão e sem distração, lhe dão um grande poder e uma grande segurança. Isso é verdadeiro, sem dúvida, mais há outra coisa; há como uma singular regressão da humanidade à

animalidade: O bloco inferior, privado da direção consciente, parece recuperar então, por um tempo, a segurança característica do instinto animal.

8º As alterações da personalidade

Nada faz melhor ressaltar a verdade de nossa concepção do indivíduo do que a facilidade com a qual ela vai nos permitir compreender as alterações da personalidade.

Essas manifestações foram, até ao presente, ou bem puros enigmas, ou bem a origem de pseudo-interpretações, as mais grosseiras ou as mais insensatas, quando todavia essas pseudo-interpretações não levassem simplesmente a um verbalismo imbecil, distinguindo a subconsciência da infraconsciência, da super consciência ou consciência de casulo!

Na base do fenômeno e como causa original, nota-se o afastamento da direção central do eu: as personalidades factícias são devidas às manifestações isoladas no grupamento psicológico separado do eu.

A atividade isolada do psiquismo cerebral se traduzirá seja pelo automatismo, seja por pseudos personalidades de origem sugestiva, pseudo personalidades banais, de ordem inferior, sem originalidade.

A atividade isolada dos elementos mentais do psiquismo extra-cerebral será a fonte da multiplicação das personalidades sem suas modalidades elevadas e complexas.

O fenômeno de dissociação mental esboçada, com tendência ao desdobramento é freqüente na vida normal, devido a complexidade mental, a predominância relativa do eu colocá-los de acordo. Mas nos estados anormais e em certos predispostos, o desdobramento da personalidade adquire um poder inesperado.

Para que verdadeiras personalidades múltiplas apareçam, duas condições essenciais devem se apresentar:

- Primeiro a faculdade de descentralização e a instabilidade da direção central, a impotência de “o autocratismo” individual.

- Depois o defeito de assimilação dos elementos mentais pelo eu.

Essa segunda condição é capital. Sem esse defeito de assimilação, ele poderá aí ter descentralização: não haverá aparição de uma “personalidade” digna desse nome.

Nós temos visto que o eu guarda em si a noção integral dos estados de consciência e os assimila. Se a assimilação é imperfeita, os estados de consciência conservam, com sua autonomia, sua atividade excêntrica e centrífuga, com tendência às manifestações isoladas e distintas. A gênese de uma segunda personalidade é, então, fácil a se representar: primeiro, há atividade anormal, “brotamento parasitário” no mental. Um grupamento mal assimilado se constituirá em torno de um pensamento, particularmente ativo, de uma emoção, de uma tendência, de uma impressão, de uma sugestão ou de uma auto-sugestão. Esse grupamento primário, escapando em parte

ao controle diretor e centralizador, atrai em torno de si, por afinidade, elementos mentais secundários mais frágeis.

Desde então se elaborará, nas profundezas do mental, uma luta latente e surda entre o eu e a personalidade parasitária. O mais freqüente, essa última, vencida, se desagrega e se assimila ao eu. Mas às vezes, em virtude da impotência diretora desse último, quer seja ele frágil por seu nível evolutivo, quer seja que sua ação se ache estorvada por uma falta de afinidade original ou adquirida ou pela tendência congênita do grupamento à descentralização, a personalidade parasitária prospera e se desenvolve.

Ela agrupa em torno de si uma parte cada vez mais vasta de atividades mentais, associa elementos imaginativos, se fortifica por um exercício diário e breve, uma ruptura será possível: uma nova confederação será formada no mental; uma secessão com o eu.

Desde então, uma luta aberta se estabelecerá, com resultados variáveis, retorno de fortuna, entre o eu e as personalidades factícias, para a posse do poder, para a integridade ou as desagregações parciais, para a dominação sobre o campo psicológico.

Não é nenhum caso conhecido de segundas personalidades que não seja explicável por esse processo.

Poderíamos talvez ir mais longe ainda; supor um defeito de assimilação dos elementos mentais pelo eu, não somente no período compreendido desde o nascimento do grupamento vital atual, mas até aquém desse grupamento, em um grupamento anterior: nessa hipótese, que teria necessidade de ser estabelecida sobre fatos, recuaríamos ainda, alargariamos formidavelmente a gênese possível das grandes personalidades segundas.

Tal ou tal dessas segundas personalidades poderia ainda não ser senão a “representação” mal assimilada e permanecida autônoma, do eu em uma vida precedente...

Entre as segundas personalidades, uma parte toda especial deve ser feita às personalidades mediúnicas. Por seu caráter de autonomia, sua originalidade, sua permanência, por suas afirmações muito especiais também sobre sua origem; enfim pelas faculdades supra normais das quais elas fazem prova às vezes, elas devem fazer o objeto de um estudo separado. Nós as consideraremos em último lugar.

9º O trabalho intelectual e suas modalidades. O gênio

O trabalho intelectual ordinário é devido essencialmente a uma colaboração estreita do psiquismo cerebral e do psiquismo superior.

Durante o estado de vigília, no homem normal, há fusão, união, homogeneidade de dois psiquismos, de onde produções regulares mas qualitativamente limitadas pelas

capacidades cerebrais. As faculdades superiores não se manifestam quase nada senão pelas tendências inatas, as capacidades gerais e o caráter do indivíduo. Durante o repouso do cérebro, a atividade psíquica superior persiste, mas não é quase nada percebida ou permanece totalmente latente. Sua ação se manifesta todavia no mecanismo tão conhecido da elaboração subconsciente, que atribuímos erradamente, nós o temos visto, ao automatismo do cérebro.

O automatismo do cérebro só aparece nos sonhos ordinários, incoerentes, fúteis, de ordem banal.

Os sonhos lógicos, coerentes ou geniais são devidos a uma repercussão acidental do psiquismo superior, sempre ativo bem que inapercebido, no psiquismo cerebral.

Ao lado do sonho, se coloca o devaneio. O devaneio é devido ao relaxamento do esforço intelectual e do controle preciso do eu. As idéias se desenrolam seguindo associações ou afinidades habituais e o eu assiste ao seu desfile como a um espetáculo. Ele não intervém em quase nada, senão de tempos a tempos para afastar uma idéia perniciosa. Orientar as idéias no sentido desejado ou soltar a rédea a fantasias.

O trabalho intelectual, para dar todo seu rendimento, para assegurar à colaboração e a direção do psiquismo superior extra-cerebral toda sua atividade, necessita de uma diminuição, um relaxamento da centralização do grupamento individual.

É por isso que a extensão da elaboração subconsciente e a aparição da inspiração são quase sempre associadas aos estados anormais e neuropáticos que condicionam essa descentralização relativa e momentânea.

Parece por momentos, que a limitação do Ser pela cerebração seja como quebrada: então aparecem as faculdades superiores, que não ficarão menos sempre incomodados ou mesmo desviados, pelas alternativas de esforço, isto é de ação centralizada, e de relaxamento da síntese, só capaz de diminuir a limitação cerebral.

A criptopsíquica e a criptomnésia, incompreensíveis pelo fato das faculdades cerebrais, se explicam muito facilmente pelo fato do psiquismo subconsciente superior. Não acessíveis, diretamente, à vontade e ao conhecimento do Ser limitado normalmente por suas limitações cerebrais, elas não contribuem menos largamente, embora de uma maneira oculta, a aumentar o campo de sua atividade psíquica, das quais elas constituem a melhor parte.

A capacidade inata, as capacidades não hereditárias, a inspiração, o talento ou o gênio, se manifestam fora do trabalho voluntário, explicam-se pela natureza essencial do psiquismo subconsciente e por seu papel na origem, no desenvolvimento e no funcionamento do Ser normal.

A inspiração é o produto da atividade, liberada e aumentada por essa liberação, do psiquismo superior extra cerebral. Mas essa atividade, pela mesma causa que a libera, a descentralização, não se repercute na consciência normal senão por clarões, por intervalos ou por fragmentos, com inconstância e irregularidade. O que

chamamos “trabalho inconsciente” é aliás raramente inspiração pura. É o mais frequentemente, nós o repetimos, o resultado de uma espécie de colaboração do psiquismo dito consciente e do psiquismo subconsciente superior.

O consciente elabora ou dá início ao trabalho, mas a limitação das capacidades cerebrais não lhe permite, a despeito de todos os esforços, conduzi-lo bem. Então, a colaboração com o subconsciente se estabelece, de uma maneira latente. Ela persegue mesmo e sobretudo durante o repouso do cérebro, pois, o subconsciente está desligado das contingências fisiológicas desse órgão e acima de suas limitações. O caráter inapercebido dessa colaboração faz que seu resultado tome às vezes a aparência de uma revelação.

O gênio toma da essência do eu, o seu poder criador. É bom ressaltar que, teoricamente, o gênio não implica forçosamente, por suas manifestações, uma revolução mental superior. Pode aparecer por clarões e se observa, em realidade, em todos os graus da escala evolutiva. Mas, praticamente, para ocasionar uma criação durável, o gênio necessita de conhecimentos extensos, de relações de coisas entre si, conhecimentos conscientes ou subconscientes que implicam uma alta evolução anterior. É preciso observar também que o gênio não implica a perfeição. O gênio, em suas diversas manifestações, científicas, filosóficas, artísticas, religiosas, etc... não está isento de desarmonias e erros. O controle refletido lhe é indispensável, como já mostrado anteriormente. É por isso que um homem de gênio nada pode levar de útil à humanidade se ele não é, ao mesmo tempo, um homem altamente evoluído.

10° O supra normal

Ele não é da aparição do supra-normal como do da inspiração criadora ou do gênio: ele está condicionada por um grau de descentralização suficiente para quebrar momentaneamente a limitação cerebral do Ser.

Da profundidade da consciência subliminar aflorarão então às vezes, como de uma janela bruscamente aberta no quadro opaco dessa limitação, clarões ofuscantes, embora efêmeros, de adivinhação; aparecerão as capacidades de ação mento-mental, onde se farão luz de poderes superiores à matéria e desligadas das contingências de tempo e de espaço.

Essas capacidades lúcidas, esses poderes em aparência ilimitados, não têm em realidade nada de maravilhoso ou, pelo menos, eles não são nem mas nem menos maravilhosos que todos os fenômenos da vida do pensamento.

Entre o normal e o supra normal, não há linha de demarcação, de fronteira separativa; um e outro relevam processos vitais e sua única diferença vem de que o primeiro nos é familiar, o que nos dá a ilusão de tê-lo compreendido; ao passo que o segundo mantém seu caráter oculto de que ele era ignorado.

O supra-normal fisiológico apresenta exatamente o mesmo mistério que o normal fisiológico: a formação normal do organismo vivo não é nem mais nem menos maravilhoso, nem mais nem menos compreensível que a formação anormal do mediunismo. É, nós o repetimos, o mesmo milagre ideoplástico que forma, às despensas do corpo maternal, as mãos, o rosto ou o organismo inteiro de uma “materialização”.

A supra-normal psicologia em si mesma não é senão uma face, a face escondida, do condicionamento normal do Ser cuja consciência aparente não é senão o reflexo limitado de sua consciência total. Há o mesmo mistério na criação genial e na lucidez, a mesma independência das contingências, o mesmo reflexo divino. No conjunto dos fenômenos da vida, da consciência, da evolução do Ser, não se compreende nada ou bem se compreende tudo. Não se compreende nada, se quiser conduzir todo o Ser a um de seus princípios, sobretudo ao mais grosseiro, o organismo material; compreende-se tudo quando se considera o eu divino e permanente em suas objetivações passageiras e diversas.

Em suma, não há supra normal; como não há milagres! O supra-normal não é senão a manifestação inabitual, aumentada pela descentralização, do eu se revelando em todas suas capacidades, mesmo as mais superiores e as mais latentes; ao passo que a vida psíquica normal não comporta senão manifestações estreitas, estritamente retraídas ao campo material, às representações.

O conhecimento do “supra normal” prova simplesmente que há, no eu, capacidades superiores inutilizadas e inutilizáveis durante a objetivação terrestre, faculdades de ação mento-mental, faculdades extra-sensoriais, faculdades de adivinhação sintética e de clarividência, enfim faculdades dominadoras sobre a matéria.

Pode-se admitir, com Myers, que essas faculdades superiores, que escapam inteiramente a nossa vontade durante a vida terrestre, que nos são acessíveis de uma maneira relativa e fragmentária, à medida que diminui na descentralização anormal a limitação orgânica, nos são acessíveis de uma maneira mais completa, após a ruptura final dessa limitação pela morte. Ademais e sobretudo, parece evidente que essas faculdades, em via de cultura, serão um dia plenamente submetidas ao eu. Seu uso regular e normal marcará a vida superior, idealmente evoluída, ou a consciência terá estabelecido seu triunfo completo sobre a inconsciência original. Então, não haverá mais “limitação” do eu pelo grupamento individual que ele dirige. O eu conhecerá tudo e poderá tudo: ele terá verdadeiramente realizado suas potencialidades diversas e infinitas.

11° O Mediunismo

O mediunismo apresenta grandes problemas, mas na interpretação da psicologia esses problemas são relativamente simples se nós nos reportarmos às noções

precedentes. O mecanismo da ação mediúnica pode se resumir assim: descentralização no grupamento individual do médium e manifestações isoladas das porções descentralizadas.

Ora, essas manifestações isoladas se executam no grupamento mesmo, intrinsecamente, ora elas se executam extrinsecamente, por uma verdadeira exteriorização.

Vê-se qual campo imenso é capaz de abarcar a ação mediúnica:

- Exteriorizações motrizes, sensoriais, dinâmicas, intelectuais;
- Automatismos diversos;
- Manifestações de ordem psicológica de uma imensa variedade;
- Ação isolada do psiquismo cerebral; disjunção no mental com personificações de natureza e de nível variável; manifestações pitiáticas ou sugestivas; manifestações criptopsíquicas, e criptomnésicas; manifestações ditas supra normais.

Assim compreendido, o mediunismo é um mundo; mundo desafiando toda exploração parcial e fragmentária, esquivando-se a toda visão de detalhe, mas se revelando, na majestosa constituição complexa do Ser, na alta e clara visão de conjunto.

Querer explicar o mediunismo por séries de hipóteses fragmentárias, adaptadas somente a alguns de seus escaninhos, como o fazem certos psiquistas, é uma empreitada insensata. Nenhuma das explicações parciais ou de detalhe tem, não pode ter o menor valor. Não se pode compreender o mediunismo, em sua prodigiosa diversidade, senão pelo conhecimento do que é o indivíduo, do que é seu grupamento individual, com suas possibilidades de dissociação relativa e momentânea; pela noção sobretudo de sua essência metafísica, do dínamo-psiquismo criador objetivado em si. Se se parte dessa nova concepção do eu e nesse caso somente, ele se torna fácil de se compreender, em sua infinita diversidade, a ação mediúnica.

Entretanto, a propósito do mediunismo, resta e restará sempre questões sujeitas a controvérsia, mesmo se se parte de noções precisas, aqui acima expostas, sobre a constituição do Ser.

Entre essas questões reservadas, duas sobretudo se prestam à discussão: a das personalidades mediúnicas e as dos ensinamentos dados por essas personalidades.

1. Personalidades mediúnicas. – Em toda manifestação de ordem mediúnica, se observa uma tendência extremamente marcada à “personificação”. As disjunções mentais, as exteriorizações, os fenômenos criptomnésicos ou criptofísicos, os poderes superiores sobre a matéria não são geralmente incoerentes ou anárquicos; eles denotam um objetivo, eles revelam uma direção. Essa direção é a de uma segunda personalidade, em aparência distinta do eu.

Frequentemente a personalidade mediúnica é insignificante e efêmera.

Do mesmo modo que a pequena moeda do mediunismo¹⁰⁵ são coisas correntes na

existência, mesmo normal, de médiuns, assim a tendência às disjunções mentais e às personificações autônomas aparece como um fenômeno banal e sem interesse.

¹⁰⁵ *Fenômenos elementares de exteriorização ou esboços de ação mento-mental ou de clarividência.*

Mas, na atmosfera favorável criada pelas sessões espíritas ou por causa do treinamento e de exercício, ou espontaneamente às vezes, as manifestações se tornam precisas e se acentuam, e personificação diretora adquire então um poder às vezes extremamente notável e digno da maior atenção. Qual é a origem e a natureza das personalidades mediúnicas? Nas disjunções ordinárias, as segundas personalidades, que nós temos visto aparecer pela descentralização mental, se comportam geralmente como personalidades usurpadoras no eu. Elas parecem aspirar a substituir a autocracia legítima. Elas se declaram ser o verdadeiro eu. No mediunismo, seu aspecto é diferente: elas se declaram estranhas ao eu; elas se dão como entidades distintas, geralmente, ao menos em nossos dias e no ocidente, como os “espíritos” dos mortos, e dizem só tomar emprestado ao médium o dinamismo vital e os elementos orgânicos que lhe faltam para agir sobre o plano material.

As provas dadas pelas personalidades mediúnicas, no apoio do seu dizer, são o mais frequentemente muito vagas e não resistem ao exame; mas às vezes elas são singularmente nítidas. Trata-se do chamamento da característica do defunto, de lembranças pessoais em detalhes ignorados e minuciosos, de sua língua materna, de seus traços em caso de telepatia, de sua assinatura, etc... Que pensar dessa afirmação? Ela é sempre falsa? O mediunismo é só o domínio da mentira e de ilusão? O que não temem afirmar numerosos psiquistas. Escutemos sua argumentação: “As personalidades mediúnicas, dizem eles, podem perfeitamente não ser, a despeito de suas afirmações, senão segundas personalidades. Sua gênese, análoga a estas últimas, começando por uma sugestão ou uma auto sugestão, consciente ou subconsciente, seu desenvolvimento, seu enriquecimento obedeceriam ao mesmo mecanismo.

“Nenhuma das provas de autonomia e de independência poderá ser formal: a diferença psicológica de faculdades e conhecimentos com as do médium pode se explicar simplesmente pela complexidade do mental e a extensão da criptopsique; as contradições de idéias, de caráter, de vontade, podem representar simplesmente tendências íntimas recalçadas pela vida diária, e se fazendo clara com violência pela válvula do mediunismo; o supra-normal pode pertencer ao subconsciente mediúnico.

Nenhuma das provas de identidade poderá ser plenamente convincente: a origem de todos os conhecimentos, mesmo os mais inesperados e os mais secretos, mesmo o de uma língua ignorada do médium pode ser na criptomnésia, a ação mento-mental ou a clarividência.

As novas provas inventadas pelos pesquisadores anglo-americanos¹⁰⁶ são evidentemente, à primeira vista, desconcertantes e temíveis em nossa tese. É claro

que os fatos tão precisos e extraordinários como os observados, por exemplo, pela Sra. De W¹⁰⁷ parecem indicar uma vontade diretora bem independente e autônoma. Mas não é aí ainda uma ilusão? Quem sabe se a personalidade não chega a adquirir, pela cultura mediúnica, além de uma grande autonomia, um dinamismo passageiro, ao menos durante a duração da experiência sobre médiuns diferentes? Tudo é possível, com efeito. Mas, é preciso não esquecer jamais, quando se raciocina sobre o mediunismo, de levar em conta todas as noções que nós temos estabelecido sobre a natureza e a constituição individual. Essas noções que, aceitas integralmente, nos têm permitido sair do abismo obscuro, do caos da psicofisiologia clássica, de compreender, enfim, o sentido e a natureza do Ser e do Universo, permitem além disso afirmar a sobrevivência do eu e sua eterna evolução do Inconsciente ao Consciente.

¹⁰⁶ *Correspondências cruzadas, comunicações da mesma entidade a diversos médiuns isolados e sem relações.*

¹⁰⁷ *Anais de ciências psíquicas: Contribuição ao estudo das correspondências cruzadas.*

Que o eu preexiste e sobrevive ao grupamento que ele dirige durante a duração de uma vida terrestre; que ele sobrevive especialmente ao organismo, sua objetivação inferior durante essa vida, isso não poderá causar dúvida; isso deve pelo menos ser admitido, senão como uma certeza matemática, pelo menos como o resultado de um cálculo de forte probabilidade.

A manifestação, sobre o plano material, com a ajuda de elementos dinâmicos e orgânicos emprestados ao médium, de um “espírito desencarnado” aparece desde então como uma indubitável possibilidade.

Em presença por isso de um fato de aparência espírita, uma só atitude se impõe ao psiquista instruído: a de tomar por guia o bom senso. É ao bom senso, ao santo julgamento, de apreciar as afirmações do comunicador. É em nome do bom senso, que os psiquistas anglo-americanos, ao corrente de todas as sutilezas desconcertantes das interpretações do mediunismo intelectual, terminaram, por desistir, e com um conjunto impressionante, por aceitar as afirmações categóricas e repetidas das comunicações.

Após Hodgson, partido de um cepticismo absoluto e declarando, após 12 anos de estudos, que não havia mais lugar, em seu espírito, mesmo para a possibilidade de uma dúvida sobre a sobrevivência e sobre a realidade das comunicações entre vivos e mortos; Hyslop, Myers e recentemente O. Lodge proclamaram a mesma convicção.

Eu deixo ao leitor, desejoso de fazer uma opinião reflexiva, o cuidado de ler as publicações desses psicólogos e apreciar o valor de sua argumentação¹⁰⁸. Se me fosse permitido expor uma impressão pessoal sobre o que eu observei no domínio do mediunismo, eu diria: então mesmo que não se pudesse, em um dado caso,

afirmar a certeza científica de uma intervenção espírita, acha-se obrigado, de bom grado, reconhecer em bloco, a possibilidade dessa intervenção. Para mim eu considero como provável a ação, no mediunismo, como provável a ação, no mediunismo, de entidades inteligentes distintas do médium. Eu me baseio para isso, não somente nas provas pretensas de identidade dadas pelos comunicadores, provas sujeitas à controvérsia; mas na natureza mesmo dos fenômenos elevados e complexos do mediunismo. Esses fenômenos elevados e complexos demonstram, frequentemente, uma direção, uma intenção que não se pode, sem indução arbitrária, relacionar ao médium ou aos experimentadores. Nós não chegamos a encontrar a origem nem na consciência normal do sujeito, nem na sua consciência sonambúlica nem em suas impressões, seus desejos ou seus receios, diretos ou indiretos, sugeridos ou voluntários. Nós não podemos nem provocar os fenômenos, nem os modificar. Tudo se passa realmente como se a inteligência diretora fosse independente e autônoma. Não é tudo: essa inteligência diretora parece frequentemente conhecer, profundamente, o que nós ignoramos; saber distinguir o que é essência das coisas e representações, saber bastante, para ser capaz de modificar as relações que regem normalmente as representações, e isso, a seu bom grado, no espaço e no tempo. Em uma palavra, os fenômenos elevados do mediunismo parecem indicar, necessitar, proclamar uma direção, um conhecimento, um poder ultrapassando as faculdades, mesmo inconscientes, dos médiuns.

¹⁰⁸ *Consultar sobretudo os “Proceedings” das sociedades anglo-americanas de estudos psíquicos e o recente livro de Oliver Lodge: “Raymond”.*

Tal é pelo menos a impressão profunda que eu guardo de minhas experiências como da narrativa de certas experiências de outros metafísicos. Compreender-se-ia então, se minha impressão está certa, por que certas séries de experiências célebres, tais como as de Crookes ou de Richet, parecem só ter tido um objetivo: trazer aos sábios eminentes uma convicção inesperada, pelos procedimentos suscetíveis impressioná-los mais.

2. No que concerne os “ensinamentos” dados pelos comunicadores, as dificuldades de apreciação não são menores.

Esses conhecimentos são de natureza e de valor muito variáveis para servir de base a convicções racionais. Suas contradições, que o Sr. Maxwell¹⁰⁹ se esforçou para ressaltar, são desconcertantes para que pudesse se basear unicamente sobre elas. Mas o que não é menos evidente, é que essas contradições são naturais e inevitáveis.

¹⁰⁹ *Maxwell: “Os fenômenos psíquicos.”*

Com efeito, levando em conta, sempre, noções precedentes, pode-se conceber, a uma comunicação mediúnica, duas origens:

A) A comunicação pode provir exclusivamente do médium: ela pode ser devido seja à manifestação criptomnésica ou criptopsíquica.. Compreende-se então quanto seu valor pode ser variável. O mediunismo intelectual será ora a fonte de

adivinhações ou de revelações maravilhosas, ora e mais freqüentes de banalidades, de mentiras e de erros. Poderá revelar uma inspiração superior; poderá também ostentar uma desconcertante e tola incoerência. Há todos os graus, todas as categorias nos produtos da disjunção do mental; somente os ignorantes poderão desde já se admirar e comover.

“Estamos em nosso corpo, escreve poeticamente Maetelinck¹¹⁰, prisioneiros, profundamente sepultados com os quais ele (o eu real, o anfitrião desconhecido) não se comunica quando quer. Ronda em torno das paredes, ele grita, ele avisa, ele bate em todas as portas; mas nada nos consegue fazer senão uma inquietude vaga, um murmúrio indistinto que nos traduz, às vezes, um carcereiro mal esperto e aliás, como nós, cativo até à morte... Em outros termos, e para falar sem metáforas, é o médium que tira, de sua linguagem habitual e do que lhe sugere a assistência, de que revestir e identificar os pressentimentos, as visões às formas insólitas que saem ele não sabe de onde.

¹¹⁰ *Maeterlinck: “O anfitrião desconhecido”.*

Esse anfitrião desconhecido, esse Ser subconsciente, não é na realidade um ser homogêneo e único. Precisaria antes chamá-lo “o complexo subconsciente”, capaz de se revelar a nós nas formas e com os atributos os mais diversos. A unidade só pertence ao eu real, distinto dos processos mentais tanto quanto do revestimento orgânico, mas guardando em si a totalidade mnésico das representações. Para que o eu, subtraía à limitação orgânica, chega a se revelar em suas capacidades superiores, e na imensidade de suas aquisições conscientes latentes, precisa que ele se torne suficientemente mestre de seu mental descentralizado.

Uma condição similar é raramente realizada e é por que, o mais freqüente, as manifestações criptopsíquicas são fragmentárias e desviadas.

B) Se a comunicação provém de uma inteligência distinta do médium, ela não poderá ser ela mesma, o mais freqüente e em uma medida muito variável, quanto fragmentária e falsa. Passando pelo canal mediúnico, ela será forçosamente limitada pelo mental e a cerebração do médium. Enquanto a inspiração subconsciente intrínseca ela mesma tem tanta dificuldade para se repercutir intacta no cérebro, com mais forte razão uma inspiração extrínseca será limitada, diminuída ou deformada. Isso não é tudo: pelo único fato de se comunicar, o comunicador sofre uma perturbação psíquica expressamente notada por todos os pesquisadores, especialmente pelos Anglo-americanos. Tomando emprestada a substância do médium, o Ser se limita, como ele se limita, no nascimento, se formando um corpo com a substância materna. Ele sofre, pelo fato da comunicação sobre o plano material, uma espécie de reencarnação relativa e momentânea, acompanhada, em certa medida, como a reencarnação normal, com esquecimento de sua situação real e da tomada em reserva da maioria de suas aquisições consciências.

Se admitirmos a manifestação espírita, somos obrigados a pensar que, durante o

curso de sua manifestação por intermédio do médium, o Ser se acha irresistivelmente conduzido às condições que o caracterizariam como se fosse vivo. É por essas razões, em virtude dessas dificuldades primordiais, que os comunicadores podem abundar em detalhes sobre sua identidade e tão dificilmente dar noções precisas sobre sua situação real.

Essas noções, se elas fossem exatas, tenderiam a estabelecer a existência de um “além” assaz pouco dessemelhante de “o lado de cá”. A “representação” que se faria o espírito desencarnado lembraria pelo menos, sobre “planos” mais sutis e relacionáveis ao que nós temos visto da constituição individual, a “representação” que se faz o eu encarnado do mundo material.

Os registros relativos à evolução, à passagem de “o inconsciente ao consciente” são mais precisos.

Se não levamos em conta, como é lógico, que mensagens portando a marca de uma inspiração elevada e de uma vontade superior, vemos se desvanecer a maior parte das contradições. Todas as comunicações elevadas, todas, sem exceções, afirmam a sobrevivência do que há de essencial no eu, e a evolução indefinida em direção mais de consciência e mais de perfeição. Todas colocam o ideal e o fim da humanidade acima de todos os dogmas. Todas proclamam uma moral superior de bondade e de justiça.

A evolução progressiva do inconsciente ao consciente, não é sempre, entretanto, relacionada à palingenésia. A pluralidade das existências não é jamais negada, nas comunicações elevadas, mas ela está frequentemente subentendida. Assim está nas admiráveis mensagens recebidas por Stainton Moses¹¹¹.

¹¹¹ *Ensinamentos espirituais.*

Pouco importa aliás. É evidentemente prudente não levar em conta, na filosofia da evolução individual, senão fatos e induções racionais. É sobre eles que deve repousar a soberana beleza e deslumbrante verdade da evolução palingenésica. É nula a necessidade de outra revelação.

Segunda Parte

A evolução universal

Capítulo I

A passagem do inconsciente ao consciente no universo

1º O universo concebido como dínamo-psiquismo e como representação

Podemos agora, por uma vasta indução, reportar-nos ao universo o que nós sabemos do indivíduo; pois o que é demonstrado para o indivíduo, o microcosmo, só pode ser verossímil para o universo, o macrocosmo.

Do mesmo modo que o indivíduo, o universo deve ser concebido como representação temporária e como dínamo-psiquismo essencial e real.

Do mesmo modo que o organismo do indivíduo só é um produto ideoplástico de seu dínamo-psiquismo essencial, o universo não aparece como a formidável materialização da potencialidade criadora.

Enfim, do mesmo modo que o indivíduo, o universo passa, pela evolução, do fato das experiências adquiridas em e pelas representações, do inconsciente ao consciente.

2º A evolução é a aquisição da consciência

Consideremos a evolução assim compreendida: no Ser, nós temos visto o dínamo-psiquismo inconsciente original e criador enriquecido e aclarado, por assim dizer, pelas aquisições conscientes. Temos notado a tendência progressiva e indefinida a uma união, uma fusão harmoniosa do inconsciente e do consciente e pudemos induzir que a multiplicidade de experiências evolutivas, integralmente conservadas e transmutadas no mesmo tempo em novas capacidades, tinha por resultado a realização cada vez mais vasta da consciência e sua reabsorção nela do inconsciente primitivo.

No universo em evolução, é evidentemente do mesmo modo. Primeiro ele se apresenta como um oceano de inconsciência; depois, desse oceano de inconsciência, emergem pouco a pouco ilhéus ou “icebergs” de consciência. Esses ilhéus são primeiro ínfimos, raros e isolados; os ilhéus da inconsciência os dominam e os recobrem sem cessar. Mas a impulsão evolutiva continua; os ilhéus aumentam, se multiplicam, se juntam. Eles formam continentes já vastos e elevados, cujo topo se irradia na consciência. Mas sua base e seu assento mergulham sempre na inconsciência os quais são resultantes e pertencem à natureza.

Mais tarde, nas fases evolutivas superiores, o domínio da consciência terá absorvido em si, por sua vez, o oceano primitivo da inconsciência da qual ele saiu.

Que essas diversas proposições sejam de ordem filosófica, isso é inegável; mas elas não são metafísicas, no sentido próprio da palavra; porque sua base é científica e racional.

Quando se diz: revolução é a passagem de um dínamo-psi-quismo potencial e inconsciente a um dínamo-psi-quismo realizado e consciente, não se faz metafísica: exprime-se simplesmente, em uma linguagem filosófica, uma evidente verdade científica; tira-se, de constatações inegáveis, um ensinamento geral de ordem mais elevada.

3º As leis evolutivas, o problema da finalidade

Consideremos a evolução em seus detalhes. Veremos essa passagem se efetuar muito simplesmente. O impulso evolutivo primitivo, que se manifesta pelo aparecimento de formas vegetais e de formas animais inferiores, é evidentemente inconsciente.

As experiências de de Vries mostram com efeito que ela é anárquica e desordenada. Há como uma exuberância de vida manifestada em todos os sentidos.

Mas os fatores secundários, sobretudo a seleção e a adaptação, aparecidos ao mesmo tempo em que as formas, desempenham seu papel. Eles não fazem evolução, mas a evolução se faz daqui em diante conforme sua influência.

Esses fatores secundários fazem desaparecer ou prosperar as formas aparecidas. Eles ajudam, regularizando, o processo evolutivo.

A essa fase primitiva sucede uma segunda, desde que um rudimento de consciência apareceu, ele desempenha um papel. A consciência adquirida se guarda no inconsciente: ela o fecunda e o ilumina. Desde então o impulso criador não é mais anárquico, ele se regula e se concentra pouco a pouco; ele obedece, em certa medida, aos ambientes necessitados para facilitar a adaptação.

Todavia ele não é ainda consciência: o aparecimento das grandes espécies, a passagem do peixe ao batráquio, do réptil ao pássaro, do antropopiteco ao homem não foi uma passagem deliberadamente desejada. O peixe não podia compreender que a forma batráquia é uma forma relativamente superior; o réptil não desejou conscientemente adquirir asas e transformar-se em um pássaro; o antropopiteco não compreendeu que a espécie homem comportaria uma soma mais elevada de realizações psíquicas.

Mas essas passagens se fizeram como sob a influência obscura de uma necessidade; como se a função, potencialmente anterior ao órgão, tivesse condicionado o órgão que iria aparecer; como se, em uma palavra, a evolução tinha obedecido a um instinto maravilhoso.

Se há ainda, nessa fase evolutiva, tentativas e erros, é porque o instinto não é infalível.

Na coletividade como no indivíduo, o instinto representa a primeira manifestação do subconsciente. Na coletividade como no indivíduo, o subconsciente aparece como intermediário entre o inconsciente primitivo e o consciente futuro.

O subconsciente não é mais o inconsciente obscuro e caótico; ele é o inconsciente iluminado já pelo reflexo do consciente realizado.

Do inconsciente, ele toma todas as potencialidades; do consciente ele retira o conhecimento geral adquirido graças às “experiências” vitais e os aparecimentos refletidos ou instintivos à luz. As reversões do consciente no inconsciente, que nós temos estudado no indivíduo, ultrapassa largamente os limites da individualidade. Graças à solidariedade essencial do todo, o consciente adquirido individualmente se reverte, ao mesmo tempo que no inconsciente individual, em todo o inconsciente coletivo.

Desde então, a evolução das espécies, mesmo inferiores, se acha guiada, em certa medida, por uma influência superior e profunda que os faz participar do progresso geral realizado.

Compreende-se ainda o aparecimento das principais espécies e dos principais instintos como obedecendo a uma sorte de finalidade; finalidade não primitiva mas adquirida.

Na origem dessas principais espécies e desses principais instintos, há como um esforço de atividade subconsciente “lúcido” que os cria em uma forma e uma característica dadas, com suas capacidades e também sua limitação no espaço e no tempo. Esse esforço de atividade, subconsciente lúcida se acha sempre, em uma larga medida, graças à finalidade adquirida, em concordância com as necessidades da ambiência onde devem evoluir as novas espécies.

A criação de uma espécie aparece, em uma palavra, como uma realização genial do inconsciente evoluindo em direção ao consciente.

Finalidade adquirida, tal é a chave do enigma transformista.

A evolução, em seu conjunto como em suas partes, revela uma finalidade evidente, finalidade cuja seleção, a adaptação, nem os outros fatores clássicos podem, nós o temos visto, dar conta suficientemente. Mas essa finalidade evidente não é seguramente uma finalidade pré-estabelecida, pois então o plano segundo o qual ela se revela não comportaria tentativas nem erros.

Trata-se de uma finalidade adquirida, finalidade relativa, explicável pelas reversões do consciente no inconsciente e simplesmente proporcional ao nível coletivo de consciência atingida.

A finalidade adquirida permite somente, pela adaptação ideal que comporta, o jogo completo dos fatores clássicos, seleção natural, influência ambiente, seleção sexual, segregação, isolamento, migrações, etc. Somente ela explica como as formas de vida

as mais diversas aparecem por toda parte onde a vida é possível, nas águas, sobre a terra ou nos ares; somente ela faz compreender a variedade infinita dessas formas de vida, e sua estreita especialização. Somente ela permite compreender como o aparecimento e o desenvolvimento de novos órgãos corresponde com precisão a necessidades precisas.

Somente também, ela explica como o desenvolvimento desses órgãos vai às vezes além da necessidade e se efetua fora mesmo das adaptações, como se constata por exemplo para os caracteres ornamentais. A tendência à consciência não é, com efeito, somente a tendência à inteligência, mas a tendência a tudo o que constitui o psiquismo consciente aí compreendido, o sentido afetivo e o sentido estético. O instinto afetivo e estético, realizado nos indivíduos os mais evoluídos e revertido no inconsciente coletivo se acha, como o instinto de aperfeiçoamento orgânico, na finalidade adquirida e desempenha um papel importante.

Somente enfim, a relatividade de poder da finalidade adquirida faz compreender os erros, as tentativas, as regressões.

Nessa longa fase evolutiva, o inconsciente puro não é mais representado senão pelo automatismo das grandes funções vitais e sobretudo por suas potencialidades infinitas. O subconsciente predomina: nos invertebrados, ele desempenha um papel quase exclusivo. Esses animais agem um pouco fora de todo raciocínio, e guiados sobretudo por seu instinto.

Nos vertebrados, há já largas “franjas” de inteligência. Essas franjas não são, como gostaria Bergson, um “resíduo” abandonado na passagem do animal ao homem: não há resíduo na evolução. Essas franjas de inteligência são esboços da consciência. À medida da acumulação de experiências vitais e psicológicas e de sua reversão no subconsciente que elas iluminam progressivamente, a consciência se desenvolve. No animal superior, cavalo, cão, macaco, elefante, etc... a realização consciencial fez um imenso progresso. As faculdades de lógica e de raciocínio desempenham já um papel importante. Ao mesmo tempo, o papel aparente do instinto diminui. Suas manifestações não são mais contínuas e dominadoras; elas se tornam limitadas e intermitentes. A consciência tende, com efeito, à medida de sua realização, a quebrar os limites ou a tirania exclusiva do instinto encerrando a atividade do ser, e a substituí-lo. A predominância de faculdades de lógica e de raciocínio sobre o instinto é indispensável para a evolução à consciência; ao passo que o uso exclusivo do instinto ou simplesmente sua predominância implicam a estagnação do progresso intelectual.

O testemunho do inseto, que nós já tivemos a ocasião de invocar sob um outro ponto de vista, vai ainda ilustrar nosso pensamento; ele prova que o progresso orgânico e a complexidade corporal não estão estreitamente associados ao progresso mental. O inseto é muito evoluído psiquicamente e muito retardado do ponto de vista consciencial. A predominância exclusiva do instinto freiou nele a ascensão à

consciência. Houve por isso aí, da parte da natureza, como um desvio sobre uma falsa via.

É preciso, é indispensável que o instinto, seguro mas limitado, dê lugar à razão hesitante e falível, mas infinita pelo menos em suas capacidades de desenvolvimento. É indispensável, além do mais, que o instinto evolua se transformando, fecundado pela aquisição consciencial. É o que se produziu na passagem da animalidade à humanidade.

No homem, com efeito, o instinto se desdobrou. Resta nele um instinto animal, fisiológico, que desempenha um papel cada vez menos importante. Depois e sobretudo, há um instinto superior, que não outro senão a intuição.

A intuição é o instinto renovado, idealizado, transmutado.

Desde que ele apareceu, o consciente desempenhou um papel considerável. Condicionado pelo subconsciente, ele o condiciona por sua vez. Ele recebe dele suas principais capacidades e reporta nele suas novas aquisições, deixando-lhe o cuidado de conservá-los e de transmutá-los em capacidades novas. Mas o consciente é ainda muito limitado, pelas condições mesmas da organização cerebral, instrumento da atividade psíquica sobre o plano físico. Ele não pode utilizar senão em parte as potencialidades inconscientes. Ele não pode sobretudo nada saber ou pouco, das reservas criptomnésicas. Ele não se conhece a si mesmo. O resultado dessa limitação e dessa ignorância é favorecer a evolução impondo esforços múltiplos e em todos os sentidos, provocando novas e múltiplas experiências; ao passo que o conhecimento do estado real e as lembranças passadas seriam, na fase evolutiva atual, para o Ser pensante, um embaraço e um freio; do mesmo modo que o uso regular de altas capacidades subconscientes limitaria o esforço.

Mas essa limitação, essa ignorância não serão senão passageiras: toda a evolução permanece gravada nas partes como no todo.

A interpenetração, cada vez mais marcada, do subconsciente e do consciente levará necessariamente, nas fases evolutivas superiores, a uma fusão perfeita. A memória completa do passado evolutivo, a livre disposição das capacidades originais e adquiridas, o conhecimento estendido do universo e a solução dos mais altos problemas metafísicos se tornarão coisas regulares e normais. “O inconsciente” será transformado no “Consciente”.

Se nós quisermos contemplar, de um golpe de vista, o espetáculo da evolução tal como ele se nos oferece à luz das novas noções, veremos a realização orgânica se efetuar, segundo a comparação clássica, numa imensa árvore de vida e não, como o gostaria Bergson, em um fogo de artifício de foguetes divergentes.

Os ramos diversos, principais e secundários, representam os diversos grupos de vida vegetal e de vida animal, todas emanadas do tronco comum. Para a realização consciencial, ela se efetua do inconsciente completo ao completo conhecimento, por séries de linhas quebradas que, partidas da base, convergem para o cume comum.

Essas linhas quebradas representam o vai-e-vem perpétuo da vida à morte e da morte à vida do que há “de essencial” nos elementos psicológicos individualizados no eu. A fórmula palingenésica faz compreender o retorno, pela morte, à seiva central e a repartição pela vida, da mônada individualizada no lugar a que ele regressa, de acordo com o grau cada vez mais elevado de sua realização consciencial.

A série infinita de linhas quebradas vai assim, direta e teoricamente, do inconsciente primitivo ao consciente.

Como se farão, após a forma humana, que representa hoje o cume atingido na escala evolutiva, as futuras realizações consciências?

Serão elas correlativas a uma complexidade nova da organização física atual?

Necessitarão elas de formas novas e mais perfeitas?

“O super homem” guardará a aparência humana atual?

A uma semelhante questão, é impossível responder.

Encontramos tanto argumentos pró quanto contra.

O fato de se observar o esboço de uma organização futura nada significa, se a teoria das mutações for verdadeira. Pode haver, em nosso subconsciente, no consciente universal, preparação latente, elaboração obscura e lenta de uma nova forma, que se realizará bruscamente, quando as condições forem favoráveis.

Essa nova forma seria conforme a todas nossas aspirações conscientes, revertidas no subconsciente.

Ela apareceria com um organismo menos grosseiro, menos sujeito às necessidades materiais, mais livre com respeito ao tempo e ao espaço, refletindo enfim nosso ideal de inteligência, de equilíbrio, de juventude, de força, de saúde, de liberdade, de beleza e de amor.

Essa forma de vida e de consciência dominaria a matéria em vez de sofrer, como hoje, sua dolorosa escravidão.

Porém uma organização mais sutil que a organização humana é compatível com as necessidades do meio ambiente terrestre?

Realizar-se-á somente em outros mundos?

Ela já se realizou alhures?

Tantos problemas atualmente insolúveis, e mais fatos para tentar os poetas que os filósofos.

Capítulo II

Explicação das dificuldades evolutivas

Se nós retomarmos cada uma das dificuldades da evolução no transformismo clássico, veremos desaparecer à luz da concepção que acabamos de expor.

Compreende-se o que é o aparecimento de um mundo e sua evolução, formidável materialização do dínamo-psiquismo universal.

- Compreende-se como o mais pode sair do menos, pois que a imanência criadora, que está forçosamente na essência das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização.

- Compreende-se a origem das espécies e dos instintos pelo impulso vital da imanência criadora.

A evolução é assim marcada por uma verdadeira materialização da idéia, materialização progressiva descontínua; primeira anárquica e inconsciente, depois subconsciente e “lúcida”, conforme às necessidades evolutivas, efetuando-se de acordo com uma espécie de finalidade adquirida, embora sem uma razão precisa, e finalmente, no futuro, consciente e desejada.

- Compreendem-se as transformações bruscas criadoras das espécies, e a cristalização imediata e definitiva dos caracteres essenciais das novas espécies, pelo de fato que o impulso criador seria descontínuo, senão de fato, pelo menos em aparência e em aparência intermitente. Na questão: por que o impulso criador é intermitente? É fácil com efeito responder: ele só é intermitente em suas manifestações aparentes; ele é contínuo, embora latente no intervalo de suas manifestações.

Assim o aparecimento de uma espécie nova é preparada e determinada por uma elaboração subconsciente, que passa despercebida. Ela se faz pouco a pouco na Idéia diretriz antes de ser bruscamente transposta na matéria.

Esse fato não tem nada de extraordinário; se é verdade que a natureza não dá salto, não é menos certo que, na natureza, toda manifestação de atividade parece intermitente, precedida e seguida de um repouso aparente, durante o qual se prepara, de uma maneira obscura, uma renovação de atividade.

Pode-se comparar a obra da natureza à de um artista. A comparação não será vã e ilusória; ela será verdadeiramente instrutiva, porque o trabalho da natureza, como o trabalho do artista, é baseado, antes de tudo, sobre o inconsciente. Um e outro afetam modalidades de mesma ordem.

Primeiro caso: o artista acolhe suas inspirações subconscientes sem provocá-las, sem controlá-las, sem julgá-las, em toda sua variedade e sua integridade. Suas produções serão caracterizadas por uma espécie de exuberância luxuriante, descoordenada e anárquica. Será então a obra da crítica de fazer uma seleção:

somente algumas das produções do artista irão à posteridade; a maior parte cairá no esquecimento ou permanecerá inapercebida e abortada.

É o que se passa na natureza, para a fase primária da evolução: o impulso criador é primeiro anárquico e desordenado. Uma luxúria formidável de formas primárias, vegetais ou animais inferiores, aparece assim. Mas, então, as forças naturais, representadas pelos fatores clássicos da evolução, fazem sua obra de seleção e não deixam subsistir senão uma parte das formas primitivas.

Segundo caso: O artista não dirige sempre conscientemente, na maior parte, suas inspirações; ele as sofre. Mas essas inspirações não são mais anárquicas; elas obedecem, em uma larga medida, às sugestões inapercebidas e múltiplas da “ambiência” onde vive o artista; aos desejos íntimos refletidos e irrefletidos, às ambições e às necessidades; às mil contingências do tempo, do meio e da raça, que ele sofre sem duvidar. A obra subconsciente do artista, mesmo se não quis por um ato preciso de vontade, será, entretanto, obrigada em uma larga medida e regularizada, concentrada por assim dizer. Haverá entretanto lugar ainda, ao lado de realizações magníficas, para erros, exageros ou esquecimentos, tentativas, etc... Por outro lado, a influência ambiente necessitará de uma longa maturação na subconsciência, para atualização das novas produções. As obras do artista serão intermitentes e inegáveis. Assim ele está na natureza, desde o primeiro grau de realização consciencial. As criações não são mais exuberantes e anárquicas. As aparições intermitentes das principais espécies e dos instintos são conforme às necessidades ambientes e às necessidades vitais, obedecendo à finalidade adquirida. Mas há ainda, tudo como na obra do artista, ao lado de realizações geniais, erros, imperfeições, esquecimentos, exagerações, tentativas...

Enfim, terceiro caso: O artista controla suas produções, e essas produções são conformes, de uma maneira perfeita, ao sentido estético, à elevação intelectual e moral, à educação superior, a tudo o que faz um gênio ao mesmo tempo luminoso, criador e consciente. Esse artista aí não existe ainda. Do mesmo modo essa fase ideal não foi ainda realizada na natureza.

O gênio consciente e a criação superior, verdadeiramente divinizada, serão o resultado da evolução futura que conseguirá reabsorver o inconsciente no consciente; realizará as formas de vida rigorosamente conforme à lei superior, enfim desobstruída e precisa; evitará as tentativas, os erros e o mal: conhecerá tudo e poderá tudo.

Em suma: a evolução coletiva, como a evolução individual, pode ser resumida na fórmula: passagem do inconsciente ao consciente.

No indivíduo, o ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmera em sua duração, não é mais o ser real; ele não é senão a representação ilusória, atenuada e fragmentária.

O ser real, aprendendo pouco a pouco a se conhecer a si mesmo e a conhecer o

universo, é a centelha divina, uma via de realização de sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora, eterna.

No universo manifesto, as diferentes aparências das coisas não são, elas mesmas, senão a representação ilusória, atenuada e restrita da unidade divina se realizando em uma evolução indefinida.

A constituição dos mundos e dos indivíduos não é assim senão a realização progressiva da consciência eterna, pela multiplicidade progressiva de criações temporárias ou de objetivações.

Terceira Parte

As conseqüências pessimista ou otimista

Capítulo I – O pessimismo universal e sua refutação

Um grande príncipe árabe do século X, cujo reino marcou o apogeu do califado de Córdoba, começava assim seu testamento:

“Eu até agora reinei mais de cinquenta anos, sempre vitorioso, sempre feliz; querido pelos meus súditos, temido pelos meus inimigos, rodeado pelo respeito universal! Tudo o que os homens desejam me foi prodigalizado pelo céu. Glória, ciência, honras, tesouros, riquezas, prazeres, amor, eu gozei de tudo, tudo esgotei!

E agora, sozinho diante da morte, evocando diante de minha lembrança todos os instantes passados desse longo espaço de aparente felicidade, eu calculei o número de dias em que eu me senti verdadeiramente feliz; eu não pude encontrar senão onze! Mortais, apreciái, por meu exemplo, o valor exato da vida terrestre!”

Esse grito aflitivo de pessimismo, dado por um ser de elite, excepcionalmente privilegiado, faz melhor compreender o queixume permanente e monótono da aristocracia intelectual da humanidade.

O Sr. Jean Finot ressaltou, em todas as épocas, todas as civilizações, a imensa corrente pessimista que parece irresistivelmente arrastar¹¹².

¹¹² *T. Finot: Progresso e Felicidade.*

“Eis um povo alegre e de doce filosofia. Ele passa por ser o fornecedor generoso dos medicamentos contra o humor envenenado do qual sofrem seus vizinhos. Atribui-se-lhe a concepção da vida a mais risonha, a mais harmoniosa. É o povo francês. Entretanto, basta para diante de seus espíritos representativos, para vê-los corroídos por todos os males, começando pelo de pensar e terminando pelo de amar. Que sejam Musset, Taine, Baudelaire, Maupassant, Dumas filho, Renan, Zola, os Goncourt, Leconte de Lisle, Anatole France ou Sully Prudhomme, parisienses ou provincianos, cosmopolitas, poetas, pensadores ou filósofos: todos nos mostram, atrás de suas frases melodiosas e o sorriso convencional, uma alma transtornada...”

Os mais velhos, como Chateaubriand, Sainte-Beuve ou Lamartine, deixam ver de resto dramas análogos atuando em sua consciência. Que dizer enfim de Bossuet, de Racine, de Corneille e de tantos outros autores ilustres?... De todos os cumes do pensamento francês se exalam a tristeza e a desolação... Voltaire, o mais ponderado, o mais ligado à vida, anuncia com gravidade em alguma parte: “A felicidade não me é senão um sonho e a dor é real”... Alhures nos dirá: “Eu não sei o que é a vida eterna, mas eu sei que isso é uma brincadeira maldosa.”

Para Diderot, “só se existe no seio da dor das lágrimas. Somos só brinquedos da incerteza, do erro, da necessidade, da doença, da maldade, das paixões e vivemos

entre patifes e charlatães de toda sorte.”

Os moralistas fazem coro com os desgostosos da vida.

La Rochefoucauld, Charron, La Bruyère, Chamfort ou Vauvenarges, todos deram o mesmo grito rasgado: “A vida não vale a pena ser vivida!”

Os escritores de outros países se distinguem talvez por desesperos menos harmoniosos e mais agudos...

O Sr. Finot examina sucessivamente o estado de espírito dominante nas literaturas, filosofias e religiões, em todos os tempos e em todos os lugares, e encontra, sempre e por toda parte, o mesmo vago pessimismo submergindo as raras regiões ensolaradas ou iludidas de otimismo.

Schopenhauer não fez quase nada a não ser condensar poderosamente, em sua obra, todo o pessimismo disperso. Sua filosofia, que resume o conjunto de verdades conhecidas de sua época, que é a filosofia certamente natural e verdadeira, não podia ser senão pessimista: “Trabalhar e sofrer para viver; viver para trabalhar e sofrer” parecia a divisa natural e fatal, não somente da humanidade, mas de toda a vida.

Desde Schopenhauer, novas verdades têm iluminado a filosofia natural: o evolucionismo se impôs.

Quais vão ser suas conclusões? Cederão também ao pessimista?

Elas permitem considerar racionalmente o reino da felicidade?

Para de Hartmann, o evolucionismo e o pessimismo vão em par: “A ética de Hartmann, observa Sr. Harald Hoffding¹¹³, se liga intimamente a sua teoria pessimista. Para ele, há uma contradição irreduzível entre a civilização e a felicidade. Os progressos da civilização são marcados por recuo da felicidade. Quanto mais o aparelho da vida se complica, mais há razões de infelicidade. A sensibilidade à dor torna-se maior, e a reflexão crescente destrói as ilusões.

¹¹³ *Harald Hoffding: “História da filosofia moderna”*

A civilização deixa aumentar mais rápido as necessidades que os meios de satisfazê-las.

É por que é preciso escolher, civilização ou felicidade, a teoria da evolução ou a da felicidade. A felicidade supõe a calma e a paz, e, por essa razão, provocará a estagnação e a dissolução. A evolução leva sempre mais longe, até que todas as possibilidades sejam esgotadas.”

Sr. Jean Finot tem combatido vigorosamente concepções do evolucionismo pessimista. Para ele, o evolucionismo bem compreendido conduz a concepções otimistas, não as do otimismo aparvalhado de Sir John Lubbock; mas a um otimismo racional, baseado na história dos progressos da humanidade sob todos os pontos de vista.

Se, com efeito, nós considerarmos o progresso em todos seus domínios, social, individual, científico, legal, médico, higiênico, etc., veremos nitidamente, na sucessão dos tempos, uma diminuição considerável de razões para sofrer. A

humanidade empreendeu uma luta, cada vez mais eficaz, contra uma natureza madrasta, contra o frio, o calor, a fome, a distância, as doenças, etc.; além do mais e sobretudo, os costumes não cessaram de se suavizar. Tudo o demonstra: ao mesmo tempo em que uma diminuição de sofrimentos, a evolução comporta um aumento do campo das capacidades de conhecer e das faculdades de sentir.

Matematicamente, a felicidade, a predominância de alegrias deve resultar desse duplo movimento em sentido inverso: aumento do campo da consciência e das faculdades de sentir, devido a fontes de alegria; rarefação correlativa de motivos para sofrer.

Estamos aqui em presença de duas teses opostas, todas duas baseadas no evolucionismo.

Aquela é verdadeira: Somente o exame imparcial dos fatos podem nos dizer, se não considerarmos senão a humanidade atual, é evidente que a tese pessimista é ainda a única sustentável. Não é necessário, para apoiá-la, declamações patéticas nem longos raciocínios. Não é mesmo necessário evocar o espetáculo atual da imensa loucura humana, pondo ao serviço do mal todo o poder da ciência, em uma guerra mundial destrutiva de toda beleza e de alegria; nem mesmo o espetáculo de certas catástrofes individuais, moeda corrente da vida. É suficiente somente uma existência humana, mediana, normal, de um homem de situação e de intelecto comum; e a considerar friamente.

Em que consiste essa existência?

Ela consiste em trabalhar um quarto de século para adquirir os meios de viver; a lutar durante um outro quarto de século, no meio de preocupações perpétuas, para dar a esses meios um rendimento suficiente; depois morrer sem saber, com certeza, por que viveu. “Querer sem motivo, sempre sofrer, sempre lutar, depois, morrer, e assim por diante, nos séculos e séculos, até que a crosta de nosso planeta se descasque todas em pequenos pedaços!” exclama Schopenhauer.

Que dores e tristezas, preocupações e desgostos durante o pequeno quarto de século em que o homem “usufrui” suas conquistas: juventude efêmera com suas ilusões logo murchas; vida utilizada para se preparar para viver; as esperanças sempre decepcionadas e sempre renascendo; algumas flores colhidas ao passar à borda de um caminho e quase logo desbotadas; alguns instantes de repouso, depois da marcha que empreende. Preocupações pessoais; preocupações de família; labor rude e sem relaxar; desgostos, desilusões e decepções. Eis aí para o comum dos mortais. Para os que têm um “ideal” é pior ainda: alguma embriaguez na perseguição das ilusões e constatações desoladas de impotência para atingi-la. Qual é o homem que, fazendo em seu declínio, a exemplo do grande califa, a conta de seus dias de felicidade, chegasse a encontrar onze? Qual é o que acharia um só dia, um dia inteiro de felicidade?

Se considerássemos a vida contemporânea como o topo da evolução, o pessimismo

de Schopenhauer seria mil vezes justificado.

Sim, diz-se, mas a humanidade e a vida não realizou ainda senão uma frágil parte de suas possibilidades de felicidade.

O progresso é ininterrupto. A comparação com os séculos passados permite entrever o que farão os séculos futuros. Bem melhor, não é proibido esperar, revolução humana, um triunfo mesmo sobre a matéria; a realização de um organismo largamente subtraído à doença, uma velhice recuada; um psiquismo mais consciente, mais desligado não somente da ignorância, mas sobretudo dos sentimentos baixos e maus que são o apanágio da humanidade atual.

Pode-se esperar uma era de menos dores, de misérias, de doenças repugnantes. Pode-se entrever, em uma palavra, em lugar de uma noite espessa de infelicidade e de sofrimentos, iluminada de alguns raios de alegria efêmeros e vagos, uma aurora de felicidade, cujas sombras ligeiras de dor residual não farão melhor senão realçar deslumbrante beleza!

Sim, pode-se esperar tudo isso! Pode-se conceber a humanidade chegando a usufruir desse ideal; mas essa humanidade não verá seu triunfo estabelecido senão sobre as hecatombes das humanidades passadas.

Assim, durante os séculos dos séculos, os homens terão sofrido, para que seus últimos descendentes, privilegiados, cheguem enfim à felicidade; uma felicidade que eles não terão mais mérito como seus ancestrais não tiveram mérito de suas misérias!

Todos os esforços, as dificuldades, as dores infinitas dos primeiros terão levado a um só resultado: a edificação monstruosa desse privilégio para os últimos.

Há, nessa concepção, uma injustiça tal, que ela bastará para conduzir irresistivelmente ao pessimismo filosófico.

Mas isso não é tudo. A concepção mesmo de uma humanidade idealmente privilegiada, evoluída e feliz, peca na base. Essa humanidade veria sua vida feliz envenenada pela idéia do aniquilamento próximo e fatal. O pensamento da morte, fim de tudo, não seria mais suportável para os seres hipersensíveis que a infelicidade de todos os dias não teria preparado ao sacrifício da vida.

O homem futuro, dizem-nos, caminhará sobre uma rota larga e fácil, em um país de sonho onde a alegria o penetrará por todos os sentidos.

Erro! A paisagem de sonho não fará senão entrever, pelos interstícios das tumbas inumeráveis que limitarão a rota; tumbas dos ancestrais, de familiares, de amigos os mais caros, de crianças às vezes e sobretudo sua própria tumba, colocada diretamente diante dele, tumba enorme, tumba assustadora e que, a cada passo feito em avanço, lhe mascarará mais a vista e o horizonte! A cada curva da vida, a cada etapa, a cada alegria, soará ao seu ouvido o sino fúnebre: “irmão, é preciso morrer”...

Para que a visão mude, para que o pensamento da morte se despoje de seu caráter esterilizador e de sua aparência de maldição, é preciso dar à idéia evolucionista seu

complemento natural: o ensinamento da palingenésia. Então, tudo se ilumina: as tumbas não são mais tumbas, asilos passageiros para o fim da vida, como as camas de repouso para o fim da jornada, elas não serão capazes mais de inspirar o pavor nem esconder o horizonte; elas só fazem marcar uma nova etapa na ascensão benigna à consciência e à vida. Além do túmulo, veremos daqui por diante, por uma presciência infalível, a marcha retomar, cada vez mais fácil, com horizontes novos, uma visão mais larga e mais bela, em uma comunhão mais íntima, mais pura e mais feliz com o infinito.

Do mesmo modo que desaparece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, faz desabar o monumento de injustiça edificada pelo evolucionismo clássico. Não há mais, na evolução, sacrifícios nem privilégios. Todos os esforços, individuais e coletivos, todos os sofrimentos terão levado à edificação da felicidade e à realização da justiça – mas felicidade e justiça para todos.

O objetivo e o sentido da vida nos são desde então acessíveis e nós os encontraremos conformes as nossas esperanças idealizadas. Não há mais lugar, em nossa concepção do universo, para uma filosofia pessimista, a qual não resultava senão de uma visão incompleta e falsa das coisas. Não, a essência una de algum nome que se chame, criadora das representações sem número, não leva simplesmente a se materializar em uma vã fantasmagoria de mundos, de formas e de seres, sem passado, sem amanhã, representações absurdas, inundadas de incoerência, sem sentido ou de loucura, vãos fantasmas esvanecidos sem deixar traços! Não, a essência una não leva, por mais forte razão, a criar mundos de dor, não fazendo senão servir de quadro ao sofrimento universal, sofrimento desmerecido, inútil, infecundo!

As representações fugitivas não são nem incoerentes nem infelizes; é graças a elas e por elas que a essência única, única realidade, chega, pouco a pouco, pelas experiências inumeráveis que elas comportam, a se conhecer progressivamente ela mesma, individual e coletivamente, nas partes e no todo.

As representações, enfim compreendidas, revelam uma harmonia soberana; delas se desliga o objetivo supremo, a finalidade verdadeiramente divina. A harmonia é o acordo imanente de uns aos outros, a solidariedade estreita das parcelas individualizadas do princípio único e sua união irrecusável no todo. O objetivo é a aquisição da consciência, a passagem indefinida do inconsciente ao consciente; é por essa passagem, da desobstrução de todas as potencialidades; é a realização, em revolução, da soberana Inteligência, da soberana Justiça, do soberano Bem.

Capítulo II

Realização da soberana consciência

- O que há “de essencial” no universo é indestrutível e eterno; permanente através das aparências transitórias das coisas.

- O que há de essencial no universo passa, pela evolução, do inconsciente ao consciente.

- A consciência individual faz parte integral do que há de essencial no universo e evolui, indestrutivelmente e eterno ela mesma, do inconsciente ao consciente.

Desses três dados primordiais de nossa filosofia, o primeiro é admitido unanimemente.

Ele está na base, pelo menos, de todos os grandes sistemas filosóficos de todos os tempos.

Repeli-lo será proclamar a bancarrota absoluta do espírito filosófico; será mesmo negar a filosofia. Aliás, esse dado não é mais somente hoje uma visão do espírito, visão genial, certa, mas visão a priori. Ela repousa, nós o temos demonstrado, sobre uma base positiva sólida.

A intuição, o raciocínio e os fatos estão de acordo para nos mostrar, sob as inumeráveis representações formais, temporárias e espaciais, por isso ilusórias como o tempo e o espaço, um dínamo-psiquismo único dotado de unidade e de permanência, isto é único real.

- A segunda noção, bem que prestando mais à discussão, é imposta verdadeiramente por todas as considerações relativas à evolução. A passagem do inconsciente ao consciente é o que há de mais impressionante, de menos negável na evolução. A progressão das espécies e dos seres comportam tentativas, erros, paradas e mesmo regressões; mas o desenvolvimento consciencial, em seu conjunto, é ininterrupto.

Há mais consciência geral na época secundária, época dos répteis, do que na época primária, época dos invertebrados e dos peixes; e mais consciência geral ainda na época terciária, época dos mamíferos e na época quaternária, época da humanidade.

Na comparação entre as espécies, não há senão um certo critério da superioridade evolutiva: é o da consciência adquirida. O que faz essa superioridade não é a complexidade nem a perfeição orgânica, é o poder psíquico; não é a adaptação a tal ou tal função privilegiada, o vôo, por exemplo, é unicamente o grau de consciência adquirida.

Evoluir, é verdadeiramente tomar consciência de seu estado real, do estado do mundo ambiente, relações estabelecidas entre o ser vivo e seu meio, entre seu meio e o meio universal.

O desenvolvimento das artes e das ciências, o aperfeiçoamento dos meios postos

em prática para nos subtrair à dor ou satisfazer a nossas necessidades não são em si mesmos objetivos de evolução. Eles são a conseqüências da realização do objetivo essencial, que é a aquisição de uma consciência cada vez mais vasta e todo progresso geral é condicionado pelo aumento prévio do campo da consciência.

Tudo isso não é negado nem negável, e é só necessidade de uma indução perfeitamente legítima para admitir, no topo da revolução e na medida em que nós podemos conceber esse topo, a realização de uma consciência geral infinitamente vasta e quase onisciente, de uma consciência verdadeiramente divina comportando a solução de todos os problemas.

O domínio da consciência, como nós temos dito, é chamado a substituir pouco a pouco o oceano primitivo da inconsciência da qual ele saiu.

Se os dois primeiros dados de nossa filosofia são indiscutíveis e geralmente indiscutidos, não é do mesmo modo do terceiro. A permanência e o desenvolvimento indefinido da consciência individual são negados pela maior parte dos filósofos, mesmo por aqueles que têm professado nossa concepção geral das coisas.

Averróis e Schopenhauer estão de acordo, nesse assunto, com os materialistas contemporâneos. Para eles a consciência pessoal é função cerebral, aparece com o organismo e desaparece com ele. Não é, como ele, senão uma representação passageira e efêmera, ligada indissolivelmente a sua própria representação.

Nós sustentamos, ao contrário, que a consciência individual é parte integrante do que há de essencial e de permanente no Ser, que ela preexiste e sobrevive a todas as organizações sucessivas, a todas as objetivações ou representações da essência eterna; conservando a lembrança integral dessas representações e aumentando, grau a grau, toda experiência adquirida por elas.

Sem dúvida, a permanência da consciência individual é contrária às aparências, porque a maior parte de sua aquisição permanece subconsciente e latente durante o passar de uma existência terrestre e não é espantoso que essa permanência não apareça à multidão vulgar como um absurdo, a menos que ela não seja, por ela, simples artigo de fé.

Pelo contrário, é lamentável tanto quanto surpreendente que um filósofo tão genial como Schopenhauer, tenha partilhado, sem discutir, a opinião da multidão.

A permanência da consciência individual tem a seu favor uma dupla demonstração, demonstração científica e demonstração metafísica. É natural que a demonstração científica, baseada nos conhecimentos de fatos ainda ignorados do tempo de Schopenhauer, tenha escapado a esse último. Pelo contrário, é mais difícil compreender sua cegueira ou sua idéia preconcebida com respeito à demonstração metafísica.

As provas metafísicas da permanência da consciência individual são em número de duas.

Uma primeira prova nos é oferecida pelo espetáculo da natureza.

A natureza, observa Schopenhauer, parece, sempre e em tudo, considerar a morte, essa morte tão temível em aparência, como um incidente sem importância.

Ela exprime esse testemunho “livrando” a vida de cada animal e do homem em si mesmo à mercê dos acasos os mais insignificantes, sem intervir para salvá-la.

- Considere o inseto colocado em seu caminho; o menor desvio, o movimento o mais involuntário de seu pé decide sobre sua vida ou sobre sua morte.

Veja a lesma dos bosques, desprovida de todo meio de fugir, de resistir, enganar seu adversário, se esconder, verdadeira presa para o primeiro que vier.

Veja o peixe se jogar, inconsciente, na rede prestes a se fechar; a rã encontrar em sua própria preguiça um obstáculo à fuga onde ela acharia a salvação; veja o pássaro que não percebe o falcão planar sobre ele; as ovelhas que do fundo do arvoredo o lobo conta e cobre com o olhar.

Armados de uma curta previdência, todos esses seres passam sem malícia sua existência no meio de perigos que os ameaçam a todo momento. Abandonar assim sem retorno esses organismos construídos com uma arte inexprimível não somente ao instinto de pilhagem dos mais fortes, mas ainda ao acaso do mais cego, à fantasia do primeiro vindo ou a travessura da criança, não é, da parte da natureza, declarar que o aniquilamento desses indivíduos lhe é coisa indiferente? É o que ela anuncia muito claramente, e ela não mente jamais. E, se a mãe de todas as coisas se inquieta também pouco por lançar seus filhos sem proteção entre mil perigos sempre ameaçantes, não pode ser senão pela segurança que, se eles caem, e caem outra vez em seu próprio seio, onde eles estarão ao abrigo, e que assim sua queda não será senão uma brincadeira... Se nosso olhar penetrasse assaz longe, ao fundo das coisas, nós nos arrumaríamos segundo a opinião da natureza. Ajudados pela reflexão, devemos explicar essa segurança absoluta, essa indiferença da natureza em face da morte de indivíduos, por esse fato que a destruição de um tal fenômeno não atinge, pelo menos no mundo, a essência própria e verdadeira.”

A argumentação do grande pensador não concerne somente à vida; ela se adapta maravilhosamente à consciência.

A consciência pessoal é tão efêmera quanto à vida terrestre à qual ela parece ligada. Melhor ainda, a natureza não parece fixar preço especial ao grau de elevação de extensão da consciência pessoal. Ela submete aos mesmos aleatória intelectualidade inferior da multidão imbecil, massa amorfa, poeira da humanidade e a intelectualidade superior dos grandes homens que se esforçam em guiá-la; a consciência elementar do moujik (camponês russo), muito pouco acima, se o é, da animalidade, e a consciência genial de um Newton, de um Pasteur ou de um Schopenhauer!

Abandonar assim sem volta essas inteligências maravilhosas, cujo aparecimento foi necessário, na evolução, dos esforços seculares inexprimíveis, inteligências que sintetizam verdadeiramente o que essa evolução realizou de mais perfeito, ao acaso

cego, à mercê do acidente banal, à contaminação do organismo por um micróbio ou simplesmente em sua usura senil, é, da parte da natureza, declarar que o desaparecimento da consciência pessoal, se elevada seja ela, lhe é indiferente ou, o que torna ao mesmo, é declarar que esse desaparecimento não é senão um desaparecimento aparente.

Sim, se a mãe de todas as coisas se inquieta tão pouco com que ela realizou de melhor, a consciência pessoal, não pode ser senão pela segurança que, quando essa consciência pessoal parece desaparecer, ela fica ao abrigo em seu próprio seio.

Como nosso olhar penetra assaz longe ao fundo das coisas e nós nos arrumamos pela opinião da natureza.

Sabemos então como explicar essa segurança absoluta, essa indiferença da natureza em presença do desaparecimento da consciência pessoal; esse fim, com efeito, não pelo fim, pois ela não será capaz de atingir a essência própria e verdadeira do Ser, na sua consciência realizada, como ela e com ela, faísca divina, preexistente, sobrevivente, eterna.

Que importa então a morte? Ela não destrói senão uma aparência, uma representação temporária. A individualidade verdadeira, indestrutível, conserva, assimilando, todas as aquisições da personalidade transitória; depois, banhada de novo por um tempo na água do Letes, ela vai materializar uma personalidade nova e continuar assim sua evolução indefinida. Sim, está aí o que a natureza nos ensina, muito claramente, e a natureza não mente jamais!

A essa primeira prova metafísica, vem se juntar uma segunda, não menos notável. Se a realização da consciência verdadeiramente resulta inegavelmente da evolução, não é mais possível conceber o desaparecimento total, o aniquilamento da consciência da individualidade.

Suponhamos, com efeito, a evolução geral muito avançada, avançada idealmente até a um grau vizinho da onisciência (e a evolução nesse grau se realizará necessariamente um dia). À consciência universal, onisciente, nada será capaz de escapar, no tempo nem no espaço, relatividades sem valor para ela.

Desde então, como essa consciência universal teria ela, nela mesmo, todos os conhecimentos salvo um único, o dos estados individuais realizados durante a evolução? Isso é impossível. A consciência universal conteria forçosamente a soma das consciências individuais; ela será precisamente o total.

Por isso, de duas uma: ou a evolução não realiza a consciência, ou se ela a realiza, ela comporta necessariamente a lembrança e a noção de todas as consciências.

Pouco importa aliás, do ponto de vista filosófico, que essa lembrança e essa noção não sejam adquiridas senão tardiamente, no topo ideal da evolução, então como será realizada a onisciência; o que é essencial, é que eles não sejam aniquilados. A questão tempo é sem valor. Em suma, o que é permitido filosoficamente sustentar, e isso somente, é que a consciência da individualidade se perde, temporariamente,

após a destruição do organismo; mas não que ela possa ser aniquilada; é que ela se torna latente e permanece latente, até que a soma de consciência geral atinja o falso reviver, após ter saído de seu sono.

Ora, essa concepção não difere da nossa senão por uma modalidade filosoficamente sem importância: a do tempo. Essencialmente, ela é a mesma.

Tais são as duas provas metafísicas em favor da permanência da consciência individual.

Evidentemente essas provas não têm senão o valor habitual das demonstrações metafísicas.

Malgrado sua força inegável, elas não são capazes de manter lugar de demonstração científica.

A demonstração científica, é todo nosso livro. Em se reportando aos capítulos precedentes, o leitor verá como nós pudemos estabelecer, nítida e positivamente pelo menos como o resultado de um rigoroso cálculo de probabilidade, que a consciência individual permanece indestrutível e permanente, mesmo quando ela se torna ou fica subconsciente e latente.

Toda vida nova, digamos, comporta uma restrição temporária da individualidade. Toda incorporação ou representação sobre o plano material implica uma limitação de todas as atividades psíquicas em um dado sentido, a do campo de ação cerebral e da memória orgânica que lhe é própria.

Mas, abaixo da memória cerebral e permanecida criptóide na maior parte, fica, indelével e permanente, toda a memória profunda, todo o conjunto das aquisições passadas.

Isso, nós temos demonstrado, e não temos que voltar a essa demonstração.

Do ponto de vista que nos ocupamos nesse capítulo, isto é, do ponto de vista do desligamento da concepção, otimista ou pessimista, do universo, devemos simplesmente nos perguntar se a limitação do Ser, nas representações materiais e do fato dessas representações, é um bem ou um mal. Para nós, não há dúvida que não seja um bem. Ela é, como consideramos o Ser em seu presente, em seu passado, em seu futuro.

A ignorância, no que concerne o presente, é um bem.

É necessário que o Ser crie seu campo de ação limitado do nascimento até a, morte e que ele ignore, na maior parte, suas aquisições anteriores como suas capacidades latentes.

Em primeiro lugar, com efeito, o temor da morte, ligado à ignorância de sua verdadeira situação, é indispensável ao Ser. Sem esse temor salutar, o Ser não prenderia à sua vida atual tudo o que ela pode permitir de esforço. Ele aspiraria facilmente à mudança. A menor imperfeição, a menor perturbação mórbida em seu organismo lhe seria insuportável; o suicídio seria a moeda corrente.

A ignorância das aquisições anteriores não é menos indispensável. Sem ela, o Ser

teria uma tendência irresistível a trabalhar sempre no mesmo sentido, devido à lei do menor esforço. Ele se dobraria dificilmente, salvo exceções, a um trabalho novo, implicando um acréscimo de fadiga e seria arrastado, quase irresistivelmente, em uma evolução lateral que não levaria senão a uma especialização hiper trópica e monstruosa.

A ignorância das faculdades ditas transcendentais é, mais ainda, uma necessidade absoluta; pois o uso regular, normal e prático dessas faculdades supririam virtualmente o esforço. O exemplo do instinto é infinitamente instrutivo a esse respeito. O instinto não é outra coisa senão a forma inferior, primária, da intuição, e comporta, como ela, uma sorte de adivinhação.

Ora, que vemos na psicologia animal comparada?

É que, por toda parte onde ela predominou, o instinto freiou a evolução intelectual.

O inseto possui um instinto maravilhoso, ao qual ele obedece cegamente. O inseto evoluiu com uma perfeita segurança, mas sua evolução o conduziu em um impasse e todo progresso consciencial lhe parece positivamente interdito. Consideremos, ao contrário, o vertebrado. O instinto infalível cedeu lugar à reflexão falível, mas fecunda porque ela implica e necessita do esforço. Também, nele, o progresso consciencial é ininterrupto e permite toda esperança. O que é verdadeiro no instinto é, por mais forte razão, faculdades misteriosas independentes das contingências de tempo e de espaço. Suponhamos um homem podendo dispor, na vida corrente, de suas faculdades; possuindo ao seu bom grado, a leitura de pensamento, a visão à distância, a lucidez. Que necessidade esse homem teria de refletir, calcular seus atos, de prever, de lutar? Para ele nada de erro, mas também de esforço. Nada de esforço, por isso nada de desenvolvimento consciencial. Como o inseto, esse homem não seria senão um maravilhoso mecanismo.

A evolução assim encaminhada não teria levado à consciência superior; mas a uma espécie de sonambulismo hiper-sensível, permitindo tudo conhecer sem nada compreender; o super-homem não será senão um autômato transcendente. Isso é bom, é indispensável que as faculdades as mais elevadas, como todo o tesouro psicológico acumulado pelo Ser em sua evolução, permanecendo e ficando, no estado atual dessa evolução, na maior parte, subconscientes e latentes. Seu caráter latente não impede a essas faculdades subconscientes de desempenhar, na existência terrestre, um papel considerável e mesmo primordial. São elas que constituem o fundo próprio do Ser, dando-lhe sua característica essencial.

Suas manifestações são, aliás, suficientemente latentes para não estorvar o esforço, sendo suficientemente ativas para ajudá-lo e guiá-lo. Há aí, um equilíbrio maravilhoso, raramente perfeito. A maior parte dos seres o ignoram. Entre esses, elas estão em letargia. Outros os conhecem muito. Sofrendo, na constatação de sua impotência, para realizar suas aspirações mais altas. Mas esse sofrimento é o resgate do gênio.

A ignorância do passado, como a ignorância do presente, é um bem, um grande bem.

Somente o Ser idealmente evoluído poderá, sem inconveniente, conhecer toda a formidável acumulação de experiências, de sensações e de emoções, de esforços e de lutas, de alegrias e de dores, de amor e de ódio, de sentimentos baixos ou elevados, de sacrifícios ou de atos egoístas, de tudo, em uma palavra, o que constituiu pouco a pouco sob suas personalidades múltiplas e distintas, especializado sucessivamente. Se ele tivesse, não fosse senão um clarão, esse conhecimento formidável, o homem vulgar seria fulminado! Ele sente o peso de seus erros ou as preocupações presentes. Como suportaria ele, em acréscimo, o peso das dores passadas, da burrice e da baixeza, das paixões animais que o agitaram, da monotonia incomensurável de vidas banais; os arrependimentos de existências privilegiadas ou remorsos de existências criminosas?

O esquecimento arrasta, por felicidade, ao adormecimento dos ódios e paixões esterilizadoras e descontraí, em uma justa medida, as correntes que ligam muito estreitamente os seres uns aos outros e limitam ao mesmo campo seus movimentos.

Toda lembrança do passado não poderia senão estorvar o Ser em seu esforço presente.

A ignorância do futuro, enfim, é ainda mais indispensável, ainda mais salutar, nas fases inferiores da evolução consciencial. Para a massa, essa ignorância é um grande benefício. Com efeito, a multidão medíocre ou baixa está adequada às condições da vida atual. Ela está adaptada a suas pequenas paixões, aos seus desejos mesquinhos, as suas curtas alegrias como ao seu longo cortejo de misérias.

Mesmo os principiantes desajeitados da arte, quando ela os agarra, não são capazes de elevá-la à concepção, à visão de um mundo superior. Ele acha natural (e é bem feliz), viver em uma terra de lutas e de sofrimentos, e graças à sua ignorância, ela não se revolta em vão contra o inevitável. Ela acha normal (e é providencial) ver sua atividade absorvida quase toda inteira pela busca da alimentação ou a luta contras os elementos hostis. Suas preocupações permanecem de ordem inferior e miserável, com o quadro que os criaram. Ela não deve ter outra perspectiva senão a do esforço presente e ela não será capaz de suportar a perspectiva do esforço sobre humano e indefinido.

Mesmo para a elite, o inconsciente do futuro é ainda um bem. Ela sofreria mais, sem essa inconsciência, de ver, tais como elas são, a humanidade e a vida atual. Que miséria que o rendimento tão medíocre de tantos esforços, a inutilidade aparente de tantas dores! Que miséria que o que está ainda realizado de melhor no curso da evolução humana; o charme ideal da beleza feminina ou o gênio sublime do pensador, ficam acorrentados a um organismo tão débil, em suas funções baixas e repugnantes, a suas taras e a suas doenças!

Para se resignar a essa miséria, é preciso não ter nenhuma idéia de um mundo

superior de luz e de amor. Alguns homens de elite, bem raros, têm, mais ou menos nitidamente, semelhante intuição. No estado evolutivo atual, não são privilégios. A melancolia dos homens verdadeiramente superiores não tem frequentemente outro motivo senão esse inconsciente escapado sobre um futuro muito bonito; tão longe que ele equivale a um sonho quimérico e vão...Em face da realidade tangível, nada resta, infelizmente! Da visão sobre-humana, que o desânimo do esforço, o desdém das coisas presentes, uma sombra de tristeza sobre toda sua vida...

Vemos essa ignorância onde está o Ser de sua situação presente, de seu passado, de seu futuro, não há lugar para deduzir uma conclusão pessimista. Essa ignorância faz parte de males inevitáveis, necessários e fecundos.

Aliás, em nossa filosofia, a ignorância é essencialmente passageira, ligada às fases inferiores da evolução. Ela é, em parte, atenuada ou suspensa temporariamente e em uma justa medida durante o curso da evolução e ela é chamada a dar lugar, um dia, ao conhecimento completo e perfeito.

Se é verdadeiro – como tudo demonstra – que a incorporação implica uma restrição, uma limitação da individualidade consciente em um sentido dado, parece evidente que a separação do organismo é acompanhado do alargamento dos limites dessa individualidade. Na medida em que permite sua evolução, sua consciência adquirida, o Ser pode então agarrar o que lhe concerne e lhe escapava pela limitação cerebral. É o que tem lugar, em parte, pela descentralização metapsíquica e é o que tem lugar, a fortiori, pela morte. Segundo toda probabilidade, eis aqui como as coisas se passam nesse último caso: para o animal ou o homem muito inferior, a fase de existência que segue a morte é curta e obscura. Privada do apoio dos órgãos físicos, a consciência, ainda efêmera, cambaleia e se obscurece. O apelo da matéria se exerce logo com uma força irresistível, e o mistério palingenésico se cumpre sem retardo.

Para o homem suficientemente evoluído, ao contrário, a morte faz rebentar o círculo restrito no qual a vida material tinha fechado uma consciência que o transbordava, círculo da profissão, da família, da pátria. O ser se acha levado para além dos pensamentos e lembranças habituais, dos amores e dos ódios, das paixões e dos hábitos.

Na medida onde o permite sua evolução atual, ele se lembra do passado e tem a presciência do futuro. Ele pode julgar o caminho percorrido. Ele aprecia o resultado de sua conduta e de seus esforços. Bem das coisas que, no curso de sua vida, tinham podido, para ele, uma importância considerável, lhe parecessem então, vistas do alto, mesquinhas e miseráveis.

As grandes alegrias como as grandes dores, as agitações desproporcionadas aos resultados, as paixões que arrasam uma vida, as ambições que a devoram, tudo isso se acha então reduzido à sua justa medida; tudo isso não retém mais do que um lugar ínfimo no encadeamento das lembranças consciências.

Os vínculos passados não são frágeis. Eles se esvanecem como um nevoeiro ligeiro na aurora. Não são tenazes; eles fazem parte da corrente do destino e não podem ser desfeitos senão pouco a pouco. Esse período extra-orgânico não é somente uma fase de recolhimento, de síntese geral, de auto julgamento. É também e sobretudo um período infinitamente ativo de assimilação psicológica. Então se opera, na calma, a fusão de experiências novas às experiências antigas e a identificação no Ser dos estados de consciência registrados durante a vida.

Essa assimilação é indispensável à unificação da individualidade, à harmonia psíquica. É verossímil, nós já temos dito, que as desordens da personalidade, tão curiosas e tão misteriosas, não provêm senão do defeito de assimilação psicológica pelo Ser antes de sua vida presente e da tendência descentralizadora e divergente dos elementos mentais mal assimilados pelo eu. Em suma, as fases sucessivas de vida orgânica e de vida extra-orgânica parecem ter, na evolução, um papel distinto e complementar um do outro.

Para a vida orgânica: atividade analítica, limitada em um dado sentido, permitindo o máximo de esforços nesse sentido; com obnubilação momentânea de tudo o que, no Ser, ultrapassa o objetivo imediato e o quadro da existência atual.

Para a vida extra-orgânica: atividade sintética, com visão de conjunto, trabalho de assimilação mental, de preparação a novos esforços. Na corrente das existências, uma vida terrestre não tem mais de importância relativa que um dia no curso dessa vida. Uma vida, um dia; um e outro têm, na evolução, uma importância comparável e uma verdadeira analogia.

Há bons dias e maus dias; há boas vidas e más vidas; dias e vidas proveitosas; dias e vidas perdidas. Um dia, uma vida, não podem se apreciar isoladamente, mas devem ser por relação com os dias e as vidas precedentes. Do mesmo modo eles se encadeiam e se comandam. Não existe labor ou preocupação exclusivamente limitados a uma vida nem a um dia. Não se faz o programa de um dia nem de uma vida sem levar em conta os dias nem as vidas passadas; os dias nem as vidas por vir. É no intervalo de duas existências que o ser suficientemente evoluído prepara seu programa do futuro. Como os dias, as vidas são separadas por um período de repouso aparente, mas ao mesmo tempo de labor fecundo, de assimilação e de preparação. Do mesmo modo que ao despertar bem dos problemas se encontram resolvidos como por encantamento, do mesmo modo, na aurora de uma vida, o Ser parece guiado em seus primeiros passos e marcha com segurança, como conduzido pela mão, na via que ele traçou, mas que ele ignora uma vez nascido, e que segue cegamente.

É assim que, de existência em existência, pela multiplicidade prodigiosa das experiências registradas e assimiladas, o Ser chega, pouco a pouco, às fases superiores de vida, as que são reservadas ao desenvolvimento completo de sua consciência, à onisciência realizada.

A onisciência deve se estender, idealmente, ao presente, ao passado, ao futuro.

Isto é que ela realizaria uma espécie de adivinhação atualmente incompreensível. Mas o que nós podemos inferir logicamente, pelo menos, é um estado de conhecimento de si e do universo assaz extenso para suprimir o esquecimento do passado, permitir o uso regular e normal das faculdades transcendentais e metapsíquicas, deixar entrever as maravilhas da evolução livre, feliz, da evolução saída enfim das trevas da ignorância, das correntes da necessidade, dos dilaceramentos da dor.

Capítulo III

Realização da soberana justiça

A realização da soberana justiça está assegurada, com uma certeza matemática absoluta, na concepção palingenésica.

O indivíduo consciente não sendo jamais o que ele fez consigo mesmo, no curso de sua evolução, na mesma série de representações, resulta que tudo o que entra no campo de sua consciência realizada é sua própria obra, o fruto de seus trabalhos, de seus esforços, de seus sofrimentos ou de suas alegrias. Cada um de seus atos, bons ou maus, felizes ou infelizes; cada uma de suas tendências mesmo tem uma repercussão forçada, reações inevitáveis em uma ou outra de suas existências.

Está aí o jogo da justiça imanente, jogo fatal, inelutável. A justiça imanente começa a se manifestar, o mais frequentemente, mesmo no curso de uma vida, tomada isoladamente; mas então é bem raro que ela seja verdadeiramente equitativa. Considerada de uma maneira também restrita, ela aparece falível e eminentemente desproporcionada.

Ao contrário, em uma série suficientemente longa de existências, ela se torna perfeita, matematicamente perfeita. As contingências felizes ou infelizes são com efeito seguramente contrabalanceadas e não resta mais, como resultado certo, no ativo do indivíduo, senão o resultado de sua conduta. A justiça imanente não é somente individual; ela é também seletiva. Ela é coletiva pela solidariedade essencial de mônadas individuais.

Graças a essa solidariedade essencial, as reversões do consciente no inconsciente e a transmutação dos conhecimentos em capacidades são fatalmente coletivas, em uma medida aliás não analisável, mas certa. Do mesmo modo os atos individuais têm uma repercussão inevitável, embora não definida, sobre as condições vitais de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que é.

Assim está assegurada uma espécie de colaboração geral na evolução, graças à qual todo esforço no sentido indicado pela lei moral ou toda violação dessa lei tem sua reação coletiva além de sua reação individual.

Não poderíamos insistir sobre esse ponto: não há responsabilidade exclusivamente individual a um ato qualquer bom ou mau; como não há para esse ato, sanção exclusivamente individual.

Tudo o que se faz, tudo o que se pensa, no bem ou no mal; tudo o que se traduz por uma impressão emotiva, uma alegria ou uma dor, em um indivíduo qualquer, se repercute a todos e se assimilam a todos. É por que os atos de um indivíduo ou de uma coletividade, de uma família, de uma nação, de uma raça, não seriam capazes de ser apreciados simplesmente, do ponto de vista moral ou social, como não

observando senão esse indivíduo ou essa coletividade.

Não há decadência ou progresso que não sejam solidários. Sem dúvida, a solidariedade coletiva vai, em aparência, decrescendo da família à pátria, da pátria à raça, da raça à humanidade, da humanidade ao universo; mas, essas repercussões, assim decrescentes, por graus, nas representações, ficam integralmente na essência constitutiva das coisas.

É por que os cálculos egoístas, da parte dos indivíduos, das famílias ou das nações, são pura aberração. A grande lei de solidariedade foi de todos tempos, proclamada pelos grandes filósofos como pelos grandes moralistas. Sua voz não tinha encontrado eco. Possa a demonstração científica ter mais influência sobre miserável humanidade!

A concepção da justiça imanente pela palingenésia arrasta vastas e grandiosas conseqüências.

Do ponto de vista metafísico e religioso, ela torna vã a noção pueril de sanções sobrenaturais ou de um julgamento divino. O menos que se possa dizer, com efeito, dessa noção, é que ela é inútil e factícia.

Do ponto de vista moral, ela oferece uma base sólida aos ensinamentos idealistas.

Concebe-se imediatamente, com efeito, suas conseqüências práticas. Ela impõe, antes de tudo, o trabalho e o esforço; não o esforço isolado, a luta para a vida egoísta, mas o esforço solidário.

Os sentimentos baixos e inferiores, o ódio, o espírito de vingança, o egoísmo, a inveja, são incompatíveis com essa noção da evolução solidária e da justiça imanente. É natural que o homem que conseguiu chegar ao conhecimento da evolução palingenésica evitará todo ato nocivo a outrem e o ajudará na medida de seus meios.

Confiante na sanção natural, ele perdoará sem dificuldade os malefícios dos quais foi vítima. Ele não verá aliás, nos imbecis, nos maus ou nos criminosos senão seres inferiores, quando não doentes.

Ele será capaz de se resignar com as desigualdades naturais e passageiras, resultado inevitável da lei do esforço individual na evolução; mas fará o possível para ocasionar a supressão das desigualdades desproporcionadas, divisões factícias, prejudgados perniciosos.

Ele estenderá, enfim, sua bondade e sua piedade até aos animais, aos quais evitará, o mais possível, o sofrimento e a morte.

Tem-se feito, do ponto de vista moral, algumas objeções à idéia palingenésica.

Tem-se dito que o esquecimento das existências anteriores suprimia as pretensas sanções. Como isso seria possível? O esquecimento de um fato não suprime as conseqüências desse fato.

- Aliás, nós o temos dito, o esquecimento não é relativo e momentâneo; ele não atinge senão a memória cerebral e não a memória subconsciente, a memória própria

do eu.

- O esquecimento não é provisório. O passado, inteiro conservado na consciência superior, pertence ao Ser em sua Inteligência integral e lhe será um dia para sempre e plenamente acessível.

Enfim, importa pouco que o Ser, durante a vida terrestre, ignore a razão profunda de sua situação.

Ele tem plenamente a responsabilidade e ele sofre plenamente as conseqüências.

- Uma outra objeção feita à teoria palingenésica é baseada na existência da dor em seres muito fracamente evoluídos para que ela possa ser considerada como uma sanção: “Que crime, tem-se dito, teria bem podido cometer, em uma existência anterior, o cavalo sobrecarregado de pancadas por um bruto alcoólatra, ou o cão vivo torturado por uma dissecação feita por alguém!”

Há, nesse raciocínio, um erro fundamental: o mal não é verdadeiramente a sanção do passado. É ao contrário bem mais frequentemente, no estado de evolução atual, a conseqüência do nível inferior geral desse estado evolutivo. Ver sistematicamente no sofrimento de um ser qualquer a conseqüência de atos anteriores seria por isso uma grosseira falta de lógica. O que é permitido afirmar, ao contrário, é que a sanção verdadeira, a da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcionada ao grau de livre arbítrio, isto é ao nível de elevação intelectual e moral do Ser¹¹⁴.

¹¹⁴ *Ver o Ser subconsciente.*

Essa sanção não pesa evidentemente senão sobre os seres suficientemente avançados.

Ela pesa tanto mais quanto mais eles sejam avançados, porque, com toda certeza, sua conduta refletida, terá, à medida de sua elevação, uma influência cada vez maior sobre sua progressão, sobre sua condição de vida, – uma última objeção, de ordem moral, tem ainda sido feita à idéia de justiça imanente na fórmula palingenésica. É a seguinte: se um ato não se traduz, do ponto de vista de sanção, por uma reação rigorosamente igual, não há justiça absoluta, mas somente uma meia justiça.

Se ele se traduz por uma reação rigorosamente igual, então, não há progresso evolutivo. Há encadeamento do mal, pelo mal, ao mal; repercussão indefinida do mal em um círculo vicioso. Essa objeção na realidade não traz senão as palavras. A justiça absoluta pode perfeitamente se conceber por sanções não iguais mas equivalentes. É claro que a justiça imanente comporta uma larga elasticidade. Uma ação má não se traduz automaticamente por um castigo igual, comportando em si mesmo essa ação má; nem por uma espécie de lei de talião que, para ser natural não seria menos odiosa.

A reação é sempre igual à ação; mas, pelo fato da evolução, a reação se faz mais purificada, se espiritualiza por assim dizer, à medida do progresso consciencial. Ela se transpõe pouco a pouco da matéria à idéia. Desde então, a concepção do castigo tende a levar à do arrependimento ou do remorso e do esforço concordante de

melhoramento e de reparação.

Vê-se, a concepção palingenésica na evolução assegura a realização da soberana justiça como ela assegura a da soberana consciência. Ela nos permite encontrar por toda parte, no universo, a harmonia ordenada sob a incoerência aparente e a justiça absoluta sob as aparentes inquietudes. Assim compreendida a idéia palingenésica é tão bela e satisfatória que é permitido dizer, com Sr. Ch. Lancelin: “Se, por infelicidade, ela não tivesse sido instituída por Deus, se ela fosse excluída da realidade das coisas, o homem, somente por tê-la idealizado, se mostraria maior e melhor do que Deus¹¹⁵!”

¹¹⁵ *Charles Lancelin*

Capítulo IV

Realização do soberano bem

Na evolução tal como nós a temos compreendido, a realização progressiva do soberano bem aparece com uma evidência indiscutível.

Enquanto o pessimismo racional provinha de uma visão fragmentária, e por consequência falsa do universo, as conclusões contrárias, todas de um idealismo otimista, ressaltam de sua visão extensa e completa.

Essa visão sintética permite, antes de tudo, a solução facilitada e total do problema do mal.

Antes de tudo, com a idéia palingenésica, o mal não tem mais a importância absoluta, integral, definitiva, que lhe se atribuía. O mal tem para sempre senão uma importância relativa e será sempre reparável.

Consideremos o maior dos males aparentes: a morte.

A morte não é mais somente “o rei dos apavoramentos” mas ela perde totalmente o caráter de maldição que lhe era imprimida pela cegueira da criatura, limitada por seus órgãos grosseiros e encerrado nos limites da ilusão material.

No evolucionismo palingenésico, a morte não é mais um mal, salvo quando ela é prematura e levada um embaraço e um retardamento na evolução individual.

Intercalada no jogo normal da vida eterna, sobrevivendo a sua hora, quando o organismo já deu todo seu rendimento, a morte é a grande reguladora. Ela coloca o indivíduo, nós já o temos dito, em condições de esforço sucessivo muito variado, e impede assim o desenvolvimento consciencial em um sentido unilateral. A morte tem um outro papel ainda, não menos útil, embora o Ser cego se recuse geralmente a compreender a necessidade ou mesmo se revolte contra ela; a morte quebra os laços que, sem ela, tenderiam precisamente a manter o Ser no caminho único de sua derradeira vida; na limitação mesmo na qual ele sofreu a empreitada.

Sem dúvida essa quebra é dolorosa; ela separa brutalmente o Ser de seus hábitos, de seus meios e de seus afetos; mas esse sacrifício, relativo e reparável, é indispensável ao progresso. Isso aliás está longe de ser um mal; ao mesmo tempo que ela priva o ser desses meios benéficos, ela o arranca das contingências nocivas, da inveja, do ódio, da doença, da impotência; ou simplesmente de uma ambiência esterilizadora. Ela força o Ser a deixar, com um organismo usado, hábitos transmudados daí em diante em rotina estéril.

Um outro mal aparente, de mesma ordem que a morte, é a ignorância em que está o Ser encarnado de sua situação real, e o esquecimento do passado, do longo passado. Como a morte, e nós já o demonstramos, essa ignorância, esse esquecimento são as condições essenciais do progresso evolutivo.

O que é verdadeiro da morte e da ignorância é verdadeiro de todos os males.

Com a idéia palingenésica, o mal, não seríamos capazes de repeti-lo, perde o caráter de absoluto, de irreparável que o tornava insuportável.

Considerado à luz dessa idéia, o mundo, o vale de misérias e de lágrimas, aparece sob um aspecto todo diferente.

Sem dúvida, a dor está ainda por toda parte; mas a dor permanente não existe mais. Não há mais catástrofes totais. Do mesmo modo não há aniquilamento, não há mal absoluto na evolução palingenésica. Há mais vidas, como em uma vida isolada há maus dias; mas, na soma total, as contingências felizes ou infelizes se equilibram no conjunto e são sensivelmente iguais para todos.

Desde então, compreende-se o por quê e o como do mal. O mal não é o resultado da vontade, da impotência ou de imprevidência de um criador responsável.

O mal não é mais o resultado de uma decadência.

O mal é o companheiro inevitável do despertar da consciência. O esforço necessário para a passagem do inconsciente ao consciente não pode não ser doloroso, caos, tentativas, lutas, sofrimentos; tudo isso é a consequência da ignorância primitiva e do esforço para sair daí. A evolução não é senão a constatação dessas tentativas, dessas lutas, desses sofrimentos. Mas se ela tem sua base na inconsciência, a ignorância e o mal, ela tem seu cume na luz, no saber, na felicidade.

O mal, em uma palavra, não é senão a medida da inferioridade dos seres e dos mundos.

É, nas fases inferiores de sua evolução, o resgate desse bem supremo: a aquisição da consciência.

O mal não tendo senão um caráter essencialmente provisório, não é difícil de se ter uma idéia do que será o bem futuro, realizado nas fases superiores da evolução.

Antes de tudo, terá desaparecido a idéia de aniquilamento. Não se temerá mais a morte, nem pelos seus, nem por si. Será considerada como hoje se considera o repouso do fim do dia, isto é, como uma simples condição, aliás benéfica, da atividade do dia seguinte.

Não se terá de resto, nenhuma razão de desejar sua vinda prematura, pois a vida será marcada por uma larga predominância de acontecimentos felizes, e uma grande rarefação de ocasiões de sofrimento. A doença será vencida; os acidentes excepcionais. A velhice, retardada, não será mais a hedionda devastadora, envenenando a existência de suas taras ou de suas enfermidades. Em lugar de começar seus estragos, como agora, antes mesmo da maturidade, ela não sobreviria senão nos derradeiros anos, deixando ao homem, até ao objetivo, suas forças físicas e intelectuais, sua saúde e seu entusiasmo.”

O organismo será, à medida do desenvolvimento consciencial, senão transformado, pelo menos aperfeiçoado e idealizado. O tipo de beleza física será a regra, com uma variedade infinita impedindo toda monotonia.

As causas de sofrimento, devidas à natureza, às necessidades vitais e fisiológicas, a

um estado social e humano ainda digno de selvagens, serão atenuadas, graças ao progresso de toda ordem.

Os sofrimentos morais terão, eles mesmos, diminuído de freqüência e de importância. Concebe-se mal, em uma humanidade evoluída, as penas sem número devidas hoje ao ódio, à inveja, ao amor. Não se concebe mais o amor como outra coisa que não o que deveria ser: uma fonte de alegrias; então que ele é atualmente a grande causa de sofrimentos e muito frequentemente assimilável à pior das doenças mentais!

Os sofrimentos que não se pode chamar de ordem filosófica, enfim, desaparecerão pelo único fato de que a humanidade terá, do destino e do fim do universo, de seu próprio destino e de seu próprio fim, uma visão nítida, precisa e verdadeira.

Ao mesmo tempo que a diminuição e a rarefação das causas de sofrimento, se manifestará, natural e necessariamente, um crescimento correlativo das causas de alegria.

O desenvolvimento intuitivo e consciencial, psíquico e metapsíquico, estético e moral decuplicarão as emoções felizes; eles tornarão possível e certo uma colheita de felicidade ainda insuspeita.

A realização do soberano bem, em uma palavra, acompanhará, necessária e inevitavelmente a realização da soberana consciência e da soberana justiça.

Conclusão

Se, agora, ao termo de nossa tarefa, lançarmos um golpe de vista do conjunto sobre o caminho percorrido, encontraremos uma razão maior de crer ao mesmo tempo no sentido otimista do universo e a verdade da interpretação, em suas grandes linhas, que nós temos dado.

Uma só hipótese, a do dínamo-psiquismo essencial se objetivando em representações e passando, por essas representações, do inconsciente ao consciente, nos é suficiente para tudo compreender, no único limite de nossas faculdades atualmente realizadas.

Consideremos o que permite essa hipótese; em fisiologia, ela leva em conta, pela noção precisa e demonstrada de um dinamismo centralizador diretor, da edificação do organismo, de sua forma específica, de seu funcionamento, de sua manutenção, de suas reparações, de suas metamorfoses embrionárias, das leis da hereditariedade, das ações dinâmicas extra-corporais, dos fenômenos de exteriorização, das materializações ideoplásticas.

Em psicologia, pela demonstração de um psiquismo superior, independente do funcionamento cerebral e a distinção do eu com os estados de consciência e a subconsciência, explica todos esses enigmas: dissociações da personalidade, modalidades do psiquismo subconsciente, inatismo, criptopsique, criptomnésia, inspiração, gênio, instinto e intuição. Ela interpreta o hipnotismo, o supra normal, o mediunismo, as ações mento-mentais, a telepatia e a lucidez. Ela dá mesmo a chave dos estados neuropáticos e da loucura essencial, estados cuja patogenia permanecia como opróbrio da medicina.

Em ciências naturais, ela revela o fator essencial e primordial da evolução e remete ao seu lugar exato os fatores clássicos de adaptação e de seleção. Ela faz compreender a origem de...

Sem dúvida, sobretudo, ela continua a elucidar os grandes enigmas da metafísica; mas desde agora, pelo menos, a ilusão do desconhecível se dissipou.

O espírito humano conhece suas fraquezas atuais, mas ele sabe também, daqui por diante, suas potencialidades. Ele não procurará mais a resposta a esses grandes enigmas em uma intuição, forçosamente limitada e falível, nem em pueris “iniciações” nem em dogmas superados. Ele espera tudo do desenvolvimento interrompido da consciência. Ele sabe que virá um tempo quando essa consciência, suficientemente vasta, será capaz, em um esforço supremo, de quebrar todas as limitações; de atingir mesmo o inacessível, de compreender mesmo o incompreensível: a coisa em si; o infinito; Deus.

Esperando desde agora, o espírito humano pode encontrar, no esboço da filosofia científica, uma satisfação que não tinha ainda conhecido, porque esse esboço resulta de um cálculo de probabilidade baseado em todos os fatos; de acordo com todos os

fatos.

Parece impossível que um erro geral seja o resultado do acordo de fatos; que a conclusão seja falsa apesar de que todas as premissas sobre as quais ela repousa são bem estabelecidas e irrefutáveis.

Como escreveu Schopenhauer: “O deciframento do mundo em suas relações ao que aí aparece deve encontrar sua confirmação em si mesmo, na unidade que ele estabelece entre os fenômenos tão diversos da natureza, unidade que não se percebia sem ele. Quando nos achamos em presença de uma escrita cujo alfabeto é desconhecido, prosseguem-se os ensaios de explicações até ao que se tenha chegado a uma combinação dando palavras inteligentes e frases coerentes. Então ninguém duvida da exatidão do deciframento; pois não é possível admitir que a unidade estabelecida entre todos os sinais da escrita seja obra do acaso e que ela possa ser realizada dando às diversas letras um outro valor. De uma maneira análoga, o deciframento do mundo deve portar sua confirmação em si mesmo. Ele deve espalhar uma luz igual sobre todos os fenômenos do mundo e combinar em conjunto os mais heterogêneos, de sorte que toda oposição desapareça entre os mais diversos. Essa confirmação intrínseca é o critério da interpretação”.

Como Schopenhauer, nós reclamamos, para nossa obra, a prova do critério. Que é, com efeito, nossa obra, senão a continuação da sua, sua adaptação a todos os fatos novos? Nós não mudamos nada de sua filosofia: nós lhe trazemos simplesmente o esboço de uma demonstração científica de sua verdade e lhe oferecemos seu complemento natural: uma reforma idealista imposta pelas descobertas contemporâneas.

Assim compreendido, nosso livro “Do Inconsciente ao Consciente” não podia ser senão um plano e esse plano deverá sofrer retoques, ser pouco a pouco bem esclarecido e completo.

Mas seu mérito é indicar, deixar entrever, pelo menos, o que será um dia, uma vez aperfeiçoado, o monumento da filosofia científica, a justeza de suas proporções, a harmonia de seu conjunto e sua beleza.

Essa beleza, essa harmonia, símbolos de verdade, prometem mais que uma satisfação do espírito e do coração, comportam mais que uma emoção científica ou metafísica: uma emoção profunda e intensamente religiosa, em toda a força e a boa significação do termo. “A religião particular dos filósofos, escreveu Averróis, é estudar o que é, pois o culto o mais sublime que se possa render a Deus é o conhecimento de suas obras, o que nos conduz a conhecer ele mesmo em toda sua realidade. Está aí, aos olhos de Deus, a mais nobre das ações, ao passo que a ação a mais vil é de taxar de erro e vã presunção a que rende à divindade esse culto mais nobre que todos os outros cultos; que o adora por essa religião, a melhor de todas as religiões.”

Sob a égide dessas belas palavras, eu apresento com confiança meu livro, a título

igual aos crentes, aos filósofos e aos cientistas. Ele se dirige, com efeito, por cima das divergências de opiniões ou de métodos, a todos os que têm no coração o culto do Ideal.

Taorirt-Paris (1914-1918)

